

GRUPPO EDITORIALE L'ESPRESSO
L'ESPRESSO
DISTRIBUZIONE GRATUITA, MA È PERMANENTE E INDIVIDUALIZZATA

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

AT 1370
408182

DA ASIA DE DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM
NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS
TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA QUARTA

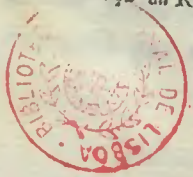
PARTE SEGUNDA.



LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO MDCCLXXVIII.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.



BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO
THOME JOSÉ DE BARROS QUEIROZ
© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. TUDO É PÚBLICO. 2010

OFERTA

281304

70453

DA ASIA
DE
DIOGO DE COUTO
DA VITTA, QUE OS PORTUGUEZES ENTRAAM
NA GUINEA, E DESCRIBEMTO DAS
COSTAS E MARS DO ORIENTE.
DECADA QUARTA
PARTE SEGUNDA



LIBRO A
NA REALA OFFICINA TIPOGRAPHICA
LONDRE MDCCCLVIII
Em Lisboa na Rua da Mouraria, n.º 114, a venda

NE HA DE BARRAS QUEREBOS

IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



Carta del Rey D. Philippe, o I. deste nome,
pera Diogo do Couto, Chronista, e
Guarda Mór da Torre do Tombo
do Estado da India.

Diogo do Couto. Eu El Rey vos envio
muito saudar. Vi vossa Carta de Goa de
15. de Novembro de 93; e tive contenta-
mento de me dizerdes que vos dispunheis
a escrever os feitos que nessas partes se
fizeram desde dia que tomei posse destes
meus Reynos em diante: e que tinheis aca-
bada a Historia desde então até ao tempo
do Governador Manoel de Sousa. E vos
encommendo me envieis este volume, pera o
mandar ver, e imprimir: e que vos ani-
meis pera continuardes esta Obra dos fei-
tos dessas partes, desde dia que os acabou
d' escrever João de Barros: pera que assim
possam vir á luz os serviços, que os meus
vassallos Portuguezes tem feitos aos Reys
meus Predecessores, e a mim. E pera o
melhor poderdes fazer, mandei passar a
Provisão que me pedis: em que mando que

**

IMPRENSA
NACIONAL vos

vos sejam dadas as Provisões, Cartas, e
mais Papeis que vos forem necessarios: e
de vos encarregar de Guarda Mór da Ca-
sa do Tombo, que mando ordenar em Goa,
pera nella se recolherem todos os Contra-
tos, Provisões, Registos da Chancellaria,
e todos os mais Papeis de importancia, que
estiverem em poder do Secretario dessas par-
tes, e d'outras pessoas, como sabereis do
Viso-Rey Mathias de Albuquerque. E vos
encommendo muito que nisto me sirvais co-
mo de vós confio. Escrita em Lisboa a 28.
de Fevereiro de 595.

R E Y.

Carta del Rey D. Philippe , o II. deste nome, pera o mesmo Diogo do Couto, Chronista, e Guarda Mór da Torre do Tombo do Estado da India.

Diogo de Couto. Eu El Rey vos envio muito saudar. Vi vossa Carta, e apontamento, que com ella me enviastes, e as cousas de que me dais conta, tocantes á Casa do Tombo, que hei por meu serviço que haja nesse Estado, que todas me pareceram bem. E conforme ao que se contém em vossos apontamentos, mandei passar Provisões, que iram nestas vias, que mando ao Viso-Rey Aires de Saldanha que faça cumprir inteiramente. E vos encommendo muito que de vossa parte procureis a execução dellas, e me aviseis de todas as mais cousas, que vos parecer que devo ter informação, pera nellas mandar prover, como houver por bem.

Vi as Decadas da Historia da India, que me mandastes, em que me hei por muito bem servido de vós, e do bom modo, em

que nisto procedeis , que vós encommendo
vades continuando , e enviando-me tudo que
fordes fazendo , pera o mandar imprimir :
porque de vossos serviços terei lembrança ,
pera vos fazer a mercê que houver por bem.
Escrita em Lisboa a 10. de Fevereiro de
602.

R E Y.

Ao muito Catholico , e poderoso Monarca de Hespanha , e Rey de Portugal D. Philippe o II. deste nome.

T Odas as vezes (muito Catholico , e poderoso Rey , e Senhor nosso) que considero a brevidade , e pouco tempo em que acabei cinco Decadas da Historia da India , que por mandado do muito Catholico Rey D. Philippe vosso Pai de gloriosa memoria , e o primeiro deste nome , fui continuando sobre as tres de João de Barros , convem a saber , quarta , e quinta , que lbe mandei na Armada de 97 ; sexta na de 99 ; e esta setima que foi na Armada de 601 , que os Ingлезes tomáram na náó São Tiago , e que agora torno a mandar reformada ; e a decima que mandei o anno de 600 , por ma Vossa Magestade mandar pedir : certo que eu mesmo me maravilho ; porque não sei que espirito me encaminhou a ajuntar , e descobrir cousas que estavam tão esquecidas , e que quasi não havia dellas memoria ; e de terras tão distantes , e apartadas , como sam desdo alongado Malu-

1
luco até o Cabo de Boa Esperança: pera o
que eram necessarios tempos, e monções
pera mandar vir, e trazer as cousas, e
informações, pera a Historia se poder es-
crever. Por onde o mais certo he, que o
verdadeiro Deos, e Senhor nosso, que he o
Author de todas as cousas boas, foi o que
me guiou, e encaminhou nesta materia;
porque quiz visse o mundo todo o grande
zelo, trabalho, despezas, riscos, e jeri-
gos de vassallos, com que os Reys de Portu-
gal, predecessores de Vossa Magestade, tra-
balháram por dilatar, e estender a Santissi-
ma Fé de Christo por todo este Oriente: E
pois tudo isto he de Deos, a elle o offereço;
e a Vossa Magestade peço queira aceitar
este pequeno serviço, pera que com maior
gesto possa profeguir nesta Historia, que me
ElRey vosso Pai, e Vossa Magestade tem en-
commendado, até chegar ao tempo de Vossa
Magestade, a quem nosso Senhor conserve em
saude, e largos annos de vida, como he ne-
cessario a toda a Christandade. Da Indía,
e desta Cidade de Goa a 6 de Novembro
de 1603 annos.

Diogo do Couto.

IN-

I N D I C E

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM
NESTA PARTE II.

D A D E C A D A IV.

L I V R O VI.

- C**AP. I. *Do que aconteceu ao Governador Nuno da Cunha, depois que partito da Ilha de S. Lourenço até chegar a Mombaça.* Pag. 1.
- CAP. II. *De como Nuno da Cunha tomou a Cidade de Mombaça: e das cousas que lhe acontecêram em quanto esteve nella.* 7.
- CAP. III. *De como o Governador Nuno da Cunha foi a Ormuz: e de como Manoel de Macedo chegou áquella fortaleza, e prendeo Rax Xarrafo: e de como se levantou o Guazil de Barem: e de como Nuno da Cunha mandou contra elle seu irmão Simão da Cunha.* 14.
- CAP. IV. *De como os nossos desembarcaram em Barem, e dos partidos que o Guazil mandou commetter, e de como lhe batêram a fortaleza, e das espantosas febres, que em todos os Portuguezes deram, e se embarcaram, e de como falleceo Simão da Cunha de nojo.* 23.
- CAP. V. *Do que D. Jorge de Menezes Ca-*
* ii *pi-*

I N D I C E

- pitão de Maluco passou com Fernão de la Torre : e da vitoria que D. Jorge de Castro houve de huma Armada de Geilolo.* 34.
- CAP. VI.** *Da Armada , que este anno de vinte e nove partio do Reyno : e de como Lopo Vaz de Sampaio se embarcou pera Cochim , e Nuno da Cunha chegou a Goa , e partio logo pera Cochim : e de como prendeo Lopo Vaz de Sampaio em ferros.* 38.
- CAP. VII.** *Que contém a fallá que Lopo Vaz de Sampaio fez a ElRey D. João em Relação.* 46.
- CAP. VIII.** *Das culpas que ElRey deo a Lopo Vaz de Sampaio , e da sua resposta a ellas.* 72.
- CAP. IX.** *De como Antonio da Silveira destruiu as Cidades de Surrate , e Reynel , e outras Villas , e povoações : e do que aconteceo a Diogo da Silveira Capitão mór do Malavar este verão.* 89.
- CAP. X.** *Das cousas , que aconteceram no Estreito do mar Roxo : e de como Mostafá Baxá , e ElRey de Xael foram cercar a Cidade de Adem : e do que aconteceo a Heitor da Silveira naquelle Estreito , e chegou a Adem , e favoreceo aquelle Rey , e o fez tributario ao de Portugal.* 99.
- CAP. XI.** *Das cousas que aconteceram em*

DOS CAPITULOS

Malaco entre Portuguezes, e Castellanos: e de como D. Jorge de Menezes o cercou na fortaleza de Tidore, e se deram a partido, com condição, que se sabessem daquellas Ilhas. 104.

L I V R O VII.

CAP. I. *Do concerto, e contrato, que ElRey D. João fez com o Imperador Carlos Quinto sobre as Ilhas de Maluco: e da Armada que este anno partio do Reyno.* Pag. 112.

CAP. II. *Dos grandes apercebimentos que o Governador Nuno da Cunha fez para continuar na guerra de Cambaya: e da muito grande, e poderosa Armada com que partio para Dio.* 123.

CAP. III. *De como o Governador Nuno da Cunha commetteo a Ilha de Beth, e a entrou: e do espantoso caso que nella succedeo, porque se deu áquella Ilha o nome, que hoje tem, da Ilha dos Mortos.* 130.

CAP. IV. *De como chegou a Dio Mostafá Baxá, e todos os mais Turcos que estavam em Xael, e fortificáram aquella Ilha: e de como o Governador Nuno da Cunha commetteo a fortaleza de Dio, e se retirou com damno seu.* 138.

CAP. V. *Da grande, e cruel guerra, que An-*

INDICE

- Antonio de Saldanha fez por toda a encada de Cambaya.* 145.
- CAP. VI.** *Das desavenças que o Accedecan teve com o Idalcan, e das preeminencias daquelle cargo: e de como deo a ElRey de Portugal as terras firmes de Salfete, e Bardés.* 150.
- CAP. VII.** *Das cousas que este anno succedêram em Maluco, até chegar Gonçalo Pereira, e da morte d'ElRey Bayano: e das cruexas, e deshumanidades que D. Jorge de Menezes usou com os Ternatezes.* 155.
- CAP. VIII.** *Da descripção de todo este mar do Levante, e quaes são as verdadeiras Ilhas de Maluco. E da divisão dos cinco Archipelagos em que se reparte: e dos costumes, e condições de seus naturaes.* 166.
- CAP. IX.** *Do que se tem da antiguidade, e povoação das Ilhas de Maluco, com as arvores do cravo, e dos nomes que estas drogas tem por todo o Mundo.* 173.
- CAP. X.** *De muitas cousas notaveis que ha nestas Ilhas de Maluco, e dos fogos que algumas lançam.* 180.
- CAP. XI.** *Da Armada que este anno de trinta e hum partio do Reyno: e de como Manoel de Macedo se perdeu em Calecare, e do que alli passou: e de como o Governador Nuno da Cunha partio com huma*
grof-

DOS CAPITULOS

- grossa Armada pera o Malavar : e da grande batalha que D. Roque Tello teve com huma Armada de Calecut.* 189.
- CAP. XII. *De como o Governador Nuno da Cunha chegou a Chale , e se vio com aquelle Rey sobre o lugar que lhe havia de dar pera fazer a fortaleza : e dos tractos que houve entre elle , e o Camorim sobre pazes : e de como se concluíram , e se comecou a fortaleza.* 196.
- CAP. XIII. *Da Armada que o Governador Nuno da Cunha mandou ao Estreito de Meca , de que foi por Capitão mór Antonio de Saldanha : e da guerra que Diogo da Silveira fez por toda a costa de Cambaya.* 202.
- CAP. XIV. *Do que o Governador Nuno da Cunha fez em Chale , e acabou a fortaleza , e a proveo de Capitão : e das ceremonias que os Nayres guardam no negocio das jangadas , e que cousas são Amoucos.* 206.

L I V R O VIII.

- CAP. I. *Das cousas , que este anno passado acontecêram em Maluco : e de como os da terra matáram o Capitão Gonçalo Pereira , e lhe succedeo Vicente da Fonseca.* Pag. 214.
- CAP.

- CAP. II. *Da Armada , que este anno de 1532 partio do Reyno: e do que aconteceu a D. Estevão da Gama na costa de Melinde. E da grande guerra , que Diogo da Silveira fez no Reyno de Cambaya : e de como destruiu as Cidades de Por , e Mangalor.* 223.
- CAP. III. *Das cousas em que o Governador Nuno da Cunha provêo ; e da grande Armada com que partio pera o Norte.* 231.
- CAP. IV. *Do modo da fortificação da Cidade de Baçaim : e de como o Governador Nuno da Cunha desembarcou nella , e a entrou , e destruiu de todo.* 236.
- CAP. V. *De como Diogo da Silveira partio pera o Estreito de Meca , e o Governador Nuno da Cunha pera Goa , ficando Manoel de Albuquerque com huma Armada na costa de Cambaya , e do que lhe aconteceu.* 241.
- CAP. VI. *Das cousas , que este anno aconteceram em Maluco : e do grande aperto em que a Rainha poz aos da fortaleza : e de como lhe entregaram por partido seu filho ElRey Ayalo : e de como se passou pera Tidore , e Vicente da Fonseca alevantou por Rey seu irmão Tabarija.* 248.
- CAP. VII. *De como ElRey D. João despedio*

DOS CAPITULOS

- dio este anno de trinta e tres tres Armadas pera a India , duas em Março , e huma em Outubro de dez caravelas , de que veio por Capitão D. Pedro de Castello-branco: e do que aconteceu a Diogo da Silveira , que invernou em Ormuz. 252.
- CAP. VIII. Da razão porque Soltão Badur mandou pedir ao Governador Nuno da Cunha , que se visse com elle: e da grande Armada , que se chamou das Vistas , com que o Governador partio pera Dio: e do desafio que houve entre Manoel de Macedo , e o Rumecan , de tantos por tantos. 258.
- CAP. IX. Da differença que ha entre os Rumes , e Turcos , e porque se chamam Rumes: e do que fez o Governador Nuno da Cunha: e de como Diogo da Silveira foi com huma Armada ao Estreito. 264.
- CAP. X. Do que aconteceu a Diogo da Silveira na viagem do Estreito: e de como chegou a Goa D. Pedro de Castello-branco com as caravelas. 269.
- CAP. XI. Do que aconteceu a D. Estevão da Gama até chegar a Malaca: e de como Lac Ximena Capitão d'ElRey de Viantana foi dar vista a Malaca , e Dom Paulo da Gama lhe sahio , e da cruel batalha que tiveram , em que D. Paulo foi morto , e desbaratado. 274.
- CAP.

I N D I C E I

- CAP. XII.** *De como D. Estevão da Gama foi contra o Rey de Viantana, e lhe destruiu a Cidade de todo: e dos proveitos que ElRey tem das Ilhas de Banda, e da qualidade de seus frutos.* 283.
- CAP. XIII.** *Das cousas que este anno succedêram em Maluco, e dos Senhores daquelle Archipelago, que se fizeram Christãos: e de como Tristão de Taide prendeo ElRey Tabarija, e o mandou á India, e alevantou por Rey seu irmão Aei-ro: e da crueldade que usáram com sua mãi por lho não querer dar.* 293.
- CAP. XIV.** *Da jornada que o Turco Soleimão fez contra o Xathamaz Rey de Persia: e de como lhe entrou por seus Estados até á Cidade de Tabris: e de como ao recolher deram os Persas sobre elle, e o desbaratáram, e de outras cousas.* 300.

L I V R O IX.

- CAP. I.** *De como Martim Affonso de Sousa partio do Reyno por Capitão mór das náos, e do mar da India; e de como o Governador Nuno da Cunha se fez prestes pera ir ao Norte: e dos recados que se passáram entre os Reys dos Magores, e o de Cambaya.* Pag. 308.
- CAP. II.** *De como Soltão Badur mandou of-*

DOS CAPITULOS

ferecer ao Governador Nuno da Cunha a Cidade de Baçaim: e dos Capitulos, e Condições com que se assentáram as pazes. 314.

CAP. III. *De como Soltão Badur foi contra o Reyno de Chitor, e tomou aquella Cidade: e do que passou Simão Ferreira até se ver com o Badur: e das cousas, em que o Governador Nuno da Cunha provêo até partir pera Goa.* 322.

CAP. IV. *Da conjuração que houve entre os Senhores das Ilhas de Maluco contra os nossos, e do grande aperto em que os puzeram.* 328.

CAP. V. *De como Hamau Paxá Rey dos Magores foi buscar Soltão Badur, e lhe tomou os Reynos de Chitor, e Mandou, a que acudio Soltão Badur: e das grandes covardias que fez: e de como o Magor o destruiu, e desbaratou.* 335.

CAP. VI. *Dos limites que o antigo Reyno do Guzarate tem: e donde nasceo o erro dos Geografos lançarem o rio Indo na encuada de Cambaya.* 343.

CAP. VII. *De como Soltão Badur tratou de se ir pera Meca, e foi contrariado dos seus: e de como mandou pedir soccoro ao Governador Nuno da Cunha contra os Magores, promettendo-lhe fortaleza em Dio: e de como foi ter com elle Martim Affonso de Sousa.* 352.

CAP.

NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

I N D I C E

- CAP. VIII. *Da Armada que este anno de 1535 partio do Reyno: e de como o Embaixador de Cambaya chegou a Goa, e o Governador Nuno da Cunha mandou com elle Simão Ferreira pera assentar com o Badur o contrato das pazes, e dos Capitulos com que se concluíram.* 359.
- CAP. IX. *De como o Governador Nuno da Cunha se vio com Soltão Badur, e de novo confirmáram as pazes, e se começou a fortaleza: e de alguns soccorros que o Governador deo ao Soltão Badur contra os Magores.* 367.
- CAP. X. *De como Hamau Paxá Rey dos Magores se recolheo pera seus Reynos, por lhe entrar por elles hum Rey dos Patanes: e de como Soltão Badur o foi seguindo, indo em sua companhia Martin Affonso de Sousa: e do que lhe na jornada aconteceu.* 376.

L I V R O X.

CAP. I. *Da origem, e principio dos Magores, e Tartaros, e Provincias que possuíram: e do tempo em que recebêram a Lei de Christo: e de como entre elles se constituiu a dignidade do Preste João, que chamam das Indias: e de como se trespassou no Imperador da Ethiopia.* Pag. 382.

DOS CAPITULOS.

CAP. II. *Que trata como estes Reys Chri-
stãos conquistáram o Turcstan, e das gen-
tes que lhes foram fugindo até Asia me-
nor, de que se senboreáram, dando-lhe o
nome da Grão Turquia: e dos Reys dos
Magores que houve desde Grão Tamorlão
até este Hamau Paxá.* 394.

CAP. III. *Da razão porque se recolheo Ha-
mau Paxá, e largou o Reyno de Cam-
baya: e de como se levantou nas partes
de Bengala hum Patene chamado Circan,
e dos Estados que conquistou: e de como
destruiu, e desbaratou Hamau, e lhe to-
mou seus Reynos.* 409.

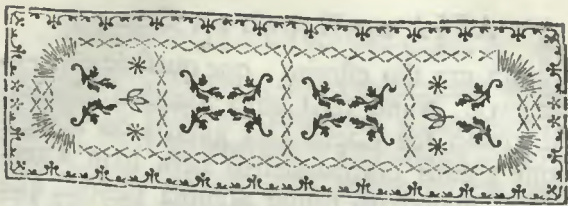
CAP. IV. *Que trata de como os Mouros
conquistáram o Decan, e de todos os Reys
que houve até Ismael, que faleceo este anno
em que andamos: e da antiguidade, e
nomes da Ilha de Goa: e de como o Ac-
cedecan deo as terras firmes de Salsete,
e Bardés ao Governador Nuno da Cu-
nha.* 416.

CAP. V. *Dos recontros, que os nossos ti-
veram com os Mouros: e de como Dom
João Pereira pelejou com elles, e os des-
baratou: e das cousas em que o Gover-
nador Nuno da Cunha provéo em Dio, e
em Goa.* 430.

CAP. VI. *Das pazes que D. Estevão da
Gama fez com ElRey de Viantana, e das*
cou-

INDICE DOS CAPITULOS

- cousas que acontecêram em Maluco todo este verão: e de hum raro caso que acontceo a hum daquelles senhores Christãos. 440.*
- CAP. VII. *Dos Capitães , que o Idalcan mandou sobre as terras de Salfete: e da Armada que este anno veio do Reyno: e de como D. Gonçalo Coutinho Capitão de Goa passou em busca dos inimigos. . 448.*
- CAP. VIII. *De como D. Gonçalo Coutinho foi morto , e desbaratado no Bory pelos Capitães do Idalcan. 454.*
- CAP. IX. *Dos recados que o Governador Nuno da Cunha teve de Dio: e das pazes que fez com o Accedecan , e lhe tornou a largar as terras de Salfete , e Bardés. 458.*



DECADA QUARTA.

LIVRO VI.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

Do que aconteceu ao Governador Nuno da Cunha, depois que partio da Ilha de São Lourenço até chegar a Mombaça.



PARTIDO Nuno da Cunha, como atrás dissemos, com a outra não da Ilha de S. Lourenço por dentro, sendo na altura da Ilha Zanzibar, sentiram terra, indo navegando de noite, pelo que surgiram logo. E tanto que amanheceo, víram-se cercados de Ilhas, e restingas, sem poderem entender por onde alli entráram, nem verem por onde podiam sahir, porque de todas as partes rebentava o mar em flor; e certo que foi cousa milagrosa não se perderem, porque o boqueirão por onde ambas as náos en-

Conto. Tom. I. P. II.

A trá-

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

2 ASIA DE DIOGO DE COUTO

tráram era tão estreito, que quasi se não enxergava. Nuno da Cunha mandou Manoel Machado seu Capitão da guarda no esquife com alguns companheiros pera irem a terra ver se podiam tomar alguma pessoa, que lhes desse razão donde estavam, e se saberia tirar dalli as náos, porque os Pilotos estavam pasmados, e areados. Manoel Machado chegando a terra vio huma povoação ao longo da agua, e querendo desembarcar, acudíram os negros com fréchas, e páos tostados, e carregando nos nossos, os fizeram embarcar com morte de hum grumete, e dous feridos. O Governador ficou enfadado, e mandou seu irmão Pero Vaz da Cunha com alguma gente de armas pera dar na Aldea, indo com elle vinte e cinco companheiros todos Fidalgos, e Cavalleiros; e chegados á povoação, lhe fugíram os negros pera o sertão, e os nossos entráram nella sem acharem pessoa viva: de que Pero Vaz agastado, disse aos companheiros, que bem viam os riscos em que estavam aquellas náos, e que senão houvesse alguma pessoa da terra ás mãos pera os tirar dalli, que pereceriam todos: Que era de parecer ficassem alli alguns companheiros embrenhados, porque como fosse noite, forçado se haviam os negros de tornar pera a povoação, e que então se poderia tomar algum desmandado, e

que

que como fosse noite, elle tornaria com o batel á praia pera os recolher, e favorecer, porque nisto ganhavam muita honra, e corriam pouco risco: e ainda que corresse mui- to, em que negocio se podia arriscar a vi- da melhor que naquelle? A isto se lhe of- ferecêram dous mancebos Fidalgos; irmãos, filhos do Abbade de Pombeiro João de Mel- lo, chamados Diogo de Mello, e Tristão de Mello: o que Pero Vaz da Cunha esti- mou muito, por ver nelles o animo com que se lhe offerecêram, e houve que fariam tu- do muito bem feito, louvando-os, e engran- decendo-os com palavras mui honradas, e lhes disse, que tanto que fosse noite, (por- que era isto já sobre a tarde,) elle se viria pôr no mesmo lugar com o batel pera os recolher, e assi se deixáram ficar. Estes Fi- dalgos, e hum criado seu chamado João Ro- drigues, com espadas, e rodellas se embren- nháram alli perto da povoação, e o batel se tornou pera a náó; e tanto que anoite- ceo, voltou logo pera a terra, e se poz no mesmo lugar prestes pera recolher os nos- sos. Os negros tanto que víram recolher o batel, e que anoitecia, tornáram-se pera a povoação. Os nossos que estavam embrenha- dos; sentindo que já vinha gente pera a po- voação, fizeram-se prestes, e quiz Deos que viesse dar com elles hum Mouro velho, a

A ii

quem

4 ASIA DE DIOGO DE COUTO

quem arremettendo Diogo de Mello, o levou nos braços, tapando-lhe logo a boca pera que não gritasse, e assi nos ares foi levado á praia, e embarcado no batel, que estava muito prestes. E tomando o remo na mão, se foram caminho da náó, e apresentáram o Mouro a Nuno da Cunha, que lhe mandou dizer que não liouvesse medo, que não queria saber mais d'elle, senão se havia remedio pera tirarem dalli aquellas náos. O Mouro lhe mandou dizer, que sua dita fora muito grande em o tomarem, porque elle só em toda aquella costa lhe podia ser bom naquelle trabalho, porque era o Piloto melhor, e mais antigo, que todos della. Nuno da Cunha recebeu aquillo como mercê da mão de Deos; e sabendo como Diogo de Mello o tomára, o abraçou muitas vezes, dizendo-lhe tantas palavras, e de tantos louvores, que causáram inveja a todos os da náó, promettendo-lhe satisfação daquelle serviço que fizera a ElRey, que fora mui grande. Nuno da Cunha fez muitos mimos ao Piloto, e o mandou agazalhar, tendo vigia nelle, que não se acolhesse de noite; e ao outro dia tirou as náos fóra daquelles baixos, por hum canal tão estreito, que era medo vello, e as levou a ancorar na barra de Zanzibar. O Governador lhe mandou pagar muito bem, e dar-lhe muitas

peças, com que ficou tão satisfeito, que se offereceo levalllo até Mombaça, aonde se affentou que fosse invernar, porque já não podiam passar á India. Em Zanzibar esteve Nuno da Cunha alguns dias tomando refresco, e por ter nas náos duzentos doentes, os mandou desembarcar em terra, pera se ficarem curando alli, deixando-lhes todos os provimentos necessarios, e por Capitão delles hum Fidalgo chamado Aleixo de Sousa Chichorro, que com muito gosto por serviço de Deos, e d'ElRey quiz ficar com elles. Dalli se partio o Governador pera Melinde, onde se vio com ElRey, de quem foi muito bem recebido, e agazalhado. Aqui neste Porto estava Diogo Botelho Pereira, Capitão de huma náó, que tinha partido do Reyno por mandado d'ElRey D. João em busca da gente da náó de D. Luiz de Menezes, irmão do Governador D. Duarte de Menezes, que desappareceo indo pera Portugal, e se presumia dera á costa na paragem do Cabo das Correntes, ou por aquella costa toda, e que a gente toda estava em terra; porque em Portugal disseram algumas náos, que por aquella paragem lhes fizeram de noite fogos em cruces, que parecia de gente Portugueza, que se por alli perdêra; havendo que não sería outra senão a da náó de D. Luiz de Menezes, de que Diogo Bote-

lho

6 ASIA DE DIOGO DE COUTO

Iho não achou sinaes , nem novas algumas. Delle soube o Governador o successo da sua viagem. Daqui de Melinde mandou recado a ElRey de Mombaça a pedir-lhe licença pera ir invernar no seu Porto , porque em Melinde não podia ser , porque era costa brava , e no inverno perigosa. ElRey de Mombaça como era Mouro desconfiado , pareceo-lhe que aquillo era invenção do Governador pera lhe tomar sua Cidade , e mandou-se-lhe escusar : de que o Governador se tomou muito , e assentou de o castigar , pois o não queria agazallar , porque tambem não podiam as náos invernar em outro Porto senão naquelle. Desta determinação deo conta aos Fidalgos , e a ElRey de Melinde , que lhe pera isso offereceo oitocentos Mouros ; e fazendo o Governador alardo da gente que tinha , achou oitocentos homens , com os da náó de Diogo Botelho Pereira , gente mui limpa , e mui lustrosa. E mandando ElRey de Melinde negociar huma naveta sua , pera nella , e na náó de Diogo Botelho Pereira se embarcarem os oitocentos Mouros ; e despedindo-se o Governador d'ElRey , se fez á véla pera Mombaça , aonde chegou ao outro dia pela manhã , e surgio da banda de fóra,

CAPITULO II.

De como Nuno da Cunha tomou a Cidade de Mombaça: e das cousas que lhe acontecêram em quanto esteve nella.

DEpois do Governador Nuno da Cunha estar surto em Mombaça da banda de fóra, mandou sondar a barra por seu irmão Pero Vaz da Cunha, que o foi fazer em hum batel com alguns Fidalgos, que o acompanháram, e foi entrando no canal, onde acháram a agua bastante pera as náos. Na entrada da barra no mais estreito víram hum baluarte de pedra, que tinha oito bombardas, com que atiráram ao batel, sem lhe fazerem nojo, e passáram avante até defronte da Cidade, onde acháram melhor surgidouro. Alli lançáram ferro, e fizeram final a Nuno da Cunha, que tanto que a viração ventou, mandou dar á véla, e entrando pela barra, foi surgir aonde o batel estava, tirando-lhe do baluarte muitas bombardadas, sem o Governador querer que lhe tirassem alguma, por lhes dar a entender, que queria amizade, e esperou aquelle dia, e noite por ver se mandava ElRey ter com elle algum cumprimento, porque desejava de invernar alli de paz. O Rey de Mombaça, havendo conselho com os seus, assentou de

8 ASIA DE DIOGO DE COUTO

se não fiar dos nossos, e de lhes despejar a Cidade, porque depois de passado o inverno ahi lhe tornava a ficar: e assi o fez logo de toda a fazenda, mulheres, e meninos, que mandou levar dahi a huma legua, ficando nella só a gente que podia pelear. Nuno da Cunha vendo que lhe não vinha recado, determinou de desembarcar em terra, e mandou a seu irmão Pero Vaz da Cunha de noite a reconhecer o sitio da Cidade, e onde havia melhor desembarcação. Pero Vaz da Cunha se foi no batel com alguns Portuguezes, e chegou-se bem á praia, que foi colteando, e notando mui bem seu sitio. E como os Mouros tinham grandes vigias, foi logo sentido, e lhe atiraram fréchadas, de que lhe feriram alguns companheiros. Pero Vaz, depois de notar mui bem tudo, tornou-se pera a náó, e deo conta a Nuno da Cunha do que víra, affirmando-lhe, que toda a face da Cidade era huma praia, em que se podia desembarcar, mas com a agua pela cinta. E estando sem se determinarem na desembarcação, veio da Cidade hum Mouro fugindo a nado pera a Armada, que foi tomado por hum batel, e levado ao Governador, que o recebeu bem, porque esperava de se informar delle de tudo o que havia na Cidade; e dando-lhe conta do que se tratava, lhe disse o Mouro, que era mui-

to perigoso o desembarcar na praia, porque pela detença que a gente faria em chegar a terra, se arriscavam a serem todos mortos ás fréchadas, de que elles se não poderiam guardar, porque haviam de ir mettidos pela agua, e envasados, pera se não servirem da espingardaria; mas que era de parecer, que desembarcasssem abaixo da Cidade, junto de huma Mesquita em hum lugar que elle amostraria, onde os batéis podiam sem trabalho pôr as prôas em terra, por ser alcantilado. E disse mais, que na Cidade havia mais de tres mil homens de peleja, e que não tinha mais que huma estancia fóra de huma das portas, com sinco bombardas de ferro: e que o bombardeiro era hum Portuguez arrenegado, e que entre todos era tamanho o medo, que lhes parecia, que em os Portuguezes pondo o pé em terra, haviam de desamparar tudo. Com isto resumio-se Nuno da Cunha em desembarcar na parte em que o Mouro dizia, mandando-o agazalhar mui bem, e ter a bom recado, pera lhes servir de guia; e ordenou que fosse ao outro dia, dando a dianteira a Pero Vaz da Cunha seu irmão, com seiscentos Portuguezes, em que entravam duzentos espingardeiros, de que era Capitão Fernão Coutinho (que depois foi a Portugal por terra, e fez em Lisboa a quinta, que está jun-

to

IO ASIA DE DIOGO DE COUTO

to á Igreja dos Anjos) com quem haviam de ir mais trezentos Mouros de Melinde. Passaram-se pera Pero Vaz da Cunha Manoel de Albuquerque, que hia na náó com o Governador, Diogo de Mello, e João de Mello. Nuno da Cunha, e D. Fernando de Lima, e Diogo Botelho Pereira com toda a mais gente na retaguarda. E pondo as coufas necessarias em ordem, ao outro dia, tanto que foi manhã, mettidos nos batéis, e nos esquifes, e em algumas embarcações pequenas dos Mouros, foram demandar o lugar da Mesquita, onde o Mouro de Melinde os guiou; e pondo as prôas em terra, saltaram os nossos nella sem acharem resistencia, e a som de tambores, e pifaros, e as bandeiras desenroladas, foram marchando em muito boa ordem pera a Cidade, pela parte onde estava a estancia com artilheria, cujo bombardeiro (que como dissemos era Portuguez) desparou alguns tiros, que não fizeram nojo algum nos nossos, e logo largou a estancia com todos os Mouros, que nella estavam, e se recolhêram á Cidade onde estava El-Rey, que vendo a determinação dos nossos; a alargou de todo, recolhendo-se pera o sertão. Os da dianteira entráram nella sem acharem resistencia alguma. Nuno da Cunha tanto que se vio na Cidade, porque era muito grande, mandou cortar muita parte del-

la, e fazer logo tranqueiras, vallos, e cavas, em que poz Capitães com soldados, de modo que ficáram em huma parte della muito seguros. O Governador aposentou-se nos Paços d'ElRey, fortificados, e postas guardas, começáram a buscar as casas, e cavar chãos, onde se achou muito dinheiro, de que alguns ficáram mui ricos. O Governador mandou D. Rodrigo de Lima, irmão de D. Fernando de Lima, com alguns cem Portuguezes, que fosse tomar o baluarte da barra, que foi commettido, e entrado, e mortos os mais dos Mouros á espada, e todos os outros cativos, ficando alguns dos nossos feridos, em que entrou D. Rodrigo de Lima de huma fréchada hervada, de que morreo dahi a alguns dias, e a artilheria foi tomada. Feito isto por ser já fim de Dezembro, despedio o Governador pera Portugal o navio de Diogo Botelho Pereira, por quem escreveo a ElRey todas as ccusas acontecidas até então, com quem se embarcáram alguns homens, que acháram muito ouro, dinheiro, e ambar no sacco da Cidade. Diogo Botelho Pereira chegou a Portugal a salvamento no Junho seguinte, de quem ElRey soube as novas da India, e da jornada de Nuno da Cunha. Os de Mombaça estavam fortificados meia legua da Cidade, donde todos os dias vinham correr aos nossos, de dia,

dia, e de noite, com quem tinham algumas brigas mui accezas; porque se vieram a des- avergonhar tanto, que entravam pela Cida- de, e commettiam os nossos em suas estan- cias, tão continuos, que os traziam disve- lados, e quebrantados. E huma vez lhes sa- hio D. Fernando de Lima com tanta pres- sa, que não pode tomar hum capacete, e remettendo com os Mouros, lhe deram hu- ma frêchada na testa, a que elle disse alto: *Amores de minha mulher*, e apertando com os Mouros, os fez fugir. O Governador es- tava affrontado com os continuos rebates dos Mouros; e porque não sabia o modo de co- mo estavam fortificados, nem quantos eram pera mandar dar nelles, dissimulava, dese- jando em extremo de tomar alguma lingua pera se informar da verdade, o que encom- mendou a Diogo de Mello, (pela confiança que delle ficou tendo do successo passado de Zanzibar,) que lhe prometteo, que elle lha traria, e offereceo-se pera ir com elle Christovão de Mello, e dous homens de sua obrigação; e de noite se sahíram da Cida- de com armas ligeiras, e se foram lançar em cilada perto do Arraial dos Mouros. Al- li foram dar com elles alguns, a quem os nos- sos sahíram, e Diogo de Mello se liou com hum, que deo tamanhos brados, que foram ouvidos no seu Arraial, onde houve gran-

de alvoroço. Diogo de Mello quizera lançar o Mouro ás costas, mas era tamanho, e tão gordo, que quasi o não podia suspender, nem com os outros o ajudarem. E porque dalli á Cidade era meia legua, e elles sentíram os Mouros que acudiam, matou Diogo de Mello o Mouro, e lhe cortou hum braço, com que se recolhêram pera testemunha do que fizeram, e á meia noite chegaram á Cidade; e por acharem Nuno da Cunha dormindo, deo Diogo de Mello o braço do Mouro ao seu Camareiro pera que lho dêsse pela manhã, e se recolheo como senão fizera cousa alguma. Tanto que amanheceo, o Camareiro em acordando o Governador lhe deo conta do que passava, e lhe mostrou o braço. O Governador mandou chamar Diogo de Mello, e o abraçou com palavras mui honradas; mas elle mostrando estar magoado do pouco que fizera, se lhe offerceo pera ir tomar outra espia, de que não houve necessidade, porque os Mouros ficáram daquelle successo tão escaldados, que nunca mais tornáram a inquietar os nossos, e assi ficáram quietos; mas como começáram a adoecer muitos, por ser a terra mui doentia, e em quanto alli estiveram, que foi até fim de Março, morrêram trezentos e setenta Portuguezes, em que entrou Pero Vaz da Cunha, que o Governador sen-

tio

tio muito, por ser Fidalgo de muitas partes, e qualidades, pelo que (além de irmão) o amava muito, e era bem quisto de todos. Foi este Fidalgo casado com D. Brites, filha de André de Sousa Senhor de Miranda, e Alcaide mór de Arronches, de quem houve André da Cunha, e Jeronymio da Cunha, e ella por morte de seu marido se meteo Freira na Madre de Deos de Lisboa.

C A P I T U L O III.

De como o Governador Nuno da Cunha foi a Ormuz: e de como Manoel de Macedo chegou áquella Fortaleza, e prendeo Rax Xarrafo: e de como se alevantou o Guazil de Baren: e de como Nuno da Cunha mandou contra elle seu irmão Simão da Cunha.

TAnto que começáram a ventar os Ponentes, que de ordinario entram de quinze de Março por diante, os Capitães das náos do Reyno Simão da Cunha, D. Francisco Deça, Francisco de Mendoça, que estavam em Moçambique, vendo que Nuno da Cunha não era chegado, havendo seu conselho, assentáram de irem pela costa de Melinde adiante até Mombaça a ver se havia novas delle, e quando não, passarem á India. E assi se embarcáram com quatrocentos homens menos, que lhes alli morrêram

de

de enfermidades. E dando á véla, foram por fim do mez de Março tomar Mombaça, aonde acháram o Governador, que todos festejáram muito, e surgíram da banda de fóra, indo com elles Aleixo de Soufa, que em Zanzibar se embarcou com os que escapáram. O Governador estimou muito sua vinda, e os mandou metter pera dentro, e recebeu o irmão, e todos os mais Fidalgos com grande alegria, porque os tinha por perdidos, e receou que o fosse Antonio de Saldanha, e Garcia de Sá, de quem nenhuma pessoa dava novas. E sentio muito a perdição da náó de Affonso Vaz Zambujo, e de Bernardim da Silveira, de quem já em Moçambique se sabia. E tomando conselho com os Pilotos, se poderia ainda passar a invernar á India, assentáram todos que era muito tarde. Pelo que houve por melhor ir esperar a Ormuz a monção, que era em Setembro, por lhe não acabar de morrer alli toda a gente, por ser a terra muito doentia. E fazendo-se prestes pera se embarcar, chegou o navio de Bastião Freire, (que como dissemos o Governador Lopo Vaz de Sampaio despedio de Cochim, pera ir por toda aquella costa saber novas de Nuno da Cunha,) que elle recebeu mui bem, e vio as cartas que lhe levava de Lopo Vaz de Sampaio, por onde soube o estado das cou-

sas

fas da India. E porque o navio era pequeno, o despedio logo com outras pera Lopo Vaz, em que lhe dava conta de sua jornada, e lhe pedia lhe tivesse toda a Armada prestes, porque lhe era necessario embarcar-se logo. Este navio chegou a Goa já em Maio, e Bastião Freire deo as cartas a Lopo Vaz, que em estremo festejou as novas de Nuno da Cunha, porque andava já entre os Mouros hum alvoroço grande pelo haverem por perdido; e logo mandou dar grande aviamento á Armada. O Governador Nuno da Cunha, tanto que despedio Bastião Freire, deo á véla pera Ormuz, e com vento próspero chegou a Mascate, onde deixou os doentes que eram muitos, e com a náó de Simão da Cunha, em que elle hia, e a de D. Fernando Deça passou a Ormuz, deixando alli os mais navios; e em poucos dias chegou áquella fortaleza, onde foi muito bem recebido de Christovão de Mendoga, Rey, e Guazil, e se aposentou na fortaleza, onde começou a correr com as cousas dantre o Rey, e Xarrafo, que estavam diferentes, apaziguando-as, e mandando tirar devassas em segredo, porque determinava de castigar quem tivesse culpa. E assi o deixaremos agora, por continuarmos com Manoel de Macedo, que deixámos partido do Reyno: que seguindo sua derrota sem achar

contraste algum, embocou o estreito da Per-
 sia, e tomou aguada de Tui, a que com-
 munitmente chamamos de Teive, vinte e duas
 leguas do Cabo Rosolgate pera dentro, on-
 de achou novas de ser Nuno da Cunha pas-
 sado pera Ormuz; e abrindo alli seu regi-
 mento, achou nelle que lhe mandava El-
 Rey, que fosse prender Rax Xarrafo, e lho
 levasse pera o Reyno, o que fizesse sem al-
 teração alguma. E receando que, se chegaf-
 se a Ormuz com a náó, lhe quizesse Nuno
 da Cunha tirar a honra de prender o Gua-
 zil, (por ser cousa que lhe ElRey tanto en-
 commendava no seu regimento,) determi-
 nou de ir em segredo, sem dar conta disso
 ao Governador; e tomando huma Terrada
 ligeira, embarcou-se nella com alguns de que
 se confiou, mandando ao Capitão que dei-
 xou, que se fosse apôs elle. E pondo-se ao
 caminho com muita pressa, chegou a Or-
 muz huma manhã muito cedo, e desembar-
 cando sem se dar a conhecer a ninguem, da
 praia despedio hum homem com huma car-
 ta para o Governador, em que lhe requere-
 ria da parte d'ElRey, que tanto que aquel-
 la visse, mandasse gente a casa do Guazil,
 porque cumpria alli a seu serviço, e elle se
 foi a casa do Xarrafo, e sabendo que esta-
 va com ElRey, foi lá, e entrou com elle.
 O Guazil em o vendo o conheceo, e o abra-
 çou,

Couto. Tom. I. P. 11.

B

N I M P R E N S A
 N A C I O N A L

cou , e recebeo com grandes gazalhados , porque era muito seu amigo. Manoel de Macedo lhe disse , que ElRey de Portugal tratava de o mandar levar prezo pera o Reyno , e que elle se offerecêra pera isso , porque não fiava o bom tratamento de sua pessoa senão d'elle proprio ; e já que ElRey o havia de mandar levar , folgasse que antes fosse por elle , que por outrem. O Xarrafo ficou embaraçado com cousa tão supita , e não imaginada d'elle. O homem que levou a carta a Nuno da Cunha lha deo , e estando-a lendo chegou Simão da Cunha , e lhe disse , que Manoel de Macedo tinha prezo Rax Xarrafo , e que andava já reboliço na Cidade. Nuno da Cunha ficou sobressaltado , e lhe mandou que fosse muito de pressa tomar-lhe Xarrafo , e que lho levasse á fortaleza. Simão da Cunha acompanhado de muitos homens entrou em casa d'ElRey , e tomou o Guazil a Manoel de Macedo , sobre o que tiveram algumas palavras , e o levou á fortaleza , onde foi mettido na Torre da menagem ; e logo lhe escrevêram sua fazenda , ficando ElRey de Ormuz muito affrontado daquelle negocio acontecer em sua casa , e em sua presença. Nuno da Cunha escandalizado de Manoel de Macedo commetter negocio tão importante , e arriscado sem lhe dar conta , o mandou prender ,

com côr de dizer, que o fazia pera abrandar ElRey de Ormuz, e quietar a Cidade que andava revolta, por ser Xarrafo a segunda pessoa do Reyno, e muito poderoso, e aparentado. As novas desta prizão chegaram a Barem, onde estava por Guazil Rax Bardadim, cunhado do Xarrafo, a quem disseram como fora prezo em casa d'ElRey, havendo que fora em consentimento disso, pelas differenças que tiveram: pelo que se alevantou com aquelle Reyno de Barem, que rendia a ElRey de Ormuz quarenta mil pardaos cada anno. Isto foi logo sabido por ElRey, e requereo a Nuno da Cunha, que pois elle era vassallo d'ElRey de Portugal, e pagava sessenta mil pardaos de pareas, que o tornasse a restituir á posse de Barem, senão que seria forçado abater nas pareas os quarenta mil pardaos, que aquelle Reyno lhe rendia, porque lhe não ficava donde as poder pagar. Nuno da Cunha poz este negocio em conselho com o Capitão de Ormuz, e mais Fidalgos da Armada, que ficaram repartidos em differentes opiniões. Porque huns diziam, que mais importava ir fazer fortaleza em Dio, como ElRey mandava, que todas as outras cousas da India, o que se podia fazer então mais facilmente, por quão destroçado ficára o Reyno de Cambaia com o desbarate, e perda da sua Ar-

mada, (de que já alli havia novas;) e que indo, ou mandando a Barem, pela ventura succederiam as cousas de feição, que lhes seria forçado deter-se, e não poder partir tão cedo pera a India, a que era necessario acudir-se, e que as cousas de Barem se poderiam fazer depois mais devagar. Outros foram de parecer, que se não dissimulasse por então com aquelle negocio, pela obrigação que ElRey de Portugal tinha de sustentar aquelle Rey em seu Reyno, como seu vassallo que era; e que o negocio de Barem muito melhor se faria estando elle naquella fortaleza, em que os Mouros tinham os olhos, e estavam tão atemorizados, que não haviam de bolir comsigo com o receio do castigo: e que se entendia daquelle Guazil, que se visse lá Armada, logo havia de entregar aquella fortaleza, e Reyno; o que depois não faria, antes cobraria animo com ver, que estando elle naquella Ilha, lhe dissimulava suas cousas, e que o negocio de Dio a todo o tempo se faria: Que o bom era segurarem quarenta mil pardaos de renda, que ElRey de Portugal tinha naquelle Reyno, porque não se podia deixar de descontar áquelle Rey aquelles quarenta mil pardaos que Barem lhe rendia, em quanto estivesse alevantado. Com este parecer se foi Nuno da Cunha, que logo despedio seu ir-

mão Simão da Cunha em hum navio de hum Jorge Gomes mercador, e D. Francisco Deça no Galeão de Manoel de Macedo, e D. Fernando Deça no seu, e Manoel de Albuquerque em outro que alli estava, e Lopo de Mesquita no Camorim pequeno, e Aleixos de Sousa em huma naveta, e Tristão de Taide, que com elle vinha do Reyno, em huma Fusta. E nestas embarcações hiam quasi quinhentos homens, os mais delles Fidalgos, e criados d'ElRey. Levava Simão da Cunha per regimento, que recolheuse a si Belchior de Sousa, que andava com seis navios de remo por Capitão mór dentro no estreito, dando guarda ás terradas, que vinham de Bassorá pera Ormuz. Era este Belchior de Sousa Tavares Alcaide mór que foi de Portalegre, e Assumar, a quem ElRey tirou aquellas Alcaidarias por hum agravo que delle teve, e lhe deo a renda do peixe de Aveiro, que então rendia pouco, e hoje importa muito, que anda em seus netos. E dando esta frota á véla entrada de Setembro, achando os ventos contrarios, andáram ás voltas alguns dias com muito trabalho, até lhes entrar tempo com que chegáram a Barem, salvo o Galeão de D. Francisco Deça, que por ser ruim de véla, não pode passar. Surtos em Barem, acháram alli já Belchior de Sousa Tavares

com

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

com a sua Armada , que tanto que soube do alevantamento daquelle Guazil , dando de mão a todos os negocios , partio de dentro do rio Eufrates , onde se ajunta com o Tygres , (que foram os primeiros navios nòssos que alli chegáram ,) onde estava esperando huma cafila , que havia de vir de Bagadá , que nós chamamos Babylonia , por aquelle rio abaixo : e foi-se deitar sobre aquelle porto , defendendo-lhe os mantimentos , e fazendo-lhe toda a guerra que pode : que deo relação a Simão da Cunha , (que levava poderes do Governador ,) do estado em que as cousas daquelle terra estavam. E foi de parecer que logo se desembarcasse , e se commettesse a fortaleza , porque a terra era muito doentia , e em poucos dias lhe havia de adoecer toda a gente , o que Simão da Cunha determinou de fazer logo , começando a pôr em ordem as cousas necessarias pera isso.

CAPITULO IV.

De como os nossos desembarcaram em Barem, e dos partidos que o Guazil mandou commetter, e de como lhe batêram a fortaleza, e das espantosas febres, que em todos os Portuguezes deram, e se embarcaram, e de como faleceo Simão da Cunha de nojo.

SURta a nossa Armada defronte de Barem, Rax Bardadim, posto que estava na fortaleza com muita gente de guarnição, artilheria, munições, e mantimentos, quasi que estava arrependido do que tinha feito; porque qualquer mal que succedesse aos Portuguezes, o havia de pagar Rax Xarrafo seu cunhado; pelo que mandou logo alevantar sobre hum baluarte huma grande bandeira branca em sinal de paz, que vista por Simão da Cunha, mandou a terra hum lingua a saber de Rax Bardadim o que queria; e elle lhe mandou dizer, que não se levantára senão pela prizão de seu cunhado, de que ElRey de Ormuz fora em consentimento, pois o deixára prender estando em sua casa; mas já que o Governador da India entrevinha naquelle negocio, e ElRey de Portugal o mandára fazer, que elle como servidor, e vassallo leal queria estar á

obc-

obediencia do Governador da India , que estava em seu lugar , e por tudo o que elle Capitão mór ordenasse : Que se queria aquella fortaleza , elle lha largaria livremente , e se iria com sua mulher , e familia para outra parte , deixando aquella Ilha livre , e desembargada a ElRey de Ormuz. Simão da Cunha vendo a justificação de Rax Bardadim , quizera logo concluir com aquella negocio , e acceitar a fortaleza , pois lha davam sem custo , nem trabalho. Mas os Capitães , e Fidalgos da Armada lhe contrariaram sua tenção , dizendo , que não era bem ficar aquella Moura sem castigo de suas culpas , e que ao menos lhe acceitassem a fortaleza , com se sahirem della com só suas pessoas , deixando suas fazendas nella , que isso foi o porque lhes pareceo mal ; porque a cubiça do sacco daquella fortaleza , (que cuidavam que era muito grosso ,) lhes não deixava entender bem o que se lhe offerencia na entrega della , sem lhe custar golpe de espada , nem experimentarem as febres peçonhentas daquella terra , que em breves dias fez tal estrago nelles , que escapáram poucos , (que estes foram os frutos , que colheram de sua cubiça .) Mas nem com tudo houvera Simão da Cunha de engeitar os partidos , se elles não disseram publicamente , que de modo o fazia. E dando-lhe a desconfian-

fiança, (coufa muito alheia de Capitão valeroso, e prudente, porque este he o inimigo mais forte, e poderoso, que todos os com que pelejam, de cujas mãos cada dia se vem fahir desbaratados, e perdidos.) Entendendo mui bem que hia contra sua obrigação, em se deixar entrar daquellas desconfianças, mandou dizer a Rax Bardadim aquillo que aquelles Capitães votáram: e dando-lhe a lingua o recado, como elle era homem valeroso, e que não mandára commetter aquelles partidos por medo, senão por segurar a vida de seu cunhado Rax Xarrafo; mandou logo arvorar junto da bandeira branca outra vermelha, (que era final de guerra,) e disse á lingua, que aquella era a resposta que lhe dava, e que escolhesse o Capitão mór daquellas duas bandeiras qual quizesse. Dada a resposta a Simão da Cunha, vendo a resolução de Bardadim, por lhe requererem todos os Capitães que accitasse guerra, e não estivesse em mais cumprimentos, começou a desembarcar a gente em terra sem haver resistencia. E pondo-se em lugar de bateria, mandou fabricar suas trincheiras, e vallos, e fazer suas cavas á roda, e poz algumas peças de artilheria nos lugares donde havia de bater a fortaleza, provendo as estancias de Capitães, e soldados, e começou a pôr as mãos á obra, e dar bateria tô-

dos

dos os dias. Rax Bardadin não bolio comigo até os primeiros tiros ; e vendo que o batiam , mandou tirar a bandeira branca , e deixar a vermelha , por mostrar aos nossos , que lhe dava pouco da guerra , e porém não tratou mais que de se defender , e reparar ; porque qualquer ruina que se fazia no muro , era logo tapada , e concertada tão depressa , que quasi se não enxergava. Os nossos continuáram a bateria , e como levavam pouca polvora , foi-se-lhes acabando , do que Simão da Cunha andava bem descontente , e agastado , pelo pouco que tinha feito , e em não accetar a fortaleza como lha davam. E logo despedio hum navio ligeiro com cartas a Nuno da Cunha , em que lhe dava conta do que era succedido , pedindo-lhe polvora , e munições. Este navio foi em poucos dias por lhe servir o tempo , e dando as cartas ao Governador Nuno da Cunha , que vendo as cousas como corrêram , ficou muito apaixonado dos Capitães , que foram causa daquella desordem : e logo tornou a despedir o navio com tudo o que lhe pediram , escrevendo a Simão da Cunha o erro que tinha feito , e pelo vento ser contrario foi muito devagar. Os nossos estavam esperando por elle sem fazerem cousa alguma , por não terem munições ; o que foi entendido dos Mouros da fortaleza , que de cima dos

muros todas as noites davam aos nossos grandes matracas, zombando, e escarnecendo, dizendo-lhes, que pois os não quizeram deixar ir a elles da fortaleza, que haviam alli todos de ficar. E assi foi, porque deram logo as febres nelles, (por ser chegada a monção dellas,) de que começaram a morrer muitos. Rax Bardadim mandou dizer a Simão da Cunha; que pela obrigação que tinha aos Portuguezes, lhe aconselhava, que se fosse logo daquella terra, porque era chegada a monção das febres, de que todos haviam de adoecer, e morrer; e que pôdia ser, que quando o quizesse fazer, não pudesse. Este conselho, que era mais de amigo, que de inimigo, não quiz Simão da Cunha accetar por então; e ainda com verem adoecer tantos, diziam os Capitães, (que fizeram fazer aquelle defatino a Simão da Cunha,) que aquelle recado era de homem que estava com medo, e que desejava de os ver fóra da Ilha; mas como o Mourro fallava verdade, e os aconselhava bem, víram logo que não era medo; porque carregáram as febres de feição, que quando chegou o navio de Ormuz, eram já mortos muitos, e todos os mais estavam enfermos sem se poderem levantar: do que Simão da Cunha andava enfadadissimo, e receava que sabendo-o Rax Bardadim, sahisse a dar nel-

nelles ; mas elle como entendia que as febres os haviam de consumir , deixou-se estar sem lhes querer fazer outro damno. Simão da Cunha mandou fazer outra estancia perto do mar , pera onde mandou passar os enfermos , porque os ares d'elle eram mais fadios , e foi continuando com a bateria tão fortemente , que lhe derrubou hum lanço do muro todo , por onde quizera commetter a fortaleza , mas não achou mais que trinta e cinco homens sãos , de que ficou tão anojado , e triste , que pondo os olhos no Ceo , levantando as mãos , disse : *Senhor , quão pouco vos custará dardes-me cem homens sãos* , (porque sem dúvida se os tivera entrára aquella fortaleza :) e vendo quão mal lhe tinha succedido tudo , não quiz acabar de se perder , e levou mão daquelle negocio , mandando embarcar os doentes , e artilheria , o que fez com muito trabalho , por não haver sãos mais que trinta e cinco homens , (como dissemos ,) que á força de braço , e com lhe arrebentarem as mãos em sangue , a embarcáram primeiro , e depois os doentes ; porque eram muitos , e por não poder ser menos lhe atavam cordas nos pés , com que os levavam arrastos até á borda da agua , onde os marinheiros os recolhiam nos bártéis. Foi este hum dos mais piedosos espectaculos , que se nunca víram , porque os

gemidos, gritos, suspiros, e mágoas, que diziam os tristes dos enfermos, vendo-se levar arrasto, faziam arrebentar em pezar, e lagrimas a todos os que os viam. Neste trabalho ajudáram aos nossos luus poucos de Mouros do Xequé de Angão, que sempre acompanhou Simão da Cunha, que depois de embarcado tudo, o fez elle por derradeiro com tanta dor, e mágoa daquella desventura, que parecia que queria morrer de paixão. Chegando a bordo da náó, foi o Mestre della a lhe dar a mão, e elle lhe disse: *Mestre, huma cousa vos aconselho, que quando houverdes de fazer alguma de vossa honra, não tomeis o parecer de ninguem, senão o vosso.* E dando á véla toda a Armada, foi seguindo sua jornada, lançando todos os dias ao mar quinze, ou dezoito homens, que morriam de febres. Simão da Cunha com sua paixão, e nojo se metteo na camara, sem querer fallar com pessoa alguma, aborrecido da vida, dando lastimosos ais, e suspiros; e assi se foi consumindo de tristeza de feição, que aos nove dias morreo, (sem ter febre, nem outra enfermidade alguma,) com grande dor, e sentimento de todos: e assi morrêram no seu navio setenta homens, ficando só dous, ou três sãos; e chegou o negocio a estado, que não podiam marear as vélas, e andava o Galeão

á

á vontade dos ventos: e sem dúvida se perdêram, se Deos Nosso Senhor não trouxera Fernão Alvares Sarnache, (que alli andava em hum Terrada,) que havendo vista da náó a foi demandar, e vendo-a tão destrocada, se metteo dentro nella com os seus marinheiros, e a foi mareando até Ormuz, onde surgio. Nuno da Cunha soube do desastrado fim daquella jornada, e morte do irmão, cousa que muito o cortou, e recolhendo-se muito anojado, e triste, mandou desembarcar seu corpo que hia na náó, pera lhe darem sepultura; e foi acompanhado d'El-Rey com dó, conforme a seu costume, e assi de todo o mais povo daquella fortaleza: e juntamente foi levado com elle em outra tumba o corpo de Francisco Gomes, filho do Bispo do Funchal, que era falecido do dia dantes. Os mais navios da Armada foram depois chegando huns diante dos outros tão destrocados, que quasi não tinham quem os governasse. E os que escapáram por então das febres, que não morrêram logo, duráram depois pouco; porque as febres de Barem onde chegam, tarde, ou cedo matam, e muitos poucos escapam: e juntamente com ellas se suspeitou, que foram os nossos ajudados mais depressa com peçonha, que lhes lançáram nas aguas. E por aqui se verá quantos erros nascem de hum só, principalmen-

te

te dos da guerra, que nunca tem emenda; porque não só succedeo deste tantas mortes, e desaventuras, mas ainda fez perder a Nuno da Cunha a monção de Agosto, em que lhe relevava passar á India. E por ser entrada de Outubro, deo expediente ás cousas daquelle Reyno, mandando entregar o Guazil a Manoel de Macedo pera o levar prezo pera o Reyno, que se embarcou com muitos criados, muita fazenda, grande, e rico serviço de sua casa, escrevendo o Governador a ElRey por Manoel de Macedo o successo de sua jornada até então, e mandando-lhe as devações que tirou de Rax Xarrafo. O cargo de Guazil deo a Xequexete, que o fora de Calaiate, e Mascate, pelos merecimentos de sua pessoa, e grandes serviços que tinha feito a ElRey de Portugal nos alevantamentos de Ormuz contra os nossos em tempo do Governador Diogo Lopes de Siqueira, defendendo todos os Portuguezes que estavam em Mascate, que ElRey de Ormuz mandava matar, dando com elles batallia a Rax Delamixa, irmão de Rax Xarrafo, (que áquelle negocio foi,) onde o matou, e desbaratou os Mouros de Ormuz, sendo de sua propria lei, e nação, por guardar lealdade, e fidelidade aos Portuguezes, que estavam debaixo de sua protecção: feito certo notavel, e digno de ser en-

engrandecido , e louvado em toda a escriptura , mas mal satisfeito depois a seus filhos , como em seu lugar diremos. Nuno da Cunha passou a Xequé Raxete carta do cargo de Guazil de Ormuz em nome d'ElRey de Portugal ; e porque em huma devaça que mandou tirar sobre a morte de Rax Hamede , (de que atrás démos conta ,) achou culpado ElRey de Ormuz , o condemnou em quarenta mil pardaos mais de pareas , com que ficáram cem mil com os sessenta , que dantes era obrigado a pagar , e deixou Provisão ao Capitão da fortaleza Christovão de Mendoça , feita em 27 de Agosto deste anno de 1529 , em que lhe mandava , que no rendimento daquella Alfandega se entregasse de toda a quantia acima declarada. Esta he a razão destas pareas , e não a que dá Fernão Lopes de Castanheda no seu setimo Livro , onde diz , que Nuno da Cunha lhe accrescentou mais a ElRey de Ormuz quarenta mil pardaos de pareas , por lhe tornar á sua obediencia a Ilha de Barem , o que elle não fez : e nós temos em nosso poder na Torre do Tombo o traslado desta Provisão , e contratos. E porque Belchior de Sousa Capitão mór do Estreito tinha servido muito bem , e o Governador pelas partes que tinha se lhe affeioou , lhe deixou huma Provisão em segredo , em que lhe mandava ,

que

que falecendo o Capitão de Ormuz, lhe succedesse elle naquella fortaleza: e despedindo-se d'ElRey, e Capitão, se embarcou, indo em sua companhia os Galeões de Dom Fernando de Lima, e de D. Francisco Deça, e de Francisco de Mendoga, e o navio de Jorge Gomes. E passando por Mascate, tomou, e levou consigo os mais navios que alli invernaram; e dos doentes que alli ficaram faleceram muitos, e com toda a Armada junta foi na volta da India. Levava consigo o corpo de seu irmão Simão da Cunha pera o enterrar em Goa, onde lhe fez huma Capella dentro na Sé. Foi este Fidalgo Trinchante d'ElRey D. João, e Comendador de Sampaio, e de Torres Vedras: foi casado com D. Isabel de Menezes, filha de Rui Gomes da Grã, Governador da Casa da Excellente Senhora a Rainha D. Joanna, de quem houve estes filhos: Tristão da Cunha da Grã, e Rui Gomes da Cunha, e D. Antonia de Menezes, que casou com Diogo Lopes de Sousa Governador de Lisboa.

CAPITULO V.

Do que D. Jorge de Menezes Capitão de Maluco passou com Fernão de la Torre : e da vitoria que D. Jorge de Castro houve de huma Armada de Geilolo.

PRimeiro que entremos nas cousas deste Verão, será razão que demos conta das que succedêram em Maluco este passado, porque daqui por diante seguiremos esta ordem, que será no tempo do Inverno darmos razão dellas, pelas não misturarmos com as outras, nem as contar por pedaços.

Deixámos as cousas de Maluco em nossos Portuguezes, e os Castelhanos ficarem em guerra declarada, e assi todo este tempo até agora passáram fazendo algumas vezes treguas, que se concediam de parte a parte cada vez que se pediam, porque não fazia mais o que queria paz, que alevantar huma bandeira branca, e logo conversavam, communicavam, e se visitavam: e como se enfadavam, tiravam a bandeira, e tornavam-se a recolher. Mas de todas as vezes que se communicavam, sendo Fernão de la Torre hospede de D. Jorge, e D. Jorge seu, nunca elle lhe quiz dar os Portuguezes, que tinha em seu poder, pedindo-lhos elle muitas vezes. Estando as cousas neste estado,

humanoite quasi no fim do quarto da Prima, foram ter á nossa fortaleza dous Castelhanos, que foram tomados pelas vigias em tempo que estavam de tregoa quebradas, e foram levados a D. Jorge, que os mandou prender pelos haver pôr de máo titulo, por não levarem carta, nem recado do seu Capitão. Sabido este negocio por Fernão de la Torre, mandou hum embaixada a D. Jorge com tamanho apparato, como se fora de hum grande Principe, no que se vio que era homem muito vão; porque o Embaixador hia ricamente vestido, e acompanhado de muitos, e diante delle porteiros, farautes, e hum Rey de armas desbarretado: e assentados lhe deo sua embaixada, cuja substancia era espantar-se muito de lhe prender os seus homens, sendo tão costumado entre elles, e os Portuguezes irem folgar huns com outros: que lhe pedia por mercê lhos mandasse soltar, porque elle tambem o saberia servir. D. Jorge ouviu a embaixada muito grave, e disse que logo lhe responderia, e o mandou agazalhar, fazendo-lhe muitas honras, e o entreteve dez, ou doze dias sem lhe responder, mandando-lhe todos os mimos, e iguarias; e hum dia lhe mandou hum pastel, em que hiam hum cão pequeno, e hum gato vivos: e o recado era, que pois aquelles dous animaes sendo

tão contrarios de sua natureza , cabiam em hum tão pequeno lugar tão pacificos ; porque o não estavam alli os Castelhanos com os Portuguezes , havendo pera isso tanta razão , assi por serem Christãos , e estarem entre infieis , como por serem vassallos de dous Principes tão liados em parentesco , e amizade ? O Embaixador abrindo o pastel , vendo o cão , e gato , lhe mandou perguntar , por qual daquelles dous animaes entendia os Castelhanos ? D. Jorge lhe mandou dizer , que pelo gato , que até agora arranhára , mas que o cão havia de morder dalli em diante. O Embaixador dissimulou , e apertou pela resposta , que lhe D. Jorge deo , desenganando-o , que lhe não havia de dar os Castelhanos , senão depois que lhe dêsse os Portuguezes. Despedido o Embaixador , ficou Fernão de la Torre mui affrontado do desprezo com que D. Jorge tratára a sua embaixada. Pouco depois disto chegou D. Jorge de Castro , que vinha de Malaca com soccorro de gente , roupas , e munições , que hia em hum Junco , e em sua companhia Jorge de Brito por Capitão de huma Fusta. Foi este soccorro muito festejado , e temido dos Castelhanos , que já não ousavam de fallar. E porque soube D. Jorge de Menezes , que na costa de Moro andava huma Armada daquelle Rey de Geilolo , fazendo guerra nas

terras, e portos d'ElRey de Ternate nosso amigo, mandou negociar as Corocoras, que pedio a Cachil Daroes, e na Fusta que veio da India, em que mandou D. Jorge de Castro com sincoenta homens, e a gente d'ElRey: e encontrando-se a nossa Armada com a do inimigo, a investio, travando-se humia muito aspera batalha de parte a parte, em que D. Jorge mostrou bem seu esforço, e conselho, e por fim do negocio ficaram os inimigos destrocados, e desbaratados, com morte de muitos, e perda de algumas Corocoras que lhes tomáram, e as que escapáram foram bem destrocadas. Com esta victoria, (que quebrantou bem aquelle Rey,) se recolheo D. Jorge pera Ternate, onde foi mui bem recebido. Gonçalo Gomes de Azevedo, e Lionel de Lima tratáram de se ir pera Malaca, querendo levar consigo alguns homens, a que D. Jorge de Menezes acudio, e os tomou com muito trabalho, e com lhes dar do seu dinheiro pera os contentar, e elles se foram com alguns criados seus. E porque receava o Capitão D. Jorge, que os Castelhanos tivessem cedo soccorro da nova Hespanha, e os provimentos que lhes vieram, que se fossem gastando, despedio D. Jorge de Castro no Junco pera ir a Banda esperar quaesquer navios de Portuguezes, que ahi fossem ter, ou d'ElRey, ou de

par-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

partes, e lhes tomasse os provimentos, que lhes achasse, comprados, ou a partido, e que a todos os Portuguezes que alli achasse requeresse da parte d'ElRey, que fossem foccorrer aquella fortaleza, e lhes tomasse os nomes a todos, e que não querendo vir, os mandasse ao Capitão de Malaca, e ao Governador pera os castigar. D. Jorge deo á véla pera aquella Ilha, e de sua jornada a diante daremos razão.

C A P I T U L O VI.

Da Armada, que este anno de vinte e nove partio do Reyno: e de como Lopo Vaz de Sampaio se embarcou pera Cochim, e Nuno da Cunha chegou a Goa, e partio logo pera Cochim: e de como prendeo Lopo Vaz de Sampaio em ferros.

COm as novas que Lopo Vaz teve do Governador Nuno da Cunha, mandou dar muita pressa a toda a Armada, pera a achar no mar quando viesse, como lho pedia na sua carta, mandando recolher muitos mantimentos, e fazer muita polvora, e todos os mais petrechos de guerra; e tudo tanto a ponto, que quando foi por fim de Agosto, estava no mar a mais poderosa Armada, que Rey Christão tinha, como adiante diremos. E deo expediente a muitas cou-

fas,

fas, e fez despachar pera fóra pera os Reynos do Decan, e Canará dous mil cavallos, dos que estavam em Goa, de que vieram a ElRey oitenta mil pagodes, porque pagava cada hum quarenta de direitos, que traziam Mouros, e outros mercadores dos portos da Arabia, e da Persia: á entrada de Goa são francos, e libertos, mas ao sahir pera fóra pagam aquelles direitos. He esta cousa de cavallos de tanta liberdade, que a não que trazer de dez, ou doze pera cima, não paga direitos de todas as mais fazendas que traz, por muitas, e por mui grossas que sejam. Este costume, e liberdade ficou do tempo dos Mouros. E tendo Lopo Vaz de Sampaio tudo muito prestes, chegaram á barra de Goa, dia de S. Bartholomeu pela manhã, quatro náos, de que era Capitão mór Diogo da Silveira, que vinha provido da fortaleza de Ormuz. Os mais Capitães eram Rui Gomes da Grá, Rui Mendes de Mesquita, Henrique Moniz Barreto, que faleceo no mar, e trazia consigo dous filhos meninos Aires Moniz, e Antonio Moniz Barreto, que depois foi Governador da India. Teve esta Armada tão boa viagem, que de quinhentos homens que trazia, só Henrique Moniz faleceo, e todos os mais vinham tão sãos, e bem dispostos, que parecia que havia quinze dias, que partíram do

do Reyno. Lopo Vaz de Sampaio recebeu mui bem Diogo da Silveira. Pouco depois disto chegou hum Embaixador de Melique Saca, Senhor que foi de Dio, (de que em principio desta Decada démos razão, Capitulo sete, Livro primeiro, que tinha fugido pera Jaquete,) que vinha muito bem acompanhado: o Governador o recebeu mui bem, e lhe ouviu sua embaixada, cujo theor era, que se quizesse ir tomar Dio, que elle se offerecia ao acompanhar por mar, e seu cunhado por terra com quinze mil de cavallo. Lopo Vaz de Sampaio lhe disse, que esperava por Governador novo, e que em seu nome accitava a offerta, mandando-lhe dar casa, e todas as cousas necessarias, tendo guardado aquelle alvitre pera Nuno da Cunha; e porque por horas esperava por elle, não se quiz metter em cousa alguma. E todavia vendo que tardava, despedio as náos pera Cochim pera tomarem a carga, e esperou até á entrada de Novembro, e vendo que não vinha, foi-lhe necessario embarcar-se pera Cochim, alli pera dar aviamento á carga, como pera se negociar pera se embarcar pera o Reyno. E alli entregou toda a Armada com o Embaixador do Melique Saca ao Capitão da Cidade, a quem deixou cartas pera Nuno da Cunha, em que lhe dava conta de suas cousas, e lhe deixou

hum

hum rol da Armada , mantimentos , munições , e artilheria , que na India lhe ficava , de que tirou certidões dos Officiaes ; e assi se embarcou em hum só Galeão , deixando toda a Armada negociada de verga de alto , deixando-se retratado na casa em que estavam os mais Governadores em paineis do seu tamanho : onde com mais razão se püdera pôr o retrato de Pero Mascarenhas , que foi o verdadeiro Governador da India , como todos ; mas descuidos Portuguezes lhe roubáram esta honra , posto que muito bem se póde dizer o que disse Catão quando viu tantas estatuas no Senado , não estando elle entre ellas , (*que mais queria que perguntassem , porque não tinha alli Catão estatua , que não porque puzeram alli estatua a Catão?*) Havendo poucos dias que era partido , chegou á barra de Goa o Governador Nuno da Cunha , que logo desembarcou , fazendo-lhe a Cidade hum muito grande recebimento ; e começou de dar aviamento á muitas cousas de pressa , porque lhe era necessario chegar a Cochim. E como achou a Armada no mar a ponto , despedio logo Antonio da Silveira com sincoenta e tres Fustas , de cujos Capitães não achámos os nomes , em que hiam novecentos soldados , mandando-lhe que fosse pelas costas do Reyno de Cambaya , e que fizesse toda a guerra

ra que pudesse. E em sua companhia despedio huma Galé, em que mandou embarcar o Embaixador de Melique Saca, a quem fez muitas honras, e deo muitas peças, assi pera elle, como pera Melique Saca, a quem escreveo, e pedio que se viesse ver com elle a Goa naquella Galé pera tratarem sobre os negocios de Dio. Esta Galé foi em poucos dias a Jaquete, e desembarcando o Capitão della com o Embaixador, vio-se com o Melique, e lhe deo a carta do Governador, e recado que levava tambem de palavra, dizendo-lhe, que levava aquella Galé muito bem negociada pera elle se ir ver com o Governador. Respondeo-lhe o Melique, que se fosse elle embora, porque não queria que lhe fizessem como a ElRey Xarrafo, (porque já sabia que o levavam prezado pera o Reyno.) O Governador despedio mais Eitor da Silveira com quatro Galeões, duas Caravelas, e quatro Fustas pera ir ao estreito do Mar Roxo, e nisto gastou oito dias, e no cabo delles se embarcou, levando consigo os navios que lhe parecêram necessarios; e na costa do Malavar deixou Diogo da Silveira por Capitão mór com duas Galeotas, huma Caravela, e seis Fustas, e de todos os Capitães destas tres Armadas não achámos os nomes, buscando-os nós nos livros dos provimentos dellas, que são todos

estra-

estragados de andarem aos tombos pelas casas dos Escrivães da Fazenda. O Governador Nuno da Cunha chegando a Cananor, furgio naquella barra, onde foi logo visitado de D. João Deça Capitão daquella fortaleza, e da parte de Lopo Vaz de Sampaio, que ainda alli estava, mandando-lhe pedir desembarcasse em terra, e que lá lhe entregaria a India. Nuno da Cunha se lhe mandou desculpar, que a pressa que levava lhe não dava vagar, que lhe pedia muito se visse com elle no mar, porque tinha que fallar com elle cousas do serviço d'ElRey. Lopo Vaz se embarcou logo em hum navio de remo com Simão de Mello, Gaspar de Mello, e outros Fidalgos seus parentes, e amigos, e foi-se ao Galeão, onde Nuno da Cunha o recebeo bem, e alli presentes todos lhe entregou a India, de que tirou sua Certidão. E depois de lhe dar razão dos negocios todos, se despedio d'elle, e se foi embarcar: e estando já a bordo chegou Simão Ferreira, que o Governador trazia pera Secretario do Estado, e lhe notificou da parte do Governador, que se embarcasse logo pera Cochim em sua conserva. Lopo Vaz ficou tomado do recado, por lhe não dar vagar a sahir do seu Galeão, e lhe mandou dizer, que o faria: e dalli se foi metter no seu Galeão, sem querer ir a terra. O Governador

nador mandou logo lançar pregões na fortaleza com trombetas , que toda a pessoa , que quizesse accusar , ou demandar Lopo Vaz de Sampaio por alguma cousa , fosse a Cochim , que lá se lhe faria justiça. Isto sentio tanto Lopo Vaz , que se lhe mandou queixar , e dizer , que aquillo não eram pregões , senão diffamações : que quem tivesse delle queixas , não tinha necessidade de o esperarrem com trombetas pera requerer sua justiça. Fazendo-se á véla chegaram a Cochim , onde Nuno da Cunha mandou pelo Ouvidor geral tomar a menagem a Lopo Vaz , e escrever toda sua fazenda , avalialla , e depositalla em mãos de pessoas abonadas pera a levarem pera o Reyno : o que tudo soffreo Lopo Vaz com muita discrição , e animo , e disse ao Ouvidor geral quando o prendeo : *Dizei ao Governador , que eu prendi , e elle me prende , lá virá quem o prenda a elle* ; e assi houvera de ser , senão falecêra no mar indo pera o Reyno ; porque nas Ilhas o esperavam com grillhões , como em seu lugar diremos. Feito isto , mandou-lhe Nuno da Cunha notificar , que se embarcasse na náó Castello , que havia de ser a derradeira de carga ; mandando-lhe elle pedir que fosse antes na náó S. Roque , que partia primeiro , o que elle não quiz conceder : e assi se embarcou muito infamemente , e com pou-

cos gazalhados , não deixando embarcar com elle mais que dous criados pera o servirem , e dando-lhe de sua fazenda aquillo , que moderadamente lhe podia bastar , e a dez de Janeiro se fez á véla , sendo a sua náó a derradeira. Nas Ilhas Terceiras achou hum navio com hum Corregedor , que lhe lançou huns bem grandes grillhões nos pés , e o levou ao Reyno , e foi desembarcado em cima de huma azemala , e levado á vergonha pelo Terreiro do Paço até o Castello , onde foi prezo em companhia de Rax Xarrafo Guazil de Ormuz , que Manoel de Macedo levou. Alli esteve dous annos muito avexado , e mal tratado ; e porque os merecimentos , sangue , e culpas , que puzeram a este Fidalgo , se vem na falla que elle fez a El-Rey , nos pareceo bem polla aqui , porque he substancial , e hum summario das cousas de seu tempo. E porque he muito grande , e relata os serviços que na India fez em quanto foi Governador , muito particularmente os deixaremos , porque ficam contados nesta Decada , sómente diremos todas as mais cousas. E posto que este Capitulo seja muito grande , não póde ser menos , nem o podemos escusar por ser notavel ; porque não sabemos se ha hoje esta falla mais que em nosso poder , pelo estrago que o tempo tem feito em todas as antiguidades. Mas pera

allivio dos leitores o faremos por *Itens*, como pouços em que se descance.

CAPITULO VII.

Que contém a falla que Lopo Vaz de Sampaio fez a ElRey D. João em Relação.

DEpois de Lopo Vaz estar prezo no Castello dous annos, e o Procurador d'ElRey vir com libello contra elle, e elle com sua defeza, que lhe não recebêram; mandando ElRey que se procedesse contra elle rigorosamente, e que lhe tirassem suas devanças, alcançou por via do Duque de Bragança, que o pedio de mercê a ElRey, que o ouvisse em Relação, aonde se apresentou como réo, estando ElRey em meza com todos os Desembargadores; e posto em pé lhe fez esta falla:

» Muito alto, e muito poderoso Senhor.
 » Por certo que eu hei esta por huma das
 » móres affrontas que tenho passadas, haver
 » de defender com a lingua, o que tenho
 » ganhado pela lança com tanto trabalho;
 » e porque a lingua eu a tenho pouco exercitada, e não sei como me ajudará neste
 » feito, encommendar-me-hei ás verdades de
 » que sempre usei. A principal razão por que
 » Nosso Senhor o ungiu em Rey foi pera fazer
 » zer justiça, e dar a cada hum o seu, e julgar

» gar com muita clemencia , e animo pie-
 » doso seus subditos ; e com zelo , e amor
 » de Deos os castigar , ou absolver de seus
 » erros. E se isto assi he , quanto mór obri-
 » gação terá de pagar serviços , e mereci-
 » mentos como os meus ?

» Pelo que , muito excellente Principe ,
 » lhe peço que lance de si todo o odio , e
 » rancor , e tudo o que mais póde damnar
 » sua limpa tenção pera me ouvir , e julgar ;
 » porque fazendo-o assi , usará do Sceptro
 » como Deos o manda , e eu serei certo de
 » justa sentença : e os que mal informáram
 » V. A. Deos haverá por bem que não fi-
 » quem sem castigo.

» Agora quero dizer a V. A. os mere-
 » cimentos de meu pai , e avós , inda que
 » não sejam todos. Meu pai foi Diogo de
 » Sampaio senhor de Anciães , Villarinhos ,
 » da Castanheira , e Linhares , e de dous mil
 » vassallos : servio nas guerras de Castella
 » com quatorze escudeiros , e quarenta ho-
 » mens de pé. Na batalha de Toro foi der-
 » ribado , e ferido de feridas mortaes : e jou-
 » ve aquella noite no campo , onde pela ma-
 » nhã o acháram meio morto : e disto será
 » sabedor Fernão Vaz de Sampaio , e não
 » allego mais testemunhas , porque as não ha
 » daquelle tempo. Foi na tomada de Arzi-
 » la com cento e oitenta homens em duas

» Caravelas á sua custa, onde foi feito Ca-
 » valleiro por mão d'ElRey D. Affonso o
 » Quinto. Meu avô era Rui Lopes de Sam-
 » paio, e minha avó Costança Pereira era
 » sobrinha do Conde D. Nuno Alvares Pe-
 » reira, filha de seu irmão; e não nomeio
 » mais de minha linhagem, porque bem sa-
 » bida está quão antiga he neste Reyno.
 » Meus avôs em tempo d'ElRey D. João de
 » boa memoria, tomáram dez Villas aos
 » Castelhanos por força d'armas com seus pa-
 » rentes, e amigos, que entregáram, e obe-
 » decêram com ellas ao dito Senhor, e tem-
 » nas hoje seus descendentes, isto he, Fernão
 » Vaz de Sampaio seis, Rui Lopes de Sam-
 » paio tres: a huma se perdeu não por trai-
 » ção, (que nunca em minha linhagem a
 » houve,) mas por outras differenças. Mi-
 » nha mãe foi D. Briolanja de Mello filha
 » de João de Mello de Serpa, e de Dona
 » Beatriz da Silveira filha de Fernão da Sil-
 » veira Regedor, e Coudel mór. Este João
 » de Mello meu avô foi filho de Garcia
 » de Mello de Serpa Alcaide mór daquel-
 » la Villa. De seus honrados filhos não fal-
 » lo, porque notorio está, nunca Principe
 » no Reyno ajuntou gente pera guerras, e
 » Armadas, em que os Mellos não fossem
 » dos principaes Capitães, e Cavalleiros. E
 » no tempo d'ElRey D. João o Primeiro,

» nomeado foi o grão Martim Affonso de
» Mello, de quem todos vimos.

» Eu, Senhor, passada minha mocida-
» de, e que fui pera tomar armas, logo me
» lancei a esse uso militar, em que ElRey
» vosso Pai, que santa gloria haja, continua-
» mente me occupava. Depois de andar em
» muitas Armadas, de que aqui não fallo,
» fui com o Conde Prior na Armada de Tur-
» quia, e sahi em Masarquebir, e fui dos
» derradeiros que me recolhi. Conto isto,
» porque naquella recolhida houve muita def-
» ordem, affogando-se, e perdendo-se mui-
» ta gente, e eu fui dos derradeiros, que
» me fui recolhendo com bom tento, e re-
» cado, como dissera Ruy Barreto, se vivo
» fora, com quem me recolhi; e chegando
» a Corfú, andando passeando pela Cidade,
» se ateou huma briga, por se alevantarem
» todos contra os Portuguezes, em que ma-
» táram setenta, ou oitenta: nesta revolta
» me recolhi a huma casa com quatro ho-
» mens, que foi combatida de muita gen-
» te, de que nos defendemos com muito tra-
» balho, e perigo de nossas vidas.

» Tornando a Portugal, mandou-me El-
» Rey com o mesmo Conde Prior a Tan-
» gere, aonde servi dous annos; e fazendo
» o Conde huma entrada em Alcacere Que-
» bir, fui eu dos corredores, e por Fran-
» cisco.

Couto. Tom. I. P. II.

D

» cis-

» cisco Pereira Pestana , eu , e outros nos a-
 » charmos diante , chegando ás portas de Al-
 » cacere Quebir , fomos atalhados de oiten-
 » ta Mouros de cavallo , de que nos defen-
 » demos , matando-nos hum dos companhei-
 » ros , e a Francisco Pereira o cavallo , com
 » lhe darem duas feridas , e a mim outras
 » duas , e com me matarem tambem o meu.
 » Dalli me vim a Portugal , donde me El-
 » Rey logo mandou a Alcacere Seguer com
 » D. Rodrigo de Souza , onde estive tres an-
 » nos por me mandar ElRey que não me
 » viesse de lá , escrevendo-mo , e encommen-
 » dando-mo cada anno. E na entrada que
 » D. Rodrigo fez em Gualdião , fui eu por
 » Capitão dos Corredores , e me achei ao
 » pé de huma ferra com quatro Mouros de
 » pé : matei hum , e os tres o fizeram ao
 » meu cavallo , e feríram-me duas feridas
 » mui grandes , e deram-me huma pedrada
 » em hum pé de que o houvera de perder ;
 » e disto são testemunhas o mesmo D. Ro-
 » drigo , e D. Antonio seu irmão.

» Passados tres annos vim á Corte , e
 » tornou-me ElRey a mandar a Alcacere , on-
 » de estive quatro annos , e tres delles fer-
 » vi de Capitão por mandado d'ElRey ; e
 » na entrada que fez D. Rodrigo , em que
 » se encontrou com Almadarim Alcaide de
 » Tutuão , e por levar pouca gente , e tor-

» dos os nossos virem espalhados , começá-
 » ram a fugir , e indo nesta desordem , dif-
 » se a D. Rodrigo , que fizéssemos volta ,
 » e morrêssemos com os rostos nos Mouros ,
 » e não pelos pescoços como patos. Voltou
 » D. Rodrigo , e foi tão proveitoso isto ,
 » que logo os Mouros affrouxáram , e nos
 » deixáram : e por certo que se a volta não
 » fora , todos nos perderamos , e Alcacere
 » corria risco.

» Dalli me fui a Tangere , onde estive ou-
 » tros dous annos , em que ElRey de Fez
 » cercou aquella Cidade : neste cerco poz
 » D. Duarte de Menezes Capitão suas estan-
 » cias , em que me não occupou , deixan-
 » do-me de fóra pera acudir aonde houves-
 » se necessidade. Os Mouros pegáram logo
 » com o cubello do Bispo , que foi mina-
 » do sem lho poderem estorvar : a esta ne-
 » cessidade me mandou D. Duarte , e me met-
 » ti no cubello com setenta homens , e os
 » Mouros nos combatêram tão rijo , que nos
 » derribáram hum lançaço do cubello , por on-
 » de começaram de entrar : deitamo-los fó-
 » ra com morte de muitos , e grande risco
 » de minha vida ; e foi tanta a pressa que
 » nos deram , que de setenta e tantos ho-
 » mens , que eramos , ficámos sinco , e destes
 » o mais são era eu , que fiquei com huma
 » espingardada por hum braço , e huma se-

» tada na cabeça , e muitas infindas pedra-
 » das , e os que comigo esperáram , foram
 » estes , Digo de Mello Mestre sala da Im-
 » peratriz , Soto-maior Gallego de Tange-
 » re , Martim Lopes de Azevedo , e André
 » Pires Escrivão dos Cativos. E assi ferido
 » estive no muro sem nunca me ir á poufa-
 » da , alli me curáram , e fiquei até os Mou-
 » ros alevantarem o cerco. E além dos que
 » nomeei , será boa testemunha Luiz da Sil-
 » veira , que nos vio neste auto.

» A Tangere me mandou ElRey cha-
 » mar pera me mandar á India , dizendo-
 » me , que tinha lá necessidade de minha pes-
 » soa , o que logo acceitei , e fui sem par-
 » tido algum , nem ordenado , (que elle de-
 » pois me mandou lá , sabendo o como o
 » eu servia.) Chegando a Goa achei Benaf-
 » tarim tomado de Mouros , e Goa cerca-
 » da ; e acudindo Affonso de Albuquerque
 » pera ir buscar os Mouros a Benastarim ,
 » sahíram elles para lhes dar batalha , e não
 » a refusando o Governador , ordenou tres
 » esquadrões de toda sua gente , e indo-os
 » demandar houveram seu conselho , e tor-
 » náram-se a recolher á fortaleza. Affonso
 » de Albuquerque me mandou com a gente
 » da sua batalha que me mettesse na en-
 » volta dos Mouros , e visse se podia de
 » mistura com elles entrar na fortaleza , o

» que eu fiz adiantando-me só , tanto que
 » cheguei á porta. E quando o primeiro dos
 » nossos chegou a mim , tinha eu já seis fe-
 » ridas ; e alli me lançáram muitas panellas
 » de polvora , e outros materiaes de fogo ,
 » com que me queimáram estas barbas , e
 » estas pernas , e o meu guião , e assi feri-
 » do me recolhi com os derradeiros ; e cer-
 » to que isto que fiz foi causa de se aquel-
 » la fortaleza render tão cedo. Disto he boa
 » testemunha D. Garcia de Noronha , e Fran-
 » cisco Pereira Pestana , e Jorge de Albo-
 »querque , que se alli acháram.

» Fui a Adem com Affonso de Albo-
 »querque , e subindo áquella fortaleza por
 » huma escada , me derribáram com hum
 » canto que me deo antre ambos os olhos ,
 » de que ainda hoje me sinto muitas vezes ,
 » a fóra outras pedradas que em baixo me
 » deram , de que estive á morte. Testemu-
 » nhas D. Garcia de Noronha , D. João de
 » Lima , e Antonio Ferreira.

» Entrando o Estreito , deo Affonso de
 » Albuquerque com o seu navio em secco :
 » mandei surgir a minha náó o mais per-
 » to que pude delle , contra vontade dos
 » mais Officiaes , e no batel foi a sua náó que
 » me elle entregou , pedindo-me que o soc-
 » corresse se pudesse , que elle se hia para
 » a Armada , porque o tinhão por morto ,

» o que eu fiz com muita diligencia, e tra-
 » balho, pelos mares serem grandes, lan-
 » çando ancoras, levando outras, indo eu
 » sempre na prôa do batel, porque os ma-
 » rinheiros não queriam trabalhar, e com
 » huma espada na mão lho fiz fazer. Alli
 » fui mergulhado dos mares, e bebi muitas
 » vezes agua salgada, e aprouve a Deos que
 » salvei a não com toda a gente, e muni-
 » ções, e hiam nella quatrocentos homens.
 » Disto será boa testemunha D. Garcia de
 » Noronha, e Antonio Ferreira.

» Invernámos em Camaráo com muito
 » risco, trabalho, e fome, e nos morreram
 » setecentos homens. Dalli nos tornámos pe-
 » ra a India, e deixou-me o Governador na
 » costa de Cambaya, onde tomei huma não,
 » de que veio á vossa fazenda oitenta mil
 » cruzados, e outra carregada de marfim,
 » e de outras fazendas, que montou quin-
 » ze mil. E sabendo que em Dabul estavam
 » outras duas carregadas de especiarias pe-
 » ra irem a Adem, fui lá, e as pedi ao Ca-
 » pitão da terra, e pelos bons modos que
 » tive mas entregou com toda a carga, e
 » artilheria, e tinham dentro em si sete mil
 » quintaes de gengivre, que logo esse anno
 » veio para o Reyno, e ás náos puz-lhe o
 » fogo. E assi naquelle verão fiz serviço
 » V. A. em que lhe dei cem mil pardaos de

» proveito: Testemunha disto D. Garcia de
 » Noronha, e Antonio Ferreira.

» O outro verão foi Affonso de Albo-
 » querque a Ormuz, e determinando de ma-
 » tar Rax Hamed Mouro, que estava alevan-
 » tado com aquelle Reyno, e ordenando de
 » se ver com elle com certos Capitães, es-
 » colheu Affonso de Albuquerque dous, a
 » Pero de Albuquerque, e a mim, a quem
 » encarregou que o mataassemos. E chegan-
 » do o Mouro a Affonso de Albuquerque,
 » o tomei por hum braço, e lhe dei huma
 » punhalada pelo coração, e desta, e dou-
 » tras que lhe logo deram foi morto: e com
 » isto ficou ElRey vosso Pai senhor daquel-
 » le Reyno sem contradição, onde fizemos
 » a fortaleza, andando todos com as padio-
 » las ás costas, e o dia que folgavamos es-
 » tavamos armados: Testemunhas disto, os
 » mesmos acima. Dalli nos fomos á India;
 » e sendo ElRey que Deos haja sabedor de
 » meus bons serviços, me mandou Ormuz,
 » ou Ceilão, qual eu quizesse, o que não
 » houve effeito por ser eu no Reyno, por-
 » que parti de lá no anno que Lopo Soa-
 » res foi á India. No Reyno fui bem rece-
 » bido d'ElRey, e me fez mercê de huma
 » Commenda, e me mandou pagar tudo o
 » que me era devido na Casa da India, di-
 » zendo-me, que me não satisfazia meus ser-

» vi-

56 ASIA DE DIOGO DE COUTO

» viços, e que me faria ainda mercê como
 » veria. Depois em Almeirim me commet-
 » teo, que fosse á China por Capitão de seis
 » náos, e que da vinda ficasse em Malaca
 » por Capitão tres annos, e por adoecer não
 » houve effeito.

» Depois me mandou chamar a Evora,
 » e me disse, que determinava mandar duas
 » mil lanças a Africa, e por Capitão dellas
 » Ruy Barreto, repartidas em quatro partes,
 » quinhentas em cada huma, commettendo
 » me com huma dellas, e a Jorge Barreto,
 » e a D. Rodrigo de Castro com as outras,
 » o que não houve effeito pelos annos se-
 » rem esteriles. E sempre este Rey mostrou
 » muitos desejos de me satisfazer meus ser-
 » viços, de me honrar, e accrescentar; mas
 » quiz Deos, e meus peccados, que fale-
 » ceo, e se perdeu todo o meu bem, e ef-
 » peranças. E por V. A. não ter noticia dif-
 » to em começo do seu reinado, me man-
 » dou prender na cova, por fahir a estre-
 » mar hum arroido, (o que todos somos
 » obrigados a acudir por Lei deste Reyno,
 » sob graves penas, a qualquer que não acu-
 » dir a quem pedir vosso soccorro, bradan-
 » do á *que d'ElRey*,) no que bem se vio
 » não ser V. A. sabedor de quem eu era,
 » nem de meus serviços, e trabalhos passa-
 » dos: pelo que determinci de me tornar

» pera a India a servir de novo a V. A.
 » porque se arrependesse do que me tinha
 » feito, pelos bons serviços que lhe espera-
 » va fazer, como depois fiz.

» Fui á India por Capitão de Cochim,
 » onde estive hum anno: os serviços que al-
 » li fiz V. A. os sabe, pois me escreveu car-
 » tas de agradecimento. E falecendo naquel-
 » la Cidade o Conde Almirante, á hora de
 » sua morte me escolheo por Governador
 » até se abrirem as successões; e os serviços
 » que logo fiz são estes. Despachei as náos
 » do Reyno, em que estava o Governador
 » D. Duarte de Menezes bem devagar, e
 » as náos que eram cinco bem desbarata-
 » das. Despachei hum Armada, que foi em
 » busca de D. Henrique de Menezes, que
 » succedeo na governança, por naquelle tem-
 » po estar em Goa, e mandei a isso quator-
 » ze vélas. Pera o Cabo de Guardafú tam-
 » bem despachei Antonio de Miranda com
 » outra Armada de sete vélas, e fez lá pre-
 » zas de trinta mil pardaos. Fiz outra Ar-
 » mada pera as Ilhas de Maldiva de seis vé-
 » las pera esperarem as náos de Meca. Fiz
 » outra pera Melinde de hum Galeão, e dous
 » navios, e despachei quatro náos pera Or-
 » muz: o que tudo fiz de dia de Natal até
 » vinte de Janeiro.

» Por falecimento do Governador Dom
 » Hen-

» Henrique de Menezes me elegêram por
 » Governador , e V. A. deve de ser lem-
 » brado , que eu nunca tal lhe requeri por
 » mim , nem por outra pessoa. O Duque de
 » Bragança , (que eu cuidava que nisto me
 » tinha alguma culpa , por razões que pera
 » isso havia ,) me escreveu huma carta em
 » que dizia : Pois ElRey meu Senhor teve
 » tanta lembrança de vossa honra , e fortar-
 » leza , por amor de mim Lopo Vaz que
 » lho pagueis na mesma moeda. E eu por
 » certo , Senhor , que trabalhei de o fazer ,
 » e assi o fiz de maneira , que eu estou bem
 » satisfeito , que não ei inveja a nenhum Go-
 » vernador passado , presente , nem por vir ,
 » fazendo sempre muita verdade , e justiça
 » a vossos amigos , e muita guerra a vossos
 » inimigos. E não se poderá com verdade
 » dizer , que eu dissimulasse nunca batalha ,
 » que cumprisse a vosso serviço , com pou-
 » cos , ou com muitos , assi como me acha-
 » va , assi me offerecia : e nestas batalhas , e
 » affrontas , Deos seja louvado , em todas me-
 » deo grandes , e notaveis vitorias.

» Aceitei a India estando desbaratada ,
 » e em grande risco de se perder , por ter
 » conquista com tres Imperadores , e hum
 » mui poderoso Rey , isto he , o Imperador
 » de Alemanha , e Rey de Castella sobre
 » Maluco ; o Grão Turco Senhor de tres

» Imperios; e o Rey de Calecut, que tam-
 » bem he Imperador; e ElRey de Cambaya,
 » que põe em campo sessenta mil cavallos
 » acubertados, e dos outros innumeraveis,
 » e de grande poder no mar, que até o meu
 » tempo nunca foi desbaratado. E cuido
 » que em acceitar a India desta maneira fiz
 » a V. A. hum dos mores serviços do Mun-
 » do; e o primeiro que fiz foi emprestar de
 » minha bolsa oito mil cruzados pera o gaf-
 » to das Armadas, por não haver dinhei-
 » ro. E o primeiro verão fui a Bacanor so-
 » bre setenta e tantos Paraos, a mór parte
 » d'ElRey de Calecut, carregados de espe-
 » ciarías com mais de seis mil homens de
 » peleja, e hum Capitão d'ElRey de Nar-
 » singua com vinte e cinco mil em seu fa-
 » vor; e não tendo eu mais que mil e cen-
 » to, desembarquei contra parecer dos Ca-
 » pitães, e lhe queimei todos os Paraos, e
 » lhe tomei muita artilheria, que foi huma
 » das mores pancadas, que o Reyno de Ca-
 » lecut teve.

» E não se pôde dizer que estive ocio-
 » so o tempo que governei, antes o gastei
 » todo em o servir com a alma, e com a
 » vida, e acho que fiz em todo o meu tem-
 » po trinta e oito armadas, em que pes-
 » soalmente me embarquei em tres dellas. A
 » primeira a que já disse, quando desbara-
 » tei

60 ASIA DE DIOGO DE COUTO

» tei os Paraos de Bacanor: A segunda pe-
» ra Ormuz, donde me mandáram chamar
» com muita pressa, por estar Rax Xarrafo
» alevantado contra ElRey, com arraiaes
» formados, e Diogo de Mello em meio;
» e concertei estas cousas que estavam mui-
» to arriscadas: A terceira, quando desbara-
» tei as Galeotas de Cambaya. Fizeram-se
» prezas em meu tempo, que valêram tre-
» zentos e setenta mil pardaos. Paguei os
» ordenados aos Capitães, e Feitores; gaf-
» tei muito dinheiro em reedificar as fortar-
» lezas todas, sem tirar do cofre de V. A.
» hum só real, e tudo das mercadorias, pre-
» zas, pareas, dinheiro dos cavallos, e reir-
» das de Goa; e mandei a Cochim por ve-
» zes dinheiro pera as obras, por não bo-
» lirem no cofre, que foram mais de cin-
» coenta mil pardaos.

» V. A. se quiz servir de mim no gover-
» no da India, sem lho eu requerer por a-
» derencia alguma, sómente pelo meu bom
» nome, e não deixei de lho requerer, por
» cuidar que em mim não havia as qualidades,
» que cumprem aos Governadores, mas por-
» que nunca fui tão esquecido de minha hon-
» ra, nem tão minguido de juizo, que não
» tivesse sempre representado diante de mim,
» que onde tão honrados Capitães, e tão va-
» lentes Cayalleiros neste cargo perdêram as

» vidas, honras, e fortalezas, e alguns del-
 » les arriscáram suas almas, eu não me aven-
 » turasse ao mesmo: e por isso quiz antes
 » seguir o exemplo Castelhana, que diz:
 » *Mas quiero cardamos em paz, que po-*
 » *lhos con agraz.* V. A. como digo, se quiz
 » servir de mim na governança da India,
 » e por certo que foi grande lembrança, e
 » grande mercê; porém prouvera a Deos
 » que nunca a eu víra em minha casa.

» Já lhe tenho dado conta de meus ser-
 » viços, agora lha darei de como deixei a
 » India. Se V. A. bem olhar, achará que
 » em meu tempo não veio Capitão, nem Of-
 » ficial da India rico, como soíam vir; pois
 » este dinheiro que se fez d'elle em meu tem-
 » po, em que houve mais prezas, e mais
 » trato, que em nenhum outro? Por certo,
 » Senhor, que todo este dinheiro ficou no
 » vosso cofre, e no vosso thesouro; porque
 » as vossas fortalezas de pedra, e barro, fi-
 » las eu de pedra, e cal, e com cavas cha-
 » padas de mar a mar: por onde V. A. deve
 » dormir seu somno descansado, e seguro. E
 » mais tem em outro cofre trezentos mil cru-
 » zados, que lhe eu paguei de soldos. As
 » cousas que deixo entregues ao Governador
 » Nuno da Cunha, são as seguintes:
 » Seis Galeões, seis Caravellas, oito Galés
 » reaes, quatorze Galeotas, e cento e duas

» Fuf-

» Fustas , e Bargantins com toda sua mu-
 » nição , (Armada que nunca Principe teve
 » toda sua propria.) Deixei em Goa cincoen-
 » ta pipas de polvora de bombardas , e duas
 » de espingarda. Em Chaul quinze pipas de
 » polvora de bombardas , e duas de espin-
 » garda. Em Cochim trezentos quintaes de
 » polvora. Em Cananor vinte pipas de pol-
 » vora de bombardas , e duas de espingarda.
 » Os mantimentos que deixei juntos pera a
 » Armada são estes : Mil e quinhentos can-
 » dís de trigo , e tres mil candís de arroz ,
 » seiscentas vaccas vivas , queijos , manteigas
 » em abastança , muito ferro , muita madei-
 » ra , e muitos ferreiros , e carpinteiros , e
 » isto em todas as fortalezas.

» De como ficam os inimigos lhe darei
 » conta. No Imperador não fallo , porque a
 » V. A. darei essa conta quando de mim
 » a quizer saber. O Grão Turco fica com
 » suas Armadas desbaratadas , pelas grandes ,
 » e muito poderosas com que todos os an-
 » nos lhe mandei correr a terra do Estreito
 » de Meca. E quando me entregáram a In-
 » dia estavam suas Armadas mui possantes ,
 » com muita ousadia contra nós , trabalhán-
 » do por virem de maneira , que nos botás-
 » sem fóra da India : o que tudo em dita
 » de V. A. e com meu trabalho , e astucia
 » se desfez.

» O Çamorim ao tempo que me deram
 » a governança punha no mar quantos Pa-
 » raos queria, o que no fim do meu tempo
 » já não podia fazer, porque todos lhe def-
 » trui, e tomei, nem tinha artilheria, nem
 » bombardeiros, que tudo lhe gastei, e des-
 » fiz, pelo que cada dia pedia pazés.

» O grande Rey de Cambaya, podero-
 » so no mar mais que todos os da India
 » juntos, veja qual ficava á minha partida,
 » que lhe não ficariam dez Fustas.

» ElRey de Bintão, eu por certo o def-
 » trui, e desbaratei com a Armada, e gen-
 » te, que mandei a Pero Mascarenhas, en-
 » commendando-lhe, e pedindo-lhe, que se
 » não viesse de lá sem a destruir, o que el-
 » le fez mui bem.

» Em paga de todos estes serviços me
 » prendeo Nuno da Cunha em Cananor pe-
 » la maneira que se sabe, mandando lançar
 » pregões infames contra mim. Em Cochim
 » fui mal apofentado nas peiores casas da Ci-
 » dade, nos esteiros entre os monturos, o
 » que muito senti, por ser contra a huma-
 » nidade, e fidalguia, e em Cidade, onde
 » me fizeram Governador de V. A. Alli me
 » mandou prender, e tomar-me toda a fa-
 » zenda, que foi avaliada com toda a def-
 » ordem, como se eu fora traidor, e mal-
 » feitor, soffrendo affrontas, e injúrias a
 » meus

» meus inimigos , que todas as noites me pas-
 » savam pela porta com folias. Dalli me em-
 » barcáram com dous criados na peor náó
 » da carreira , e que partio derradeiro de tor-
 » das , mandando-me dar huma camara de-
 » baixo da alcaceva , onde era a estancia dos
 » grumetes , e negros , onde eu comia , e
 » dormia ás chuvas até ás Ilhas Terceiras.
 » Veja V. A. e ponha diante de si tamanho
 » aggravo como este a hum homem de mi-
 » nha qualidade , e idade , e de tantos , e
 » tão grandes serviços , ser mandado em hu-
 » ma tão enfadonha viagem , em huma pos-
 » silga de porcos ; que por certo eu tomára
 » antes muitas vezes de muito boa vontade
 » a sepultura , que ver-me avexar por tantas ,
 » e tão injuriosas maneiras. E assi me man-
 » dou entregar a quem me não tinha boa
 » vontade , pera mais me martyrizar.

» Chegando ás Ilhas Terceiras fui tor-
 » nado a prender , e me leváram ein ferros ,
 » de que estive pera perder huma perna ,
 » porque ma cortáram de feição , que me
 » appareciam os nervos. E chegando a esta
 » Cidade me mandou V. A. tirar cercado
 » de beleguins por meio do terreiro de seus
 » Paços , defendendo a todos os meus pa-
 » rentes , e amigos , que não chegassem a
 » mim , como se eu fora hum traidor , ou
 » malfeitor ; e aquella vergonha passei , ef-

» tando no terreiro toda a Corte, e eu cer-
 » cado de rapazes, e negros, e gente vil,
 » que foram cem mil mortes. Fui levado ao
 » Castello, onde me foram postas guardas,
 » e defezas, como se se esperasse procede-
 » rem de mim grandes crimes, não me con-
 » sentindo ver, nem fallar certos dias com
 » meus parentes, e amigos; nem até o pre-
 » sente ver minha mulher, que ha sete an-
 » nos que está viuva de mim, por eu an-
 » dar occupado no serviço de V. A. e não
 » a deixarem fallar comigo, o que eu mais
 » senti que todos os tormentos outros que
 » me deram. Ora cuide V. A. se tanta des-
 » humanidade se usou nunca com homem de
 » minha sorte, idade, e serviços neste Rey-
 » no.

» Processáram meu feito contra toda a
 » ordem de justiça destes Reynos: assi que
 » em mim se começaram a exercitar todos
 » os novos costumes, e novas leis pera
 » ser deshonorado. Tiram meus inimigos por
 » testemunhas, e estive ao perguntar dellas
 » Manoel de Macedo, que descubertamen-
 » te he meu inimigo. Fui lançado de répli-
 » ca, e de outros termos, que tinha de Di-
 » reito Divino, e Humano. Ora veja V. A.
 » o que me tem custado seu serviço, e a
 » honra que me deo de Governador, que
 » não sei homem que juizo tenha, que is-

Couto. Tom. I. P. II.

E

ato

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

» to quizesse pelo preço, muitos frios, mui-
 » tas calmas, muitas fomes, e sedes, mui-
 » tos riscos de minha vida, dando a comer
 » meu fangue aos tubarões no mar, aos adi-
 » bes no Reyno de Fez, e ás gralhas da In-
 » dia; de maneira que poucas conquistas tem
 » V. A. onde se elle não derramasse: e não
 » se póde presumir que possa mentir, por-
 » que quem em sua mancebia não usou de
 » máos costumes, e fez sempre o que de-
 » via, em sua velhice, e no fim della, não
 » usaria das miudezas que me põe, e mais
 » tendo diante dos olhos taes pessoas.

» D. Duarte de Menezes, que em bem
 » tenra idade desbaratou dous Alcaides mui-
 » furiosos, e mui guerreiros, serviço mui
 » notavel, e digno de perdão de grandes
 » culpas, não lhe valeo nem serviços do pai,
 » nem dos avós, prezo em carcere perpé-
 » tuo, tomada a fortaleza. Baliza era esta
 » pera Lopo Vaz, não sendo inhabil, se guar-
 » dar.

» Diogo Lopes de Siqueira tantas vezes
 » cativo, e ferido, fugido por Reynos estra-
 » nhos, tomada sua fazenda, por mercê tor-
 » nado ao Reyno, e morreo, e assi Deos
 » sabe de sua alma. Vi mais Affonso de Al-
 » boquerque tantas vezes cativo, e de tan-
 » to serviço, que morreo quasi desesperado,
 » dizendo, mal com ElRey por amor dos

» homens , mal com os homens por amor
 » d'ElRey , acolhamo-nos á Igreja , e mor-
 » re Affonso de Albuquerque , que cumpre
 » á tua honra morreres , que nunca a elle
 » lhe cumprio cousa , que tu não fizesses ; e
 » com estas palavras deo a alma a Deos , e
 » que lhe não valeo a muita guerra que fez
 » a Mouros , e Gentios , e sua alma corre
 » muito risco. Este bom velho mui sabedor
 » das cousas da India , muito vitorioso nel-
 » la , a quem todos os Governadores da In-
 » dia devem ter acatamento , não por com-
 » metter maiores feitos dos que eu tenho
 » commettido , mas por os seus serem pri-
 » meiro : Este costumava a dizer , sabeis quão
 » má gente he a da India , que me puzeram
 » que era puto , e prováram-mo ; sendo el-
 » le tão honesto , que não dirá criado seu ;
 » que alguma hora lhe visse a ponta do pé.
 » Todo este mal , e destruição dos Gover-
 » nadores todos he causado por homens bai-
 » xos dalmoface. Por certo , Senhor , eu não
 » sei como se desculpará , nem que razão
 » dará , olhando aos homens com que V.
 » A. começou meus negocios , que lhe não
 » lembrava huma cousa tão devida , como
 » era dizer , saiba-se que homens são estes
 » que se queixam dos Governadores ; e se
 » achar serem homens de bem , fazer-lhes
 » justiça mui inteira ; e achando serem vicio-

» fos, mandallos á cadeia, e não dar causa
 » ao máo pera fazer mal ao bom.

» E quantos Fidalgos de mim testemu-
 » nháram a V. A. foi por esta razão. Eu es-
 » tava em Cananor, onde me vieram buscar
 » os Paraos, (como V. A. em meus servi-
 » ços ouvio,) chamei a conselho esses Fir-
 » dalgos, que foram de parecer não pele-
 » jasse: aprouve a Deos que me pareceo o
 » contrario, e disse-lhes, que quem quizesse
 » se acompanhar o seu Governador, e a bar-
 » deira de V. A. se embarcasse comigo, o
 » que elles não quizeram fazer, ficando nos
 » Galeões olhando como eu pelejava; e dif-
 » to ficáram tão corridos, e envergonhados,
 » como era razão; e havendo por certo que
 » eu escrevia a V. A. o feito como passava,
 » de quem bem, ou mal fizera; o que eu
 » delles escrevi V. A. o sabe mui bem, que
 » não se achará em carta minha escrever mal
 » de nenhum Fidalgo, senão requerer pera
 » todos honras, e mercês. Elles por me V.
 » A. ter por suspeito, e me não dar credi-
 » to, escrevêram, e testemunháram de mim
 » falsamente; e não temendo a Deos acqui-
 » ríram a si outros Fidalgos seus parentes,
 » pera que os ajudassem a afirmar suas da-
 » nadas tenções. Esta ventagem com ou-
 » tras muitas ha em mim, que o que disser
 » delles ha de ser na praça; e o que elles dis-

» differem de mim, ha de ser mui escondi-
 » do, porque eu fallo verdade, e elles não.
 » De minha gencalogia ouça V. A. hu-
 » ma cousa que me esqueceo, de Vasco Pi-
 » res de Sampaio meu quarto avô, que he
 » digna de contar. No cartorio de Fernão
 » Vaz de Sampaio se achou hum perdão, que
 » dizia assi: *Pelos serviços que tenbo rece-*
 » *bido de Vasco Pires de Sampaio, e espe-*
 » *ramos receber, lhe perdoamos a morte de*
 » *quarenta escudeiros, que enforçou na sua*
 » *Villa de Moz, com huns poucos de homens*
 » *de pé.* Veja V. A. que poucos poderiam
 » ser de homens de pé, onde morriam qua-
 » renta escudeiros. Certo merecimento devia
 » de ter tal vassallo, e necessidade devia de
 » ter ElRey delle, pois tal perdão dava. E
 » do grande Martim Affonso de Mello meu
 » avô notorias são suas coufas. Se V. A.
 » deste par de Cavalleiros tem, ou tiver
 » necessidade, aqui está Lopo Vaz de Sam-
 » paio seu neto, (que trabalhou muito pe-
 » los arremedar, e escusar,) que está em
 » mui boa idade, e em melhor disposição,
 » e mui experimentado por mar, e por
 » terra; e por certo, elles me perdoarão,
 » eu não lhes sinto ventagem senão nos
 » bons galardões que lhes deram, porque
 » por cada serviço lhes davam Villas, ju-
 » risdicções, rendas, e honras, e a mim
 » por

» por cada hum me deram hum tormento.
» to.

» Pela tomada das Fustas de Cambaya,
» que nunca foram desbaratadas, tão vitoriosas
» que nunca perdêram hum remo, antes desbaratáram
» per vezes muitos Galeões de V. A., eu as venci, e metti no fundo;
» em pago deste serviço me mandáram prender.
» Pelos navios que desbaratei de frente de Calecut,
» em que matei dous mil e tantos Mouros;
» em pago disto me mandáram tomar toda a minha fazenda.
» Pelos Paraos que queimei em Bacanor, que eram a principal
» força de Calecut; por este serviço me mandou V. A.
» embarcar em huma náó no aposento dos grumetes.
» E por que subi pelos muros de Adem, donde me derribáram
» com huma pedra, de que tive á morte; em pago disto
» me lançáram ferros, que me comêram a carne até aos ossos.
» Pelo cubello de Tangere que defendi a ElRey de Fez;
» em pago disto me mandou tirar V. A. á vergonha
» diante dos seus Paços Reaes. Pela destruição que fiz no
» Arel de Porcá, e outros muitos serviços, que aqui não digo;
» em pago delles me mandáram que servisse, e partisse com os
» Escrivães, e Procuradores do meu dinheiro, que trazia
» ganhado com tanto trabalho, e com tanto sangue
» espargido para

» ra me remediar a minha velhice, e para
 » crear meus filhos. Veja V. A. se he bem
 » desviada esta paga, da que deo ElRey Dom
 » João de gloriosa memoria a meus avôs.

» A somma de meus serviços são estes:
 » Onze annos em Africa; e na India, e nas
 » Armadas, que se fizeram neste Reyno, vin-
 » te e hum annos: não fallo no tempo que
 » andei na Corte, que este houve pelo mais
 » forte de todos, pela muita pobreza com
 » que a sostinha. Fui ferido cinco vezes,
 » huma em Alcacere Seguer, outra em Al-
 » cacere Quibir, outra em Benastarim, ou-
 » tra em Adem, e outra na Ilha Terçeira
 » dos ferros, que me V. A. mandou lançar.
 » Em galardão disto fui prezo, avexado, e
 » perguntáram contra mim testemunhas in-
 » fieis, e meus inimigos capitaes, e aonse-
 » lhadores contra minha honra, que foram
 » na massa de Pero Mascarenhas, e ordená-
 » ram diffamarem todos de mim, com da-
 » rem más informações a V. A. falsas, e
 » mui contrarias da verdade, pelo indigna-
 » rem contra mim. E na India, onde o ser-
 » vi de Governador, me foi tomada toda
 » a minha fazenda, e fiquei sem ella, de ma-
 » neira que não tenho que comer, nem que
 » dar a quem me defenda minha justiça des-
 » tes grandes aggravos, que me são feitos
 » contra toda a justiça, por serem sem cul-
 » pa,

» pa, e sem erro no serviço de V. A. e pe-
 » los muitos, e grandes que lhe tenho fei-
 » tos, dignos de grandes mercês, a que V.
 » A. deve de respeitar; pelo que devo de
 » ter muita esperança de me restituir á mi-
 » nha honra, e de me fazer mercês pera
 » exemplo dos que o bem servem.

» Ora, Senhor, isto he feito, não póde
 » V. A. deixar de o remediar com muita
 » clemencia, e como excellente Principe
 » creado sobre nossos hombros, e nós crea-
 » dos com suas migalhas, com dar senten-
 » ça que seja digna de lhe beijar a mão, com
 » descanso pera minha velhice, e pera que
 » possa crear meus filhos pera o servirem.»

Aqui acabou Lopo Vaz sua falla, que
 ElRey ouvio mui bem, e depois lhe foi re-
 citando as culpas que d'elle tinha, huma, e
 huma, a que hia Lopo Vaz respondendo pe-
 la maneira seguinte. Onde está esta letra P.
 são perguntas, e o R. respostas.

C A P I T U L O VIII.

*Das culpas que ElRey deo a Lopo Vaz de
 Sampaio, e da sua resposta a ellas.*

P. **P**orque deixastes regimento a Affon-
 so Mexia, que não consentisse en-
 trar Però Mascarenhas em Cochim?

R. Senhor, Cochim, e Goa são duas

fortalezas as principaes da India , e quasi iguaes. Estando Pero Mascarenhas em huma , e eu em outra , eram dous Papas em Roma , e fora causa de nunca se deslindarem estas differenças , e de muitas mortes de homens , e de perecer muito o serviço de V. A. e a prova disto he , que em nenhuma fortaleza deixei tal regimento , antes mandei aos Capitães que o recolhessem , e lhe fizessem muita honra , porque não tinha receio de em nenhuma outra se fazer máo recado , senão nesta.

P. Porque mandastes Pero Mascarenhas a Cananor , sem primeiro estar com elle a justiça , e direito ?

R. Porque quando Pero Mascarenhas chegou a Goa , vinha com o coração já damnado , appellidando toda a India com cartas , e correios : e se entrára em Goa , fora muito mór união , porque elle vinha dizendo , que não queria mais que pôr os pés em terra , atrevendo-se nos Fidalgos que lhe escreviam ao caminho ; e vinha fazendo taes estrondos , que houve por muito serviço de V. A. não o deixar entrar , nem me pôr então com elle em justiça , até primeiro não quebrar aquella furia : e as mais razões que pera isso tenho , trago-as por instrumentos , que mostrarei quando for tempo.

P. Porque jurastes de manter a promessa , que entre vós , e elle era posta ?

R.

R. Jurei a primeira vez por força, e a outra quanto por direito o devesse manter, e assi o cumpri quanto com justiça devia; e se o em alguma cousa quebrei, diga-mo V. A., que eu lhe darei a razão disso.

P. Porque prendestes Pero Mascarenhas, sem primeiro vos pordes á justiça com elle?

R. Pero Mascarenhas quizera entrar em Cochim por força, pera prender os Juizes, e o Feitor, e assi logo prendeo os que lhe foram ao mar publicar as Provisões de V. A., e sobre isto determinou de sair em terra com varas alçadas, e Officiaes, e foi-lhe resistida sua entrada, como o eu tinha mandado, e recolheo-se ao seu Galeão, mandando logo a terra pregoar por traidores Capitão, Veador da Fazenda, e a todos os da Cidade. E dalli se foi a Cananor, onde lhe foram cartas de muitos Fidalgos, que viesse desconhecido, e se mettesse no Mosteiro de S. Francisco, e que elles o ajudariam, quer tivesse justiça, quer não; estas cartas tenho eu em meu poder: e por me recear disso, mandei guardar as barras, com regimento aos Capitães, que se o tomassem desconhecido, o prendessem, por evitar mortes, e uniões, que com sua entrada estavam certas.

P. Porque razão fostes a Ormuz?

R. Fui chamado daquelle Rey, e por me

eserever Diogo de Mello, que estava elle, e o Guazil em campo, hum em hum cabo da Cidade, e outro em outro, pera se darem batalha: e se eu não chegára, estava aparelhado hum grande mal, e com minha ida não desamparava a India; porque o tempo que punha no caminho, e lá havia de estar encerrado por causa do inverno, e tornava de lá em principio do verão, o que tudo fiz como cumpria ao serviço de V. A., e tudo foi com conselho de vossos Capitães.

P. Que presente vos mandou Rax Xarrafso a Calayate, e porque fizestes tanta honra a quem vo-lo levava?

R. Porque foi elle muito pera estimar em tal tempo, que era muita agua, e refresco, vindo nós já afiada d'agua, porque nos tomou muito ao mar, e ao Mouro por se ir mandei-o embebedar, e folgámos todos com isso.

P. Porque déstes licença ao Nacoda Xamerim mercador da terra, que se foi de Ormuz?

R. Porque aos mercadores não se lhes deve estorvar suas idas pera onde quizerem, pois disso vivem, e ennobrecem as Cidades: e mais me fora de estranhar impedir-lhe a ida pera exemplo. Mas eu me affirmo, que lhe não dei tal licença, nem elle ma pediu.

P.

76 ASIA DE DIOGO DE COUTO

P. Porque razão poufastes com Diogo de Mello?

R. Porque todos os Governadores poustavam na fortaleza, aonde havia aposentos pera ambos, sem nos vermos hum ao outro.

P. Porque puzestes Diogo de Mello á cabeceira de vossa meza?

R. Porque Diogo de Mello era primo com irmão de minha mãe, e ficava-me em lugar de tio, o mesmo era de minha mulher irmão de sua mãe, e Capitão daquella fortaleza, e mais era de oitenta annos. E sempre foi costume dos Governadores fazerem-lhe muitas honras á sua meza. E eu podia honrar quem quizesse, sem diminuir no estado da governança.

P. Porque deixastes ir de Ormuz tres Mouros, que Rax Xarrafo degradou?

R. Porque Rax Xarrafo tinha alçada de V. A. pera matar, quanto mais pera degradar.

P. Porque não fizestes vir a Ormuz dous Judeos que foram degradados por Rax Xarrafo, e porque os não ouvistes com justiça?

R. Porque os Judeos foram degradados por fazerem moeda falsa, e merecêram queimados, e deram-lhes as vidas por adherencia, e foi mal feito não os queimarem, porque eram onzeneiros.

P.

P. Se tinheis poder pera tomar joias a Reys, e Principes?

R. Pois não tinha defeza disso, não me era tirado o poder; e se me algumas joias deram, bem lhas paguei em dobro; e se algumas tomei, V. A. as tem, e bem as pôde tornar a seus donos.

P. Porque não fallastes com ElRey de Ormuz de parte, pera saberdes delle se tinha algumas queixas de alguém?

R. Eu fallei com elle perante o Secretario Vicente Pegado, e mais se me devêra estranhar fallar com elle só.

P. Porque não fostes logo como chegastes ver ElRey de Ormuz?

R. Porque não he costume illo ver logo, que lhe hão de dar dous dias pera se aperceber, que elle mesmo o quiz assi, e o pedem. E illo ver logo assi, tem-no por desacatamento, e hão que lhes desprezais suas honras, e festas, e eu não havia de ir lá pera o escandalizar com costumes novos.

P. Porque tirastes o cargo de Capitão mór do mar de Ormuz a D. Antonio da Silveira?

R. Eu não lhe tirei o cargo, antes o dei a quem V. A. o mandou dar. E quanto ao levar comigo á India, foi, porque lá havia muita guerra, onde os taes Fidalgos como elle haviam de estar, e assi lho disse,

se, que sería provido conforme a sua pessoa.

P. Porque tirastes o Galeão a Manoel de Brito, e o destes a Fernão Rodrigues Barbosa criado do Marquez?

R. He verdade; porque dei a Manoel de Brito duas viagens, em que fez muito proveito; e porque V. A. me encommendava, que repartisse por todos o proveito. E porque Fernão Rodrigues he muito Fidalgo, e muito bom Cavalleiro, e criado de V. A. e muito pobre, e tinha muito bem servido naquellas partes, e seu pai em Ceita, e seu avô em Aragão, com sessenta de cavallo, por mandado d'ElRey D. Affonso, que era do Conselho do mesmo Rey.

P. Porque mandastes embarcar Vicente Pegado tão depressa?

R. Elle me foi encampar o cargo de Secretario; e porque me revolvía toda a terra, lhe mandei que se fosse embarcar logo, por estar hum Galeão pera se ir, e dahi a muitos dias não houvera outra embarcação, por escusar escandalos: e tambem porque não tinha muitos escudeiros, nem fato.

P. Porque tirastes Calayate a hum Pero de Queiros, e o destes a hum amo de Diogo de Mello?

R. O cargo he tão pequeno, que não sou lembrado dillo.

P. Porque destes hum Galeão velho a Francisco de Sá , em que se aventurava a gente , e artilheria , que se perdeu com elle ?

R. Dei a Francisco de Sá o que foi ordenado por elle mesmo , com os do Conselho , dous Galeões , duas Galeotas , duas Caravelas , e cinco Bargantins : e eu pera o melhor aviar lhe dei esse Galeão pera elle lá desfazer , e da madeira fazer a fortaleza da Sunda , com o taboado os sobrados , e com a pregadura , e pera isso foi primeiro visto por Christovão de Sousa , que o mandou correr em Chaul , e pelo mestre , e officiaes da ribeira , que todos affirmáram poder mui bem servir aquella jornada ; e eu lhe mandei dizer , que não mettesse mais que lastro , e servidores , pera lhe darem á bomba , se cumprisse ; e se o sobrecarregou , que culpa tenho eu ?

P. Porque destes a João Rodrigues Pereira criado do Duque hum Galeão ?

R. João Rodrigues he Camareiro mór do Duque , e tinha muito bem servido V. A. e por sua pessoa , e por amor do Duque , e por bom exemplo , que o vissem todos os criados dos Senhores , pera assi folgarem de servir melhor V. A. e saberem que para todos he a India.

P. Porque vendestes huma não em Ormuz , sem andar em pregão ?

R. Porque em Ormuz ninguem compra mercadoria senão por mandado do Guazil, e eu o mandei chamar a minha casa com todos os mercadores, e alli presentes os officiaes de V. A. Capitães, e Fidalgos, a vendi, de que tudo se fez hum assento assignado por todos.

P. Porque destes de alças a ruina a Christovão de Sousa da compra de duas náos?

R. Porque Christovão de Sousa comprou quarenta mil pardaos de fazenda com dinheiro na mão, e por isso lha dei, respeitando a ser estilo em cousas desta qualidade fazer-se assi, porque de milagre se acha dinheiro junto, porque todos compram fiado, e da mesma fazenda vam pagando: e elle foi o que ficou peor do partido, com todas essas alças. Porque, em que pudera elle empregar tanto dinheiro em hum anno, que não ganhára mais de trinta mil? E por eu ser sabedor que a fazenda de prezas, que fica em mãos dos Officiaes, nunca V. A. come della bom bocado, que com suas cortas, e quebras desfalece tanto que nunca luz, por isso o fiz, crendo que fazia hum grande serviço a V. A. por não ficar a preza nas mãos dos lobos. E porque lhes eu tirei este bocado, ficáram elles tão descontentes, que buscáram modos de baixas vinganças; mas aos Fidalgos, e Capitães pareceo

mui bem o que fiz; e tenho em meu poder hum termo disso assignado por todos.

P. Porque tirastes a não a Martim Affonso de Mello Quadrilheiro mór?

R. Eu o tirei de Quadrilheiro mór, porque foi achado aboiando fazenda, e deitando-a ao mar, pelo que foi logo prezo, e condemnado em muita pena de dinheiro, e degredo; e mandei á não o Ouvidor com toda a justiça, e isto trago por autos.

P. Quanto dinheiro vos deo ElRey de Ormuz, e Rax Xarrafo?

R. Não me deram nenhum dinheiro, e não peças de ouro, e prata, que poderiam valer tres mil cruzados, de que logo houiveram seu retorno de minha fazenda, que bem valia o que me deram, e mais.

P. Porque déstes huma sentença contra Estevão Bocarro Alcaide mór de Ormuz, e logo a revogastes?

R. Esse poder tinha eu de V. A. para condemnar, e absolver quando se offercessem cousas, que parecessem ser mais seu serviço fazello assi.

P. Porque fizestes com Diogo de Mello, que emprestasse dinheiro a ElRey de Ormuz para pagar as pareas sobre hum traçado? E porque mandastes tomar a Diogo de Mello o traçado que tinha d'ElRey em penhor do dinheiro?

R. Eu roguei a Diogo de Mello, que emprestasse dinheiro a El Rey, porque sempre trabalhei por V. A. sem pago de suas dividas; e se o elle ha por mal, perdoe-me. E quanto ao lhe tomar o traçado, elle estava empenhado por outras dividas; que El Rey de Ormuz devia a Portuguezes, pelo que o mandei pôr em mão do Feitor, ate El Rey mandar satisfazer as dividas.

P. Porque não mandastes vir João de Sant-Iago prezo como eu mandava?

R. V. A. não me mandou que o prendesse; senão que lhe mostrasse huma carta, que sobre isso me escreveo; em que dizia, lhe dissesse de sua parte, que folgasse de ir pera o Reyno; que V. A. lhe faria mercê, e me encommendava o entregasse a hum Capitão de huma náó, que seguramente o levasse; porque lhe não fosse feita alguma sem razão, ou agravo, e assi o cumpri, e elle o aceitou com boa vontade; e foi-se a Narvingua a empregar o seu dinheiro em pedraria pera se embarcar, e lá foi roubado, e ainda fica prezo.

P. Porque tirastes o Galeão do rio de Chaul, que estava em guarda da pimenta?

R. Mandei-o levar pera Goa pera se concertar, porque era velho; e deixei na costa o Capitão mór do mar com quinze velas, que nunca tantas alli andáram.

P. Porque não fostes, ou mandastes buscar os Rumes?

R. Eu, Senhor, houve conselho geral de cento e tantas pessoas, que votáram que não fosse aquelle anno; e o seguinte levantáram-se os Capitães com as fortalezas, e não me fizeram mantimentos, nem enxarcias: e duráram tanto as pendenças de Pero Mascarenhas, que não tive tempo pera me aparelhar, e com tudo mandei Antonio de Miranda com humma grossa Armada, que bastou pera espantar os Rumes, que fez prezas, que foráram bem os gastos.

P. Porque levastes a gente de Cochim pera Goa?

R. Porque comiam em Cochim os cruzados do cofre de V. A., e em Goa comiam do cobre: e por me parecer melhor que a gente fosse com o seu Governador, que elle ir só: e assi he bem que se faça.

P. Porque déstes licença a João Fozilhão Francez, que fosse á Persia vender pedraria?

R. Eu, Senhor, não tolhia aos mercadores usassem de seu officio, e item, e virem pera onde fizessem seus proveitos, porque assi ás suas custas descubrissem terras, que não era pequeno serviço de V. A. E mais elle tinha licença sua; e por seu Alvará lha dei, por elle a não tomar por si.

P. Porque destes licença a Rax Xarrafo pera ir a Meca?

R. Dei-lha, porque a tinha do Governador D. Duarte de Menezes, e usou elle de muita cortezia em ma pedir, que bem se pudera ir sem ella.

P. Porque perseguistes, e tratastes mal os homens, que foram contra vós?

R. Informáram mal a V. A. porque tal não he, antes fiz tantos bens a todos os que estavam mal comigo, que os tornei meus amigos pela ventagem, e bom tratamento que de mim recebêram. E se alguém se queixou de mim que o maltratasse, eu darei a razão porque o fiz.

P. Porque não quizestes ouvir a D. Antonio da Silveira as cousas, que vos queria dizer de nosso serviço?

R. Defêzo he em Direito, que a testemunha que se convidar, não seja ouvida, e elle era homem que tinha dito a outros, que não queria que me revolvessem a terra: e eu presumi, que queria elle fazer o contrario. E se elle alguma cousa tinha pera me dizer, elle o dissera a V. A.

P. Porque não tivestes a Direito o Camareiro d'ElRey de Ormuz, que foi degradado com outros Mouros?

R. A justiça, que aquelle Rey faz com o seu Guazil, não lhe devem vossas justiças de ir

ir á mão sem o elles pedirem , e requere-
rem de vossa parte ; e pois elles tem poder
de degradar , e matar , ir-lhes á mão he le-
vantar a terra , e são uniões por cousas , que
não tocam a vosso serviço. Quanto mais , que
esse Camareiro merecêra mór pena , porque
elle , e dous Portuguezes foram a furtar , e
os Portuguezes justicei-os por ladrões ; e me-
lhor o fizera ao Mouro se não olhára ao
mais.

P. Porque déstes em casamento a Capi-
tania de Goa a vossa filha com Antonio da
Silveira ?

R. Eu não lha dei senão por elle ser mui
bom Fidalgo , que o merecia mui bem , por
ter gastado na India mais que nenhum ou-
tro. E então ninguem a merecia melhor que
elle.

P. Porque déstes Cochim a D. Vasco
Deça , e a não déstes a outro de mais me-
recimentos ?

R. Porque eu sabia que esse Fidalgo ser-
vio muito bem V. A. em Casim , onde gaf-
tou todo o seu casamento. Era casado , e com
filhos , e eu tinha regimento de V. A. em
que mandava provellesse os Fidaigos. E ha-
vendo respeito a tudo , e a elle ter prova-
do ser muito parente dos Reys de Portu-
gal , lhe dei isso , porque o merecia muito
bem.

P. Porque deshonraestes Vicente Pegado, por vos dizer coufas que cumpriam a nosso serviço?

R. Eu, Senhor, nunca lhe vi dizer coufa que cumprisse a serviço de V. A., mas sempre a contrario, porque sempre foi mediano em pendenças; e porque disto o reprehendia muitas vezes, e de aceitar tantos convites, que não era de seu cargo, dizia que o deshonrava.

P. Porque prendestes os Fidalgos que vos disseram, que vos puzelleis em justiça com Pero Mascarenhas?

R. Prendi-os, porque elles mesmos foram em conselho de eu prender Pero Mascarenhas, e elles foram os que me levantaram por Governador, e depois por peitas que lhes promettêram, se tornaram a desdizer, e juraram outro por Governador, tendo-me jurado a mim. E por evitar mores uniões, que claramente se ordiam, em que não podia deixar de haver muitas mortes se andáram soltos, os prendi.

P. Porque pagastes aos homens seus ordenados em cobre?

R. Eu sempre os paguei como V. A. manda em seus regimentos, que se paguem aos quartéis, e se algum dava sobejo, era por satisfazer aos homens, e os ajudar ao serviço, como V. A. faz nas Armadas deste Rey-

no, que a muitos manda pagar quartéis a diantados com fianças, porque sem essas ajudas os homens perecem, e por isso fogem. E prouve a Deos que vos cahisse nesta culpa, e a elle prouvésse que vos cahissem todos os Governadores, que não haveria na India tantos Portuguezes feitos Mouros, que depois pelejam muito valentemente contra nós, e ensinam aos Mouros muitas cousas que não sabiam: a fóra a ser o que fiz o mór descargo da consciencia, que a V. A. podia fazer. E tinha eu, que elle era hum dos mores serviços que tinha feitos, e pera me V. A. fazer muita mercê por elle.

P. Porque fizestes mercê a Simão de Mello de cento e trinta pardaos?

R. Se foi feita mercê a esse Fidalgo, a mim me parece que seria de mór quantia, porque mais merecia, porque sempre foi Capitão; e deo de comer a muita gente: e algumas vezes foi Capitão mór de Armadas, em que sempre deo de si muita boa conta. E eu ácerca das mercês fui tão registado, que em quatro annos poderia dar por mandado de V. A. trinta e dous mil cruzados, (como se verá pelo livro do Secretario,) e do meu caixão fiz mercê de mais de quatro mil e quinhentos cruzados, por sustentar homens que muito mais mereciam.

P. Porque déstes a Simão de Sousa a Alcaide

caidaria da Sunda, havendo na India outros homens de mais serviço?

R. Ao tempo que isso dei a Simão de Sousa, não achava homem que lá quizesse ir, e elle se offereceo com oitenta homens que trazia de Portugal, e mores cargos cabiam nelle. E V. A. me escrevia, que o proveesse nelle, lembrando-me seu pai Duarte Galvão, e dous irmãos, que morrêram na India. E por ao presente não haver com quem o proveesse, me mandava que o fizesse eu, e por isso lhe dei aquelle cargo, que elle não logrou.

P. Porque mandastes vir prezo Rax Xarraf de Ormuz, e depois o soltastes?

R. Porque o tinha Diogo de Mello prezo, e tanto que o soube, mandei por elle pera o ter o inverno na India, por ver que assento tomavam as cousas de Ormuz com sua prizão: e vindo o verão, puz suas cousas em justiça com os Officiaes de V. A., Capitães, e Cavalleiros, e foi julgado se tornasse pera sua casa, e fosse entregue de seu officio. Esta sentença, e assignados de todos se acharão nos meus papéis.

P. Porque fizestes mercê de dinheiro a Diogo de Mello?

R. Esse Fidalgo foi á India por Capitão de Ormuz, e o Governador D. Duarte não lhe quiz dar embarcação, como era obriga-

do, e elle affretou por mil cruzados. E porque V. A. era obrigado a lha dar, e elle se houve nas pendenças d'ElRey de Ormuz muito a serviço de V. A., havendo respeito a tudo, lhe fiz mercê desse dinheiro.

Acabadas estas perguntas, o mandou ElRey levar outra vez ao Castello, donde se livrou; mas a sua sentença não a achámos neste Estado, nem quem della nos foubesse dar informação: sómente o que atrás temos dito, ser condemnado nos ordenados de dous annos da governança pera Pero Mascarenhas. O que nisto passou mais se verá na Chronica d'ElRey D. João o Terceiro, de cuja effencia são estas cousas.

CAPITULO IX.

De como Antonio da Silveira destruiu as Cidades de Surrate, e Reynel, e outras Villas, e povoações: e do que aconteceu a Diogo da Silveira Capitão mór do Malavar este verão.

PArtido Antonio da Silveira de Goa com a Armada, entrou na enceada de Cambaya pera fazer toda a guerra que pudesse áquelle Reyno, como levava por regimento. E chegando á boca do rio de Surrate, que he maior de toda aquella enceada, e de mór trato, e commercio, em que havia pó-

voações mui ricas, onde concorriam mercadores de todas as partes da India, determinou de dar alli hum papo quente a seus soldados, porque com maior gosto proseguissem na guerra, porque a principal parte da vitoria está em homens contentes, e satisfeitos. E assentando com os Capitães dar naquella Cidade, deixou na boca do rio os navios maiores, e com os de remo entrou pelo rio acima, e de huma, e d'outra banda foi pondo a fogo, e ferrou muitas povoações que havia por ambas as partes, porque tudo se despovoou logo tanto que viram a Armada; e seus moradores se recolhêram pera a Cidade de Reynel, que estava pelo rio acima quatro leguas, situada da banda do Ponente, em hum campo mui raso, affastado da borda d'agua hum tiro de falcão. Chamou-se de Reynel, porque foi alli fundada pelos gentios Reyneis, que já foram senhores de todo o Reyno de Cambaya, e então era povoada de Mouros Nairias, grandes ladrões, e cossairos, que he a mais baixa casta dos que seguem a lei de Mafamede; usam a arte do mar, e todos são marinheiros, Pilotos, e Mestres: seguem os Arabes em sua seita, e por estes entrou naquella falsa lei de Mafamede naquelle Reyno de Cambaya, e dalli se semeou por toda a India, e por todo o Oriente, alli nos

Reynos das terras firmes , como nos das Ilhas de Samatrá , Jaoa , Borneo , Banda , Maluco , e todas as mais aonde chegavam com suas náos , que como homens zelosos da falsa feita , fazendo suas fazendas , prégavam sua lei , a que convertêram infinidade daquelles idólatras , e gentios. E tornando á nossa Armada : os naturaes de Reynel , tanto que tiveram della rebate pelos que hiam fugindo de seu açoute , sabendo a destruição que hiam fazendo , acudíram com muita presteza a se fortificar , ordenando nas bocas das ruas tranqueiras de madeira , e na praia na parte da desembarcação outras muito fortes , que guardecêram de muitas peças de artilheria , lançando-se quatrocentos de cavallo fóra pera defenderem a desembarcação aos nossos , que hiam pelo rio acima com a maré até chegar de frente da Cidade , donde lhes atiráram muitas bombardas , de que não recebêram damno algum. Antonio da Silveira ordenou a Armada em duas partes pera desembarcarem em diferentes lugares ; e chegando-se bem á terra , varejárom com os falções a praia de feição , que fizeram recolher os de cavallo ; e pondo logo a prôa nella , saltárom os nossos , lançando diante quatrocentos espingardeiros , que se puzeram em hum esquadrão , até desembarcar toda a mais gente ; e sendo commettidos dos de caval-

lo, os fizeram affastar com morte de muitos. Postos os nossos em terra, fez o Capitão mór dous esquadrões, dando hum delles com a dianteira a Manoel de Soufa, filho de hum irmão do Prior de Rates, mancebo de grandes pensamentos, ficando o Capitão mór com o outro, em que levava a bandeira de Christo. Manoel de Soufa arremetteo com as tranqueiras com grandes gritas chamando por Sant-Iago, descarregando sua arca-buzaria nos que a defendiam, que por hum grande espaço fizeram brava resistencia; mas não podendo soffrer mais o estrago que os nossos nelles fizeram, largando tudo se recolhêram á Cidade. Os nossos os foram seguindo até darem com as tranqueiras das bocas das ruas, e com aquella furia com que hiam, pondo-lhe os peitos, abolloáram por tudo até as cavalgarem, e entrarem a Cidade, em que fizeram grandes estragos. Os inimigos como hiam de vencida, não parando dentro, foram atravessando por ella, e varando pela banda do sertão, ficando a Cidade em mãos dos nossos com todo o seu recheio. Antonio da Silveira chegando á entrada da Cidade, porque não acontecesse algum desarranjo, fez alto com a bandeira de Christo, e tocou caixa a recolher, o que todos logo fizeram. E lançando espias fóra, sabendo serem os inimigos recolhidos, e que

tudo ficava despejado, entrou a Cidade, mandando alguns Capitães tomar as entradas della pela banda do sertão pera maior segurança, e mandou aos soldados que a saqueassem muito francamente, o que elles começaram a fazer, entrando pelas casas que estavam maciças de fazendas, que escalaram, e roubaram ás suas vontades. E foi sacco tão grosso de dinheiro, marfim, roupas finas, drogas, e outras mercadorias, que não bastaram os navios pera a quarta parte delle: e tudo o que sobejou mandou Antonio da Silveira queimar na praia, como tambem se fez á Cidade, com todo o mais recheio, que era muito grosso, que toda ardeo com espantosos terremotos; e a artilheria das tranqueiras, (que era muita) por não haver em que a embarcar, a mandou o Capitão mór lançar no pégo do rio, que foi mui grande perda pera os inimigos, porque era toda de brõnze. E assi se poz o fogo a vinte náos que alli estavam, e a muitas Cotias carregadas de fazendas, mantimentos, e madeira: e foi o damno tal, que não perdoaram os nossos a jardins, hortas, quintas muito ricas, e frescas, que estavam ao derredor da Cidade: o que tudo ficou tão assolado, que não se enxergaram mais que carvões, e cinza: isto poz muito grande espanto, e terror em todos os naturaes. Antonio da Sil-

veira como teve tudo assolado, sahio-se para fóra com sua Armada carregada de despojos, e foi correndo por toda a costa de Damão até Agaçaim, dando em todos os lugares, e Villas com tanta presteza, e crueldade, que parecia hum raio assolador, que andava sobre aquellas terras, queimando, destruindo, cativando hum grande numero de gente, de que se chusmáram as nossas Galés. Em quanto estas cousas passáram, succedeo huma desgraça mui grande a Francisco Pereira de Berredo Capitão de Chaul, e foi, que tendo o Tanadar de Chaul guerra com os Capitães d'ElRey de Cambaya seus vizinhos, que lhe entráram por seus limites, e demarcações, fazendo-lhe mui grandes danos; pelo que lhe foi forçado socorrer-se a Francisco Pereira Capitão de Chaul, fazendo-lhe requerimentos, que pelo contrato das pazes estava obrigado a lhe dar socorro, e ajuda contra seus inimigos: que sem ter licença do Governador, ajuntando cento e cincoenta de pé, e quasi vinte de cavallo, em companhia do Tanadar de Chaul com a sua gente, foram buscar os inimigos dalli a mais de huma legua, que eram mais de duzentos de cavallo, e dous mil de pé: que vendo os nossos serem tão poucos, por-les; e posto que nos primeiros encontros se

zeram os nossos mui grande resistencia, mandando, e derribando muitos, todavia como o número era tão desigual, e de ventagem, e o Tanadar com os seus se poz logo em desbarate, ficando os nossos tendo o pezo da batalha, carregando o poder todo sobre elles, os rompêram, e puzeram em fugida, matando muitos, salvando-se Francisco Pereira com mui grande trabalho, e risco. Esta desgraça sentio tanto o Governador, que o mandou levar prezo pera Goa. Antonio da Silveira, que estava no rio de Bombaim, tanto que soube deste negocio, que lhe logo chegou, acudio a Chaul com toda a Armada, com cuja chegada os inimigos se recolhêram. E por concluirmos com as cousas deste verão de Antonio da Silveira, elle se deixou andar por aquella costa o resto do verão, fazendo cruel guerra a Cambaya, até ser tempo de se recolher a invernar a Goa, aonde o deixaremos por continuarmos com Diogo da Silveira Capitão mór do Malavar.

Andava este Capitão por aquella costa fazendo guerra aos Mouros; e vindo-se o Governador recolhendo pera Goa, depois de dar expediente ás náos do Reyno, deixou-lhe hum regimento, que se fosse a Calecut ver com o Çamorim a tratar sobre o negocio das pazes, com que a Cochim o mandou apalgar. Diogo da Silveira foi

se pôr sobre aquella bahia com toda a Armada, e mandou visitar o Çamorim, e saber delle o modo que queria ter nas pazes, que mandára commetter ao Governador. O Çamorim recebeo este recado mui bem, mostrando grandes desejos de amizades, mandando-lhe dizer, que sua vinda fosse boa, que logo lhe responderia; e na verdade elle desejava muito de acabar a guerra commoço, porque lhe não vinha bem della; mas como os Mouros por quem se elle governava eram nossos inimigos mortaes, buscaram todos os modos pera estórvarem as pazes como fizeram, trastornando o Çamorim de forte, que quando Diogo da Silveira esperava por boa resposta, lhe acudio com despropósitos bem grandes, de que elle tomado, ordenou de lhe queimar a Cidade. E fallando com alguns marinheiros nossos, commettendo-os que fossem em segredo áquelle negocio, ensaiando-os de como o haviam de fazer, contentando-os pera isso bem, offerecêram-se pera o que elle pretendia. Diogo da Silveira mandou affestar a artilheria de toda a Armada na frontaria da Cidade, e hum dia de madrugada se foram a terra certos marinheiros em huma almadia mui pequena, e apartando-se, puzeram fogo á Cidade da banda do mar com panelhas de polvora; e como as casas eram de fo-

folhas de palma seccas, e o vento varejava do mar, alli se ateou, que parecia hum diluvio de fogo, recolhendo-se os marinheiros á almadia. A gente da Cidade saltou fóra das casas acudindo pera apagar o fogo, e andando todos apinhoados, descarregou a nossa artilheria em meio delles, e fez por toda a Cidade hum notavel estrago. O fogo foi crescendo, e sempre se consumíra toda, se o vento não acalmára; e pela muita diligencia que se poz, o apagáram, ficando todavia duzentas casas feitas em cinza. Acabado este negocio, de que o Çamorim ficou muito affrontado, repartio Diogo da Silveira sua Armada pelas bocas das barras dos rios principaes por onde costumavam sahir suas náos pera Meca, pera lhe impedirem a viagem, (que he a maior guerra que se lhe podia fazer,) como de feito não puderam lançar nenhuma fóra, no que todos recebêram mui grandes perdas, pelo que os puzeram em grandes necessidades. E passado o tempo da navegação, ajuntou o Capitão mór sua Armada, e se foi recolhendo pera Goa; e porque já hia avisado, que o senhor da Cidade de Mangalor, vassallo d'ElRey de Bisnaga, que era amigo do Estado, mandava fazendas do Çamorim em suas náos pera Meca, o quiz castigar por isso: e entrou aquelle rio de madrugada, sem se os da terra

ra reccarem de cousa alguma ; e chegados á Cidade, desembarcaram logo nella, e a comettêram, pondo-lhe o fogo por muitas partes. E posto que logo acudiram os inimigos, e se puzeram em defensão, tanto apertaram os nossos com elles, que com mortes de muitos os arrancaram da Cidade, ficando os nossos no meio della, mandando-a escalar, queimar, e assolar, achando-se muitas fazendas de que se os nossos cartegaram bem ; e as principaes foram, corál, cobre, azougue, roupas finas, de que se abarrotaram os navios todos. Acharam-se na Cidade perto de sessenta peças de artilheria, as mais dellas de bronze, que o Capitão mór mandou recolher, e depois de não haver que queimar, por tudo ser feito cinza, cortaram todos os palmares, e fazendas, que havia derredor da Cidade, deixando tudo tão escalado, e destruido, que muitos annos não tornou a seu primeiro estado, e com isto feito se recolheo a Goa. O Governador despachou no cabo do verão todas as cousas que haviam de ir pera fóra, Gonçalo Pereira Fidalgo, mui bom Christão, e muito bom Cavalheiro, pera a Capitania de Maluco, de que era provido, dando-lhe hum Galeão, e outros navios, e muitos provimentos, assi pera Maluco, como pera Malaca, proveo Ormuz, Cananor, Cochim. Este Abril veio a Goa

Martim Affonso de Mello Juzarte com os Portuguezes, que com elle foram cativos de Codavação, que foram resgatados por ordem de Lopo Vaz de Sampaio, que a isso mandou Coge Sabadim, que os resgatou por tres mil cruzados, que o Governador lhe mandou pagar mui bem, e recebeo aquelle Fidalgo com muitas honras, fazendo-lhe mercê de dinheiro a elle, e a todos os que com elle vieram pera se vestirem, e remediarem: e com isso se ferrou o inverno.

C A P I T U L O X.

Das cousas que acontecêram no Estreito do mar Roxo: e de como Mostafá Baxá, e ElRey de Xael foram cercar a Cidade de Adem: e do que aconteceo a Heitor da Silveira naquelle Estreito, e chegou a Adem, e favoreceo aquelle Rey, e o fez tributario ao de Portugal.

NO principio desta Decada demos larga conta da Armada que o Turco mandava contra os Portuguezes, que não houve effeito pelas desavenças de seus Capitães, e morte do seu General; e de como Mostafá sobrinho do Baxá morto lançára mão de toda sua casa, escravos, thesouros, e em cinco galés se fora pera fóra do Estreito, por onde andou até Antonio de Mi-

randa se recolher, ficando fazendo guerra ao Rey de Adem, em favor d'ElRey de Xael, como já atrás dissemos, que andavam em guerras travadas. E já o verão que Antonio da Silveira foi ao Estreito, se valeo o Rey de Xael de Mostafá contra o de Adem. E profeguindo na guerra, os mandou chamar a Xael para juntos a fazerem. E vendo-se todos, tratou com Mostafá conquistarem aquelle Reyno, fazendo entre si seus partidos: pelo que desembarcáram sua artilheria, thesouros, munições, e gente, e ambos entráram pelas terras de Adem, fazendo-lhe toda a guerra que puderam, no que gastáram este anno passado. E neste em que andamos ajuntando exercitos de mais de vinte mil homens, tornáram a pôr cerco a Adem pela banda do sertão, onde fizeram seus vallos, e trincheiras, e affestáram a artilheria que Mostafá tomou das galés, e começáram a bater aquella Cidade mui rijamente, mandando-lhe tomar os passos todos, porque lhe não pudesse entrar cousa alguma de provimentos, com o que puzeram aquelle Rey em tamanho aperto, que sem dúvida se perdêra, se não chegára áquelle porto a nossa Armada, de que era Capitão Heitor da Silveira, que como atrás dissemos, o Governador Nuno da Cunha despedio de Goa primeiro que se partisse pera Cochim, que se foi pôr a monte de

de Felix, onde as náos que vam pera o Estreito de Meca vam demandar. Alli lhe vieram cahir nas mãos algumas náos de Mouros carregadas de pimenta, drogas, e roupas, que foram commettidas dos nossos navios; e posto que fizeram bem de resistencia, foram entradas, e assoladas, não deixando de custar sangue de alguns que sahíram bem feridos. E passando as fazendas aos Galeões da Armada, deixáram-se andar naquella paragem até fim de Março, em que se haviam de recolher a invernar a Ormuz, como levava por regimento. E fazendo-se á véla com as náos de preza, chegando ao porto de Adem, surgíram, havendo seis mezes que aquella Cidade estava de cerco. Sabendo Heitor da Silveira o aperto em que estava, mandou visitar ElRey, e dizer-lhe, que por saber o trabalho em que estava o vinha foccorrer com aquella Armada, cheia de muitos, e valerosos soldados, todos com muito grande desejo de se arriscarem por seu serviço a tudo: que elle estava alli prestes pera o favorecer, e ajudar naquella guerra, e que estivesse de bom animo, porque elle o ajudaria a lançar os Turcos fóra da terra, porque sería muito grande damno de toda Arabia metterem pé em alguma parte della, porque eram gentes infames, e crueis; e onde quer que chegavam usavam grandes

tyrannias, e não guardavam fé, nem palavra a pessoa alguma. Isto lhe mandou dizer, porque se estivesse aballado pela necessidade em que estava a alguma cousa, o tirasse de sua determinação, com lhe representar os Turcos de maneira, que lhe ficassem odiosos, e avorrecidos. ElRey que estava medroso, e atemorizado, estimou muito os offerecimentos de Heitor da Silveira, mandando-lhe muitos agradecimentos, e dizer-lhe, que pois o soccorria em tal tempo, que elle por se não mostrar ingrato, se queria fazer vassallo d'ElRey de Portugal, com as condições que fossem justas, pera lhe ficar alli mór obrigação de o ajudar, e favorecer: que mandasse a elle huma pessoa pera assentar as pazes, e contratos. Heitor da Silveira mandou logo hum homem de recado, com apontamentos, e poderes pera assentar as pazes, que foi bem recebido. E praticando com ElRey sobre aquelle negocio, concluíram os Capitulos seguintes.

Que ElRey de Adem se fazia vassallo d'ElRey D. João de Portugal, e de todos seus descendentes, com dez mil pardaos de ouro de parcas cada anno, de que logo entregaria mil e quinhentos, (como entregou) pera com elles se fazer em Ormuz huma coroa de ouro pera ElRey, que se lhe man-

daria nas primeiras náos, em primicias daquelle tributo.

Que as náos d'ElRey de Adem, e de seus mercadores, poderiam livremente navegar pera todas as partes que quizessem, tirando pera Meca, sem nossas Armadas entenderem com ellas. E disto diz Castanheda, que se fizeram papeis, que nós buscámos bem nos Cartorios da India, de que não achámos rasto, nem no livro do Feitor desta Armada, que todo corremos, nem no do Feitor que então era em Ormuz achámos carregados estes mil e quinhentos cruzados, onde era obrigação estarem receitados: por onde não sabemos onde está a verdade disto, mais que acharmo-lo em algumas lembranças de mão, e referido em Castanheda, que concorreo neste tempo, e não havia de escrever sem fundamento.

E tornando á nossa historia, os Turcos tanto que alli víram a nossa Armada, levantaram logo o cerco, e se foram pera Xael, porque não fossem os nossos tomar-lhe a sua Cidade. Heitor da Silveira tanto que teve novas disto, que lhas enviou ElRey, mandou-lhe pedir licença, e a despedir-se delle, e deo á véla pera Ormuz, deixando alli hum navio de remo, pera fazer arribar as náos áquelle porto, de que era Capitão hum Foão Carvalho, ficando em Adem al-

guns Portuguezes , que se quizeram fazer mercadores. Chegou a Armada a Ormuz onde invernou , e quasi meio do inverno faleceo Christovão de Mendouça Capitão daquelle fortaleza , e succedeo Belchior de Sousa , por huma Provisão que lhe deixou Nuno da Cunha. Partido Heitor da Silveira de Adem , chegou áquelle porto huma não de Portuguezes carregada de fazendas ; e como aquelle Rey tudo o que fez foi com medo , e necessidade , tanto que se vio defassombrado assi da nossa Armada , como da dos Turcos , quiz-se pagar dos mil e quinhentos par-daos que dera , e lançou mão dos mercadores , e fazendas , mandando cortar as cabeças a todos ; e assi tomou o navio de remo , e mandou matar todos os que nelle andavam.

C A P I T U L O XI.

Das cousas que acontecêram em Maluco entre Portuguezes , e Castelhanos : e de como D. Jorge de Menezes o cercou na fortaleza de Tidore , e se deram a partido , com condição , que se sabissem daquellas Ilhas.

Temos deixado as cousas de Maluco em tregoas quebradas entre os nossos , e os Castelhanos , que de trezentos que eram , já não havia mais de cento , porque os mais

gastou a terra , e as enfermidades causadas das demazias a que se deram. Estes tornáram a reedificar , e fortalecer os bastiões , e fortes , que Martin Inhegues fabricou sobre a bahia daquella Cidade , em que se recolhêram , porque tambem se não fiavam da gente da terra , tanto que se descuidassem. E como estavam já despezos , viviam com trabalho , e estavam tão enfadados , e não menos o estavam os nossos em Ternate , porque de nenhuma parte viam vir-lhes soccorro , nem da India , nem de Malaca , estando com os olhos longos esperando por D. Jorge de Castro , pera ver se lhe trazia algum de Bancia , onde tinham ido , porque haviam que na India se não fazia conta daquellas Ilhas. O que os tinha postos em muito grande desconfiança , porque totalmente estavam faltos de tudo , e na fortaleza não havia mais de cento e vinte homens. De maneira , que assim os nossos , como os Castelhanos , estavam em hum estado tão miseravel , que se os naturaes daquellas Ilhas quizeram entender nelles , facilissimamente puderam extinguir ambas aquellas nações. Mas como todos estavam com o olho no grande interesse que do commercio de huns , e de outros tinham , não se lhes entrou nunca esta imaginação , antes parecia que por elle os amavam mais do que se amavam Portuguezes , e Castelha-

nos, sendo de huma mesma Lei, e tão conjuntos per natureza, e parentesco, que quasi eram huns: e cada Rey daquelles estava tão ocioso do que tinha em seu Reyno, que haviam que os ares lhos furtavam. Neste tempo chegou D. Jorge de Castro, (que como atrás dissemos foi á Ilha de Banda ver se achava alguns navios nossos, pera tomar alguns provimentos, e gente,) que nada trouxe, porque alguns que achou de mercatores Portuguezes, zombáram delle, e não lhe quizeram dar suas fazendas, por quão mal os Viso-Reys, e Capitães pagavam as que lhe davam pera suas necessidades. Em quanto esteve em Banda, El Rey de Tidore mandou alguns homens seus em companhia de alguns Castelhanos áquellas Ilhas a solicitar commercio, e amizades dellas pera El Rey de Castella, engrandecendo-lhe seu estado, grandeza, e poder, e abatendo no de Portugal, e quasi que tiveram convencidos todos aquelles Bandezes a seguirem a parte de Castella: o que não bastou com o Rey de Bachão, (com que mettêram muito cabedal neste negocio,) pera deixar o serviço d'El Rey de Portugal, e amizades dos Portuguezes, o que fez ao contrario do Rey de Geilolo, que se lançou á parte de Castella, e os favorecia na guerra contra os Portuguezes. Succedeo neste mesmo tempo arribar a

não de Alvaro de Sayavedra, que atrás deixámos partido de Tidore pera a nova Hespanha, carregada de cravo, que por infortúnios que no mar teve, e enfermidades que deram em todos, faleceo elle, e a mór parte da gente, e a náó com poucos que lhe ficaram, tornou a arribar ás Ilhas de Maluco, e não pode tomar senão o porto de Camafo da Ilha do Moro. Disto foi logo Dom Jorge de Menezes Capitão de Maluco avisado, e armando algumas Corocoras, e navios, que havia na fortaleza, embarcou-se com alguns Portuguezes, e Cachil Dares com trezentos Ternates, deo comfigo no porto de Camafo, onde os Castelhanos estavam perdidos, e desbaratados, que logo se entregáram a D. Jorge, e elle os trouxe com suas fazendas pera a fortaleza, onde os mandou curar, e agazalhar muito bem, mandando Fernão de ia Torre pedir-lhos, a que elle não respondeo a proposito. Isto conta o Clerigo Francisco Lopes de Gomara na sua historia das Indias, e de Mexico, fol. 282. por bem differente maneira, e muito fóra da verdade; porque diz, que D. Jorge cativou esta gente em Malaca, onde ella fora ter, e que dous annos tivera todos em carcere, em que morrêram dez Hespanhoes, sendo a verdade o que temos contado; e D. Jorge de Menezes tratou tão

bem estes Hespanhoes, como se foram proprios naturaes: nem elles daquella arribada foram a Malaca, nem foi D. Jorge de Castro o que os reteve, senão D. Jorge de Menezes; e o Reverendo Padre foi mal informado, ou teve pouco escrupulo de alevantar aos Portuguezes este alicive. Quasi nesta mesma conjunção se traváram alguns Senhores da Ilha do Moro em guerra huns com os outros, ao que acudio ElRey de Tidore, e seu irmão Cachil Radé com sua Armada a favorecer seus alliados, e amigos contra os dos Portuguezes; e em sua companhia mandou Fernão de la Torre cincoenta Castelhanos, pera que vissem aquelles Reys, com quem estava confederado, o como acudiam a favorecellos. Disto foi logo avisado D. Jorge de Menezes; e sabendo que em Tidore não ficáram mais que quarenta, ou cincoenta Castelhanos, determinou de dar naquella Ilha, não descubriendo a pessoa alguma sua tenção, e fez prestes algumas embarcações, pedindo a Cachil Diros, que o acompanhasse com suas Corcoras, porque determinava de ir pelejar com a Armada de Tidore, e de Geilolo, que andavam fóra, o que elle fez com a melhor gente que tinha. E D. Jorge de Menezes entregando a fortaleza a Gomes Ayres com vinte Portuguezes, embarcou-se, levando

todos os mais de Ternate, cuidando todos que hia buscar o inimigo. E sem dar conta a ninguem de sua tenção, se fez na volta de Tidore, onde chegou de madrugada, e desembarcando em terra sem ser sentido, commetto a Cidade, onde não achou quem lha defendesse, mandando logo pôr a ferro, e a fogo tudo. ElRey que era moço, com alguns que o seguiram, acolheo-se pera a serra, e esteve muito perto de ser cativo. Dom Jorge não se sahio da Cidade até a deixar toda assolada, e feita cinza; e como não teve que fazer, foi pôr cerco ao forte em que estavam os Castelhanos, a quem mandou requerer que se entregassem, que elle os deixaria ir livremente sãos, e salvos com suas armas, e fazendas, e não quizessem que terras de gentes tão barbaras como aquellas fossem banhadas com sangue Christão: e que era mui grande escandalo pera todo o Mundo, sendo de huma mesma Lei, e quasi naturaes, estarem tão divididos, e tomarem armas huns contra outros em meio de inimigos, que desejavam de lhes beberem o sangue: que o Imperador não se havia de haver por servido disso, nem do direito daquellas Ilhas ficar nas armas, senão na razão, e na justiça. A este recado respondeo Fernão de la Torre com palavras mui soberbas, e arrogantes: pelo que D. Jorge

mandou desembarcar algumas peças de artilheria , e assentallas na parte que lhe me-
lhor pareceo , e mandou bater o forte , e
ordenar escadas pera lhe dar assalto: o que
visto por Fernão de la Torre , mandou pedir
seguro a D. Jorge pera se ver com elle , que
lho mandou , e logo veio acompanhado de
alguns poucos. D. Jorge o sahio a receber ,
fazendo-lhe grandes honras , e gazalhados ;
e praticando sobre estas cousas , havendo al-
teração de parte a parte , vieram a se con-
cluir em pazes entre ambos , com as con-
dições seguintes :

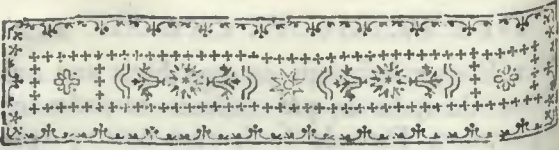
» Que os Castelhanos se sahisses daquel-
» las Ilhas , e se fossem pera o lugar de Ca-
» mafo , na costa do Moro , pera o que Dom
» Jorge lhe daria embarcações pera se pas-
» sarem lá , onde estariam até vir recado de
» Hespanha , e de Portugal , pera verem a
» determinação que aquelles Reys tomavam
» sobre as cousas destas Ilhas.

» E que estariam sem tratarem , nem com-
» prarem cravo algum.

» E que tornariam á Ilha de Maquiem ,
» que tinham tomado a ElRey de Ternate ,
» e não seriam contra elle , nem contra o
» de Bachão , nem ajudariam a ElRey de
» Tidore , nem ao de Geilolo contra Por-
» tuguezes , nem contra os Reys seus con-
» federados.

» E que se fariam entrega huns aos ou-
» tros de tudo o que tinham tomado na
» guerra. » De tudo se fizeram autos, e pa-
» peis assinados por todos, e juráram as pa-
» zes solememente: e logo se fizeram entre-
» ga das cousas que tinham, e D. Jorge lhes
» deu embarcações pera todas suas cousas, e
» os mandou pôr no lugar de Camafo, don-
» de Fernão de la Torre despedio no Galeão
» da carreira hum Pero de Montemór com
» cartas pera o Governador da India, em que
» lhe pedia embarcação, e despacho pera se
» passar com todos os Castelhanos á India, e
» assi os deixaremos até seu tempo.





DECADA QUARTA.
LIVRO VII.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

*Do concerto , e contrato , que ElRey Dom
João fez com o Imperador Carlos Quin-
to sobre as Ilhas de Maluco : e da Ar-
mada que este anno partio do Reyno.*

COMO o Imperador Carlos Quinto ,
que este anno passado de vinte nove
se tinha coroado por Imperador de
Alemanha , estava muito despezo pelas con-
tínuas guerras em que andava , e as diffe-
renças entre elle , e ElRey D. João de Por-
tugal o Terceiro sobre as cousas de Ma-
luco estavam cada vez mais accezas , e o
grande parentesco , e amizade , que entre el-
les havia , era muito grande freio pera não
romperem de todo ; ordenáram: de tomar
hum meio honesto neste negocio , com que
se acabassem as contendas todas , pera o que
fizeram seus procuradores bastantes pera de-

terminarem a causa , que se ajuntáram na Cidade de Çaragoça , onde concluíram sobre as cousas de Maluco , e fizeram hum contrato , cujo theor de *verbo ad verbum* he o seguinte :

» A vinte e dous dias de Abril de mil
 » quinhentos vinte e nove annos na Cidade
 » de Çaragoça de Aragão , foram juntos
 » Mercurio de Gatinara Conde de Gatinara
 » Chanceller mór do Imperador Carlos Quinto
 » Rey de Castella , e D. Fr. Garcia de
 » Loyassa Bispo de Osma seu Confessor , e
 » D. Fr. Garcia de Padilha Commendador
 » maior de Calatrava , procuradores de Sua
 » Magestade , e Francisco dos Covos seu
 » Secretario , e Escrivão , e Notario público
 » , e o Licenciado Antonio de Azevedo
 » Coutinho , Embaixador , e Procurador
 » d'ElRey D. João o Terceiro de Portugal :
 » E disseram os tres procuradores de Sua
 » Magestade , que em seu nome , e por virtude
 » de sua procuração vendiam , como defeito
 » o vendêram daquelle dia para sempre a
 » ElRey de Portugal , e todos seus Successores
 » da Coroa de seus Reynos , todo o direito ,
 » acção , dominio , propriedade , possessão ,
 » ou quasi possessão , e todo o direito de
 » navegar , contratar , e commerciar por
 » qualquer modo que fosse , que o Imperador
 » Rey de Castella dizia , e podia

Couto. Tom. I. P. II.

» dita ter, por qualquer via, modo, e ma-
 » neira que fosse em Maluco, com os lu-
 » gares, e terras, mares, segundo sería ao
 » diante declarado, por preço de trezentos
 » e cincoenta mil cruzados de ouro, e pra-
 » ta, que valessem em Castella trezentos e
 » setenta e cinco maravedis cada hum. E que
 » em qualquer tempo que o Imperador, e
 » seus Successores tornarem o dito dinheiro
 » sem lhe saltar cousa alguma a EIRey de
 » Portugal, e seus Successores, fica a dita
 » venda desfeita, ficando cada hum com o
 » direito que tinha dantes. E pera se saber
 » a repartição, haviam por deitada huma li-
 » nha de pólo a pólo, por hum semicircu-
 » lo que distasse de Maluco ao Nordeste, to-
 » mando a quarta de Leste dezenove grãos,
 » a que respondiam dezefete grãos escassos,
 » em a Equinocial, em que montavam du-
 » zentas noventa e sete leguas e meia a Ori-
 » ente de Maluco, dando dezefete leguas e
 » meia por gráo Equinocial, em cujo me-
 » ridiano, e rumo de Nordeste, e quarta
 » de Leste estavam situadas as Ilhas das Vê-
 » las por onde passava a dita linha, e semi-
 » circulo. E sendo caso que as ditas Ilhas
 » estivessem, ou distassem mais, ou menos de
 » Maluco, todavia a dita linha ficasse lar-
 » ga cada nas ditas duzentas noventa e sete le-
 » guas e meia mais a Oriente de Maluco: » do

» do que se fariam dous padrões iguaes af-
 » finados por os Reys , e sellados de seus
 » Sellos , pera ficar a cada hum o seu , pe-
 » ra seus vassallos faberem por onde haviam
 » de navegar.

» Que em qualquer tempo que ElRey
 » de Portugal quizesse que se visse o direi-
 » to da propriedade de Maluco , e as ter-
 » ras conteúdas no contrato , posto que o
 » Imperador não tenha tornado o preço ;
 » nem o contrato fosse resoluto , cada hum
 » dos ditos Senhores nomeasse tres Astrolo-
 » gos , e tres Pilotos , que se ajuntariam em
 » hum dos lugares da arraia que lhe fosse
 » nomeado , aonde assentariam da maneira
 » em que se havia de ir ver o direito da pro-
 » priedade , conforme as capitulações feitas
 » entre os Reys Catholicos , e ElRey Dom
 » João o Segundo de Portugal. E sendo ca-
 » so que se julgasse o direito por Castella ,
 » não se executaria , nem usaria de tal sen-
 » tença , sem p̃imeiro tornar realmente os
 » trezentos e cincoenta mil cruzados. E que
 » sendo julgado o direito por ElRey de Por-
 » tugal , sería obrigado o Imperador tornar
 » o dito dinheiro , do dia da sentença a qua-
 » tro annos primeiros seguintes.

» E vindo de qualquer parte algumas
 » drogas , ou especiarias aos Reynos de Cas-
 » tella , ou Portugal , seriam depositadas até

» se saber se eram da parte que cabiam a
 » Portugal , ou Castella , e dar-se-hiam a
 » quem pertencessem. E sendo levadas a ter-
 » ra dos inimigos , cada hum dos Reys as
 » poderia pedir por autos , sem outro po-
 » der , nem procuração ; o que se não en-
 » tenderia nas que fossem pera ElRey de Por-
 » tugal.

» Que da dita linha pera dentro não por-
 » deriam as náos do Imperador , nem de seus
 » subditos , e vassallos , nem de algumas ou-
 » tras pessoas , entrar com seu favor , e aju-
 » da , nem sem ella tratar , navegar , com-
 » merciar , nem carregar cousa alguma de
 » qualquer maneira , e sorte que fosse ; e
 » quem o contrario fizesse , seria prezo por
 » qualquer Capitão , ou justiça d'ElRey de
 » Portugal , e por elles ouvidos , e castigados
 » dos como cossarios , quebrantadores da
 » paz ; e não sendo achados dentro da li-
 » nha , e indo ter a algum porto outro do
 » Imperador , as suas justiças os prenderiam ,
 » e castigariam , como lhe fossem mostrados
 » autos , e pesquisas , porque fossem obriga-
 » dos.

» Que o Imperador por si , nem por ou-
 » trem , não enviaria ás ditas Ilhas , e ma-
 » res dentro da dita linha , nem consentir-
 » ria que lá fossem seus vassallos naturaes ,
 » nem estrangeiros , posto que naturaes , nem

» vassallos fossem , nem lhes daria favor ;
 » nem ajuda , antes seria obrigado a defen-
 » dello quanto nelle fosse , e mandando , ou
 » dando favor , ou ajuda , e o não estorvas-
 » se , e defendesse , que o dito pacto de re-
 » tro vendido ficasse logo resoluto. E El-
 » Rey de Portugal não seria mais obrigado
 » a receber o dito preço , nem a retro ven-
 » der o direito , e acção que o dito Impe-
 » rador por qualquer maneira podia ter nel-
 » le : antes por virtude do contrato tinha
 » vendido , renunciado , e traspassado em El-
 » Rey de Portugal ; e pelo dito feito a di-
 » ta venda fique pura , e valiosa pera sem-
 » pre. Nesta pena não incorreria quando al-
 » guns seus vassallos navegando por esse mar
 » do Sul , entrasse com fortuna , e tempo
 » fortuito a dita linha , porque então seriam
 » bem tratados , como vassallos d'ElRey de
 » Portugal , e do Imperador seu irmão , e
 » cessando a necessidade , se tornariam logo
 » a sahir. E passando a dita linha por igno-
 » rancia , não incorreriam por isso em pena ,
 » até lhe não constar que estavam dentro ; e
 » se não sahissem , e descobrindo-os que af-
 » si entravam algumas terras , ou Ilhas den-
 » tro da linha , seriam d'ElRey de Portu-
 » gal , como se as descobrissem seus Capi-
 » tães , e vassallos.

» Que as náos do Imperador , e de seus

» vassallos , e naturaes , poderiam navegar
 » pelos mares por onde as Armadas d'El-
 » Rey de Portugal hiam pera a India , tan-
 » to quanto lhe fosse necessario pera toma-
 » rem suas derrotas pera o Estreito de Ma-
 » galhães ; e navegando mais pelos ditos ma-
 » res d'ElRey de Portugal , incorreriam nas
 » ditas penas acima declaradas , e todos se-
 » riam castigados pelos Capitães d'ElRey de
 » Portugal , se por elles fossem achados. E
 » indo ter ás terras do Imperador , o seriam
 » por elle , e suas justiças , mandando-lhe as
 » culpas , em que incorreriam da notificação
 » do contrato em diante : o que se não en-
 » tenderia nas Armadas que o Imperador ti-
 » nha já mandadas áquellas partes , e do dia
 » da outorga do contrato em diante não po-
 » deria mandar outras de novo , sem incor-
 » rer nas ditas penas.

» Que ElRey de Portugal não poderia
 » fazer , nem mandar fazer dentro da dita li-
 » nha nenhuma fortaleza de novo , nem
 » se faria na que estava feita obra de novo ,
 » mas poder-se-hia sustentar no estado em
 » que então estava , e juraria de o assi cum-
 » prir.

» Que as Armadas que o Imperador lá
 » tinha mandadas seriam bem tratadas , e
 » favorecidas , como se fossem d'ElRey de
 » Portugal , e não lhes fosse posto embar-

» ço , nem impedimento á sua navegação ,
 » e contratação : e que se danno algum hou-
 » vessem recebido , ou recebessem , ou lhe
 » tivessem tomado algumas cousas, seria obri-
 » gado ElRey de Portugal emendar; e sa-
 » tisfazer, e pagar logo no em que o Im-
 » perador , e seus subditos houvessem sido
 » damnificados, e de mandar punir os que o
 » fizeram, e de prover com que as ditas Ar-
 » madas pudessem ir quando quizessem sem
 » impedimento algum; e o Imperador man-
 » daria logo suas provisões para os que es-
 » tivessem no dito Maluco sahirem logo del-
 » le , e não contratariam mais cousa algu-
 » ma , e lhes deixariam trazer o que tives-
 » sem resgatado, contratado , e carregado.

» Que nas provisões , e cartas que ácer-
 » ca deste contrato o Imperador havia de pas-
 » sar , diria o que dito era , se assentava ,
 » capitulava , contratava , valessem bem co-
 » mo se fosse feito , e passado em Cortes ge-
 » raes , com o consentimento expresso dos
 » procuradores dellas; e que pera validação
 » disso , de seu poderio Real absoluto , de
 » que como Rey , e Senhor natural , não re-
 » conhecente superior em o temporal , hou-
 » vesse de usar , e usava , abrogava , e de-
 » rogava , cassava , e annullava a supplica-
 » ção que os Procuradores das Cidades , e
 » Villas de seus Reynos em as Cortes que

» se celebráram na Cidade de Toledo o
 » anno passado de vinte e cinco lhe fiz-
 » ram ácerca do tocante a contratação das
 » ditas Ilhas , e terras , e a resposta que a
 » ello dera , e qualquer Lei que em as di-
 » tas Cortes se fez , e todas as outras que
 » a isto pudessem obstar.

» Que ElRey de Portugal , (porque al-
 » guns subditos do Imperador , e outros de
 » fóra de seus Reynos que o hiam servir ,
 » se queixavam que na Casa da India , e seu
 » Reyno lhes tinham embaraçadas suas fa-
 » zendas ,) prometteffe de mandar fazer cla-
 » ra , aberta , e livre justiça , sem ter respei-
 » to ao nojo que delles pudessem ter.

» Que as capitulações feitas entre os Reys
 » Catholicos , e ElRey D. João o Segundo
 » de Portugal , sobre a demarcação do mar
 » Oceano , ficassem firmes , e valiosas em to-
 » do , e portodo , como nellas era conteu-
 » do : tirando as cousas em que por este con-
 » trato lhe era dado , em modo que a ven-
 » da ficasse desfeita , em tal caso as ditas ca-
 » pitulações feitas entre os Reys Catholicos ,
 » e ElRey D. João , ficasse em toda sua for-
 » ça , e vigor.

» Que posto que o direito , e acção , que
 » o Imperador dizia ter em Maluco , que
 » assi pelo modo sobredito vendia , valesse
 » mais da metade do justo preço do que
 » por

» por elle lhe davam , e sabia certo por
 » certa informação de pessoas que o bem
 » sabiam , e entendiam , que era de muito
 » maior estima da metade do justo preço ,
 » e por muito mais grande valia que fosse ;
 » o Imperador a diminuia de seus Succes-
 » sores , e desmembrava da Coroa de seus
 » Reynos realmente , durando o tempo do
 » contrato.

» Que qualquer das partes que fosse con-
 » tra o contrato , ou parte d'elle , por si , ou
 » por outrem , ou por qualquer via , e mo-
 » do que fosse pensado , perdesse o direito
 » que tinha , e ficasse logo tudo applicado ,
 » junto , e adquirido á outra parte que por
 » elle estivesse , e á Coroa de seus Reynos ,
 » sem pera isso o que contra elle fosse ser
 » mais citado , ouvido , nem requerido , nem
 » ser necessario pera isso sentença de algum
 » Juiz , averiguando-se , e provando-se pri-
 » meiramente o mandado , e consentimen-
 » to , ou favor da parte que contra elle fos-
 » se. E além disto pagaria dezoito mil cru-
 » zados d'ouro , ou prata á outra parte de
 » pena , em que incorreriam tantas quantas
 » vezes contra elle fosse , em parte , ou em
 » todo , e a pena levada , ou não levada ,
 » o contrato ficaria valioso , e firme já mais
 » pera o que estivesse por elle. Pera o que
 » obrigavam todos os seus bens patrimoniaes ,

» e fiscaes dos constituintes , e das Coroas
 » de seus Reynos , e juráram solememente ,
 » e promettêram de em nenhum tempo irem
 » contra o contrato , em parte , nem em to-
 » do , por si , nem por outrem , em Juizo ,
 » nem fóra delle , por nenhuma maneira que
 » pensar-se pudesse. E que' em nenhum tem-
 » po por si , nem por outrem pediriam rela-
 » xação do juramento ao Santo Padre , nem
 » a outro que pera isso o poder tivesse. E
 » posto que Sua Santidade , ou quem pera
 » isso poder tivesse , sem lhe ser pedido , de
 » seu proprio motu lhes relaxassem o dito
 » juramento , que o não acceitariam , nem
 » em nenhum tempo usariam da dita relaxa-
 » ção , nem se ajudariam delle por nenu-
 » ma via , nem maneira que pudesse ser. »

Com isto ficou o Reyno desalivado , e
 ElRey mandou negociar seis náos pera man-
 dar á India , que partíram entrada de Mar-
 ço sem Capitão mór. Os Capitães dellas
 eram Francisco de Sousa Tavares , Fernão
 Camello , Vicente Pegado , Manoel de Bri-
 to , Pêro Lopes de Sampaio , e Luiz Alva-
 res de Paiva. E mandou os contratos de Ma-
 luco pera lá estarem registados. De sua jor-
 nada adiante daremos razão.

CAPITULO II.

Dos grandes apercebimentos que o Governador Nuno da Cunha fez pera continuar na guerra de Cambaya: e da muito grande, e poderosa Armada com que partio para Dio.

Como o Governador a principal cousa que trazia encommendada d'ElRey era o negocio de Dio, determinou de pôr este verão as mãos áquella obra, pera o que mandou ajuntar, e negociar mui grandes apercebimentos pera aquella jornada, em que se havia de metter toda a potencia do Estado, e escreveo no inverno a Affonso Mexia Capitão, e Veador da Fazenda de Cochim, que lhe fizesse prestes todos os navios que naquelle porto houvesse, assi d'ElRey, como de partes, e pagasse toda a gente que pudesse achar pera elles, e lhes mandaria dar embarcações, soldos, e mantimentos, porque não queria que gastassem de sua fazenda cousa alguma: pera o que passou provisões ao Veador da Fazenda, e a todos os Officiaes pera fazerem estas despezas, encommendando a todos que á gente d'ElRey de Cochim se lhes fizesse muitos mimos, e nenhum agravo, gastando o Governador todo o inverno no apercebimento da Armada, e das

cousas necessarias pera a jornada , visitando todos os dias em pessoa a ribeira das náos , Galeões , e Galés , em que havia mil homens Portuguezes ordenados pera seu serviço , entre mestres , pilotos , bombardeiros , calafates , carpinteiros , e marinheiros ; vendo , e provendo os almazens de artilheria , munições , e mantimentos de todas as cousas necessarias pera a jornada , no que gastava os dias da semana , e aos Domingos á tarde se hia ao campo com toda soldadesca que havia em Goa , mandando fazer barreiras , a que todos atiravam com suas espingardas pera os adestrar , e exercitar , e o que dava no alvo levava hum certo preço que o Governador alli tinha logo pera isso , e o mesmo fazia aos bombardeiros , dando , e fazendo pagas a todos , com o que andavam contentes , e satisfeitos ; e estimavam muito suas armas , e espingardas , trazendo-as limpas , e assacaladas , e não empenhadas pelas tavernas pera comer , como nós em outro tempo vimos por lhes não pagarem. Nestes exercicios gastou o Governador todo o inverno ; e tanto que o verão entrou , começou pôr a Armada no mar , e mandar embarcar munições , mantimentos , e artilheria , escaldas , e todos os outros petrechos de bateria , e de escalar fortalezas. E nos primeiros navios de mercadores que foram pera

Cambaya despedio dous mercadores gentios, que tinham suas casas em Goa, homens de recado, e confiança, pera irem a Cambaya, e a Dio espiarem as cousas como estavam, e verem a fortaleza, gente, e artilheria, que nella estava pera lhe saberem dar razão, avisando-os que lançassem fama da grande Armada, e poder, com que elle ficava no mar, encarecendo-lhes tudo o que pudessem sua potencia, porque com a fama deste terror se movesse Melique Tocão, irmão de Melique Sacá, (que então era senhor daquella Ilha,) a fazer com elle pazes, e a lhe dar a fortaleza, dando-lhes por regimento, que até vinte de Janeiro seguinte fosse ter com elle á Ilha de Beth aonde os esperaria. Despedidos estes homens, ficou o Governador Nuno da Cunha esperando pelas náos que haviam de vir do Reyno, que não tardaram mais que até dez de Setembro, em que vinham dous mil homens, gente mui limpa, e mui lustrosa, com que o Governador folgou muito pera a jornada; e entre as instrucções que o Governador teve d'ElRey, era huma: que mandasse Affonso Mexia pera Portugal, e que lhe fizesse inventario de toda sua fazenda, que lhe mandaria repartida pelas náos, entregue a pessoas de confiança pera se dar no Reyno a quem ElRey mandasse, e que provesse o cargo de Veador

dor da Fazenda, a quem lhe bem parecesse, e isto mandou pelas culpas, e capitulos que Pero Mascarenhas deo contra elle. O Governador despedio provisões a Cochim sobre este negocio, e não achámos a pessoa a quem o encommendou, sómente a receita que se fez de toda a fazenda de Affonso Mexia, que era muita pedraria, perolas, peffas douradas, e prata, alcatifas, e outras cousas ricas, que tudo se carregou sobre Manoel de Sá Feitor, e Thesoureiro de Cochim, e se entregou aos Capitães das náos, em que o mesmo Affonso Mexia se embarcou em Janeiro de trinta e hum, e o cargo de Veador da Fazenda não quiz o Governador prover, dizendo, que elle faria tudo, porque era homem que entendia mui bem a ordem della, como quem o era de todo o Reyno. E creveo tambem a ElRey de Cochim, e aos Officiaes, que dessem pressa á gente que lhe havia de mandar, e á Armada toda que lá havia, porque só por isso esperava, que se fazia prestes com muita diligencia, porque tinha ElRey dados mil e quinhentos Naires pera a jornada, que se repartiam por quinze, ou vinte navios d'ElRey, e de partes, que Affonso Mexia tinha pera isso negociados. E o Arel de Porcá tambem se fez prestes com gente sua, e tres navios pera ir a acompanhar o Governador nesta jornada; e

affi a elle, como á gente d'ElRey de Cochim, se lhe deo todo o necessario mui cumpridamente, e toda esta Armada partio até quinze de Novembro. O Governador deo grande expediente á escritura do Reyno, e ao despacho das náos, despedindo-as pera irem tomar sua carga. E ficando desoccupado, mandou fazer gente da terra pelas Ilhas de Goa, e de todas ajuntou mil e quinhentos Lascarins, os que lhe melhor parecêram pera as armas, que repartio por Naiques, e Capitães, fazendo-lhes suas pagas, e dando-lhes seus mantimentos, e embarcações separadas. E fazendo alardo da gente Portugueza, que estava pera ir naquella jornada, achou quatro mil homens, em que entravam muitos Fidalgos, e Cavalleiros. E mandando embarcar tudo, e tendo a festa do Natal em terra, depois de estar aos Officios, em que commungou, e o mesmo fez a mór parte da gente, se embarcou, e se fez á véla com cento e oitenta vélas, em que entravam trinta náos, Galeões, Caravelas, doze Galés, tres Barcaffas, e tudo mais Galeotas, Fustas, Bargantins, Tauris, e outras embarcações da terra; e os Capitães que nesta jornada o acompanháram, dos que podemos saber os nomes, são os seguintes: Antonio de Saldanha, Diogo da Silveira, Garcia de Sá, Antonio da Silveira, Manoel de

Albuquerque, D. Vasco de Lima, Jorge de Lima, Tristão Homem, Francisco de Sá, Ruy Vaz Pereira, Antonio de Sá o Rume, Nunio Pereira de Lacerda, Jorge Cabral, Manoel de Sousa, Martim Affonso de Mello Juzarte, Francisco de Vasconcellos, Miguel Carvalho, Vasco Pires de Sampaio, Henrique de Macedo, Martim de Freitas, Heitor da Silveira, D. Roque Tello, Gonçalo Vaz Coutinho, Manoel de Miranda, Manoel Rodrigues Coutinho, Christovão de Paiva, que hia por Feitor da Armada, Ruy de Mello, Lopo Pinto filho do Bailio de Leça, Pero Botelho, Jorge de Sousa, Antonio da Cunha, Francisco de Sousa, Antonio da Silveira, Lopo de Mesquita, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros. E da barra de Goa despedio o Governador alguns Catures ligeiros pera que fossem esperar a Armada que vinha de Cochim, e dar-lhe pressa até Chaul, onde a esperava: e elle foi seguindo seu caminho até chegar áquella Cidade, onde foi mui bem recebido do Capitão, e povo, e visitado do Tanadar de Chaul de cima. Aqui se deteve o Governador alguns dias até chegar a Armada de Cochim, que não tardou muito, com o que perfez de ventagem de duzentas vélas, e com todas juntas foi a Baçaim, donde atravessou a outra costa, e em tres dias foi a

ver vista da Ilha de Beth , oito leguas de Dio ; e de algumas embarcações que tomou naquella costa soube , que naquella Ilha estava hum Capitão d'ElRey de Cambaya , Turco de nação , com dous mil homens de guerra. E chamando os Capitães a conselho , lhes disse , que elle estava determinado de dar naquella Ilha , e metter todos os que nella estivessem á espada , assi pera terror , e espanto dos de Dio ; (porque não aguardassem a experimentar outra tal crueza , e lhes dessem a fortaleza livremente ,) como pera terem menos aquelles dous mil homens , que eram os escolhidos de Cambaya : que forçado haviam de ir soccorrer Melique Tocaõ , e era bom não lhe deixar nas costas aquelle foccorro. Aos Capitães lhes pareceo bem esta determinação , que foi causa de se perder a empreza de Dio , (porque se logo o commettêram , sem dúvida o tomáram.) O Governador mandou logo rodear a Ilha pelos navios ligeiros , porque se não sabissem della. Tinha ElRey de Cambaya esta gente nesta Ilha , porque se receava que mandasse o Governador fazer alli alguma fortaleza , por metterem pé no Reyno de Cambaya , como já por algumas vezes se tentou ; e tinha este Capitão hum forte mui arrezoadado sobre hum tezo no meio da Ilha pera seu recolhimento , e defensão , com muita artilheria , e munições.

CAPITULO III.

De como o Governador Nuno da Cunha commetteo a Ilha de Beth , e a entrou : e do espantoso caso que nella succedeo , porque se deo áquella Ilha o nome , que hoje tem , da Ilha dos Mortos.

SUrto o Governador derredor da Ilha , mandou recado ao Capitão Turco , que lhe entregasse aquella Ilha , e se puzesse em suas mãos com toda a gente , ficando á sua mercê , e que usaria com elles de piedade. O Capitão Turco mandou com a resposta hum Mouro honrado , que foi levado ao Galeão do Governador , e vendo a potencia daquella Armada , ficou enleado de feição , que por hum espaço não fallou. Passado aquelle primeiro termo , disse ao Governador , que o Capitão daquella Ilha lhe mandava dizer , que se espantava muito d'elle , indo com hum Armada tão potente sobre a fortaleza de Dio , querer-se embaraçar em cousa tão pequena como era aquella Ilha : que lhe fazia a saber , que elle , e todos os que com elle estavam haviam de morrer sobre sua defensão , e que não faria mais , (querendo-os commetter ,) que quebrantar os espiritos dos seus soldados ; porque posto que elles matastem todos quantos havia naquella Ilha ,

Ilha , não havia de ser tanto a seu salvo , que lhe não custasse muito , e assi ficariam arrefecidos da furia que levavam contra Dio. O Governador o tornou a despedir , mandando-lhe dizer , que se senão entregasse á sua mercê , não usaria de piedade alguma com elles ; por isso que se determinasse até o outro dia. Isto foi contra o parecer de todos os Capitães , porque houveram que o Turco lhes mandava conselho de amigo , e assi disseram alguns ao Governador , que lhes parecia bem dissimular com aquelle negocio , porque se alli lhe acontecesse hum-desastre , ficariam os soldados tão medrosos , e quebrantados , que depois não poderiam fazer cousa alguma em Dio , pera o que lhe era necessario os homens são , e muito affoutos. O Governador não accitando aquelles conselhos , mandou dar ordem á desembarcação. O Capitão da Ilha vendo a resolução da resposta do Governador , (segundo diz Fernão Lopes de Castanheda , e outros ,) tornou-lhe a mandar dizer pelo mesmo Mouros , que deixando-os sahir da Ilha com suas pessoas , mulheres , armas , e fazendas , lha entregariam livre , e desembaraçada. Mas alguns homens casados de Dio , que se acháram nesta jornada , nos disseram , (inverna-do nós naquella fortaleza ,) que o Turco com todos os mais estavam tão obstinados ,

que não quizeram commetter partido algum com o Mouro, que andava com os recados, os persuadir muito a isso, representando-lhes a potencia daquella Armada, e o perigo que todos corriam. Mas o certo he, que por tres vezes mandou o Capitão este Mouro a falar com o Governador sobre concertos; mas não querendo nunca acceitar outros senão os que primeiro pedio, nem o Governador querer-se descer da sua primeira opinião. O que visto pelo Embaixador, da derradeira vez, vendo o desengano do Governador, deixou-se ficar no Galeão por salvar sua pe-soa, porque sabia o proposito com que estavam os da Ilha. O Governador mandou fazer prestes as cousas necessarias pera ao outro dia desembarcar, dando a dianteira a Heitor da Silveira, e de toda a gente fez seis bandeiras, de que eram Capitães Heitor da Silveira, Antonio de Saldanha, Diogo da Silveira, Garcia de Sá, Antonio da Silveira, e a outra era a do Governador, que levava a bandeira de Christo. E deo ordem aos Capitães das bandeiras, que desembarcasssem pela Ilha em roda, em diferentes paragens, porque ainda que os inimigos se determinassem a lhes defender a desembarcação, não pudessem acudir a tantas partes. O Governador mandou mudar toda a gente aos navios de remos, e aos batéis das náos;

e Galeões , dando tantas embarcações a cada Capitão pera por suas partes commetterem a Ilha. Ao outro dia pela manhã foram commetter a terra , onde saltou Heitor da Silveira com a sua bandeira , pera quem se passaram muitos aventureiros , e fez em terra hum esquadrão de mais de mil homens. Os mais Capitães tambem desembarcaram nas partes assinaladas a cada hum , e foram-se ajuntar a Heitor da Silveira , e o Governador desembarcou por derradeiro , sem haver em alguma destas partes resistencia. Postos todos em terra , mandou o Governador desembarcar algumas peças de artilheria pera bater a fortaleza , e muitas escadas pera a escalar ; negociado tudo , foram marchando pera a fortaleza , e a tiro de falcão della assentaram o arraial , fortificando-o logo á roda com seus vallos , e trincheiras fortes. Ao outro dia se começou a bateria com tanta força , que lhe derrubou algumas partes , por onde já se podia commetter ; durou isto até á noite. Ao outro dia preparáram-se pera lhes darem o assalto. Os de dentro vendo-se daquella maneira , desconfiados de todo o remedio , e entendendo bem que os Portuguezes lhe haviam de entrar a fortaleza por força , e que forçado todos os que dentro estavam haviam de morrer em sua defensão , e que suas mulheres , filhos , e fazendas não poderiam

deixar de ficar por despojos aos Portuguezes, o que sentiam em extremo; e trazendo-lhe o demonio hum brutalissimo remedio á memoria, ajuntou o Capitão todos os Mouros, e lhes fez esta breve arenga.

» Bem vedes, amigos, e companheiros
 » meus, como tentei todos os remedios,
 » quantos a honra, e a obrigação me deram
 » lugar, por ver se podia salvar as mulhe-
 » res, e filhos de todos os que aqui esta-
 » mos, que he o que só desejava; porque
 » nós como somos homens, mais havemos
 » de pertender huma morte honrosa, que
 » vida com vituperio, de que não podemos
 » escapar, segundo estes inimigos estam en-
 » carniçados contra nós. Mas porque depois
 » de todos acabados em nosso officio, e obri-
 » gação, não fiquem nossas mulheres, e fi-
 » lhos em seu poder, nem as fazendas que
 » com tanto trabalho adquirimos, sou de pa-
 » recer, que antes se consuma tudo a nos-
 » sas mãos, entregando-as ao duro fogo pe-
 » ra que as gaste, e consuma, e depois com
 » odio desta mágoa mais entranhavel, e com
 » a ira desta crueza mais acceza, sahamos
 » aos inimigos, e tomemos nelles vingança
 » desta deshumanidade, que havemos de
 » usar com nossas proprias mulheres, e fi-
 » lhos. E quando todos acabarmos a suas
 » mãos, não lhes ficará cousa de que se pos-
 » sam

» sam louvar de nós , e assi ficaremos hum
» raro exemplo ao Mundo. »

A todos pareceo bem aquelle conselho , e sahindo-se dalli com aquella furia , cada hum se foi a sua casa , e nos innocentes filhos , e mulheres , que estavam repousando , banháram as crueis espadas , abrindo-lhes as entranhas sem piedade alguma , (o que todos fizeram em hum mesmo tempo ,) não perdoando a pais , mãis , mulheres , filhos , irmãos , nem a toda mais gente , e familia. Esta crueza executáram sem lhes mover as entranhas o choro do tenro filho , nem as lagrimas , e piedosas lamentações da cara , e amada esposa. Acabado este sanguinoso , e cruel espectaculo , tomáram todas suas fazendas , ouro , prata , drogas , alcatifas , e todos os mais móveis ricos , e curiosos , e posto tudo em hum grande monte no terreiro da fortaleza , ajuntando-lhe muita lenha , e palha , lhe puzeram fogo , começando a arder tudo soberbissimamente. E tomando os corpos das mulheres , filhos , e mais familia , que estavam ainda palpitando , e revolvendo-se no quente sangue , os foram lançar no meio daquellas ardentes chammas , consumindo-se tudo em cinza em hum muito breve espaço , imitando nesta brutal façanha os antigos Numantinos. Foram vistas dos nos-
sos aquellas chammas , e labaredas com mui-

to grande espanto , sem poderem cuidar o que sería. Feito aquelle barbaro incendio , ajuntáram-se setecentos dos principaes , e foram-se á Mesquita , e nella fizeram grandes votos a Mafamede de morrerem todos em vingança daquelles innocentes ; e pera final daquelle voto rapáram logo alli as cabeças á mancira das tonsuras dos nossos Clerigos , que he huma superstição que usam os que se offerecem a morrer , e a desprezar a vida. A estes homens chamam na India Amoucos , de quem em outra parte daremos mais particular razão. Passada aquella desesperada , e triste noite pera elles , em rompendo a luz da manhã , puzeram-se os nossos em ordem de escalar a fortaleza , levando pera isso suas escadas , mantas , vaivens , e todas as mais cousas necessarias ; e remettendo com os muros por quatro partes , arvoráram logo nelles suas escadas. Heitor da Silveira , que foi o primeiro esquadrão , foi demandar a porta com grande estrondo , e alaridos dos nossos , e encostando as escadas huns começaram a subir , e outros arrombar as portas. Os Mouros como estavam tão desesperados , apresentáram-se naquelles lugares porque se repartíram , pondo-se nelles em defensão , esperando alli a morte a pé quedo , ferindo , e matando tambem nos nossos bem á sua vontade. Depois da referta da subida durar por

por espaço de huma hora , cavalgáram os Portuguezes o muro , o que não foi tanto a seu salvo , que não custasse a vida a Heitor da Silveira , que ficou cahido de huma bombardada que lhe deo por huma perna de que logo cahio : e sendo recolhido , e levado aos navios , foi curado , mas como tinha seu termo acabado , não durou mais de tres dias , (o que foi grande perda pera a India , por ser hum dos Capitães que em seu tempo houve , e digno por certo de ficar aquella Ilha mais famosa no Mundo por sua morte , que não pela causa porque hoje he conhecida nelle.) E tornando aos nossos , subidos nos muros foram matando , e ferindo nos inimigos , que não fugiam á morte , antes se offereciam a ella trabalhando pela vingar. Neste torpel foi morto o Capitão Turco , que primeiro fez espantosas cavallerias , e não achamos a certeza de quem o matou. Os seus tanto que se víram sem Capitão , começaram a desordenar-se , e os nossos a matar nelles , sem perdoarem a algum.

Conta-se aqui hum caso espantoso , e foi , que arremettendo hum soldado nosso com huma lança nas mãos a hum daquelles Amoucos , não fez elle mais que dar-lhe a barrega á lança , e mettendo-se por ella , foi correndo pela astea adiante até chegar ao soldado , e lhe deo huma cutilada por huma

perna que lha decepou toda, cahindo ambos mortos a hum tempo. A porta da fortaleza foi arrombada, entrando por ella todo o mais corpo de gente, com o que se acabou de averiguar aquelle negocio, não escapando de dous mil Mouros que eram, hum só. E desta crueza, e da que elles executáram com suas mulheres, e filhos, se deu novamente nome áquella Ilha chamando-se a dos Mortos. Todavia não foi isto sem perda, porque na entrada morreram dezete Portuguezes, em que entráram alguns Fidalgos mancebos, e feridos passáram de cento e vinte. Acabado este negocio, foram dar busca á fortaleza, e não acháram mais que a quente cinza de todas as riquezas, mulheres, e meninos daquella Ilha, e só das armas dos Mouros se aproveitáram.

C A P I T U L O IV.

De como chegou a Dio Mostafá Baxá, e todos os mais Turcos que estavam em Xael, e fortificáram aquella Ilha: e de como o Governador Nuno da Cunha commetteo a fortaleza de Dio, e se retirou com damno seu.

D Estruida, e assolada a Ilha dos Mortos, mandou o Governador embarcar algumas peças de artilheria, que se acháram com

muitas munições, e mantimentos. Feito isto, embarcou-se o Governador, deixando-se ficar naquelle porto esperando pelas espias que tinha mandado a Dio, com que não continuamos, porque o deixamos pera aqui. Foram estes homens áquella Ilha, onde andáram vendo, e notando tudo; mas pelas grandes guardas, e vigias que havia na fortaleza, não puderam entrar nella. E porque no mesmo tempo succedeo chegar áquella Ilha Mostafá Baxá, (como logo diremos,) ficáram-se entretendo, por verem a ordem que logo deo^a pera defensão della. O Governador passados oito dias, que se alli detinha, vendo que lhe não vinha aviso de cousa alguma, deo á véla pera Dio; e esta detença foi a total salvação da fortaleza, e Ilha de Dio, e perdição desta jornada; porque espalhando-se a fama da potencia da Armada Portugueza, ficou della tão assombreado Melique Tocão, e ainda o ficou mais depois que soube a crueza da Ilha dos Mortos, que acabante aquelle feito, se fora logo o Governador surgir sobre aquella Ilha, sem dúvida se lhe despejára toda, e alcançára o que tanto desejava sem golpe de espada. Mas quiz a fortuna que naquelles dias que se teve esperando pelas espias, chegassem áquella Ilha os Turcos Mostafá, Coge Cofar, e outros, que como dissemos, depois de des-

cercarem Adem se foram invernar a Xael , e de duas náos que alli havia fizeram dous Galeões , em que se embarcáram com todos os seus thesouros , e artilheria , e entráram pela barra de Dio tres dias antes que o Governador chegasse. Melique Tocão os recebeu com grandes honras , e lhes deo conta da Armada Portugueza , e do negocio da Ilha dos Mortos. Mostafá sentindo nelle grande medo , e temor , lhe disse que se segurasse , que elle lhe defenderia aquella fortaleza a outro mór poder , e Armada que aquella. Com isto ficou Melique Tocão desalivado , e lhe deo o governo de tudo , que elle tomou á sua conta , começando logo a entender nas cousas que convinham pera a defensão da Cidade , deitando fóra della toda a gente inutil , deixando só a que podia tomar armas , que seriam dez mil homens , e mandou com muita pressa reedificar , e fortalecer os muros , e baluartes , guarnecendo-os de muita artilheria , pondo nelles por Capitães Rumes de sua companhia , e por derredor dos muros da banda de fóra mandou fazer muitas minas cheias de polvora , pera se os nossos quizessem commetter os muros com escadas lhe darem fogo. Pela mesma maneira provêo o baluarte do mar , (que defende a entrada da barra ,) de artilheria , e de munições , pondo nelle hum Capitão Ru-

Rume , com huma companhia de soldados. E a cadeia de ferro que Melique ordenou pera defensão da entrada do rio , mandou que se reformasse , e a atravessou do baluarte do mar até o outro da terra , que estava no lugar em que hoje está a nossa fortaleza , ficando a cadeia pouco mais de hum palmô escondida debaixo d'agua. E quando queria entrar alguma embarcação sua abaixavam tudo o que queriam , e a tornavam a alevantar com cabrestantes , que pera isso tinham sempre guarnecidos. Isto tudo estava feito quando o Governador surgio sobre aquella Ilha , que foi a quatro de Fevereiro , cubrindo todo aquelle mar com a sua Armada , que era cousa que não deixou de fazer temor , e espanto a todos. O Governador tratou logo com os Capitães sobre o modo de como se havia de commetter aquella entrada , porque depois de estarem dentro tratariam do que mais cumpria. Por todos foi assentado , que sem se ganhar primeiro o baluarte do mar senão poderia fazer cousa alguma ; que se tratasse de o ganhar , e o outro de sobre a barra , e que então depois Deos encaminharia aquelle negocio como fosse seu serviço. Com esta resolução encomendou o Governador a bateria destes baluartes a estes Capitães , isto he , aos tres das galés , que eram Francisco de Sá dos ocu-

los, Antonio de Sá o Rume, e Nuno Fernandes Pereira mandou que se chegasssem bem ao baluarte do mar, e surgisse perto delle pera o baterem, e tres barcaffas que levavam pera isto, de que fez Capitães Dom Vasco de Lima, Jorge de Lima, e Tristão Homem, que estavam guarnecidas de fortes arrombadas com bazaliscos, e aguias reaes, mandou que batessem o mesmo baluarte por outra parte, e encarregou mais a nove Capitães, que eram Manoel de Albuquerque de huma galeaça, Jorge Cabral, Manoel de Sousa, Martim Affonso de Mello Juzarte, Francisco de Vasconcellos, todos quatro Capitães de galés, pera que commettessem o baluarte de Diogo Lopes de Siqueira, que estava pela banda da costa brava, porque se assentou que lançassem por alli tambem gente em terra. E o baluarte de sobre a barra da outra banda do mar encarregou a bateria delle a quatro Capitães, isto he, Miguel Carvalho de huma albitoga, e Vasco Pires de Sampaio, Henrique de Macedo, e Martim de Freitas em outras tres barcaffas com suas mantas, e arrombadas. E Antonio da Silveira com trinta navios de remo mandou que fosse favorecer os que batiam os baluartes da barra; e toda a mais Armada repartio por outras partes da banda de fóra pera divertir os inimigos. E todo aquelle dia que

que alli chegáram, e a noite seguinte gastáram todos em se fazerem prestes pera a bateria. Et tanto que rompeo a luz da manhã, fez o Governador sinal aos navios, que arancáram cada hum pera o posto que lhe era ordenado; e as barcaffas que haviam de commetter o baluarte do mar foram endireitando com elle, e o dianteiro foi o D. Vasco de Lima Fidalgo mancebo, e desejoso de ganhar honra, que largou por pópa hum estendarte todo negro com huma morte pintada tão fea, e medonha, como o ella he, divisa que entristeceo a todos; e parece que nella profetizou a morte que alli recebeo. Dos baluartes do mar, e da terra em vendendo levar as embarcações, começáram a desparar aquella furia infernal de bombardas tão espessas, que parecia choverem pelouros do Ceo, e foi a fumaça tamanha, e tão grossa, que perdêram os navios a vista do baluarte, e os bombardeiros não viam onde apontar sua artilheria. D. Vasco de Lima com muito grande animo, sem lhe dar dos pelouros que choviam dentro na sua barcaffa, mandou remar avante, e disse ao patrão della, que lhe puzesse a prôa no baluarte; que não se contentava o seu animo senão das cousas que pareciam impossiveis, porque elle lhas fazia todas faceis. Mas Deos, que tinha posto alli seu termo; permitio que lhe

dêsse huma bombardada pela cabeça, que logo lha fez em pedaços, e matou outro soldado, que estava junto delle; com isto se teve a barcassa, e tornou pera traz, porque já não tinha quem a mandava ir avante, e quem animava a todos os que nella hiam. Os outros Capitães das barcassas não menos animosos quizeram passar avante, mas a multidão dos pelouros os deteve; e o mesmo aconteceo em todas as outras partes, que foram commettidas dos nossos, em que foram tão fustigados da artilheria, que se tornáram a recolher destroçados, e com alguns navios arrombados, e muitos mortos, e feridos. O Governador bem vio que tinha feito erro naquelle negocio, e que alli não faria mais, que arriscar toda a Armada, porque tanto bem elle lá no seu Galeão não estava tanto a seu salvo, que lhes não ferissem as bombardadas muitos homens, e fazendo final a recolher, elle se affastou pera fóra, tendo recebido nos navios grandes damnos. Recolhidos os navios, o Governador mui triste, e malencolizado pelo successo, deo á véla, e fez-se na volta de Chaul, e do caminho despedio Antonio de Saldanha com quarenta navios ligeiros, pera ir fazer guerra por toda a encada de Cambaya. Chegando o Governador a Chaül, despachou Antonio da Silveira pera ir entrar na fortaleza de Ormuz,

e assi provêo em algumas cousas. Dalli se passou a Goa, e despachou logo Garcia de Sá pera ir entrar na Capitania de Malaca, por acabar seu tempo Pero de Faria, mandando provimentos pera Maluco. Mostafá Baxá tanto que o Governador se partio de Dio, logo se partio pera a Cidade de Amadaba com todos os de sua companhia, e se apresentáram ao Soltão Badur, offerecendo-se-lhes pera o servirem, o que elle estimou muito, pela fama que delles tinha daquelle negocio de Dio, ficando Mostafá Baxá grande seu acceito, e lhe deo o titulo de Rumecan, que quer dizer o Senhor Rume, e o fez General de seu exercito.

C A P I T U L O V.

Da grande, e cruel guerra, que Antonio de Saldanha fez por toda a enceada de Cambaya.

A Partado Antonio de Saldanha do Governador, como dissemos, tornou-se a passar á Ilha dos Mortos pera dalli comear a guerra. Dalli foi de longo da costa pela enceada dentro, queimando, destruindo, e assolando todos os lugares maritimos, como foram Madrefaval, Taloja, Gengimel, não perdoando em todos estes lugares a sexo, nem a idade alguma, nem ainda aos

brutos animaes, porque até estes sentíram a furia dos nossos. E porque teve por novas, que a Cidade de Gogá, que era huma das maiores, e mais opulentas em trato, riquezas, e poder de todas as de Cambaya, ordenou de dar nella, pera o que lhe foi necessario ir-lê detendo, e esperando por aguas vivas, pera poder entrar dentro. Jaz esta Cidade quasi no cabo da enceada, da banda do Ponente, estendida em hum campo mui raso, e em algumas ruinas de edificios, que ainda hoje se vem, parece que foi antigamente couza muito grande, e senhoreada de alguns estrangeiros, porque em muitas partes mostra ainda pedaços de muros mui largos, de que ella foi toda cercada, todos de cantaria, de huma pedra parda, que cada huma he de mais de quatro palmos de comprimento, e muito perto de tres de largo, e outras com betume, nem cal, sómente feitas humas encarnas no meio de cada pedra em igual distancia, com humas méchas de páo ferro, em que as pedras de cima se vam encaixar, tão justas, e tão primas, que parece parede de huma só pedra. E no modo deste edificio, andando-o nós vendo, e notando, nos pareceo obra dos Chins, que deviam já de ser senhores de algumas partes daquelle Reyno, como vimos nos espantosos

fos edificios dos Pagodes da Ilha de Salcete, que sem dúvida se tem por obra sua. Está esta Cidade de Gogá affastada da agua hum tiro de berço, pera onde se entra por hum esteiro, que chega até bem dentro da povoação, de huma vasa tão solta, e delgada, que sumirá qualquer cousa que lhe lançarem. Este esteiro será de largura de pouco mais de hum tiro de pedra, e nas aguas vivas mettem por elle suas náos, porque fica tendo mais de quatro braças de fundo, e quando vasa fica tudo secco, e espraia alli a maré tanto, que escaçamente se alcança com a vista, e em certas partes tem canaes, e pozos, onde as náos surgem. Este esteiro entra por derredor da Cidade, que quasi a cerca, e servem-se por algumas pontes pera fóra. Além deste esteiro, que lhe servia de cava, estava a Cidade fortificada com algumas tranqueiras nas partes quebradas, que hiam fechar no antigo muro, e por nenhuma parte se podia desembarcar senão entrando pelo esteiro, porque tudo á roda por todas as partes era alagadiço. Antonio de Saldanha tanto que as aguas vieram, tomando Pilotos que sabiam os canaes, e entradas, foi demandar a Cidade, entrando pelo esteiro dentro com toda a Armada, e chegando ao caes saltáram todos em terra com grandes gritos, e alaridos, posto que acháram em ter-

ra hum corpo de mais de dous mil homens, que acudíram a lhes defender a desembarcação, mas a artilheria das fustas os fez affastar pera fóra. Postos todos em terra arremetêram com os inimigos, com que traváram humma boa batalha, mas assi apertáram com elles, que com morte de muitos os arrancáram do campo, levando-os diante de si até á Cidade, em que entráram de envolta. Os inimigos como hiam cortados do medo, viráram logo pela outra parte do sertão, deixando a Cidade em mãos dos nossos, que mettêram á espada toda a cousa viva que acháram, não perdoando nem aos tenros meninos nas tetas das mãis, que apertando-os comsigo, eram passados ambos da cruel albarda, e da aguda espada, usando nisto crueldade alheia de natureza Portuguez, mas pareceo assi necessario pera terror. Antonio de Saldanha mandou dar fogo á Cidade por se não embaraçarem os seus soldados com os despojos della, de que alguns não deixáram de se carregar bem. Isto foi tão apressado, que antes que a maré se acabasse, tornáram a sahir pera fóra, dando fogo a vinte e cinco navios que estavam no esteiro carregados de roupas, drogas, e outras fazendas, o que tudo se consumio em cinza, como tambem o fez á Cidade, ficando os moradores de Cambaya pobrissimos; por que

que como alli era a mór escala do Reyno, todos tinham alli suas fazendas. Antonio de Saldanha passou-se a outra costa por onde destruiu muitos lugares, como foram, Balçar, Tarapor, May, Quelme, Agaçaim, até o rio de Bandorá, deixando tudo mettido a ferro, e a fogo, e a gente toda em pranto; porque os que puderam salvar suas pessoas, huns perdêram mulheres, outros filhos, outros fazendas, de forte, que em todo o Reyno de Cambaya outra cousa não havia senão prantos, queixas, e lamentações, com que os miseraveis acudiram á Corte, sem haver quem lhes dêsse remedio a seus males; o que ElRey sentio em extremo, porque lhes não podia ser bom áquellas cousas. Antonio de Saldanha gastou por aqui todo o verão, e sendo tempo de se recolher a Goa, o fez, deixando Diogo da Silveira com vinte navios pera ficar por aquella costa o resto do verão, e pera ficar invernando em Chaul, como levava por regimento, pera no principio do verão tornar a continuar naquella guerra. Diogo da Silveira tornou a voltar até Daman, fazendo muitos damnos por toda aquella costa, e tomando muitas embarcações que se recolhiam pera os portos de Cambaya, e como lhe deram ameaços do inverno, recolheo-se a Chaul.

CAPITULO VI.

Das desavenças que o Accedecan teve com o Idalcan, e das preeminencias daquelle cargo: e de como deo a ElRey de Portugal as terras firmes de Salcete, e Bardés.

NA segunda Decada de João de Barros se deo conta daquelle Cuso Larym, que em tempo de Affonso de Albuquerque veio sobre Goa a segunda vez que a tomou. E porque muitas vezes pelo decurso da historia havemos de fallar nelle, o daremos a conhecer.

Era este Mouro natural do Reyno de Lara, vizinho ao de Ormuz, seu proprio nome era Cuso; e porque era natural do Reyno de Lara, tomando o sobrenome da terra, ficou-se chamando Cuso Larym. Este mancebo veio ter ao Reyno do Idalcan, e se poz com elle a soldo, servindo-o nas guerras contra os Portuguezes tão bem, que vagando o cargo de Accedecan do Reyno, (que em dignidade corresponde ao de Contrabré do Reyno,) lho deo a elle, e com isso inda mais o governo do Concan, para onde se elle foi, e ordenou pera sua estancia a fortaleza de Pondá, que mandou fazer de novo pera sua segurança, porque fr-

cava muito vizinho da Ilha de Goa. Este cargo de Accedecan neste Reyno he de tamanha preeminencia, que quem o tem, não entra em casa d'ElRey a lhe fazer cortezia, a que elles chamão zumbaia, nem guarda nisto a ordem dos outros Capitães que he esta. Ha naquelle Reyno trinta, ou quarenta delles, em que entram alguns de dez mil homens, outros de tres, e quatro mil, outros de menos, conforme as terras que lhes dam; porque segundo seu rendimento, alli lhes assina a gente que hão de ter, e sustentar. De maneira, que sempre nestes Reynos do Decan tem aquelles Reys perto de quarenta mil homens de cavallo, de ordinario pagos, e a todas as horas que quizer pôr-se com elles em campo o póde fazer. Estes Capitães são obrigados a ir á Corte todas as Luas novas a dar vista a ElRey, e a lhe fazerem sua veneração, e zumbaia, por esta maneira. Assina-se ElRey a huma varanda, que cahe sobre hum campo mui formoso, e grande, por onde vam os Capitães passando cada hum por si, com suas insignias, e bandeiras de suas cores, com seus instrumentos de guerra, camelos, e elefantes, diante tudo por sua ordem, e emparelhando com a varanda em que ElRey está, fazem sua zumbaia, que he ir com a mão direita ao chão, e depois polla sobre suas

cabeças, em final que tomam a terra de de-
 baixo dos pés d'ElRey, e assi como vam
 passando lhos vam dando a conhecer os que
 estam com elle. Só o Accedecan guarda ou-
 tra ordem, porque não tem mais obrigação,
 que certas vezes no anno ir fazer esta zun-
 baia a ElRey, e ao dia que ha de ser, ca-
 valga ElRey, e vai a huma quinta fóra da
 Cidade a folgar, aonde o Accedecan vai com
 dez, ou doze mil cavallos que sustenta, e
 faz sua zumbaia: se ElRey está a cavallo,
 a cavallo; se a pé, a pé: quando se assenta
 he á mão direita d'ElRey, acima de todos
 os Capitães, e Senhores do Reyno, porque
 precede a todos. Este Cuso Larym (como
 he natural em todos os Reynos serem inve-
 jados os que mais podem) foi mexerica-
 do com ElRey, que lhe começou a ter má
 vontade, do que elle foi avisado; e recean-
 do-se que viesse perder o lugar que tinha,
 e ainda a vida, (porque pera hum destes
 Reys cortar a cabeça, não só a seu Capitão,
 mas a seu irmão, basta hum pequeno mexe-
 rico,) querendo segurar a sua com os mexe-
 tугuezes, cartcou-se com o Governador Nu-
 no da Cunha, e lhe offereceo as terras fir-
 mes de Salcete, e Bardés, que já foram do
 Estado pela doação que dellas fez ElRey de
 Bisnagua, cujas foram, sendo o Governador
 Diogo Lopes de Siquira no Estreito, e Ruy
 de

de Mello Capitão da Cidade de Goa , que logo foi tomar posse dellas , como se verá na terceira Decada de João de Barros. Estas terras deo o Accedecan com condição , que se o Idalcan fosse sobre elle , que o recolhessem em Goa com toda sua fazenda , e familia , e lhe dessem seguramente embarcação pera se passar a Meca , ou a Cambaya. Disto lhe passou o Governador seguros Reaes , e fizeram seus papeis. E logo mandou tomar posse daquellas terras pelo Capitão da Cidade , e pe' o Tanadar mór , a quem os officiaes do Accedecan as entregáram livremente , pondo nellas recebedores de sua mão , e recolhendo os foraes pera por elles se arrecadarem as rendas das aldeias. E para segurança dellas mandou o Governador fazer huma tranqueira no lugar de Mardor , junto da aldeia Verna , duas leguas de Agaçaia , onde estava hum pagode muito forte , que o Capitão mandou cercar de paredes grossas , ficando elle no meio como cavalleiro , e nelle deixou por Capitão Christovão de Figueiredo Tanadar mór de Goa , com duzentos Portuguezes , e muitos piães da terra. Dalli começou a grangear os naturaes , mandando seguros á muitos , que andavam audentes , e de sorte negociou isto , que acudiram todos com seus foros , mas não durou isto mais de tres annos , porque torná-

ram as terras ao Idalcan, como no fim desta Decada se verá. O Accedecan, depois que fez entrega das terras, fortificou-se na fortaleza de Pondá por estar mais perto de Goa, porque se o Idalcan fosse sobre elle pudesse passar-se logo pera a Ilha. Nestas cousas gastou o Governador o inverno, e em preparar a Armada pera na entrada do verão se pôr no mar; porque estava assentado em conselho, que fizesse tanta guerra pela costa de Cambaya, e que assi lhe impedisse a navegação, trato, e commercio d'outras partes, que obrigasse a ElRey a lhe dar fortaleza em Dio, porque estavam desengañados os do conselho de se fazer por força, e que esta guerra se fizesse com catures ligeiros. E que elle Governador fosse ao Malavar fazer huma fortaleza como lhe ElRey mandava, assentando-se que sería melhor no rio de Chale, assi por ser duas leguas de Calecut, como pela commodidade do porto, que era capaz de recolher nossas Armadas até galés. Com esta resolução mandou o Governador fazer muita cal, e ajuntar muitos pedreiros, e cavoqueiros, e toda a mais fabrica pera aquella obra, trazendo suas intelligencias com o Rey de Chale, e Tanor, porque o Çamorim estava de guerra com o Estado.

CAPITULO VII.

Das cousas que este anno succedêram em Maluco, até chegar Gonçalo Pereira, e da morte d'ElRey Bayano: e das cruezas, e deshumanidades que D. Jorge de Menezes usou com os Ternatezes.

DEixámos as cousas de Maluco o anno passado com as pazes feitas entre os Portuguezes, e Castelhanos, e elles sahidos de Tidore pera o lugar de Camafo. Depois disto, recolhido ElRey de Tidore pera aquella Ilha, vendo-se desabrigado dos Castelhanos com quem tinha cobrado bico, achando a sua Cidade assolada, e destruida, começou a puxar por pazes pera se quietar, e viver sem sobressaltos. E praticando-se nellas, vieram-se a concluir com as condições seguintes:

Que ElRey de Tidore pagaria certos bares de cravo, (cuja quantidade não achariamos na verdade,) que nunca mais recolheria em seu Reyno Castelhanos, nem os favoreceria, nem ajudaria mais contra Portuguezes, nem contra seus amigos, e aliados. Estas pazes se juráram, e celebráram em ambos aquelles Reynos de Ternate, e de Tidore, começando dalli em diante a correr em amizade huns com os outros, e com

isto tiveram os Portuguezes mais algum folego, porque estavam trabalhados, e cansados da guerra. Pouco depois disto faleceo na nossa fortaleza El Rey Bayano, a que outros chamão Bohat, que foi filho de Boleife, o primeiro que nos agazalhou naquellas Ilhas, que faleceo os annos 1520, ficando-lhe tres filhos legitimos, isto he, este Bayano que agora faleceo, Ayalo, e Tabarija, que ficaram tão moços, que o mais velho não passava de seis annos. Teve mais sete filhos tardos homens, de que o mais velho era Cachil Daroes, que ficou por tutor dos irmãos legitimos, e Governador do Reyno com a Rainha sua mãe, em quanto o Bayano não era de idade. E o anno de vinte e hum, que Antonio de Brito fez a fortaleza de Ternate, pera mór segurança della recolheu o Rey Bayano, que era menino com suas amas, e aias pera o crearem, dando-lhe gazallados separados pera isso: o que foi muito máo de soffrer á Rainha sua mãe, que, como dissemos, governava o Reyno com o enteado Daroes. Com isto começaram logo a se peijarem os naturaes com os Portuguezes, e com a fortaleza, porque tanto que tiveram forte em que se recolherem, começaram a governar com severidade, tomando-lhe o seu Rey por força, pera os terem sopeados. Foi o moço crecendo-se na fortaleza, até ser de

de idade pera lhe entregarem o Reyno. Sendo este anno em que andamos o Rey de deztoito, e depois de tomar posse do Reyno, alli no cativeiro veio a falecer em poucos dias, e não sem suspeita de peçonha, e se affirmava, que lha mandára dar Cachil Daroes, porque lhe era muito doce o reinar. Por morte do Bayano, que a mãe sentio muito, fez logo jurar o filho segundo Cachil Dayalo, a quem D. Jorge teve modo pera tambem o recolher na fortaleza: requerendo-lhe a mãe que lhe dêsse seu filho, porque receava que hum, e hum lhes fossem todos morrendo daquella maneira. A isto lhe não diffirio D. Jorge, porque como Cachil Daroes lhe vinha bem governar, favorecia D. Jorge nisso, porque elle foi o que teceo aquellas meadas, e o que deo a ordem pera se recolher El Rey na fortaleza, pelo que lhe nisso hia. Succedeo depois disto arrufarse o Daroes do Capitão, porque favorecia muito hum homem principal chamado Cachil Vayaco, de cuja amizade elle andava muito ciofo, porque receava que pela muita conta que delle o Capitão fazia, viesse elle a descahir, e a pagar suas maldades. E assi lhe veio a tomar tamanho odio, que tratou de o matar, do que elle logo foi avisado. E como tinha menos posse que o Daroes, acolheo-se á fortaleza pera segurar sua

vida. Daroes tanto que o soube, como o odio era entranhavel, mandou requerer a Dom Jorge, que lhe entregasse Vayaco, como a Governador daquelle Reyno, porque tinha delle culpas, e queria fazer justiça. D. Jorge, como era amigo do Vayaco, desejou de o salvar, e chamou o Alcaide mór, e Capitão mór do mar, e algumas outras pessoas principaes, e tomou com elles parecer sobre o que faria naquelle negocio. Alguns diziam que era obrigado ao entregar, outros que não, mas que tratasse de moderar Cachil Daroes, dando huns, e outros suas razões. Estava o Vayaco recolhido em huma camara, e sabia muito bem o que se tratava, e pôde ser que o ouvisse, porque o negocio tratou-se hum pouco defentoadado; e receando-se que o entregassem a Cacil Daroes, cousa que elle sentiria mais que a morte, quiz antes tomalla por si, que ir-lhe cahir nas mãos; e não achando com que se matar, remettendo a huma janella, lançou-se della abaixo, e fez-se em pedaços. Isto sentio D. Jorge muito; e ficou tendo avorrecimento ao Daroes, desejando de se lhe offerecer occasião em que se vingasse delle. Succedeo poucos dias depois disto matarem huma porca pequena, que D. Jorge tinha, de casta da China muito formosa, que andava por derredor da fortaleza de dia, do que

que D. Jorge ficou tão apaixonado, que mandou inquirir sobre a morte da porca, e achou-se culpado (ou quiz elle que se achasse) hum Cachil Vaydua muito parente do Daroes, e douto na lei de Mafamede, principal Cassis, e Sacerdote entre elles, a quem D. Jorge logo mandou prender na fortaleza. A isto acudio o Daroes com muitos principaes a lho pedir, o que fez quasi com união: D. Jorge mandou hum criado seu homem baixo chamado Pero Fernandes, que lhe fosse trazer Cachil Vaydua, e parece que ou D. Jorge o tinha ensaiado do que havia de fazer, ou elle de máo, ou gracioso tomou huma posta do toucinho da porca, e tirando-o do tronco lhe untou a boca mui bem com elle, não lhe dando dos gritos que o Mouro dava chamando por Deos, e pelo Capitão; e assi o levou aonde elle estava, que era á porta da fortaleza, com os que lho foram pedir. O Mouro tanto que vio o Daroes, lançou-se no chão, e começou a esbravejar, e a chorar, contando-lhe o que lhe fizeram com muitas lagrimas; o Capitão lho entregou, e o Daroes o mandou pera sua casa, onde fez grandes purificações, porque o porco he muito abominavel a elles; e sentio aquelle negocio tanto, que se foi daquelle Ilha desterrado, e se passou por todas as outras, e por ellas andou prégando a affron-

ta, que os Portuguezes fizeram ao Sacerdote de Mafamede, pedindo, e requerendo a todos, que quizessem acudir por sua honra. Não pararam ainda nisto as cousas, mas ordenou o demonio ainda outro caso, pera acabarem os Portuguezes de ser avorrecidos naquellas Ilhas, que foi este. Como faltavam os mantimentos, e o Galeão da viagem tardava, e não havia com que fazer paga aos soldados, buscavam elles seu remedio por onde o achavam, entrando pelas tendas, e casas dos naturaes, e lhes tomavam os mantimentos sem lhos pagarem. Isto indignou tanto a todos, que mandou o Daroes, que se não trouxesse mais cousa alguma á Cidade pera se vender, e que se fechassem as tendas como fizeram. Começando a faltar tudo, e os da fortaleza padecerem tantas necessidades, que aotinados os soldados diziam grandes males do Capitão, e do Governador da India, indo todos á porta da fortaleza, ao modo de motim, requerendo que lhe pagassem, e lhes dessem mantimentos, a isto lhe não podia ser D. Jorge bom, pela falta que havia de tudo na fortaleza, e foi-lhe necessario mandar Gomes Aires em algumas Corocoras, com alguns soldados por essas Ilhas a resgatar alguns mantimentos com alguma roupa que ainda havia. Este homem chegando a huma daquellas Ilhas per-

perto, desembarcáram certos soldados em hum lugar chamado Tobana, e como hiam famintos entráram pelas casas, e lhes tomáram o mantimento que lhes acháram, sem lho pagarem, não vendo quão poucos eram, e o risco que corriam. Tantos roubos, e delitos fizeram, que não podendo os moradores já soffrer mais, deram nelles, e não querendo matar algum, os espantáram mui bem, e lhes tomáram as armas em paga de seus mantimentos. Assi espancados, e moitados se embarcáram, e se foram pera Ternate, e se apresentáram ao Capitão com os focinhos inchados, e escalavrados, contando-lhe o caso. D. Jorge como era apaixonado, e de forte natureza, mandou chamar o Daroes, e lhe disse, que logo lhe mandasse trazer os authores daquelle negocio, pera os castigar conforme a como o caso requeria; affirmando-lhe que se logo o não fazia, que nelle havia de tomar satisfação daquellas affrontas. Cachil Daroes com ter já sabido que os Portuguezes tiveram a culpa daquelle defarranjo, calando-se, mandou trazer o Governador de Tobana, e dous homens outros principaes, e os entregou a Dom Jorge, havendo que se satisfaria com isso, e quando muito, que osteria prezos alguns dias. Mas D. Jorge usando de sua má natureza, mandou logo alli cortar as mãos a

dous, e ao Governador da Ilha mandou matar de hum genero de morte muito cruel, e nunca usado entre os Portuguezes; porque assi como esta nação igualou a todas as do Mundo em adquirir, conquistar, e sustentar tantos, e tão apartados Reynos, e Imperios; assi se estremoou na misericordia, e piedade, que sempre usou com os vencidos: cousa tão natural de animo nobre, e Christão, quanto o outro he de barbaros, e inhumanos. Cachil Daroes, e todos os mais da Ilha ficáram com tamanho odio contra D. Jorge, que tratáram de o matar, e o mesmo a todos os Portuguezes, e Castelhanos, por se verem livres dessas gentes, que por caso tão nefando tinham razão de lhes aborrecerem. E dando conta deste negocio a alguns seus familiares, aconselháram-se, que convocassem todos os Reys daquellas Ilhas a hum liga geral contra todos os Christãos, o que logo Daroes poz em execução, despedindo pessoas de confiança a darem conta a Cachil Catabruno, que governava o Reyno de Geilolo, pelo Rey ser menino, e lhe mandou pedir, que em hum certo tempo se levantasse contra os Castelhanos, que estavam naquelle Reyno, e os mataste a todos; e que tambem o fizesse ao Rey menino, e se levantasse por Rey, que elle o favoreceria em tudo; porque elle havia de fazer outro

tanto aos Portuguezes, e ao moço Dayalo, e se havia de alevantar por Rey daquellas Ilhas, onde nunca mais havia de consentir Portuguezes por suas tyrannias. Estando este negocio assi ordenado, permittio Deos efforçar tudo, porque esperava ser ainda por todo aquelle Archipelago seu Santissimo Nome louvado, e exaltado, porque não ficasse parte no Mundo em que Elle não fosse honrado, e conhecido; e assi se veio a descobrir a conjuração. E como Cachil Daroes pera mais dissimulação nunca se ausentou, antes hia muitas vezes á fortaleza, assi por sua vontade, como chamado do Capitão, hum dia lhe mandou elle recado, que se fosse pera elle, e levasse Cachil Tamarno, que era Capitão do mar, e Cachil Boyo, justiça mór do Reyno, porque tinha negocios que tratar com elles. Cachil Daroes innocente do que D. Jorge determinava, ajuntando os outros, se foi á fortaleza, e o Capitão os recolheo em huma camara, e lhes mandou dar tratos sobre o caso, e nelles descobriram a conjuração, do que mandou fazer hum auto judicialmente, porque os condemnou á morte. E logo mandou ordenar no terreiro da fortaleza da banda de fóra hum cadafalso alto, onde mandou tirar Cachil Daroes á vista de todos, e subido em cima hum pregoeiro, notificou em altas vo-

zes suas culpas, porque fora sentenciado que fosse degollado, e logo hum algoz lhe cortou a cabeça. Dos outros dous não achámos em lembrança o que se fez delles, mas o certo he que tambem morreriam. A Rainha, e todo o povo ficáram tão escandalizados deste negocio, que logo despejaram a Cidade, e se recolhêram a huma serra muito forte, e se aposentáram no lugar de Torto. Dalli mandou a Rainha pedir a D. Jorge o filho que lhe tinha prezo, ao que elle não respondeo. Pelo que logo mandou lançar pregão por toda a Ilha, que sob pena de morte nenhuma pessoa vendesse aos Portuguezes mantimentos, nem outra cousa alguma. Com isto os puzeram em tão extrema necessidade de fome, que começáram a adoecer, e a cair pelas ruas de fracos. E sem dúvida morreram todos, se Deos não trouxera áquelle tempo o Galeão de Gonçalo Pereira, que o anno atrás passado (como dissemos) tinha partido de Goa, com o que os homens tornáram a resuscitar. Gonçalo Pereira tomou posse da fortaleza, e fez paga aos soldados, que achou tão fracos, e debilitados, que se não podiam mover. A Rainha, tanto que soube que era chegado Capitão novo, o mandou visitar, e fazer-lhe queixas de D. Jorge, a que lhe elle respondeo muito bem, e que lhe faria justiça. E

como elle levava por regimento do Governador, pelas culpas que de D. Jorge lhe tinham mandado, que tirasse delle devaça, e achando-o comprehendido naquelles crimes que lhe apontava, o prendesse, o que elle fez, e o metteo na torre da menagem, o que lhe foi tambem necessario por apaziguar a Rainha, e deo mais liberdade ao filho da que tinha, fallando-lhe todos os que queriam, e passeando por toda a fortaleza; e com isto mandou pedir á Rainha, que se tornasse pera a Cidade, e corresse em amizade como dantes, porque elle lhe faria justiça muito inteira. A Rainha vendo que lha começava a fazer na prizão de D. Jorge, e na liberdade do filho, que dantes estava reteudo em huma casa, logo se tornou pera a Cidade com todos os seus, e mandou que corresse as cousas como dantes. Gonçalo Pereira achou a fortaleza mui desbaratada, e tratou de a reformar, mandando-lhe fazer baluartes, porque até então não era mais que huma parede tosca. E pera isto mandou pedir á Rainha ajuda de officiaes, e materiaes, promettendo-lhe, de como a fortaleza fosse acabada, de lhe entregar seu filho, com o que lhe ella mandou acudir com todo o necessario: e como foi tempo de o Galeão ir pera India, mandou embarcar D. Jorge preso em ferros com os autos de suas culpas.

166 ASIA DE DIOGO DE COUTO
pas. E neste estado ficam as cousas de Maluco até ser tempo de tornar a ellas.

C A P I T U L O VIII.

Da descripção de todo este mar do Levante, e quaes são as verdadeiras Ilhas de Maluco. E da divisão dos cinco Archipelagos em que se reparte : e dos costumes, e condições de seus naturaes.

Posto que João de Barros tenha escrito muito bem destas Ilhas de Maluco, de sua povoação, e principio de seus Reys, todavia quizemos aqui fazer esta nova descripção; porque depois que elle escreveu, vimos a alcançar muitas cousas, que naquele tempo se não sabiam, que são cousas muito necessarias, e curiosas. E para melhor declaração, e entendimento desta descripção, dividiremos este grande Archipelago, e mar desta banda em cinco partes, dando-lhes termos, e limites a cada huma pera se poderem conhecer.

A primeira parte he o Archipelago de Maluco, a que os naturaes não sabem dar quantidade; mas o mais certo he, que começa passando Mindanáo, e tudo pera lá chama-se Maluco, em cujo meio ficam as cinco Ilhas do cravo, Ternate, Tidore, Maciquem, Bachão, e Moutel. E posto que Ba-

chão

chão he dividida em muitas Ilhas cortadas
 por muitos braços de mar, que se navegam
 com embarcações ligeiras, todavia por ser
 de hum só Senhor as nomeamos por huma
 só. Por cima della córta a Equinoccial, e ao
 Norte della corre a Ilha de Ternate, que
 se aparta hum grão pera o Norte, ficando
 entre huma, e a outra as Ilhas de Moutel,
 e Maquiem, todas á vista humas das outras
 por espaço de vinte e cinco leguas, e todas
 se correm Norte, e Sul. E posto que de-
 baixo deste Archipelago se comprehendam
 outras muitas Ilhas, todavia quando se no-
 meam as de Maluco, não se entende mais
 que destas cinco Ilhas, por serem as senho-
 ras, e principaes de todas; e assi por excel-
 lencia se chamam Moloc, (que he o seu
 verdadeiro nome,) e não Maluco, que he
 corrupto d'elle, cujo nome na sua lingua pro-
 pria quer dizer, cabeça de cousta grande.
 Estas cinco Ilhas, e todas as mais que se com-
 prendem nesta primeira parte, ou Archi-
 pelago de Maluco, são senhoreadas de tres
 Reys, o de Bachão, o de Tidore, e o de
 Ternate; este senhorea as tres principaes do
 cravo, que são Ternate, Moutel, e Ma-
 quem. E posto que este Rey se intitule por
 de Ternate, não he por se chamar assi a
 Ilha, (cujo verdadeiro nome he Gape,) se-
 não porque a principal Cidade della se chia-
 ma

ma Ternate. E pela mesma maneira a Ilha de Tidore se chama Duco, e a sua principal Cidade Tidore, de que aquelle Rey se honra, e intitula; assi como os Reys de França, de Senhores de Paris. Mas entre todos estes Reys, ao de Ternate só por excellencia intitulamos por Rey de Maluco, assi por ser senhor das principaes tres Ilhas do cravo, como já dissemos, (e de outras muitas deste Archipelago,) como pela authoridade, e em certo modo superioridade, que com a nossa fortaleza alcançou sobre os outros Reys.

A segunda parte, ou Archipelago, he o do Moro, que fica perto de sessenta leguas de Maluco ao Norte, e começa nas Ilhas de Doe duas leguas á ré da ponta de Bicoa, e não adiante, como anda nas cartas de marear, no cabo de Batochina. São estas Ilhas povoadas de gentes silvestres. A Ilha de Batochina terá em circuito duzentas e cincoenta leguas, e nella ha dous Reys, o de Geilolo, e o de Loloda, algumas vinte e cinco leguas do outro, junto de huns Ilhecos, onde acaba este Archipelago da banda do Norte. E este Rey he o mais antigo de todos os de Maluco, e de todos os daquelle mar; mas hoje he o mais pobre, e fraco de todos. Os habitantes desta Ilha da banda do Norte são salyagens; sem lei, e sem

sem Rey, e não tem povoações senão pelos matos. Mas da banda do Leste he povoada de longo do mar, e tem grandes, e bons lugares, que cada hum tem lingua sobre si, posto que todos se entendem. A esta costa chamam Morotia, que quer dizer o Moro da terra; e as Ilhas de defronte chamam Morotai, que he moro do mar, e a todas as Ilhas juntamente chamam o Moro. Seus habitadores são homens falsos, brutos, e pusillanimes; e entre elles ha hum povo chamado Momoja muito bellicoso: carecêram sempre de Rey, lei, escriptura, praça, pezo, medida, moéda, ouro, prata, e de todo o outro metal; mas são todas estas Ilhas muito abastadas de mantimentos, e dellas se provê Maluco: as mulheres são lavradoras, e trabalham em tudo, governa-se cada lugar por huma pessoa principal, que succede por descendentes, a que não pagam tributo algum, senão algum peixe quando vem de pescar. Foram grandes idólatras, adoravam páos, pedras, e ainda a figura do diabo, que pintavam com grandes fealdades. Os Reys de Maluco tanto que foram Mouros, começaram a conquistar estas Ilhas, e cada hum tomou o que pode; mas o melhor quinão tomou o de Ternate; e depois lhe tomou o de Tidore alguns lugares com o favor dos Castelhanos, como em seu lugar diremos.

O terceiro Archipelago he o dos Papuas, que está a Leste de Maluco, que he pouco frequentado pelas Ilhas fereim muitas, e cheias de baixos, e restingas. Os naturaes destas Ilhas são pobrissimos, negros como Cafres, com cabello revoltado, magros, feios, e de grandes, e crespas grenhas. Chama-m-lhe Papuas, que em lingua dos naturaes quer dizer pretos: são homens rijos, e aturadores do trabalho, e muito habiles pera toda a maldade, e traição. Tem todas as Ilhas Reys, e ha nellas ouro, mas vem pouco ás outras Ilhas, porque não tiram mais que o que hão miltar pera joias. Entre elles ha alguns tão alvós, e louros, como Alemães, e com o Sol são como cegos: ha entre elles muitos furdos, e segundo a informação que ha destas Ilhas, correm de longo de luma grande terra, que dizem que fecha no Estreito de Magalhães, porque alguns Pilotos Castelhanos navegáram de longo della mais de quinhentas leguas.

O quarto Archipelago he o dos Celebes, que está a Leste de Maluco: ha nelle muitas Ilhas famosas, de que as principaes são Mindanáó, e a propria dos Celebes, em que ha muitos Reys, de que em outra parte fazemos memoria. Tem mais as Ilhas Bisaya, que tem muito ferro, e Malacaga, Masbate, que ambas tem muito ouro,

ro, que tambem se acha em Mindanáo, e a Ilha de Sologo, que tem muitas perolas, que não sabem os naturaes tirar. Tem todas estas Ilhas, e outras muitas que não nomeamos, muitos mantimentos, Sandalo, Aguilá, Canela, Canfora, Tartaruga, Gengivre, Pimenta longa, e algumas destas Ilhas obedecem ao Rey de Borneo, e outras ao de Ternate, e Tidore: são seus naturaes muito atraídoos, andam nus, encachados, e trazem os corpos pintados com muitos lavores: usam o cabello cortado nas fontes ao antigo Portuguez, e por detrás muito comprido, e atado no toutiço. Tem todos as restas muito batidas pera trás, por onde lhes ficam os rostos parecendo maiores; trazem os dentes limados, e pretos, e as orelhas furadas. São os Celebes tão çujos, e torpes, que tem mancebia de homens; tem pequenas povoações; e em cada casa mora toda huma geração; e penduram ao redor de suas casas as cabelleiras dos que matam na guerra, e quem tem mais he mais honrado. Ha nestas Ilhas muitas monstruosidades, de que não fallamos, e entre ellas huma arvore, que quem se põe á sombra do Ponente, mata logo, senão vam buscar a sombra do Levante, que he seu antidoto.

O quinto Archipelago he o de Amboino, que está ao Sul de Maluco, tem muitas

tas Ilhas, que se governam por suas cabeças: as proprias de Amboino são abastadas de mantimentos, e de muitas, e frescas ribeiras de singular agua; nunca foram sujeitas a alguém, mas depois foram conquistadas dos Reys de Ternate, e Tidore, a que ficaram sujeitas algumas daquellas Ilhas; mas pelas avexações que delles recebêram se rebeláram, e deram a obediencia á Rainha de Japara; e alguns lugares que são de Christãos obedecem aos Portuguezes. Colher-se-hão nestas Ilhas dous mil quintaes de cravo cada anno, que logram os Jaos, porque o vram resgatar em seus juncos, sem lho ninguém poder defender. Ha muitos povos por estas Ilhas, em que os filhos comem os pais como são velhos: tem muitos ritos, e costumes barbaros, que nós não relatamos por fugir prolixidade. Dam-se nestas Ilhas humas vergas cumpridas, a que chamam rotas, que affirmam alguns homens verem algumas de sincoenta braças de comprimento, e a mais grossa he como hum dedo meiminho delgado. Ao Sul de Amboino estam as Ilhas de Banda, e a Leste dellas perto de trezentas leguas, segundo alguns affirmam, está huma Ilha de muito ouro, cujos naturaes não passam de quatro palmos de alto; e se alli he, são os verdadeiros Pigmeos.

CAPITULO IX.

Do que se tem da antiguidade, e povoação das Ilhas de Maluco, com as arvores do cravo, e dos nomes que estas drogas tem por todo o Mundo.

E Stas Ilhas de Maluco, segundo se vê por seus habitadores, foram no principio povoadas de diferentes nações; o que se infere da variedade das linguas que em todas ha, porque cada huma a tem de por si, só Maquiem, e Ternate deferem pouco, como Portuguezes, e Gallegos. Mas a lingua mais commum, e de que todos usam, he a Malaya, que por ser mais doce, e de melhor pronunciação, se lhe affeioáram todos. Os mais antigos descobridores, e povoadores destas Ilhas se acha terem os Chins, porque tambem se tem pelos primeiros inventores das embarcações, e da arte de navegar de todos os do Oriente. Alguns tem pera si, que os Jaos as descobríram, e que os Malucos procedem delles; mas o mais certo he procederem dos Chins, que passando ha muitas centenas de annos por aquellas Ilhas, vendo sua suavidade, cheiro, e fruto da terra, carregando de seu cravo, que até então não era conhecido no Mun-

do, foram-se, deixando-se ficar muitos delles por aquellas Ilhas, que povoáram algumas partes dellas, cuja memoria ainda hoje dura, como se vê na Batochina do Moro, e em Bathocina de Muar, que quer dizer, terra dos Chins do Moro, e terra dos Chins de Muar, e em outras muitas partes. E como ficáram aquellas Ilhas conhecidas, e sabidas delles, foram buscar o seu cravo, que por seu cheiro, gosto, e mais qualidades, foi muito estimado de todos os que vieram. Pelo que continuáram aquelle trato, levando-o em seus juncos aos Estreitos Persico, e Arabico de envolta com outras louçainhas, e riquezas da China, que por mãos dos Persas, e Arabios passáram aos Gregos, e Romanos, que as estimáram, e cubicáram tanto, que tratáram alguns Imperadores Romanos de conquistarem o Oriente. E como as mais das drogas foram ter á Europa, por mãos (como já dissemos) dos Persas, e Arabios, e elles as houveram dos Chins que lhas levavam, não lhe sabendo sua origem, e nascimento, cuidando que traziam da sua Provincia da China, deram-lhes seu proprio nome a muitas, como foi á Canela, que Avicena, e Rasis nomeam por dous nomes; Dareine, que quer dizer páo da China, sendo ella de Ceilão, e Cinnamomo, que quer dizer páo cheiroso da

da China. He tão antigo este conhecimento do cravo, que já Plinio, (que concorreo no tempo do Imperador Domiciano,) teve delle noticia, porque no seu livro duodecimo capitulo setimo diz, que havia na India hum grão semelhante ao de pimenta, senão quanto era mais comprido, que se chamava Cariofilum, e outros o nomeam por Gariofilum. Os Persas o nomeam por Calafur. E fallando nisto com licença dos Medicos, nos parece que o Cariofilum dos Latinos he corrupto do Calafur dos Mouros, porque lá tem alguma semelhança; e como esta droga passou á Europa por mãos dos Mouros com este nome de Calafur, parece que lho não mudariam. Os Castellhanos lhe chamáram Gilope, porque o que leváram foi da Ilha de Geilolo. Os Malucos lhe chamam Chanque. Os Medicos Bramenes o conhecem por Lavanga, posto que tambem o nomeam pelo nome dos Mouros: mas cada hum lhe quer dar o seu, como nós tambem fazemos; porque os primeiros nossos, que foram ter áqueilas Ilhas, tomando-o na mão, e vendo a semelhança que tinha com hum cravo de ferro, lhe ficáram chamando cravo, por onde hoje he tão conhecido no Mundo. E posto que dissemos, que só nas cinco Ilhas, (que no capitulo atrás nomeámos) ha cravo, não he porque

o deixe de haver em outras, senão pela grande quantidade que nellas se colhe : porque cada anno respondem com quatro mil bares, de quatro quintaes e meio, e vinte e quatro arratens o bar, que isso tem o de Ternate e pela conta do terço que lhe tiram pelo bastão, (porque aquelles são limpos,) dam seis mil bares; mas tambem o ha nos Ilheos de Ires, e Meitarana, circumstantes a Ternate, e em Pulo Cavali, junto a Tidore, e em Geilolo, Sabugo, e Gamoconora, lugares da Batochina: e em Amboino, e na Illia de Varenula, onde se dá mais cravo que todas, mas peor, e menos grado. E porque fallamos em cravo limpo, faremos declaração da differença que tem de limpo a çujo.

Quando sacodem este cravo das arvores que se apanha, alimpam-no, e apartam-lhe a huma parte os páozinhos, a que os Castelhanos chamam fuste, (que são aquellas pontinhas em que nasce o cravo, que tambem cheiram, e requeimam : e partes ha na India em que valem em igual preço do cravo, mas commummente dam por elle as tres partes menos;) e tambem lhe apartam outro cravo à que chamam madre, que he o que ficou de hum anno pera o outro, e por isso engrossou, e val bem na Jaoa; e tiradas estas duas cousas fóra, todo o mais cravo que fica he apurado, e lhe chamam limpo

po de páo , e de bastão , e este de ordinario val mais a terça parte , que por alimpar. Estes craveiros são muito grandes , versudos , e pontagudos , porque tendo os pés grossos , e deitãr muitos , e delgados ramos : a folha se parece com a dos loureiros , e quebrada entre os dedos cheira , e requeima alguma cousa , mas nada a casca , e a madeira , que he muito forte , e de muita dura. He esta arvore tão cálida , que não deita de si goma , como Avicena por má informação escreveo no livro segundo , capitulo trezentos e dezoito ; onde diz , que a goma da arvore do Cariofilom era semelhante á trementina em virtude : e muito averiguado , e experimentado está por todos os naturaes , que as arvores muito quentes , e muitos frias não deitam goma , e só as do meio a produzem , como vemos nestas arvores , e nas de páo preto , e páo ferro , e em outras em que se nunca achou. Nasce o cravo em cachos como mortinhos , e depois de maduro , que se conhece pela côr que he roxa , o tiram , e o seccam ao Sol por espaço de tres dias , em que toma aquella côr preta sobre cinzenta , que sempre tem. Mudam-se estas arvores em suas novidades como maleitas , o que lhe procede do muito Sol , e da muita chuva , que contino tem , por estarem debaixo da Equinoccial. Começam a abrolhar

Couto. Tom. I. P. II.

M N I M P R E N S A
N A C I O N A L em

em Fevereiro , e em Março , e de Setembro por diante a colher : e conhece-se a quantidade de pouca , ou muita novidade , pela flor muita , ou pouca. Os craveiros nascem sem beneficio algum , como todas as arvores do mato , porque este he o destas Ilhas : e he tamanha sua quentura , que chupa toda a humidade da terra , e não lhe deixa virtude pera produzir herva alguma ao redor. E não só acontece isto nas hervas , pera quem não he necessaria muita humidade , mas ainda em todo o arvoredor ; porque se querem dispôr hum craveiro , procuram parte onde estam outras arvores , para que chupando-lhes o humor , cresçam. E assi como vam subindo , vam as outras á roda seccando-se , até de todo perderem a virtude , e assi vem a mesma qualidade em seu fruto ; porque se metterem em huma adega de pipas de vinho quantidade de cravo , chupa a si todo o vinho , e por tempos deixará as pipas vazias. E se na casa onde está lançarem muita agua , em breve tempo a sorve toda de maneira , que fica a casa secca , como se nunca lhe lançaram agua. E assi os homens na India que o guardam , mandam aguar as casas em que o tem com agua do mar , (que lhe he mais natural , e o conserva , o que a doce não tem , que o damna ,) pera que lhe não falte. O cravo que

que fica nas arvores, que chamam madre, dizem que depois de grosso o comem os pombos torcazes, que ha muitos em Geilolo, e que dos caroços que purgam nascem os craveiros que lá tem. Estas arvores aos sete annos dam fruto, e de tres em tres annos a novidade grande; porque sempre tomam hum anno de folga, como as oliveiras da nossa Europa, e as mangueiras da India pera crearem novos olhos, e folhas; mas nem por isso deixam de dar cada anno cravo, ainda que pouco. E alguns cuidáram mal que lhe vinha isso de o varejarem, como que lhe quebravam os olhos, porque em Bachão lhos cortam pera dar mais cravo, o que se vê bem claro nos ramos baixos, que não são tão açoutados, e varejados, por se colherem á mão, porque nem nestes nasce o cravo senão quando he a monção. Alguns tambem tiveram pera si, que estas arvores não se davam perto do mar, o que foi enganoso, porque já se víram ahi tão fructíferas como as demais: mas não as haver á borda da agua, nasce da frequentação da gente as damnificar, e isto só na nossa Ilha de Ternate, que na de Tidore, e nas outras as ha muito perto do mar, porque a agua salgada as conserva. Do meio dos montes pera cima não se criam os craveiros, pelo grande escozimento do vento, e frio, que lhes são contrarios.

CAPITULO X.

*De muitas cousas notaveis que ha nestas
Ilhas de Maluco, e dos fogos que
algumas lançam.*

E Stas cinco Ilhas, a que propriamente chamamos de Maluco, são todas de huma feição, e grandeza, porque nenhuma dellas passa de seis leguas em circuito. São redondas, e querem imitar hum chapeo cozido, cujas abas são aquellas chans que todas tem em que nascem os craveiros, e que são povoadas de suas Cidades, e Villas; e do meio de todas se alevantam huns montes muito altos. São todas muito alcantiladas, e redondas, pelo que carecem de bons portos pera ambas as monções, Nroeste, e Sul; só Ternate tem o porto de Talangame, huma legua da fortaleza, onde os nossos Galeões invernam. Tem outro huma legua deste, chamado o Toloco, em que podem as náos estar com prancha em terra. E quando ElRey mandou que se fizesse fortaleza naquella Ilha, não se fez em algum destes portos, por ficar longe da Cidade onde o Rey vive. Tem ambos estes portos o resto a Leste. Ha por todas estas Ilhas alguns arrecifes, que seus moradores abríram pera entrarem suas embarcações. E a Ilha de

Ternate tem hum defronte da nossa fortaleza, o que tem entre a terra, e elle hum poço, onde podem entrar Caravelas de preamar, de aguas vivas descarregadas, e no poço estarem furtas á sua vontade. Todos estes arrecifes, principalmente este, são de pedra que se gera do coral, que depois de velho endurece, e com ter muitos ramos se ajuntam, e convertem em pedra, de que se faz muito boa cal. Está este arrecife posto por tal ordem, que quem vai do mar demandallo, parece que vê formosos edificios feitos alli pera defensão daquelle porto. Este monte de Ternate, que se alevanta do meio da Ilha, será de altura de duas leguas, he todo cheio de arvoredos, e palmares: no cume d'elle tem huma estranha cova, que parece que desce ao centro, que he tão larga na boca que effastamente se enxerga hum homem de huma banda á outra, e por sua muita largura se enxerga de cima huma praça direita, como huma grande eira de pedra, e terra movediza, que alguns homens foram ver, principalmente Gabriel Rebello, sendo alli Feitor, e Alcaide mór, e medio a altura com muitas linhas de pescar, que ajuntou humas ás outras, e achou ter quinientas braças. Lá em baixo arrebenta huma formosa fonte, que corre pera huma parte, cuja agua ninguem chegou a provar, nem se sabe se he doce, se

falgada. Este chão que em baixo apparece,
 (que como dissemos he de pedra , e terra
 movediça , como hum entulho ,) ferve de
 continuo com a força do fogo que tem por
 baixo , e lança pera cima muitas vezes hum
 tão espesso , e fedorento fumo , que parece
 coufa que se póde palpar , e fede a enxofre;
 e parece que por debaixo he este monte
 oco , porque neste tempo vai sumido aquelle
 entulho , que de cima se enxerga pera
 baixo , como faz o trigo na tremonha da
 atafona ; e muitas vezes acontece , quando
 lança aquelle espesso fumo, fazer tamanhos ter-
 remotos , e trovões , que parece aos que es-
 tam em cima , que cahem todo o monte , e a
 voltas delles lança huma grande quantidade
 de pedras vermelhas como fogo , que se es-
 palham pelos ares , como se sahissim de bo-
 cas de furiosas bombardas , e espalhando-se
 por toda a Ilha com grandes terremotos ,
 cahem sobre a nossa fortaleza , e sobre a Ci-
 dade : e algumas vezes se achou irem dar
 nas Ilhas dos Meaos , e dos Cafures , dez-
 eito , vinte leguas de Ternate. O fumo que
 lança he de muitas côres , e esta he a razão
 por que esta Ilha he mais doentia que todas ,
 por causa dos mãos vapores , e corrupção
 do ar , e das aguas , porque muitas vezes
 cahem aquellas pedras nas fontes de que he-
 bem , que parece que as corrompe. Subin-
 do

do por esta ferra acima até hum terço della, será povoada: no mais alto faz grande frio, mas não tem bicho, nem ave mais que moscas. De cima apparece grande distancia de mar, e grande quantidade de Ilhas, porque a pureza do ar faz descubrir muito. No cabo da terça parte do caminho da ferra, até onde he povoada, se acha huma formosa fonte de agua tão fria, que se não pôde beber senão a tragos; e lá na altura afastado hum pedaço da boca que deita fumo, arreventou o monte por huma ilhargá, e lançou em dous dias muita agua, e huma quantidade de grandes penedos, que foram fazendo pela ferra abaixo grandes concavidades até o mar, levando comfigo montes, e arvores com grandes terremotos. Tem mais este monte em cima huma grande alagôa de agua doce, cercada toda de arvoredó, sobre que andam muitos lagartos de huma brança de cumprido até á ponta do rabo, e quando sentem gente, saltam de cima dentro na alagôa. No Moro ha outra cova em outro monte, que tambem lança fogo, e fumo. Nestas Ilhas todas não ha verão, nem inverno, e a chuva não tem tempo certo, mas he mais geral com o Noroeste, que com o Sul. Ha nestas Ilhas cobras de mais, e menos de trinta pés, e conforme a este comprimento he a grossura; não são daninhas,

ligeiras, nem venenosas; dizem que quando lhes falta o comer, mastigam certa herba que conhecem, e trepando-se em algumas arvores que estam sobre o mar, a lançam mastigada nelle, a que acode grande cardume de peixes a comer, com que se embebedam, e ficam sobre a agua, e então se lançam as cobras de cima no mar, e fartam-se daquelle peixe. O mar cria Crocodilos, que são mais daninhos na terra, e no mar tão covardos, que se deixam amarrar debaixo da agua, quando descem a elles alguns negros juntos com marinada. E hum Padre da Companhia que esteve nestas Ilhas disse, que vira prender hum destes; tem quatro olhos, e muito pequeno coração. Ha huns bichos a que chamam Cuços, que habitam nas arvores, de cujo fruto se mantêm; são como coelhos, o pêlo espesso, crespo, e afpero, entre pardo, e ruivo, os olhos redondos, e vivos, mui pequenos pés, e mãos, e rabos compridos sem pêlo algum, por onde se dependuram pera melhor poderem chegar ao fruto; fedem muito a rapozinhos, não se lhes enxerga a natura ás fêmeas, porque tem huma abertura na barriga que senão enxerga de fóra, e apertada com as mãos, fica hum bolso sem pêlo, como carne bem esfolada, e o corpo inteiro, em cujo meio tem huma tripinha, em que está pegado

do pela boca o filho quando andam pre-
 nhes, e alli gera, e cresce até nascer, e se
 perfeiçoar, e depois lhes fica aquelle bolso,
 e ninho, onde andam até se poderem susten-
 tar por si: e quando andam no campo ao
 pasto, abrem os bolsos, e deitam os filhos a
 pascer, e se sentem gente, tornam a reco-
 lhellos dentro, e fogem pera as arvores sem
 lhes cahirem. Nos matos ha muitas aves bra-
 vas, e domesticas, e algumas das que ha na
 Europa. Ha huma sorte de papagaios, a que
 chamam Nores; de côres muito formosas, e
 ainda que gritam muito, fallam algumas cou-
 sas bem. Contam os homens de Maluco de
 hum que estando são gritára alto, *morro*,
morro, e batendo as azas, cahira morto: e
 de outro, que vindo de Amboino no paiol
 de huma fusta, fora hum rato pera o tomar,
 e elle gritára chamando por Bastião, (que
 era hum moço que tinha cuidado delle,)
 e com isto se livrou. Ha liuus passaros mais
 pequenos que patos, de grandes pescoços,
 todos ruivos, e todo o mais corpo muito
 negro, tem os pés muito curtos como pa-
 pagaios, e andam de saltinhos, tem o bico
 grande, e com tantos debruns nelle, como
 quantos annos tem, porque cada anno lhe
 nasce hum. A femea quando choca não sahe
 do ninho todo aquelle tempo, e alli a man-
 tem o macho: em quanto alli está, perde to-
 da

da a penna, e lhe nasce outra de novo igualmente com os filhos, com quem juntamente sahe do ninho renovada. O macho he tão ciofo, que em quanto a femea está no ninho, não deixa passar alguem por perto, e logo arremete a morder, principalmente mulheres prenes que perseguem mais. Ha tamanhos morcegos, que diz Gabriel Rebello, que medio hum, que tinha sete palmos de huma ponta da aza á outra. Tem guinchos, andorinhas, zorzaes, arveolas, gaviães, mochos, corujas, e outras muitas sortes de pafaros, e aves. No mar tem muitas sortes de pescados, baleas, botos, toninlias, peixe vaca, como o do Brazil. Nos arrecifes se tomam huns caranguejos mui conhecidos dos outros por certo pêlo, e comendo de huma certa parte, mata logo em vinte e quatro horas. Ha outros que por outro tanto espargão fazem grandes febres a quem os come, e huma muito alegre doudice, porque em todo aquelle tempo não deixa de saltar, bailar, sem comer, beber, nem dormir, e passado o termo, tornam em si como dantes. Estes caranguejos se criam aos pés de humas arvores que ha na praia, debaixo de cuja sombra adoecêram algumas pessoas da mesma doudice: estas arvores são mui conhecidas, e em todo o chão que sua sombra toca, he tão secco, e escaldado, que nenhu-

ma herba produz. Ha outros caranguejos como lagostas , ainda que de menos pernas , com humas bocas de dentes brancos , com que quebram os caroços pera lhe comerem a amendoa : criam-se em covas no mato , tomam-os de noite com fogo , ou ao luar ; e tem o corpo , e as pernas a mesma carne de lagosta : no rabo tem hum bolso de hum certa-maça de mui grande gosto , pelo que são tão estimados , que valem tanto como huma gallinha. Em huma certa Lua perto da nossa Pascoa lança de si o mar do Morro huma grande quantidade de huma immundicia como minhocas , de que todo o mar se coalha : e como os naturaes já esperam por isto com seus barcos , enchem-os muitas vezes daquillo , e fazem hum betume que os sustenta todo o anno , e em nenhum outro dia se vê mais. Ha na Ilha do Buro hum rio doce , e onde a maré não chega , faz hum pégo , em que andam muitos salmões mui bons , e gordos , que nas aguas vivas de outra Lua sahem dalli , e vaim-se ao mar , que lançam então outra grande quantidade de peixe miudo , que he tanto , que se fartam elles ; e os pescadores daquellas Ilhas enchem seus barcos , e os salmões se tornam a recolher a seu pégo , sem os naturaes lhes fazerem mal ; porque dizem , que por seu respeito lhes dá Deos aquella multidão de

peixe, que alli não apparece mais que aquelle dia, e o que tomam lhes dura secco, e salgado todo o anno. Ha nestas Ilhas de Maluco hum páo que tira a vermelho, que arde no fogo, e faz chamma, e braza sem se gastar, e parece que tem natureza de pedras, porque se desfaz facilmente entre os dedos, e tratado entre os dentes, trinca, e quebra. Á porta da fortaleza de Ternate está huma formosa arvore chamada Catopa, de que cahem humas folhas mais pequenas que as geraes, cujo pé he cabeça de hum bicho, ou borboleta, e o talo, o corpo, e as veias, que procedem delle pés, e mãos, e as folhas azas, com que logo voam, ficando perfeita borboleta, e folha. E quando esta arvore renova cada anno, lança algumas candeias como de Castanheiro: e do pedaço de hum, diz Gabriel Rebello, que vio hum bicho servindo-lhe os grãos á roda de pés, e o talo de corpo, e as folhas novas criam hums bichos como de hortaliça, que cahem de cima pendurados por fios como teas de aranha, que acodem a apanhar humas castas de bespas, e as mettem em seus ninhos, que fazem de lama dentro nas casas, e enchendo-as daquelles bichos, tapam hum pequeno buraco que tinham pera serventia, e ram-se as bespas pera outro pouso: e destes bichinhos que ficam nos ninhos se geram outras

tras bespas , que por tempos sahem dalli a buscar mantimentos. Fazem nestas Ilhas o sal de lenha das arvores que se criam ao longo do mar , e se lhes falta esta , da que dá o mato , que queimam , e vam coando o fogo com a agua salgada , e depois a cinza que fica põe-se em hum panno comprido , alto do chão quanto huma vara de medir , e vam-lhe lançando por cima decoada quente da mesma cinza , e vai gotejar em testos postos sobre brazas , e alli se coalha aquelle licor , e faz hum pão duro que salga muito bem. Outras cousas muitas ha muito notaveis , que deixamos por não enfastiar.

C A P I T U L O X I .

Da Armada que este anno de trinta e hum partio do Reyno : e de como Manoel de Macedo se perdeu em Calecare , e do que alli passou : e de como o Governador Nuno da Cunha partio com huma grossa Armada pera o Malavar : e da granda batalha que D. Roque Tello teve com huma Armada de Calecut.

COM as novas que ElRey teve por Manoel de Macedo , que levou Rax Xarrafso prezo , foubе ficar o Governador Nuno da Cunha na India chegado de pouco , que determinou de prover nas cousas da In-

dia, sem embargo dos grandes trabalhos que no Reyno havia; porque este anno foram tamanhos os terremotos em todo elle, (principalmente em Lisboa, Azambuja, Almeirim, Santarem, e outras partes,) que cahiam a mór parte dos edificios; e foi no mar a tempestade tamanha, que destrouçou, e quebrou todas as náos que estavam no porto de Lisboa; e se affirma, que o rio Téjo se abriu pelo meio, apartando-se suas aguas, deixando caminho de feição, que apparecêram as arêas. Com isto foi tamanho o medo nas gentes, que se foram morar aos campos em lappas, e tendas. Os mesmos terremotos houve em Africa no Reyno de Tunes, e nos Estados de Frandes, e houve nos Ceos grandes, e espantosos sinaes, de que os homens andavam como pasmados. Com todos estes trabalhos não se descuidou ElRey das coufas da India, mandando negociar sinco náos de que não fez Capitão mór, e nellas mandou embarcar mil e quinhentos homens. Esta Armada se fez á véla em Março. Os Capitães dellas eram Archiles Godinho, Diogo Botelho Pereira, (que Nuno da Cunha mandou ao Reyno estando em Mombaça, como já dissemos,) João Guedes, Manoel Botelho, e Manoel de Macedo, que levou Rax Xarrafo, a quem ElRey fez mercê da fortaleza de Chaul. E indo seguindo sua der-

rota, foram as quatro dellas á India a salvamento com tão prospero tempo, que se afirma que Achilles Godinho em menos de quatro mezes surgio na barra de Goa. Manoel de Macedo pela má navegação do seu Piloto se foi metter do cabo de Camorim pera dentro sem saber por onde hia, e foi varar com a não na restingua da Ilha dos Jogues defronte do lugar de Calecare, que está na terra firme, antes de chegar aos baixos de Chilao. Este lugar he povoado de Mouros Naitcás grandes ladrões. Manoel de Macedo, tanto que se vio perdido, desembarcou na restingua, que era huma ponta de arêa, onde se fortificou com muita pressa com pipas, páos, tavoas, e madeira que tirou da não, mandando desembarcar todo o mantimento, e agua que havia, porque logo conheceo a terra. E aparelhando o esquife, embarcou nelle alguns homens de confiança com cartas pera o Capitão de Cochim, pera que lhe soccorresse com navios em que se pudesse salvar. As novas da perdição da não corrêram logo pela terra, com que os Mouros de Calecare, e dos mais lugares vizinhos, havendo que tinham huma grossa preza, ajuntando todos os navios que pudéram, foram demandar os nossos, que estavam nos baixos, e os começaram a bater com muitas peças de artilheria, cercando a ponta em

que estavam á roda, trabalhando por desembarcarem em algumas partes pera os commetterem dentro nas tranqueiras. Manoel de Macedo, que era muito esforçado cavalleiro, defendeo-se delles com muito valor, e esforço dez, ou doze dias, sem tomar repouso de dia, nem de noite, até lhe chegar o recado de Cochim, cujo Capitão em vendo as cartas arriou com muita pressa duas caravelas, e alguns navios de remo, que despedito logo. E chegando a Calecare, que os Mouros víram o soccorro, foram-se recolhendo; e Manoel de Macedo se recolheo nas caravelas com toda a gente, cabedal, artilheria, munições, e toda a fazenda da náó, sem lhe ficar mais que o casco, e ainda a esse puzeram o fogo, porque se não aproveitassem os inimigos de cousa alguma, e dalli se foram pera Cochim. O Governador estava esperando pelas náos com huma Armada muito grossa, prestes, e preparada, pera ir ao Malavar, por estar assentado em conselho, que se fizesse huma fortaleza no rio de Chale, pera o que se tinha carteadado com aquelle Rey pera lhe dar lugar naquelle rio, offerecendo-lhe grandes partidos que lhe elle accitou. E tinha tambem negociado com El Rey de Cochim pera lhe dar dous mil Nayres pera o acompanharem naquella jornada.

Na quem tinha manda-

dado que se lhes dessem embarcações, e todas as cousas necessarias, com ordem ao Capitão de Cochim, que a gente que o havia de acompanhar a tivesse prestes até ver seu recado. Todas estas cousas negociou por cartas no inverno, pera estarem preparadas como estavam quando as náos surgiram na barra de Goa. E logo despedio Antonio de Saldanha pera ir até Cochim recolher toda a Armada, e gente, que lá estava prestes, dando-lhe por regimento, que por todo Novembro o esperasse sobre o porto de Calcut. E mandou dar muita pressa a toda a fabrica, que havia de levar pera a obra da fortaleza, que mandou embarcar em muitos Tauris, e Cotias. E tanto que entrou o mez de Novembro, poz-se o Governador no mar com cento e sincoenta embarcações, entre Náos, Galeões, Caravelas, Galés, Fustas, Bargantins, em que embarcou tres mil Portuguezes, e mil Lascarins da terra. Não nomeamos os Capitães desta Armada, porque os mais delles, ou todos, eram os que o verão passado acompanháram nella o Governador a Dio. Com toda esta frota se fez á véla, e foi seguindo seu caminho devagar. Antonio de Saldanha, que partio diante, tanto que chegou ao rio de Panane, soube que estavam dentro duas náos do Camorim á carga; e porque não sahissen, deixou sobre

Couto. Tom. I. P. II.

N N aquel- ENSA
NACIONAL

aquelle rio D. Roque Tello Capitão do Galeão Lambea inorim com alguns navios de remo, e elle passou a Cochim a fazer o negocio a que hia. Os Mouros, que são os que no Reyno Malavar nos fazem a guerra, foilhes máo de soffrer verem aquella barra tomada, porque perdiam muito em as suas náos deixarem de fazer viagem; e azedado sobre este negocio o Camorim, offerrecêram-se-lhe pera irem pelear com o Galeão, fazendo-lhe muito facil renderem-no, o que elle accitou, mandando com muita presteza armar quarenta navios; e as náos que estavam á carga se fizessem prestes pera darem á véla tanto que rendessem o Galeão. E primeiro que Antonio de Saldanha tornasse de Cochim, negociados os navios, e cheios da melhor gente que havia entre os Mouros, fahíram todos juntos huma manhã, muito crelpos, e com muitos instrumentos de guerra. D. Roque Tello tanto que vio a Armada, assentou de a não esperar sobre amarra, e levando ancora, deo o traquete, e afastou-se hum pouco da terra, recolhendo as Fustas por derredor do Galeão, que preparou muito bem, fazendo sua artilheria leste, e repartindo os homens de mais confiança pelos lugares mais importantes. Os inimigos vinham voga arrancada, e chegando ao Galeão o rodeáram, e começaram a def-

carregar nelle sua artilheria, e arcabuzaria, e tão espessas nuvens de frêchas, que empenaram o Galeão pelos mastos, vergas, e por todas as obras de cima. O Galeão, que era muito grande, e possante, começou a laborar, e visitar com sua artilheria pera todas as partes, e foi tão bem empregada, que lhe arrombou muitos navios. As nossas Fustas, que eram finco, ou seis com as pôpas no Galeão também fizeram seu emprego nos inimigos, desaparelhando-lhes alguns navios, e matando-lhes dentro muita gente. O Galeão como andava com o traquete, mareava-se pera onde queria, fazendo seus empregos muito á sua vontade. O Capitão mór da Armada Malavar, vendo que o hiam destroçando, reforçou os maiores navios de sua companhia, e com grande determinação investio o Galeão pela banda das escoteiras, e commetteo a subida: os nossos acudindo alli lha defendêram com muito valor, lançando ao mar huns mortos, outros feridos, fazendo em todos grande estrago. Vendo os Mouros o destroço que era feito nelles, houveram por seu partido affastarem-se, o que fizeram com mais de dez navios menos, e nos outros a mór parte da gente perdida: e destroçados, e desacreditados se tornaram a recolher, levando consigo as náos pera dentro, porque já hiam sahindo pera fóra.

D. Roque Tello, posto que lhe feríram alguns homens, não recebeu mais damno, e tornou a surgir no mesmo posto, esperando por Antonio de Saldanha, que em Cochim deo pressa ao soccorro, e Armada que havia de levar, com que tornou a voltar pera o Governador.

C A P I T U L O XII.

De como o Governador Nuno da Cunha chegou a Chale, e se vio com aquelle Rey sobre o lugar que lhe havia de dar pera fazer a fortaleza: e dos tratos que houve entre elle, e o Çamorim sobre pazes: e de como se concluíram, e se começou a fortaleza.

DEIXámos o Governador dado á véla pera o Malavar, que foi continuando seu caminho muito devagar, por causa da grande frota que levava: e meado Novembro foi deitar ferro sobre a barra de Chale, mettendo tamanho terror, e espanto em todo o Malavar, que encolheo todos aquelles Reys. O Çamorim como mais culpado se fortificou, e repairou, porque não tabia aquelle negocio em que veria a parar. O Governador achou já alli Antonio de Saldanha com huma grande frota de muita, e muito boa gente, e deixando os Galeões, e náos fóra, pas-

fando-se aos navios de remo, entrou no rio, onde foi logo visitado da parte de Unirama Rey de Chale; e depois de tratarem sobre as vistas, e ElRey eleger o dia que seus Bramenes lhe assignáram, vieram á falla á borda da praia, onde o Governador o esperou com todos os Fidalgos, e Capitães da Armada, e as Fustas com os proizes em terra, com toda a gente posta em armas. ElRey chegou ao mesmo tempo acompanhado de alguns Senhores vizinhos, e de todos os principaes de seu Reyno. O Governador o recebeu com grandes honras, e lhe fez muitos offercimentos da parte d'ElRey de Portugal, e alli logo assentáram as pazes, e amizades, que juráram ambos a seu modo. E lhe prometteo ElRey em aquelle seu porto hum lugar pera fazer fortaleza na parte que elle escolheffe, de que passou suas ollas, e affinados. E logo o Governador deo a ElRey huma espada, e adaga de ouro muito rica, e algumas peffas de veludo de côres, e de brocado, assi pera elle, como pera seus Regedores, de que todos ficáram contentes. O Governador notou logo o sitio em que se poderia fazer a fortaleza, que era em huns palmares, que ficavam sobre o rio da banda do Sul, por terem alguns pozos de agua boa pera beber: e porque eram de partes, os comprou por ordem d'ElRey

muito á vontade de seus donos. Logo alli mandou traçar a fortaleza, e derribar os palmares, o que se fez aquelle dia. Ao outro desembarcou o Governador, e poz toda a sua gente em terra pera começar a pôr as mãos na obra, assentando o seu exercito na parte que lhe pareceo sobre o rio, e por detrás o mandou fortificar muito bem, e por que gastou aquelle dia. Ao seguinte mandou abrir os alicesses, sendo elle o que deo as primeiras enxadadas ao som de muitos instrumentos de alegria, e salvas de artilheria de toda a Armada, estando ElRey presente com os seus, que tambem festejaram aquelle auto com outros instrumentos a seu modo. Os Capitães, Fidalgos, e principaes da Armada tomáram á sua conta a obra do alicesse, repartindo-a entre si, em que os trabalhadores, que eram muitos, foram pondo as mãos, correndo os Fidalgos, e soldados com os cestos do entulho que se tirava, tudo com tanto regozijo, e contentamento de todos, que era muito pera ver. Os alicesses foram abertos em poucos dias, pela multidão dos trabalhadores que havia, e logo começou a correr a obra de pedra, e cal, de que foram muitas cotias carregadas de Goa. O Governador andava entre os trabalhadores apegando tambem das padio-
las, e com a bolsa sempre aberta, dando a

todos muito liberalmente. Aqui veio Nirange, hum Rey da outra banda de Chale, a visitar o Governador, que elle recebeo com grandes gazalhados, e lhe deo peças, e brincos, que he cousa em que estes Gentios todos trazem o olho. A obra hia crescendo a olho, porque os officiaes della eram repartidos pelos baluartes, e cada hum trabalhava no seu, de que eram os olheiros os Capitães mais velhos, pera assi virem todos juntos a hum tempo sobre a terra. E porque defronte do lugar em que se fazia a fortaleza estava huma mesquita de Mouros antiga, e grande, que lhe ficava em padrasto, tratou o Governador em segredo com o Rey mandalla derribar: e primeiro que o acabasse com elle, teve muito grande trabalho, e o peitou com muitas peças ricas, e contravontade dos Mouros, que se a isso oppuzeram, a mesquita foi derribada, e a pedra trazida pera os muros que alumiou muito na obra, que hia crescendo a olho. O Çamorim, que estava encolhido com ver o Governador em Chale, tanto que soube das pazes que tinha feitas com aquelle Rey, e que já se começava a pôr as mãos á fortaleza, havendo seu conselho, pareceo-lhe que lhe convinha tratar de amizades com o Governador, porque com aquella nova fortaleza ficava tão sujeito todo o seu Reyno, que de

nenhum rio delle podia fahir não sua pera Meca , o que sería total destruição sua. E não se descuidando nesta materia , foi-se ver com ElRey de Tanor , e lhe pedio que fosse terceiro entre elle , e o Governador , e os concertasse , o que elle prometteo de fazer. E logo se foi a Chale ver com o Governador , que o recebeu com grande apparato , e lhe deo huma espada de ouro emaltada , com outras peças curiosas. E depois de passada a primeira vista , se tornou a ver com o Governador , e tratou com elle sobre as cousas do Çamorim , sobre o que o Governador o ouvio , e lhe concedeo tudo o que sobre isso lhe pedio , mostrando que o fazia com muito gosto , por elle ser o terceiro nellas. Logo vieram Embaixadores do Çamorim , e assentáram , e juráram as pazes com o Governador , cujos capitulos não achámos neste Estado. O Governador despedio os Embaixadores , e com elles hum daquelles Capitães , a quem não sabemos o nome , pera ir visitar o Çamorim , e a ver jurar as pazes por elle , mandando-lhe hum rico presente , e muitas peças pera o Principe , e pera os Regedores. Este homem levou doze navios consigo , e foi a Calecut , onde o Çamorim o recebeu com muitas honras , e tornou a jurar as pazes de novo com grandes solemnidades , e alvoroço de todo o

povo pelo proveito que disso tinham. O Embaixador se despedio do Çamorim, e tornou-se ao Governador, que estimou muito as pazes por fazer aquella fortaleza mais á sua vontade. Com estas pazes começaram a vir alguns Senhores de Calecut a visitar o Governador, e entre elles foi Paná Ache pai do Principe herdeiro do Çamorim, a que o Governador recebeu muito bem, e lhe deo muitas peças, porque com estes Gentios primeiro se ha de dar que negociar. A obra da fortaleza foi correndo tão apressadamente, que aos quinze de Dezembro já estava toda á roda em altura de hum homem; e crevendo a ElRey o estado das cousas da India, despedio as náos pera irem tomar a carga a Cochim, porque até então as teve comsigo. Estas náos acháram a carga prestes, e tomando-a em breves dias, deram á véla pera o Reyno, aonde todas chegáram a salvamento.



CAPITULO XIII.

Da Armada que o Governador Nuno da Cunha mandou ao Estreito de Meca, de que foi por Capitão mór Antonio de Saldanha: e da guerra que Diogo da Silveira fez por toda a costa de Cambaya.

Vendo o Governador a fortaleza em estado que já se podia defender, e que estava amigo, e quieto com todos aquelles Reys, despedio Antonio de Saldanha pera o Estreito de Meca a esperar as náos de Cambaya, e do Achem, a quem deo seis Galeões, de que eram Capitães, elle, que hia em S. Matheus, D. Roque Tello no Lambearim, D. Fernando Deça o narigão em huma Galeaça, Antonio de Lemos da Trofa nos Reys Magos, e Francisco da Cunha em outro Galeão. Deo-lhe mais doze navios, cujos Capitães eram Thomé Baião, Fernão Lourenço, Diogo Gonçalves, João Correa, Tristão Dorta, Gaspar de Lemos, Christovão Rangel, Francisco Mendes, Antonio Fernandes, e outros. O Governador deo por regimento a Antonio de Saldanha que fosse invernar a Ormuz. Esta Armada se fez á véla por fim de Janeiro deste anno de 1532 em que entramos; e de sua jornada adiante daremos conta, porque he razão que

que continuemos com Diogo da Silveira, que deixámos invernando em Chaul, a quem o Governador escreveu que de lá se passasse á enxada de Cambaya, e fizesse por ella toda a guerra que pudesse, mandando-lhe pera isso mais gente, e proviimentos. Na entrada de Setembro sahio daquella barra com quarenta navios, de que a fóra elle (que hia na galé Conceição) eram Capitães Manoel de Miranda, Joanne Mendes de Macedo, Pero Preto, Diogo Dalva, Antonio Borges, Jorge Pires, Gonçalo Fernandes, Antonio de Faio, Christovão de Castro, Filippe Alvão, Belchior da Veiga, Ayres Dias, Manoel Rodrigues Coutinho, Luiz Coutinho, Francisco da Silva, Affonso Alvares, Bartholomeu Vaz Zambujo, Henrique Amado, Francisco de Sousa, João Correa Feitor da Armada, Antonio Veloso, Nuno de Andrade, Paio Rodrigues de Araujo, Ruy Freire, Diogo Porsee, Jorge Dias, Diogo de Lemos, Rodrigo Girão, Balthazar da Silva, e outros: e com toda a Armada se passou á ponta de Dio a esperar as náos que haviam de vir de Meca, e de Ormuz, onde andou todo Outubro sem lhe ir cahir cousa alguma nas mãos, porque as náos de Meca eram chegadas a Dio primeiro que elle. Vendo que o tempo se lhe hia gastando, voltou pera a enxada de Cambaya, e

foi demandar a Cidade de Bandora, que he a primeira do Reyno de Cambaya da banda do Sul, que estava muito prospera, e rica, por ser de grande trato, e commercio. E assentando com os seus Capitães de dar nella, a commetteo huma madrugada por duas partes; e pojando em terra acháram na praia perto de mil e quinhentos homens, que sahíram da Cidade a lhe defender a desembarcação, como fizeram; mas a nossa arcabuzaria os affastou de feição, que tiveram lugar de saltarem em terra, onde tiveram huma grande batalha; mas como a nossa arcabuzaria era muita, fez nelles tal estrago, que os arrancáram do campo, e os foram levando até á Cidade, em que entráram de envolta com elles tão apressadamente, matando, e ferindo nelles, que lhes não deram tempo pera se determinarem, antes com o medo que levavam foram sahindo pela outra porta fóra pera a banda do sertão, ficando a Cidade em mãos dos nossos com todo o seu recheio, de que foi saqueado o melhor, e a tudo o mais se deo fogo, em que a Cidade ardeo espantofissimamente. Diogo da Silveira se recolheo perdendo nesta jornada dous homens, a fóra feridos que houve alguns. Dalli se passou ao rio de Bombaim, e por elle dentro foi demandar a Cidade de Taná, que com as costas, e favor de

de Melique Tocão estava rebellada , e não pagava as pareas. E chegando a ella com a enchente da maré , desembarcou tambem em duas partes. E posto que acháram muitos Mouros pera lhe defenderem a desembarcação , todavia a pezar seu saltáram em terra , e commettêram a Cidade , em que acháram muito grande resistencia ; mas os nossos com grande estrago dos Mouros a entráram , e foi assolada , e destruida , e posta a fogo , e a ferro , o que tudo se fez em tão breve espaço , que se tornáram a embarcar primeiro que a maré vasasse , porque alli fica tudo em secco. E sahidos do rio voltáram pera a enxada de Cambaya , e dalli até Surrate foram dando em todas as aldeas , e povoações que acháram sobre o mar , em que cativáram , e matáram muita gente , pondo tudo a ferro , e fogo , não perdoando a cousa alguma. Aqui defronte de Surrate deo hum tempo á Armada , que estava perigosa , com que o navio de Francisco da Silva foi dar á costa ; mas salvou-se toda a gente , que foi tomada dos outros navios. Passado o tempo , e não havendo por aquella costa mais que fazer , passáram-se á outra de Dio , e o mesmo damno fizeram nos lugares do Castelete , Taloya , Madrefaval , queimando naquelles portos muitos navios carregados de fazendas. Em fim tantas crue-

zas fez esta Armada este verão , que todos os moradores do maritimo despovoáram seus lugares , e foram á Corte com grandes prantos , e queixas , que Soltão Badur sentio muito. Diogo da Silveira andou todo o verão por aquella enxada , e como foi tempo se recolheo com mais de quatro mil cativos , e carregados todos de riquezas , e despojos.

C A P I T U L O X I V .

Do que o Governador Nuno da Cunha fez em Chale , e acabou a fortaleza , e a proveo de Capitão : e das ceremonias que os Nayres guardam no negocio das jangadas , e que cousas são Amoucos.

FOi o Governador Nuno da Cunha continuando na obra da fortaleza com tanta pressa , que quando foi por fim de Fevereiro a poz em sua perfeição , fazendo-lhe casas pera o Capitão , e pera soldados , almazens , Igreja , e todas as mais cousas necessarias. E pera mór segurança da fortaleza mandou derrihar todas as casas , e palmares á roda , pera lhe deixar terreiro , o que tudo fez a poder de peitas , comprando a seus donos os chãos muito bem. E tendo tudo feito á sua vontade , provêo a fortaleza de Capitão ; pera o que elegeo Diogo Pereira hum Fidalgo velho , e muito honrado , e lhe

affinou duzentos e cincoenta soldados de guarda, com alguns Capitães pera lhes darem mezas, que deixou alli com seus navios, e guarneceo a fortaleza de boa artilheria, que mandou tirar dos Galeões, e de seus bombardeiros, e os almagazens provêo de muitas munições, e mantimentos de trigo, e arroz pera aquelle inverno. E pera maior segurança da terra, tomou por Jangada da fortaleza ao mesmo Rey de Chale, dando-lhe por isso huma tença cada anno. E sendo tempo de se recolher pera Goa, se despedio delle, e o mandou fazer do Çamorim, e deo á vela.

E porque este negocio de Jangadas não he entendido na Europa, daremos razão da ordem que nisso guardam os Nayres de todos estes Reynos. Esta Provincia Malavar he toda povoada de Gentios idólatras, mui supersticiosos, e differentes em castas, e ritos. Huns delles chamados Nayres, (que são os principaes de todos, e mui dados ao exercicio das armas, em que todos são mui devradores, pescadores, e que usam toda a mecanica: Outros chamados Tibas, que he a mais infame de todas, e tão avorrecidos dos mais, que não podem viver entre os outros, nem communicallos, nem tratallos, (como antigamente eram os do povo de Sa-

maria com os Judeos.) Esta casta baixa usam
 os officios de magarefes, de lavandeiros,
 çapateiros, pedreiros, alimpadores de ruas,
 e que levam as immundicias das casas fóra.
 Os Nayres como superiores de todos, são
 tão soberbos, e arrogantes, que pelas ruas,
 por onde passam, vam bradando alto, pó,
 pó, que quer dizer, affasta, affasta. E assi-
 tanto que são ouvidos de todas as mais na-
 ções inferiores, logo lhes despejam as ruas,
 e se escondem pelos becos, e pelas casas.
 Os Mouros, que são forasteiros naquelles
 Reynos, usam a arte do mar, e da mercan-
 cia, são todos Arabios, ou seguem sua sei-
 ta, de huma casta chamada Naiteas. Estes
 vindo ter áquella Provincia, misturam-se em
 casamento com os naturaes, tirando Nay-
 res, (que esta casta não se mistura com ou-
 tra,) e dantre elles nascêram huns mestiços,
 de que toda aquella fralda do Malavar he
 povoada, os mais falsos, máos, e engano-
 sos Mouros, que ha entre todos os do Mun-
 do: Estes vivem nesta Provincia como cati-
 vos dos Nayres, que tem liberdade pera lhes
 entrarem por suas casas cada vez que qui-
 zerem, quer estejam nellas, quer não, e el-
 les não podem entrar na de algum Nayre.
 E em tudo o mais, no modo de fallar, no
 desprezo os tratam como escravos, porque
 cuida o Nayre que nasceo pera ser senhor de

todas as mais nações. E assi são tão soberbos, que andam sempre assoprando. Todos em geral são homens mui bem dispostos, de côr bassa, andam nus da cinta para cima; e cingidos com huns pannos brancos grandes, com que dam muitas voltas ao redor de si até aos giolhes. As cabeças trazem descubertas, os cabellos mui grandes, e crescidos como mulheres, e apanhados no meio della; trazem de contino espadas, e rodellas, e nos braços manilhas de ouro, e pedraria lá em cima nos buchos; e isto trazem os que na guerra fazem feitos affinalados; que he a sua insignia de honra, como entre nós os habitos das cavallerias. As mulheres Nayras são formosas, e bem dispostas, vestem pannos alvos, e com huma volta por hum hombro, não cubrindo os peitos até á ilharga da outra banda, andam sempre limpas, e luzidias, untadas de azeites cheirosos. Ouvimos em Portugal no Paço contar aos homens velhos, que aquelles Embaixadores que ElRey de Calecut mandou a ElRey Dom Manoel, tendo-os em hum serão de festa, por lhes mostrar a grandeza de sua Corte, estando as Damas, (que então havia muitas, e muito formosas, e ricamente vestidas, e adornadas,) lhes mandára ElRey perguntar, que lhes pareciam aquellas Damas? Ao que os Nayres respondêram, que muito bem;

Couto. Tom. I. P. II.

O N I M A S R E N S A
N A C I O N A L

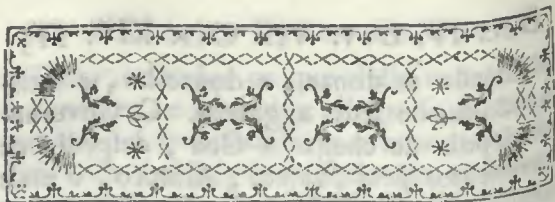
mas que todavia não havia cousa como huma Nayra, que com huma bochecha de agua lhe lavavam todo o corpo. São estas mulheres commuas pera os parentes dos mortos, e assi vivem todos tão seguros de ciu- mes, que indo hum pera sua casa, se acha á porta da banda de fóra a rodella do outro, que está dentro com sua mulher, (por- que he obrigado a deixar aquelle signal fó- ra,) torna a voltar, e vai-se a passear até que lhe despejem a casa: e esta he a razão, por que seus filhos não são seus herdeiros, senão os de suas irmans, porque estes hão por de seu sangue, sejam seus pais quaesquer que forem. Guardam estas gentes hum cos- tume com os estrangeiros mui digno de lou- var, e engrandecer: Este he, que tendo hum forasteiro necessidade do favor de hum dei- tes Nayres pera passar de huma parte pera outra, pera segurar sua pessoa de ladrões, e salteadores, chega-se a hum Nayre, e lhe pede seja sua Jangada, e lhe dá por isso al- gum dinheiro, valia de meio cruzado: Este Nayre tanto que lhe toma o seu dinheiro, lhe dá a mão em sinal que o toma em sua guarda, e assi o leva consigo até onde o ou- tro lhe releva, muito seguro, e sem receber affronta de pessoa alguma. E se acalo este fo- rasteiro for avexado, ou affrontado de algu- ma pessoa, fica esta affronta, e injúria tan- to

to á conta deste Nayre , e de toda sua geração , que logo se ajuntam todos , e se offerecem a morrer até satisfazerem aquella affronta , usando certas ceremonias , como homens que se despedem da vida , rapando as barbas de huma ilharga , que he o sinal de homens determinados a morrer , a que elles chamam Amoucos , e juntos todos , dam naquelle lugar onde lhe fizeram a affronta , e o destroem , e abrazam. Pelo que he isto tão arreçado em todo o Malavar , que se hum Portuguez , (que he a mais odiosa nação de todas com os Mouros ,) quizer passar de Cananor pera Cochim por todo aquelle Malavar , posto que esteja de guerra , e por meio dos Mouros , que lhe beberão o sangue , tomando sua Jangada , vai com ella tão seguro , como por Alentejo , sem lhe ninguem perguntar donde vem , nem pera onde vai. E se este Nayre que se fizer Jangada for menino , ainda esse he muito mais seguro ; porque a affronta que se faz a hum destes , satisfazem mais , que a que se faz a hum homem grande ; porque dizem , que quanto menos força este tem pera se defender , tanto he mór a obrigação dos parentes em acudir pela affronta que se lhe fizer. Em outro negocio se fazem estes homens Amoucos , que he quando na guerra lhe matam o seu Rey , então todos os seus criados , fa-

miliares, e todos os que delle tem tenças, ordenados, e comedias, logo se fazem Amoucos, e se determinam a morrer em virganza do seu Rey; que são tão recefosos, e precatados, que por essa causa nas batalhas nunca se atira bombardada, espingarda, nem fréchada aonde está hum sombreiro alevantado, que he a insignia d'ElRey, pera que saibam que está ellé alli. E por esta razão as nossas fortalezas do Malavar tem Jangadas, a que ElRey dá tenças, que são obrigadas com todos os parentes, e criados acudirem ás affrontas que os vizinhos lhes fazem. Destes Amoucos achámos que Cesar no seu Bello Gallico fez tambem menção; porque diz, que andando Publio Crasso em Guianna, e estando sobre hum lugar dos Sonciantes, sahíra de dentro Adjantana, que era alli Governador, com seiscentos Soldrios, que he o mesmo que offerecidos, que tinham por lei morrerem, e acompanharem em todos os trabalhos aquelles a quem se offerecessem por amizade, ou serviço: e que já mais se achou elcusar-se nenhum destes da morte, vendo matar aquelles a quem se offerecêram, que he o mesmo que tem estes Amoucos. Destas Jangadas dos Nayres faz tambem Sabelio menção, e diz que os Nayres do Malavar guardavam a ordem da cavalleria, e que andavam pelos caminhos de-

defendendo as donas , e donzellas , e satisfazendo-as de seus agravos. O Governador depois de chegar a Goa , despedio os provimentos pera Malaca , Maluco , e mais fortalezas , e com isto se ferrou o inverno.





DECADA QUARTA.

LIVRO VIII.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

Das cousas , que este anno passado acontecêram em Maluco: e de como os da terra matáram o Capitão Gonçalo Pereira , e lhe succedeo Vicente da Fonseca.

DEIXAMOS as cousas de Maluco em Gonçalo Pereira Capitão daquella fortaleza correr em pazes , e amizades com a Rainha , e com os Ternatezes , pela promessa que lhes tinha feito de lhes dar El-Rey , e lhe davam todas as ajudas necessarias pera a obra da fortaleza , em que hia trabalhando com muita pressa , por estar rota por muitas partes ; e vendo que a terra estava de paz , começou a pôr em execução certos regimentos que levava sobre o cravo daquellas Ilhas , que nunca comprehendem os

os Capitães das fortalezas senão os pobres dos moradores dellas , que as sustentam no tempo das necessidades com seu braço , com seu sangue , e com seu dinheiro : e os Capitães acabam os seus tres annos , e vam-se pera Portugal cheios de ouro , deixando as fortalezas estragadas , e os vizinhos escandalizados com suas desordens , e tyrannias , e a terra de guerra , e sem provimentos , e os moradores com os trabalhos , e sem proveitos ; porque esses poucos que tem , ha homens tão zelosos do serviço do Rey , e tão amigos de sua fazenda , que lha querem accrescentar com diminuição da de seus vassallos , dando alvitres pera isso , que todos veni a redundar em proveito dos Capitães ; e raramente neste negocio de accrescentar se falla verdade ao Rey ; porque como tratam de seu particular ou pera enriquecerem , ou pera medrarem , mostram os proveitos , e encobrem as perdas ; e as que os Reys mais sentem são as de seus vassallos , que todos desejam de apoupar , e conservar , porque Rey de vassallos pobres não pôde ser rico , e as perdas que estes desejosos de enriquecer o Rey lhe encobrem , debaixo de hum pequeno de dourado , he como pirola dourada , que se o Rey a mastigar forçadamente , lhe ha de amargar , e como Catholico , e Christão ha de sentir as perdas de seus vassallos

fallos: estas perdas, e crecenças nós alguma
 hora apontaremos se nos cahir a pêlo, posto
 que muito claramente o temos já feito no
 nosso *Dialogo do soldado pratico*. E tornan-
 do ao Capitão de Maluco, como se vio
 quieto, e que não havia mister os homens,
 mandou lançar pregões, que nenhuma pes-
 soa comprasse cravo em todas aquellas Ilhas
 senão o Feitor d'ElRey, e com isso mandou
 pelos officiaes entrar pelas casas dos casa-
 dos, e tomar-lhes todo cravo que lhes achaf-
 sem, pagando-lho pelo preço da terra: e
 todos os pezos, e balanças, medidas, e to-
 da a outra cousa desta qualidade, que por
 todas as casas achou, mandou queimar pu-
 blicamente. Esta cousa escandalizou tanto os
 moradores de Ternate, (porque ficavam sem
 remedio algum, e não tinham pera que vi-
 ver na terra, se lhes tolhiam o commercio
 della,) que se ajuntáram todos em casa do
 Vigario da fortaleza, (que com o braço Ec-
 clesiastico muitas vezes fazem tambem por
 todas as fortalezas bem de sem-razões,) e
 alli tratáram sobre não consentirem aquelles
 agravos, e injustiças, fazendo-se cabeça
 hum Vicente da Fonseca, e assentáram que
 se fosse fazer hum requerimento ao Capitão,
 que os deixasse viver na liberdade em que
 estavam; e que quando não quizesse, que
 deixassem todos a fortaleza, e se passassem
 huns

huns pera os Castelhanos , e outros pera a povoação dos Mouros. Isto houveram alguns que era caso mui rijo desamparar a fortaleza d'ElRey , e que menos mal fería sollicitarem a morte ao Capitão por via dos naturaes. E andando assi indeterminados , succedeo mandar o Capitão prender Vicente da Fonseca por humas palavras que teve com hum sobre rolda : isto escandalizou tanto aos da conjuração , que logo se foram alguns em segredo a casa da Rainha , e com ella , e com seus Regedores tratáram os aggravos do Capitão , dizendo-lhes , que era hum tyranno , e máo , e que fora pera aquella Ilha pera destruição de todos , e que soubesse de certo , que o juramento que tinha feito de lhe entregar o Rey que tinha na fortaleza , que o não havia de cumprir , antes estava determinado de a prender a ella , e aos Regedores pera se melhor segurar , porque outra vez com qualquer achaque lhe não tolessem os mantimentos , como já fizeram ; e que lhe certificavam , que se o não matavam , que elle poria todos os daquella Ilha no mais miseravel estado em que nunca se viram , e que todos os Portuguezes haviam de folgar com sua morte , e que quando lha quizessem ordenar a não haviam de impedir , antes favorecer. A Rainha , e os Regedores ficáram muito contentes de verem

aquellas divisões, porque esperavam de por ellas tornarem a cobrar a liberdade daquelle Ilha, e lançarem fóra todos os Portuguezes: e vendo que se lhes offerencia tamanha occasião, não a quizeram perder. E fazendo a Rainha ajuntamento de todos os principaes da Ilha, lhes fez a todos esta falla:

» Bem vos lembra, amigos meus, a quem
 » eu sempre amei como filhos, que vindo
 » os Portuguezes ter a estas Ilhas perdidos,
 » os mandou ElRey Boleife meu marido buscar,
 » e trazer pera esta Ilha, onde com honras,
 » e mimos os recebeo, e agazalhou,
 » e deo fortaleza, perdendo por amor delles
 » a amizade dos Reys vizinhos, e parentes.
 » E depois que os recolheo nesta terra,
 » para, pelos sustentar, e defender nella, teve
 » muitas guerras, perdas, e damnos, e arriscou
 » muitas vezes a vida, e o Estado, tratando-os
 » em quanto viveo com mais amor, que a seus proprios
 » filhos: mas elles em satisfação deste hospicio,
 » gazalhadoss, mimos, e favores; fechando ElRey
 » meu marido os olhos, quizeram logo lançar
 » mão de mim, que lhes escapei, andando
 » muitos tempos por matos, e por brechas,
 » passando muitas miserias, e desaventuras,
 » tomando-me meus filhos meninos com engano;
 » e quando meu filho Bayano começava a entrar em idade
 » pera ir ao mar

» mar posse do Reyno , matáram-mo com
 » peçonha , e póde bem ser que se não acu-
 » dir , o façam a effoutro que tem na forta-
 » leza , tão mal tratado , como se fora al-
 » gum malfeitor , e fugitivo. E além disto ,
 » assi quizeram tratar nossas fazendas , ca-
 » sas , e ainda nossa propria patria , como
 » se fora todo seu , e nós fomos os foras-
 » teiros , avexando-nos sobre isto , fazendo-
 » nos guerra , usando as crueldades que ha
 » poucos dias vistes nos nossos proprios na-
 » turacs , deitando-os aos cães , como alima-
 » rias brutas. Qualquer destas cousas era mui
 » bastante pera trabalharmos de sacudir de
 » nossos pescoços hum tão duro , e pezado
 » jugo , quanto mais tantas quantas pera is-
 » so temos. E sobre tudo isto , o que he
 » mais de sentir , a affronta que se faz á nos-
 » sa religião , avexando nossos Sacerdotes ,
 » desprezando nossos templos , e vituperan-
 » do nossa lei. E pois o tempo nos offere-
 » ce tamanha occasião , como a que hoje ha
 » com a desavença dos Portuguezes com seu
 » Capitão , lancemos mão della , pois temos
 » em nosso favor todos os Portuguezes , e
 » então ahi nos fica depois matarino-los a to-
 » dos , e darmos liberdade ao vosso Rey ,
 » e á vossa patria , e não consentir mais hos-
 » pedes , que tão mal nos hão de pagar o
 » gazalhado.

A todos movêram as razões da Rainha, a quem não faltáram lagrimas em quanto renovou as cousas passadas, e todos alli se lhes offerecêram pera dar á execução aquelle negocio, tratando logo alli o modo, e o dia, em que havia de ser. Assentando isto entre elles, pera mór dissimulação, mandava a Rainha correr com as cousas necessarias pera a obra da fortaleza em muita abundança, dizendo publicamente (pera que o Capitão o soubesse) aos officiaes, que dessem pressa ás obras, porque nisso estava haver seu filho, como lhe tinham promettido. E vindo o dia ordenado em que haviam de matar o Capitão, ajuntáram-se os Ternates com suas armas na força do meio dia, e foram-se huns poucos metter em huma mesquita, que estava detrás da fortaleza, e outros em hum bosque, que alli estava perto, com ordem, que como vissem sinal da fortaleza, arremettessem a ella por huma parte que ainda estava quebrada. E entre os officiaes que hiam á obra se mettêram alguns com armas secretas, em trajos de trabalhadores; e os criados d'ElRey, que hiam, e vinham á fortaleza fallar com elle, e servillo, tambem leváram suas armas. Estes entrados na fortaleza sem lho ninguem impedir, como homens que eram alli continuos, entráram aonde estava ElRey, e lhe deram

aviso pera que estivesse prestes. Dalli se foram a casa do Capitão, que estava dormindo a festa, sem haver ninguem nas casas, por serem todos os seus criados, e familiares recolhidos. Os Ternatezes puzeram os hombros ás portas, que estavam fechadas, e dando com ellas dentro, arremettêram ao Capitão, (que ás pancadas tinha já acordado,) e levando de huma espada, e rodella, se defendeo hum pedaço; mas como os inimigos eram muitos, carregáram sobre elle, e o atassalháram, fazendo nelle anatomias espantosas. E huma escrava ouvindo o reboliço, começou a gritar. Os Ternatezes que estavam detrás da mesquita sentiram tambem o estrondo, e sem esperarem o final sahíram fóra, e deram com hum Portuguez com quem arremetteram pera o matar; mas elle foi fugindo, e gritando, *Mouros, Mouros*. Já neste tempo os criados do Capitão tinham acudido com suas armas aos gritos da escrava, e subindo á torre da menagem, onde o Capitão se agazalhava, acháram dentro os que o matáram, e remettendo com elles os fizeram lançar pelas janellas fóra, fazendo-se em baixo todos em pedaços, e acudindo ás portas as fecháram com muita pressa. Os Ternatezes, que estavam emboscados, não ouvindo o sinal que lhes haviam de fazer, e sentindo o repique na fortaleza,

(que tanto que fecháram as portas logo o deram) havendo que eram descubertos, recolhêram-se pera a Cidade. Os Portuguezes da conjuração, que foram naquelles tratos, acudíram com suas armas pera dissimulação, e entráram na fortaleza, e acháram o Capitão morto. E acudindo o Alcaide mór, re- quero a todos, que conforme ao Regimen- to d'ElRey de Portugal, o houvessem por seu Capitão, a que elles não quizeram de- firir, antes se atravessou o Vigario da fortaleza, chamado Fernão Lopes, e fazendo-se cabeça de todos, fez eleger Vicente da Fon- seca (que estava prezo) por Capitão, que logo tomou posse da fortaleza. Isto foi cousa muito escandalosa, e contra o serviço d'El- Rey. Tanto que Vicente da Fonseca tomou posse da fortaleza por ordem do Vigario, sem haver quem fizesse justiça ao Alcaide mór, lançou logo mão d'ElRey, e o reteve, e a primeira cousa em que entendeu foi lar- gar outra vez o trato do cravo como d'an- tes. E porque todos foram em consentimen- to da morte do Capitão, fez-se della pouco deixando de correr em paz, e amizade com a Rainha, e Ternatezes. A Rainha mandou de novo pedir ao Capitão, que lhe entre- gasse seu filho, pois ella tinha dado toda a ajuda que lhe pedíram pera a fortaleza, que

estava acabada. Vicente da Fonseca poz a-
 quelle negocio em parecer dos casados , e
 todos assentáram , que não era licito entre-
 garem aquelle Rey , até se não fazer a fa-
 ber ao Governador o que era passado. Dis-
 to se escandalizou a Rainha , mas dissimu-
 lou alguns dias , não deixando de requerer
 o filho com rogos , e com peitas. Neste es-
 tado deixaremos as cousas deste anno , de que
 avisáram ao Governador , pedindo-lhe que
 proveesse nellas.

C A P I T U L O II.

*Da Armada , que este anno de 1532 partio
 do Reyno : e do que aconteceu a D. Es-
 tevão da Gama na Costa de Melinde. E
 da grande guerra , que Diogo da Silveira
 fez no Reyno de Cambaya ; e de como des-
 truio as Cidades de Por , e Mangalor.*

SEm embargo deste anno de 1532 andar
 o Rey D. João occupado em ajudar
 com dinheiro , e outras cousas ao Imperador
 seu cunhado , que se fazia prestes pera ir bus-
 car (como foi a Vienna) o Turco Soleimão ,
 que tinha entrado por Alemanha , com ten-
 ção de ganhar Aultria ; todavia não deixou
 de prover nas cousas da India , pera onde
 despachou huma Armada de cinco náos , de
 que deo a Capitania mór ao Doutor Pero

Vaz do Amaral, que tinha despachado por Capitão, e Veador da Fazenda de Cochim. E porque a Christandade da India hia em grande crescimento, e á mingua de Bispos deixavam de se ordenar muitos em Sacerdotes, e de benzerem os Santos Oleos, e de administrar o Sacramento da Confirmação, clegeo ElRey pera isso ao Bispo Fr. Fernando Vaqueiro da Ordem dos Menores, que devia ser Bispo de Annel do Bispo do Funchal, debaixo de cuja jurdição estava toda a India, como melhor ao diante diremos. Era este homem natural de Evora, Varão Religioso, e deo-lhe o Papa titulo de Bispo Aurense, e ElRey lhe passou Provisões pera como passassem tres annos se tornar pera o Reyno; e lhe mandou dar todo o necessario pera sua embarcação, e o mandou embarcar nesta Armada na náó de Vicnte Gil. Esta Armada partio em Março, e os mais Capitães eram D. Estevão, e D. Paulo da Gama, ambos filhos de D. Vasco da Gama primeiro Conde Almirante, que hiam providos da Capitanía de Malaca hum após o outro; porque entre as mercês que ElRey D. João fez ao mesmo Conde, quando o mandou por Viso-Rey da India (segundo em Portugal ouvimos) foi dar-lhe a fortaleza de Malaca pera todos os seus filhos que serviram os quatro delles, e nesta Armada vi-

nham tres , estes dous , e D. Christovão da Gama , que hia embarcado com D. Estevão , que era o mais velho delles. E assi tinham naquelle tempo os Reys medidas , e registadas as mercês aos homens , que quando os despachavam com as fortalezas era pera entrar logo , e de maravilha se achavam mais de dous providos de huma fortaleza , porque gostavam os Reys de verem lograr a seus vassallos as mercês que lhes faziam. Isto se veio depois a corromper tanto , que de todas as fortalezas vimos despachados dezoito , e vinte , que são quarenta , e sessenta annos. E por certo que por demais animo se devem de ter os homens , que vam vivendo em esperanças tão compridas , que por commetterem Elefantes , e Tigres bravos. E tornando á nossa ordem : os mais Capitães das companhias do Doutor Pero Vaz do Amaral eram Vicente Gil , e Antonio Carvalho ; e fazendo sua viagem apartadas humas das outras , como he ordinario nesta carreira , as quatro dellas foram tomar Goa entrada de Setembro. A outra , de que era Capitão D. Estevão da Gama , errando Moçambique , foi buscar Melinde pera fazer agua da , que tambem não pode tomar , pelo que foi demandar Sacotorá. E como as aguas alli correm muito , foi-os desviando , e vindo que não podiam tomar a Ilha , foram a

Couto. Tom. I. P. II.

Xael , na costa de Arabia , cujo Rey era amigo do Estado ; e conhecendo a não ser de Portugal , mandou a ella embarcações com refresco , que D. Estevão estimou muito. E vendo-se tão perto da terra , e que era forçado ir o batel fazer agua , como hia cadado , desejava de ver a terra embarcou-se nelle , e levou consigo D. Manoel de Lima , e D. Fernando de Lima , que hiam embarcados com elle , e chegados á terra estiveram na praia em quanto se fazia aguada ; mas quiz a desventura que naquelle tempo dêsse huma tormenta tamanha , que não a podendo soffrer a náó , que andava ás voltas com o traquete , foi-lhe necessario virar em poppa , e ir correndo por onde pode. O vento era Levante , e quando alli começam são tormentosos , e assi sem poderem al fazer foram-se demandar a costa de Melinde , vendo-se muitas vezes perdidos ; e não podendo ferrar terra , porque ficáram os Levantes curfando , passáram avante , e foram tomar Moçambique com infinito trabalho , e com a maior parte da gente morta. Indo D. Christovão da Gama nella , que com ser mancebo assi corria com os homens , e assi se negociou , que elle foi a unica occasião de se salvar aquella náó. E tornando a D. Estevão , ficou em terra esperando hum dia , ou dous conjunção pera ir buscar a sua náó , e passá-

fada aquella primeira pancada , embarcou-se no batel , que levava cheio d'agua , carneiros , gallinhas , e outros refrescos , e foi ao mar a buscar a náo , cuidando que andasse por alli ás voltas , e não a vendo ficou muito enfadado. E tomando parecer sobre o que faria , assentáram que fossem até Socotorá , porque forçado a haviam de achar lá , e assi foram demandar aquella Ilha , e nem alli a acháram , do que ficou mui apaixonado. Os officiaes da náo que hiam no batel lhe disseram , que aquelle tempo era Levante , e que já alli havia de cursar até o inverno , que sem dúvida a náo havia de estar em Melinde , porque os ventos , e as aguas a haviam de lançar pera lá : que o bom seria ir demandar Melinde , e quando a desventura fosse tamanha que a não achassem , que fizesse o que lhe parecesse. Assi se deixáram ir pela costa adiante , e depois que passáram o Cabo de Guardafu , indo Dom Estevão tão triste que queria morrer de pezar , chegados a Magadaxo , fizeram aguada. E sabendo o Rey da terra , que alli hia hum filho do Conde Almirante , de que todos tinham grande conhecimento , por ser o primeiro que descobrio , e navegou por aquella costa , o foi ver á praia , e lhe fez grandes offerecimentos de tudo o que houvessem mister. D. Estevão lhe pediu huma

embarcação maior, e amarinheirada, e com algum Piloto pera o poder levar até Melinde, o que lhe elle logo mandou negociar, e lhe deo muito refreico da terra. Partidos daqui, chegaram a Melinde, onde estava por Capitão hum Cavalleiro honrado chamado Nuno Fernandes, que os agazalhou muito bem, e d'elle soube como a sua não era passada pera Moçambique, porque algumas embarcações que a víram passar muito ao mar, lho disseram. Com isto ficou D. Estevão desaliviado, e Nuno Fernandes lhe deo humafusta mui bem concertada, e tudo o mais de que tiveram necessidade. Partidos dalli como hiam com Levantes rijos, em poucos dias foram a Moçambique, onde a não estava, e D. Christovão seu irmão desconfiado de poderem ser vivos; e acudindo á praia ao irmão, se festejaram grandemente. Alli se deixaram ficar esperando a monção de Agosto. As outras náos chegaram a Goa, e o Doutor Pero Vaz do Amaral foi mettido de posse da Capitania de Cochim, e do cargo de Veador da Fazenda, e logo se embarcou pera dar ordem á carga das náos. Nesta Armada mandou ElRey hum Alvará a Nuno da Cunha, em que lhe fazia mercê de quatro mil cruzados pera ajuda de suas despezas. E mandou o cargo de Capitão mór do mar a Diogo da Silveira **N** com quem he razão que

que continuemos, em quanto o Governador despede as náos pera Cochim.

Atrás temos contado como Diogo da Silveira ficou invernando em Chaul, que tanto que o verão entrou armou huma galé, cinco galeotas, e quinze navios, com que se passou á ponta de Dio a esperar as náos de Ormuz, e de Méca, que haviam de ir pera aquella Ilha, onde já eram recolhidas quasi todas as que esperavam, e todavia lhe vieram cahir nas mãos duas, que sem custo se rendêram, e despedindo-as com gente pera Goa, passou-se á costa de Por, e Mangalor, que estava ainda inteira, e sem se tocar nellas. Alli começou pelos lugares marítimos (que estavam descuidados de tal açoute) a escalar, destruir, e abraçar, matando, e cativando muita gente, e assi foi até chegar á Cidade de Pate, que tinha hum porto mui frequentado de náos, e navios de todas as partes, aonde concorriam muitos mercadores grossos, porque desejou de dar hum papo quente a seus soldados. E desembarcando nella huma madrugada com quinhentos homens, a commetteo, tendo huma muito aspera batalha com seus moradores, que sahíram a lhe defender a desembarcação, com quem apertáram de feição, que os foram mettendo pela Cidade, entrando de envolta com elles, destruindo, e assolando tudo,

do, usando espantosas cruizas, porque parecia ser assi necessario, pera o que o Governador pretendia, ou o permittio Deos, pela maldade do Soltão Badur, porque muitas vezes pelas dos Reys castiga seus povos. Os soldados deram hum formoso sacco á Cidade, onde acháram muitas riquezas, e tantas, que não foi possível recolherem-se todas, mas tomou cada hum o que lhe melhor pareceo, e o que puderam levar. Tendo o mais se entregou a hum cruel, e espantoso fogo, em que toda aquella Cidade se consumio com grandissimo espanto, e terror dos naturaes; porque os que puderam escapar, estavam de longo vendo as labaredas, e fumaças em que se desfaziam suas fazendas. Pela mesma maneira se queimáram todas as embarcações que havia no porto carregadas de diferentes fazendas. Feito isto, tornáram-se os nossos a embarcar sem custo mais que de alguns feridos. E passando pela costa adiante, foram assolando tudo até chegarem ao lugar de Patan, que também era huma escala bem grande de muitos, e mui ricos mercadores, onde também desembarcáram: e posto que acháram grande resistencia, a entráram, e fizeram nella outro semelhante estrago, que em Pate. Dalli passáram á Cidade de Mangalor, que era maior, e mais prospera de todas, e desem-

barcando nella com mais tento que nas outras, acháram tambem bem differente resistencia, porque tinha muita, e muito boa gente de guerra; mas por fim do negocio a Cidade foi entrada, e escalada, matando-lhe muita gente, e a mór parte della mulheres, e meninos, que não puderam fugir. Os nossos tomáram o que quizeram, e o mais entregáram ao fogo, em que toda a Cidade se consumio. No porto havia muitas embarcações carregadas de mantimentos, de que toda a Armada se provêo, e depois as entregáram todas ao furioso, e espantoso fogo. Feito isto, embarcáram-se logo, e passaram-se á costa de Cambaya, por onde fizeram cruelissima guerra.

C A P I T U L O III.

Das cousas em que o Governador Nuno da Cunha provêo; e da grande Armada com que partio para o Norte.

Determinava o Governador Nuno da Cunha de ir passar todo este verão pelo Norte, pera continuar na guerra de Cambaya, e ver se por alguma via lhe abria o tempo occasião pera lançar mão da fortaleza de Dio, pera o que deo pressa ás náos do Reyno, pera irem tomar a carga a Cochim. E despedio por Capitão mór do Mala-

lavar Manoel de Sousa, hum Fidalgo filho de hum irmão do Prior de Rates, que foi aquelle, que depois morreo no rio de Dio com Soltão Badur (como na quinta Decada se verá.) Este Fidalgo partio em fim de Outubro com huma galé, em que elle hia, e quinze navios, de que eram Capitães Dom Luiz, Gonçalo Pereira, Henrique de Sousa, Alvaro de Siqueira, Vicente Rodrigues, Diogo Pires Deça, Martim de Castro, Fernão Villela, Fernão Gil Porcalho moço da Camara do Infante D. Luiz, e outros. Depois de despedidas as náos, e Armada, chegou a Goa Antonio de Saldanha com a sua Armada, de que não damos razão, porque não achamos informação do que succedeo na jornada; sómente tomar algumas náos ricas, com muitas prezas, e ir invernar a Ormuz, e sobre as prezas teve o Governador com elle algumas razões, de que se elle enfadou, e se foi embarcar pera o Reyno. Depois da sua chegada logo o Governador se embarcou, e deo á véla com huma Armada de mais de cento e cincoenta vélas, em que entravam vinte galeões, e náos, muitas galés, e galeotas. Os Capitães, que nesta jornada hiam, são os seguintes: Garcia de Sá, Dom Fernando Deça, Antonio da Silva, Manoel de Alboquerque, Jorge de Lima, Francisco de Sá, Ruy Vaz Pereira, Antonio de Sá

Sá o Rume, D. Paulo da Gama, Nuno Pereira de Lacerda, Tristão Homem, Jorge Cabral, Martin Affonso de Mello Juzarte, Francisco de Vasconcellos, Vasco Pires de Sampaio, Henrique de Macedo, Martin de Freitas, D. Roque Tello, Manoel de Miranda, Manoel Rodrigues Coutinho, Christovão de Castro, Luiz Coutinho, Francisco da Silva, Paio Rodrigues de Araujo, Lopo Pinto, Pero Botelho, Jorge de Sousa, Antonio da Cunha, Francisco de Sousa, Pedro de Mesquita, Affonso Figueira, Antonio Ribeiro, Francisco da Costa, Gaspar Luiz, Bartholomeu Vaz, João Fernandes o Taful, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros. Nesta Armada hiam de ventagem de tres mil homens Portuguezes, e quasi mil e quinhentos Lascarins da terra, que hiam embarcados em dous Juncos, de hum delles era Capitão, e senhorio Diogo Rodrigues de Azevedo, e do outro não achamos cujo era. E primeiro que partisse de Goa, entregou o Governador a Simão Caeiro Ouvidor geral hum irmão do Soltão Badur, que Antonio da Silveira Capitão de Ormuz tomou naquella Cidade, que hia fugido da ira do irmão, porque o queria matar. A este Principe não foubemos o nome; nem onde morreu, mas alcançamos homens nesta Cidade de Goa, que o víram andar este inverno pe-

la Cidade bebado em cima de hum elefante, o que fazia os mais dos dias, e não pela razão porque o fazia aquelle filho do Grão Turco, que estava em Roma cativo, que dizia que se embebedava por não sentir os desgostos do cativo: mas estoutro embebedava-se, porque lhe soube muito bem o vinho do Reyno. A este Principe fez o Governador muitos gazallados, e lhe deo casa honrada, e despeza; mas não achamos (como já assima dissemos) em toda a India homem que nos dissesse do fim deste Principe; porque quando o Governador Nuno da Cunha matou em Dio ElRey Soltão Badur, como logo adiante se verá, vinha o Reyno a este homem, porque o Badur não tinha filhos, e em defeito de herdeiros elegêram os povos Soltão Mahamede seu sobrinho, e não declaram as historias se era filho deste irmão, se do outro a quem elle roubou o Reyno. Etornando ao Governador, foi seguindo sua jornada até á fortaleza de Chaul, onde estava Manoel de Macedo por Capitão, que lhe fez grande recebimento. Aqui tomou informação das cousas de Cambaya, e soube estar na Cidade de Baçaim Melique Tocão, senhor de Dio, que Soltão Badur tinha mandado com dez, ou doze mil homens, pera se metter naquella Cidade, pelas novas que havia dos grandes apercebimentos que fazia

o Governador pera sahir fóra este verão. Melique Tocão estava muito fortificado, e soberbo pelo successo passado de Dio, de que o Governador andava bem desconfiado, e desejava de satisfazer aquella quebra. E tomando conselho sobre o que faria, significando a todos os Capitães o desejo que tinha de dar na Cidade de Baçaim, por ser das principaes do Reyno de Cambaya, e donde se provia de mantimentos. A todos pareceo bem, e lho approvaram, sem embargo de lhe representarem no conselho o grande poder com que Melique Tocão estava, porque quanto maior lho pintavam, mais lhes crescia o desejo a todos de se verem ás mãos com os inimigos, porque os Fidalgos deste tempo não buscavam outras fazendas, e fardos, senão pelouros, e bombardas, honra, e fama. Em fim assentado no conselho este negocio, logo o Governador despedio Manoel de Albuquerque no Galeão em que hia, com quinze navios mais de remo, pera se ir pôr sobre a barra de Baçaim, porque não entrasse, nem sahisse cousa alguma. E porque soube que Diogo da Silveira estava com toda sua Armada na ponta de Dio, o mandou chamar pera que o fosse esperar em Baçaim, e lhe mandou o Alvará d'ElRey, porque o fazia Capitão mór do mar da India. Com este recado se fez Diogo da Silveira á vé-

la,

la , e atravessou a Baçaim , e surgio sobre aquella barra , aonde já estava Manoel de Albuquerque. O Governador depois que deo despacho a alguns negocios , deo á véla pera Baçaim , e surgio naquella barra com huma tamanha Armada que cubria o mar , e dando conta a Diogo da Silveira do que estava determinado , lhe mandou que fosse reconhecer o sitio , e fortificação da Cidade , e que notasse a parte porque se podia desembarcar. Diogo da Silveira se fez prestes , escolhendo pera isso alguns navios muito ligeiros , pera ao outro dia de madrugada commetter aquelle negocio.

CAPITULO IV.

Do modo da fortificação da Cidade de Baçaim : e de como o Governador Nuno da Cunha desembarcou nella , e a entrou , e destruiu de todo.

AO outro dia em rompendo a manhã se embarcou Diogo da Silveira em hum navio muito ligeiro , levando consigo alguns Capitães , e Fidalgos da sua companhia , que pera isso escolheo , e outros alguns navios de remo , com alguns Pilotos da Armada pera irem sondando a barra , e o rio todo. E commettendo a entrada na reponta da maré , foi muito devagar notando o modo da

fortificação, que era por esta maneira. Sobre o canal da barra da banda do Norte estava hum baluarte muito grande com huma câva muito larga em roda, que se enchia com a agua do mar. Do baluarte corria hum muro pera dentro de longo da praia, que era a face da Cidade, que ficava pera o sertão. Por este muro havia muitas torres, e guaritas, todas guarnecidas de muita, e boa artilheria, e gente de guarnição. Entre este muro, e a Cidade havia huma boa fortaleza, posta sobre hum tezo grande, e formosa, com seus baluartes, e revêzes, e não se podia passar pera a Cidade sem tomarem primeiro os baluartes, e fortes da praia, porque mettendo-se algum exercito em meio ficava arriscado a se perder, por causa da muita artilheria que de ambas as partes lhe ficava. Diogo da Silveira foi vendo, e notando tudo, sem o perturbarem as muitas, e amiudadas bombardadas, que sobre elle choviam, e passando pelos fortes notou que a diante delles pelo rio bem affima havia hum lugar em que se podia desembarcar, e commetter a fortaleza, que estava entre a Cidade, e as fortificações da praia pela outra face, sem se metterem em meio dos fortes. Notando tudo muito bem, tornou-se ao Governador, sem lhe acontecer desastre algum: e presente todos os Capitães velhos, lhe deo

relação do que víra, com que se assentou, que se commettesse a Cidade por aquella parte, e que fosse ao outro dia, pera o que se fizeram prestes, ordenando as cousas necessarias pera o commettimento da fortaleza, no que gastáram todo aquelle dia, e noite seguinte. E tanto que amanheceo, poz o Governador em ordem a desembarcação, ordenando de toda a gente tres esquadrões. O primeiro, que era a dianteira, deo a Diogo da Silveira, pera quem se passáram todos os Fidalgos aventureiros da Armada. Do segundo esquadrão era Capitão D. Fernando Deça. O terceiro tomou o Governador pera si com todos os Fidalgos, e Capitães velhos: ordenando o Governador, que as galés, e duas barcaffas que levava, se puzessem a bataria com os fortes da praia. Ao outro dia tanto que a maré começou a encher, foram entrando o rio com todos aquelles navios de remo, que eram mais de cento e vinte, formosamente embandeirados, tocando muitas caixas, e pifaros, trombetas, e charamelas, misturando com as cousas de guerra, de alegria, pera mostrarem o furor, e alvoroço que levavam. Diogo da Silveira hia diante com toda a sua Armada, e foi passando pelos fortes com grandes salvas de artilheria, arcabuzaria, e gritas de todos os marinheiros, com que metteram mui grande ter-

terror, e espanto nos inimigos, que acudiram aos fortes da praia cuidando que os quizessem commetter. Diogo da Silveira como hia despedido do remo, foi passando por meio de nuvens de pelouros, e de fumaças, que assi da terra, como da nossa Armada são tantas, e tão espessas, que cubriam o rio, e parecia que a terra, e o Ceo se desfazia em coriscos. E passando adiante, foi pôr a prôa na parte que tinha notado, em que logo saltou com todos os seus, e formou em terra o seu esquadrão, que era de mais de mil e quinhentos homens, com suas bandeiras desenroladas, e ao som de caixas, e pífaros, foram marchando á fortaleza, donde lhes atiraram infinitas bombardadas, que todas davam em meio delles sem fazer dano algum, o que foi cousa milagrosa. Diogo da Silveira que hia demandando a fortaleza pela face da banda do Levante, achou já no campo Melique Tocão com dez mil homens, posto em ordem de batalha. Diogo da Silveira animando os seus brevemente, appellidando *Sant-Iago*, remetteo com os inimigos, baralhando-se todos em huma cruel batatha, derribando-lhe os nossos daquella primeira salva da arcabuzaria mais de quatrocentos, e vindo á espada começaram a fazer nelles grande destruição, e como liam com aquelle primeiro impeto, e furor, não esti-

estimando os inimigos em cousa alguma, afi apertáram com elles que os fizeram voltar. Meliqui Tocão vendo-se desbaratado, não se quiz recolher pera a fortaleza, mas foi-se de longo della pera o sertão. Os que estavam na fortaleza, vendo ir Melique Tocão fugindo, não ousando a esperar os noffos, lançáram-se pela outra parte fóra, e foram seguindo os seus, deixando a fortaleza despejada. Diogo da Silveira chegando á porta, vendo que a victoria estava por sua, não quiz entrar dentro, e esperou pelo Governador. Isto tudo foi tão apressado, que quando chegáram os outros esquadrões era tudo concluido. O Governador chegou á porta da fortaleza, onde achou Diogo da Silveira com a sua bandeira encostado á parede, e levando-o nos braços lhe disse muitas palavras de louvores, engrandecendo a Deos com huma tamanha victoria sem custo algum. E mandou a Diogo da Silveira que entrasse na fortaleza, e a dèsse a sacco aos seus soldados: á volta delles entráram todos, e a escaláram. O Governador mandou recolher toda a artilheria, de que se acháram quatrocentas peças, muitas munições, e petrechos de guerra. Depois de tudo escalado, mandou o Governador fazer algumas minas, que encheo de barris de polvora, e dando-lhes fogo, arrebentou toda a fortaleza até os ali-

allicees. Dalli se foram aos fortes da praia, que já estavam despejados, e lhes mandou fazer o mesmo, mandando primeiro lançar todos os corpos mortos dos inimigos (que eram mais de quinhentos e cincoenta) dentro na cava, e sobre elles cahio toda aquella máquina dos edificios, quando arreben-tou. Feito isto, mandou o Governador talhar os campos todos á roda, e cortar os palmares, e destruir as povoações, que estavam pelo rio dentro de longo da agua de huma, e da outra parte. E deixando tudo assolado, abrazado, e feito em cinza, mandou dar em Taná, Caranja, Carapusa, Brundim, Galiana, Bombaim, e em todos os mais lugares d'ElRey de Cambaya, em que fizeram grandes damnos, e cativaram muita gente. Feito isto, recolheo-se o Governador pera Chaul.

C A P I T U L O V.

De como Diogo da Silveira partio pera o Estreito de Meca, e o Governador Nuno da Cunha pera Goa, ficando Manoel de Albuquerque com huma Armada na costa de Cambaya, e do que lhe aconteceu.

DEpois de ser o Governador em Chaul, negociou Diogo da Silveira pera o Estreito de Meca ás prezas, que partio entra-
da

Couto. Tom. I. P. II.

Q N I M P R E N S A
N A C I O N A L

da de Fevereiro , levando cinco Galeões , de cujos Capitães não achámos os nomes , mais que de Vasco Pires de Sampaio , e vinte navios de remo , de que eram Capitães Ruy de Mello , Lopo Pinto , Affonso Figueira , Bartholomeu Vaz , Gaspar Luiz , Philippe Baião , Pero Botelho , Jorge de Soufa , João Fernandes o Taful , Gonçalo Estevens , Antonio Fernandes , Diogo Gonçalves , Alvaro Mendes , Belchior Gonçalves , Antonio Ribeiro , Francisco da Costa , Antonio da Cunha , e outros. E desta jornada adiante daremos razão. O Governador depois de prover em muitas cousas , e lhe era necessario ir-se para Goa , ordenou huma Armada para ficar naquella costa , de que fez Capitão mór Manoel de Albuquerque , a quem deo huma galé , e vinte e hum navios de remo , dando-lhe por regimento que se fizesse pela costa de Cambaya toda a guerra que pudesse. Despedida esta Armada , deo o Governador á vela para Goa , aonde chegou em breves dias , e tratou de prover nas cousas de Malaca , e Maluco ; e porque achou cartas da morte de Gonçalo Pereira , e dos desarranjos daquella terra , a que lhe era necessario acudir , despachou Tristão de Taíde , que estava provido daquella Capitania , para ir entrar nella , e lhe deo por regimento , que lhe mandasse prezo em ferros Vicente da Fonseca , e

e lhe escrevesse toda sua fazenda, que viria entregue em mãos de pessoas abonadas. Em sua companhia mandou embarcar Pero de Monte mór o Castelhana, (que atrás dissemos,) que os perdidos que ficavam em Maluco da companhia de Sayavedra mandáram ao Governador a pedir-lhe licença pera se irem pera a India, a quem escreveo cartas de muita honra, e mandou que se lhe desse embarcação, e todas as cousas necessarias. E pera Malaca despachou D. Paulo da Gama, por não haver novas de seu irmão D. Estevão. Estes Capitães partíram entrada de Abril. O Governador mandou a Manoel de Sousa, que estava no Malavar, que se recolhesse, e deixasse alguns navios, e gente na fortaleza de Chale pera invernaem, e lhe mandou dinheiro pera pagas, e provimentos pera mezas. Com isto concluiu o Governador todos os negocios deste verão: e nós o faremos tambem com as cousas que succedêram a Manoel de Albuquerque, e a Diogo da Silveira, o que tudo faremos neste Capitulo, por não gastarmos outro, pelas muitas cousas que temos com que continuar.

E tratando de Manoel de Albuquerque: Tanto que o Governador o despedio, logo se fez na volta da costa de Cambaya, por onde andou fazendo toda a guerra que pode, dando em todas as povoações que ha-

via de Baçaim até Tarapor, queimando, e assolando tudo, e tomando-lhes muitas embarcações com fazendas: e á torna viagem achou na barra de Bombaim huma náo, que havia pouco tinha vindo de fóra, e estava já descarregada com medo da nossa Armada: que tanto que foi vista da terra, receando que lha queimassem, veio hum Meuro em huma almadia com huma bandeira branca, e foi levado á galé do Capitão mór, e lhe disse, que era hum mercador estrangeiro, que aquella náo era sua, que lhe pedia lha não mandasse queimar, que elle daria quinhentos pardaos pera ajuda dos provimentos daquella Armada. Manoel de Albuquerque lhos acceitou, visto ser estrangeiro, e elle logo os mandou buscar, e entregou. E deixando-lhe a sua náo, foi entrando por aquella rio dentro, dando em alguns lugares da Ilha de Salcete, que já se começava a povoar: e porque todavia o damno não fosse por diante, acudíram alguns Tanadares della, e offerecêram ao Governador pareas, com tanto que lhes não queimassem suas povoações, e pela mesma maneira as mandáram offerecer os Tanadares de Taná, Bándorá, Maym, Bombaim, e concertando-se com todos, promettêram quatrocentos pardaos cada hum destes Tanadares cada anno, e deste anno pagáram logo todos em prata, que

que se vendeo a razão de nove Xerafins o marco, cuja quantia achámos carregada sobre o Feitor desta Armada, com declaração que era de pareas. Feito isto por se vir chegando o inverno, recolheo-se a invernar em Chaul, pelo assi mandar o Governador.

E continuando com Diogo da Silveira, foi seguindo sua viagem até o Cabo de Guardafui, onde as náos que vaim do Achem pera Meca sempre vam demandar. Alli lhe foi cahir huma nas unhas, que logo foi rendida, posto que com trabalho por ir forte, e com muita gente, e foi tomada com todo seu recheio, e os que escapáram vivos foram cativos. Aqui ficou a Armada até ser tempo de se recolher como fez pera ir invernar a Ormuz, como levava por regimento. E chegando a Çacotorá o galeão de Vasco Pires de Sampaio, que se adiantou da Armada, houvê vista de huma náo de Rumes, grande, e poderosa, que tanto que conheceo o Galeão, foi-se em outro bordo. Vasco Pires a seguiu, porque o seu Galeão era veleiro, e alcançou-a em poucas horas, e deo-lhe huma formosa salva de bombardadas, e depois a investio com todas as vélas, commettendo a entrada com muito valor, e esforço, porque achou nos Mouros (que eram mais de duzentos) mui grande resistencia, havendo mortos, e feridos de ambas

bas as partes; mas os nossos entráram a não a poder de golpes, e no convés della se travou huma formosa batalha, mas por fim do negocio os Mouros foram rendidos, depois de serem os mais delles mortos. E tomando a não consigo, ficou esperando pela Armada, que chegou logo, e fazendo aguada em Çacotorá, foram seu caminho. No cabo de Fartaque deo Vasco Pires de Sampaio com outra não, que tambem abordou, e rendeo, que levava muita fazenda. Diogo da Silveira deo com outra poderosa não, e atirando-lhe a amainar, o fez o Capitão della, e se foi no batel ao Galeão de Diogo da Silveira, e lhe apresentou com grande confiança huma carta, que era de hum Portuguez, que estava cativo em Judá, que trazia como salvo conduto, por lha pedir o mesmo Mouro; abrindo-a, vio que dizia assi: *Peço aos Senhores Capitães d'ElRey, que encontrarem esta não, que a tomem de preza, porque he de hum muito roim Mouro, a quem passei esta por não poder fazer mais, e ao pé della se assinou. Vendo Diogo da Silveira a confiança do Mouro, e a velhacaria do Portuguez, pelo credito que convinha a Christão, approvou-lhe o seguro; e rompendo-lho, porque não soubesse o engano, e lhe fizesse damno com qualquer outro Capitão que achasse, passou-lhe outro em fórma, com*

que o Mouro se foi sem sentir o engano. Inda este foi maior feito que o de Scipião o Maior, que tomando huma náó de Cartaginenses, com que o Imperio Romano estava de guerra, e os que hiam nella por se salvarem, lhe disseram que hiam por Embaixadores a Roma; e ainda que elle entendeu, que por se salvarem do perigo se aproveitavam do nome de Embaixadores, sem lhes mostrarem mais authoridade, largou-os livremente, porque quiz antes que a fé dos Romanos fosse enganada, que deixalla em alguma maneira suspeitosa. E posto que isto fosse feito valeroso, o deste nosso Capitão se póde ter por maior, por ser menos cubiçoso, porque antes quiz perder huma náó carregada de ouro, (o que os Carthagenenses não levavam,) que quebrar a fé de nenhum Portuguez, vindo aquelle Mouro tão confiado nella. E tornando á nossa historia, Diogo da Silveira foi passando adiante, e embocou o Estreito de Persia, e foi demandar Mascate, aonde haviam de ficar os Galeões: no porto achou João Fernandes o Taful, que indo diante huma náó, que lhe disse que trazia cartas, e pedindo-lho o achou falso, pelo que a reprezou até chegar o Capitão mór que a julgou por perdida, e se vendeo naquelle porto, e montaria tudo o que tinha sete mil cruzados. O

Capitão deixou os galeões em Mascate, e elle se passou aos navios de remo, e nelles foi a Ormuz, onde invernou. Aqui o deixamos até tornar a elle.

CAPITULO VI.

Das cousas, que este anno acontecêram em Maluco: e do grande aperto em que a Rainha poz aos da fortaleza: e de como lhe entregaram por partido seu filho Rey Ayalo: e de como se passou pera Tadore, e Vicente da Fonseca alevantou por Rey seu irmão Tabarija.

Continuando com as cousas de Maluco, por nos cabarem neste tempo: Depois da morte de Gonçalo Pereira, e succeder em seu lugar Vicente da Fonseca, (como atrás temos dito,) vendo a Rainha quão mal lhe succedêra aquelle negocio, e que todavia seu filho ficava na fortaleza reteudo como dantes, cuidando que pelo avorrecimento que todos tinham a Gonçalo Pereira, e pela largueza que com elle tinha usado Vicente da Fonseca em lhes largar o commercio do cravo, lhe concederiam seu filho, grangeando pera isso a todos os casados, mandou em segredo peitas a Vicente da Fonseca pera que lhe dêsse seu filho. Vicente da Fonseca receando de bolir naquelle negocio, des-

enganou a Rainha, que lhe cortariam a cabeça se tal fizesse, sem o Governador da India o mandar. Vendo a Rainha que não podia haver o filho ás mãos, nem por peitas, nem por rogos, determinou de o haver por força; pera o que convocou ajuda de todos os Reys vizinhos pera contra os Portuguezes, e mandou recolher todos os mantimentos, pera que não fossem á fortaleza, nem por mar, nem por terra: com o que começaram os nossos a sentir grande falta de tudo. E assi chegou a cousa a tanto estremo, que assentáram pedir paz á Rainha, e concederem-lhe seu filho, que era o que ella pretendia, porque isso era menos mal que perder-se a fortaleza. E assi lhe mandáram fallar por algumas vezes, e seu filho lho mandou pedir por termos, que veio a conceder paz com todas as condições que os nossos quizeram, com lhe entregarem seu filho, com o que ella ficou tão apaziguada, e quieta, que tornou logo a povoar a Cidade, e a correrem os mantimentos em abundância, e os nossos a sahirem fóra das necessidades em que estavam. ElRey como esteve em poder da Rainha, logo ella lhe entregou a governança do Reyno, em cujo principio elle começou a mostrar severidade, e aspereza com os principaes, e a descubrir mocidades, que até então não pode, com o

que se tornou a fazer tão avorrecido a todos, que já o tomáram antes prezo como estava. Estes desgostos nunca pode temperar sua mãe, porque o moço não tinha natureza pera isso. Estando as cousas entre os Ternatezes assi arruinadas, succedeo irem huns tres homens Portuguezes de baixa sorte á povoação dos Ternatezes, ou a roubar, ou a fazer força a algumas mulheres (no que esta gente baixa he mui descomedida, pela pouca disciplina que nestas partes ha.) A isto acudiram alguns Mouros, e dando nelles os matáram. Sabido este caso por Vicente da Fonseca, mandou tirar grandes inquirições daquellas mortes; e como ElRey estava odioso a todos, foram certos Ternatezes principaes á fortaleza, e em segredo fizeram crer ao Capitão, que ElRey mandára matar aquelles homens, ajuntando a isto outras culpas, e mexericos, com que o indignáram contra ElRey, tratando logo de o haver ás mãos pera o castigar. Isto não pode ser em tanto segredo, que elle não fosse avisado, e como ficára escaldado da prisão, nunca mais quiz conversar á nossa fortaleza, andando mui precatado, e receoso do Capitão; porque como no peito malicioso he muito natural imaginar em todo o outro algum engano como elle faria, assi elle nunca mais se quiz fiar do Capitão. E ven-

do elle que o não podia haver ás mãos, começou-se a declarar, e a lhe fazer guerra, porque bem entendeu que estava tão mal quisto, que o não haviam de ajudar os seus. E armando algumas embarcações, lhe mandou dar em algumas povoações, em que fizeram bem de damno, e cativaram muitas pessoas, e o mesmo fez o Capitão em pessoa, sahindo da fortaleza a dar-lhe alguns assaltos na sua Cidade, com que o inquietou muito. E como elle estava odioso a todos, vendo-os retirar, e não o ajudarem, recendo-se que hum dia dessem nelle, e o entregassem ao Capitão, não se havendo por seguro naquella Ilha, passou-se a Tidore, onde aquelle Rey o recolheu contra o contrato das pazes. Sabido isto por Vicente da Fonseca, mandou logo chamar os Governadores de Ternate, e hum irmão do Rey fugido mais moço, chamado Tabarija, e o alevantou por Rey de Maluco, com as ceremonias entre elles acostumadas. Disto se escandalizaram alguns dos naturaes, e outros folgaram. Entre os Portuguezes não faltavam tambem desgostos, porque viam que Vicente da Fonseca fora injustamente eleito por Capitão, tendo culpas, e estando prezo por crimes: e mais haviam que elle fora o principal induzidor da morte de Gonfalo Pereira, e elle andava tambem tão pejado, que

como homem que lhe remordia a consciencia, não se quietava, nem largava as armas da mão temendo-se de todos, vivendo triste, e malenconizado, desejando de se ver fóra daquella obrigação. ElRey Tabarija tratou de proceder no governo mais suavemente que o irmão, correndo em amizade com os Portuguezes, cousa que o irmão muito sentio: que como foi sempre inimigo dos Portuguezes, tratou de homiziar ElRey de Tidore, e os mais vizinhos com elles, e affiteceo estas cousas, que começou ElRey de Tidore a se declarar por inimigo, lançando mão de achaques bem pequenos. Neste estado estavam as cousas de Maluco, quando chegou áquella fortaleza Tristão de Taíde, como adiante diremos.

CAPITULO VII.

De como ElRey D. João despedio este anno de trinta e tres tres Armadas pera a India, duas em Março, e huma em Outubro de dez caravelas, de que veio por Capitão D. Pedro de Castello branco: e do que aconteceu a Diogo da Silveira, que invernou em Ormuz.

ERa tamanho o cuidado que ElRey Dom João tinha de prover nas cousas da India, que tendo novas pela Armada que es-

te Setembro de mil e quinhentos e trinta e dous chegou ao Reyno, de como Nuno da Cunha ficava sobre Dio, sem saber ainda o que lhe tinha succedido, mandou negociar sete náos pera lhe mandar este anno de trinta e tres, que repartio em tres Capitánias. Da primeira, que partio em Março, era Capitão mór D. João Pereira, pai de D. Martinho Pereira, que em tempo d'ElRey Dom Sebastião governou o Reyno, a quem ElRey despachou com a Capitania de Goa, e foi embarcado na náo Flor de la mar; e os Capitães da sua companhia eram Vasco de Paiva na náo Santa Barbara, Diogo Brandão na náo Santa Clara, e D. Francisco de Noronha na náo S. João. E logo na entrada de Abril deram á véla as outras tres náos, de que era Capitão mór D. Gonçalo Coutinho, que tambem lia despachado com a Capitania de Goa; e os mais Capitães de sua companhia eram Simão da Veiga, e Nuno Furtado. Nestas náos mandou ElRey hum Alvará ao Governador Nuno da Cunha, feito em Evora por Pero de Alcaçova Secretario, em que mandava a todos os Capitães das fortalezas da India, que acudissem com as menagens dellas aos Governadores, e lhe obedecissem como á sua propria pessoa: por onde parece, que até então eram todos izentos dos Governadores da India, e não co-

nheciam outro superior senão o Rey , em
 cujas mãos davam as menagens de suas for-
 talezas. Depois destas Armadas partidas , che-
 gáram as náos da companhia do Doutor Pe-
 ro Vaz de Amaral , por quem EIRey teve
 novas do ruim successo da jornada de Nu-
 no da Cunha em Dio ; e como estava assen-
 tado , que pera segurança da India era ne-
 cessario fazer-se fortaleza naquella Ilha , se
 determinou de mandar mais poder : e logo
 mandou tomar caravelas por Villa de Con-
 de , e por Vianna , e ajuntando dez , as man-
 dou negociar com muita brevidade , e fazer
 por todo o Reyno dous mil homens pera
 mandar nellas ; e por Capitão mór desta Ar-
 mada elegeo D. Pedro de Castello branco ,
 a que deo quatro annos da Capitanía de Or-
 muz. Esta Armada deo á véla entrada de No-
 vembro : os mais Capitães eram Nicoláo Ju-
 zarte , Balthazar Gonçalves , Antonio Lobo ,
 Lionel de Lima , Heitor de Soufa , Francis-
 co Pereira , Gonçalo Fernandes , João de
 Soufa , e Francisco Leme. Todas estas ca-
 ravelas eram Latinas , sómente D. Pedro hia
 no galeão Salvador , que era huma formo-
 sa peça , e todas hiam ordenadas pera fica-
 rem na India ; e de sua viagem adiante da-
 remos razão. E continuando com as duas
 Armadas que partíram primeiro , tiveram am-
 bas tão boa viagem , que foram em Seten-
 bro

bro tomar a barra de Goa: sómente a náó, de que era Capitão D. Francisco de Noronha, que se soçobrou na paragem do Cabo de Boa Esperança á vista das outras, com hum tempo grosso que lhe deo. Nesta companhia veio D. Estevão da Gama, que estava em Moçambique de invernada. O Governador folgou muito com esta Armada, porque determinava de metter todo o resto nas cousas de Cambaya; pelo que logo mandou dar aviamento ás cousas de sua embarcação, porque determinava de se partir tanto que despedisse as náos pera Cochim, a que mandou dar muita pressa, e elle escreveu a ElRey o estado em que a India ficava, e metteo de posse da Capitania de Goa a D. João Pereira. E em quanto o Governador se não embarca, continuaremos com Diogo da Silveira Capitão mór do mar, que deixámos invernando em Ormuz.

Tanto que entrou Agosto foi-se pera Mascate, onde estavam os galeões, e fazendo-lhes seus provimentos, deo á véla pera Goa com toda a sua Armada junta. E indo já demandar a costa de Dio, da outra banda de Pordeo-lhe huma tormenta mui grande, com que toda a Armada se espalhou, correndo cada hum como melhor pode; e a fusta de Philippe Baião, que era velha, foi comida dos mares sem apparecer mais cousa alguma

della. Vasco Pires de Sampaio, que foi no seu Galeão correndo á vontade dos ventos, tanto que a tormenta cessou, houve vista de huma náó de Meca, a que deo caça muitas horas, e alcançando-a, a abordou, deitando-se logo dentro com os seus soldados, e depois de grande resistencia da parte dos Mouros a rendeo com grande damno dos inimigos; e passando o Capitão da náó com os mais que escapáram ao seu Galeão, mettendo alguma gente na náó que estava cheia de fazenda, a levou consigo, e foi demandar a ponta de Dio, aonde toda a Armada se havia de ajuntar. E indo já perto, houve vista de alguns navios da Armada, que hiam correndo a huma náó de Meca; e como o tempo era grosso, por ser ainda em Setembro, prepassou hum dos Galeões da companhia, (que já se tinha ajuntado,) pela náó que Vasco Pires levava tomada, e deo-lhe huma pancada tamanha, que a abriu toda, e se foi logo ao fundo, salvando-se porém os Portuguezes que nella hiam, que eram cinco, ou seis. Os navios que hiam seguindo a náó de Meca foram apôs ella até á barra de Surrate, onde a alcançáram, e renderam, e tomando-a consigo a leváram pera Chaul. E quasi no mesmo tempo chegou tambem o Capitão mór áquelle porto, e despedio os navios grossos pera se irem concertar,

tar, e elle se embarcou na galé de Manoel de Albuquerque, e mandou negociar os navios de remo, e arinou outros que alli achou, e prefazendo cópia de vinte, foi-se continuar na guerra de Cambaya, e se poz na enxada, e totalmente defendeo a navegação aos inimigos, com que os poz em grandes necessidades assi por lhes não entrar cousa alguma de fóra, como por não podem levar suas fazendas a outras partes. E andando na paragem de Surrate, foi ter com elle hum navio ligeiro de Cambaya, em que hia hum pagem do Soltão Badur com humma carta pera o Governador, e dando razão ao Capitão mór de si, e ao que hia, lhe fez muitas honras, e gazalhados, e mandou em sua companhia dous navios; e chegando áquella Cidade, foi levado ao Governador, que o recebeu mui bem, e vio a carta de Soltão Badur, em que lhe pedia que se fosse ver com elle a Dio, porque cumpria assi ao serviço d'ElRey de Portugal. O Governador mandou agazalhar o melleiro, e pondo este caso em conselho, foi apresentado por todos os Fidalgos, e Capitães, que era necessario ir-se ver com aquelle Rey, porque poderia ser lhe quizesse dar fortaleza em Dio pela necessidade em que estava, e pelo aperto em que o tinham posto com a contínua guerra que lhe tinha feito. Com

Couto. Tom. I. P. II.

R N I M I S A E N S A
N A C I O N A L

isto mandou o Governador lançar a Armada ao mar, porque queria metter nesta jornada todo o resto de sua potencia; e despachando as náos pera Cochim, escreveu de novo a ElRey a jornada pera que se ficava fazendo prestes.

CAPITULO VIII.

Da razão porque Soltão Badur mandou pedir ao Governador Nuno da Cunha, que se visse com elle: e da grande Armada, que se chamou das Vistas, com que o Governador partio pera Dio: e do desafio que houve entre Manoel de Macedo, e a Rumecan, de tantos por tantos.

COM as grandes guerras, que nossas Armadas fizeram estes tres annos passados áquelle Reyno de Cambaya, andava Soltão Badur tão assombrado, (porque cada dia tinha prantos, e choros de seus vassallos, que hiam fugindo das mortes, dos damnos, e dos incendios que recebiam,) que se não sabia determinar. E como era máo, cruel, e tyranno, e Deos o queria castigar, lhe chegaram tambem novas, que os Reynos de Chitor, e do Mandou, (que elle tyrannicamente tinha tomado aos vizinhos,) se lhe tinham rebelado. Isto acabou de o melanconizar de feição, que perdeu o conselho, porque se

via em meio de duas tallas, que o não deixavam bolir consigo: huma, a cruel guerra que o Governador lhe fazia; outra os Reynos que se lhe alevantáram, a que se quizesse acudir, havia de desamparar as cousas de Cambaya, e arriscar a lhe tomar o Governador Dio, de que elle estava tão ciofo, se se descuidasse dos outros Reynos, e vissem que se lhes não acudia, podiam-se rebelar os mais que tinha pera aquella parte, como Uzem, Agará, Nagaor, Agimir, e outros. E entendendo que a indeterminação naquelle negocio podia ser de muito damno, chamou a conselho Mostafá Baxá, Coge Çofar, Caracem, Aminacem, e todos os mais Capitães grandes, e com elles tratou sobre o modo que teria pera nem perder os Reynos, que se lhes tinham rebelado, nem desamparar a Ilha de Dio, em que o Governador trazia tanto os olhos? E debatido este negocio, assentáram todos, que mandasse chamar o Governador da India, e lhe concedesse a Cidade de Baçaim com suas tancarias, e jurisdicção, que era cousa de mais importancia no rendimento que Dio, e que fizesse com elle humas firmes pazes, e que com ellas ficariam seus vassallos resfolegando, e tornariam a levantar cabeça; e elle poderia acudir ás outras cousas sem sobresalto algum. Com esta resolução despedio o

Badur aquella pagem, que era hum dos do seu feio, com a carta que dissemos. O Governador depois de despachar as náos pera Cochim, e prover a costa do Malavar com alguns navios por não ficar desamparada, embarcou-se entrada de Dezembro em toda a Armada que a India tinha, em que levava de vantagem de cinco mil homens, e dando á véla, foi tomar Chaul, onde se foi ajuntar com elle Diogo da Silveira; e depois de dar despacho a algumas cousas, deo á véla pera Dio, e surgio sobre aquella barra com duzentos navios, que enchiam todo aquelle mar, dando a mais soberba mostra, e salva de artilheria, que podia ser. Soltão Badur que estava na Cidade de Novanager, dalli a duas leguas, mandou logo visitar o Governador, e elle lhe pagou a visita mandando-lhe o Secretario, e João de Sant-Iago por lingua, e a voltas disso mandou tratar com elle sobre o modo de como se haviam de ver. Sobre isto corrêram muitos recados de parte a parte, em que se detiveram alguns dias; e por não satisfazer ao Governador o modo que ElRey queria que se tivesse nas vistas, o não quiz accceitar. Sobre este modo ha differentes opiniões; mas a certa he; que queria o Governador que se fosse ElRey fallar á borda da agua, hum da terra, e outro do mar: ElRey que não, se-

senão que o fosse ver a terra na Villa dos Rumes em suas tendas, pelo que não se concluiu em cousa alguma. Nestes dias que se deriveram succedeo este caso. Como os nossos estavam em treguas, vinham os grandes de Cambaya ver a Armada, e os Portuguezes hiam a terra á Villa dos Rumes a ver o exercito que alli estava, (que era cousa formosissima de ver.) Entre estes foi hum dia Manoel de Macedo Capitão de Chaul, (que tinha ido com o Governador pera o acompanhar,) e andando vendo, e notando o exercito, encontrou-se com hum Rume, que se chamava entre os Mouros o *Tigre do Mundo*, genro de Coge Çofar, homem façanhoso assi em corpo, como em forças, que era como Guarda mór d'ElRey, e andava sempre ao longo delle. Este como se prezava de grande Cavalleiro, e era muito soberbo, e arrogante, em passando pelos Portuguezes parece que os encontrou de má feição, e foi torcendo os bigodes por bizarrice. Tomado Manoel de Macedo daquelle negocio, foi-se pera o Galcão do Governador, e lhe contou o caso, pedindo-lhe licença pera mandar desafiar Rumecan, porque convinha assi á sua honra: o Governador como tinha grande confiança em Manoel de Macedo, e aquelle negocio todo vinha a redundar em gloria, e honra dos Portuguezes, concedeo-

lho, o que elle houve por mercê mui affinalada. Logo fez hum cartel de dezafio ao Tygre do Mundo em lingua Persia, e lho mandou por João de Sant-Iago, em que o desafiava de pessoa a pessoa, ou tantos por tantos, e que o lugar fosse entre a fortaleza de Dio, e o exercito, cada hum em sua Fusta de remo. O Tigre do Mundo aceitou o desafio de tantos por tantos, porque quiz nelle metter alguns Rumes seus amigos. Este numero de quantos foram não achámos na fortaleza, e neste negocio ha nos homens grandes desconcordancias; porque huns dizem que foram dez por dez, outros que trinta por trinta. Em fim como quer que fosse, começou a haver antre os Portuguezes grandes alvoroços, porque os mais dos Fidalgos, e Capitães queriam ser do numero; mas o Governador mandou, que fossem os que primeiro se offerecêram a Manoel de Macedo, que foram Manoel Rodrigues Coutinho, Antonio de Sá o Rume, João Juzarte Tição, Gonçalo Vaz Coutinho. Estes Fidalgos fós achamos nomeados; e porque os soldados se não aggravassem de ficarem de fóra em negocio tão honrado, escolheo o Governador dous, hum chamado João Velho, e outro Francisco Gonçalves das Armas, pelas ter sempre muito boas, e se prezar muito dellas. E o India aprazado se ves-

tiram todos muito rica , e louçamente , levando todos collares de hombros , medalhas , perolas , e espadas ricas , porque tudo isto lhes deram com muito gosto os que o tinham. As armas que levavam eram espadas , e adagas , e rodellas. E assi muito custosamente ataviados se embarcáram em huma galeota rija , e forte , que pera isto escolhêram , guarnecida com seu toldo de seda , e de formosas bandeiras de côres , com charamelas , e outros instrumentos de alegria , e foram salvar o galeão do Governador , e entráram nelle a lhes dar sua vista. O Governador os sahio a receber fóra da tolda , abraçando a todos mui alegre , folgando de os ver tão gentis-homens , e acompanhando-os até o bordo do galeão , ao despedir lhes disse : *Senhores Fidalgos , e Cavalleiros , eu não tenho que vos lembrar , mas só vos lembro , que ides pelejar por honra de nossa nação : a victoria está certa , vá Deos convosco.* Embarcados na galeota foram-se pôr no posto a esperar os inimigos. Na Armada havia grandes alvoroços , e invejas , e as enxarceas dos galeões , e as gaveas estavam todas cheias de gente pera verem o desafio , ainda que de longe. Os nossos esperáram todo aquelle dia sem os inimigos virem , e tanto que anoiteceo recolhêram-se pera junto da Armada , e em amanhecendo tornáram-se ao

posto sem tambem os virem demandar, nem ao outro dia que foi o terceiro. E acabado o dia, havendo-se por desfobrigados, salváram a Cidade com algumas bombardadas, e depois com charamelas, e trombetas, e foram-se recolhendo pera a Armada, e nunca se soube a razão porque os inimigos lhe não sahiram; mas soube-se que Rumeçan Capitão geral do exercito ficára mui pezaroso, e sentira muito aquella affronta, ficando desta vez os Rumes mui desacreditados.

CAPITULO IX.

Da differença que ha entre os Rumes, e Turcos, e porque se chamam Rumes: e do que fez o Governador Nuno da Cunha: e de como Diogo da Silveira foi com huma Armada ao Estreito.

JÁ que fallamos em Rumes, (porque muita poucas pessoas sabem a differença que ha delles aos Turcos,) e donde vem este nome Rume, o diremos brevemente. He de saber, que os verdadeiros Turcos são aquellos, que descêram dos montes Caspios, e foram conquistar toda essa Natolia, toda essa Grecia, e o Grande Imperio de Constantinopola; e porque a primeira parte que povoaram foi a de Natolia, se chamou delles a Grão Turquia, porque elles trouxeram já

comigo este nome de Turcos, porque def-
 cêram da Provincia de Turchestan, como
 adiante melhor se verá, quando fallarmos da
 origem dos Magores, e reprovamos a opi-
 nião que alguns tiveram em dizerem, que
 os Turcos se chamáram assi dos Teucros,
 que foram os Troianos; ou porque povoá-
 ram aquella parte que os Teucros possuíram:
 esta opinião parece que tomáram da seme-
 lhança do nome. Os Rumes são todos aquel-
 les naturaes da Provincia de Tracia, e da
 quella parte de Constantinopola, que se cha-
 mou Romania, daquelle privilegio que o
 Papa Silvestre concedeo ao Imperador Con-
 stantino, (segundo Platina,) que querendo
 gratificar áquelle Imperador, quando lhe lar-
 gou a Cidade de Roma pera nella assentar
 a Cadeira de S. Pedro, mudando-se pera
 Constantinopola, mandou que aquella Cida-
 de se chamasse dalli por diante Roma, con-
 cedendo-lhe grandes privilegios, e liberda-
 des. Dalli por diante se ficou chamando to-
 da aquella parte de Tracia, Romania, e seus
 naturaes Romanis: e os Turcos depois cor-
 rompendo-lhe o nome, lhe chamáram Rume-
 li, e nós depois Rumes. E não só os que
 se passáram á lei de Mafamede, depois que
 aquella Imperio se perdeu, mas ainda os de
 toda Grecia, que ficáram na sua antiga;
 porque como os Gregos eram muitos, e an-
 da-

davam misturados com hum mesmo trajo, sem fazer differença o Mouro do Christão, mandou hum daquelles Principes Turcos, que os Christãos trouxessem nas cabeças toucas pretas pera serem conhecidos, e differenciados, e assi o são tanto de todos, que os nomeão por este nome Cara Rum, que quer dizer os Ruines da divisa preta. E aos Judeos mandou que trouxessem toucas amarelas, e os Mouros todas brancas. Isto mandou Soltão Amurat filho de Soleimão, e neto de Selim; e mandou que os Christãos trouxessem barretes pretos, e os Judeos vermelhos, e os Mouros seus turbantes brancos. Estes Rumes como procedem dos Gregos, tem-se por mais honrados que os Turcos, e na verdade lhe são avantajados em costumes, limpeza, e valor; e onde quer que chegam logo se nomeam por Rumes á boca cheia; e a mór affronta que se lhe pôde fazer he, chamar a hum destes Turco, por haverem a todos por baixos, torpes, e desprimorosos. Esta he a razão deste nome de Rume, e não a que dam alguns mal vistos nas historias, que dizem chamarera-se assi por procederem dos Romanos, que ficáram naquelle Imperio do Egypto depois que veio a poder dos Soltãos.

E tornando a continuar com o Governador: Depois de se deter na barra de Dio

alguns dias , vendo que Soltão Badur não queria consentir nas vistas , mandou-lhe pedir por João de Sant-Iago , que lhe fizesse mercê de Diogo de Mesquita , e de todos os Portuguezes que tinha cativos , que lhe elle negou ; e não aguardando mais , fez-se á véla com toda a sua Armada , sem ter mais cumprimentos , e foi tomar Chaul. Alli se deteve alguns dias em negociar Diogo da Silveira , que havia de ir ao Estreito de Mecca ás prezas ; porque naquelle tempo aquillo era o que sustentava a India , e tão grandes Armadas como então se fazião , porque os rendimentos das entradas eram poucos. Partio Diogo da Silveira de Chaul em Fevereiro com seis galeões , e vinte navios de remo. Dos galeões eram Capitães , a fóra elle que hia no Reys Magos , D. Roque Tello do Çamorim grande , Antonio de Lemos da Trofa em outro. Dos mais Capitães não achámos os nomes. Os Capitães das Fustas eram quasi todos os que levou da outra vez ao Estreito , que sempre o acompanharam , e de sua viagem adiante daremos razão. Despedida esta Armada , o Governador se foi pera Goa , onde começou a entender nos provimentos de Malaca , e Maluco , despachando D. Estevão da Gama pera ir entrar na fortaleza de Malaca , por ser primeiro em tempo que seu irmão D. Paulo ,
que

que lá estava, dando-lhe poderes de Veador da Fazenda, e huma Provisão pera seu irmão D. Paulo ficar por Capitão mór do Mar todo o seu tempo, até lhe tornar a caber a Capitania que era apôs elle, porque estava o Rey de Viantana de guerra, e era necessario acudir áquellas cousas, pera o que deo a D. Estevão tres galeões, de que a fóra elle eram Capitães Simão Sodré, Antonio de Brito, que havia de ir a Banda, e alguns navios ligeiros, em que hiam André Casco de Evora, João Rodrigues de Sousa, irmão de Martim Affonso de Sousa, e Dom Francisco de Lima: nestas vazilhas iriam quatrocentos Portuguezes. Esta Armada se fez á véla de quinze de Abril por diante, indo embarcado com D. Estevão seu irmão D. Christovão da Gama, com Provisão, pera que se D. Paulo seu irmão não quizesse lá ficar por Capitão mór, o ser elle. Nesta conserva foi tambem Vasco da Cunha na não Santa Cruz pera em Malaca carregar de drogas, e de pimenta da Sunda, (que estava já feita em Malaca,) e ir-se pera Portugal lá pelo boqueirão da Sunda fóra.

CAPITULO X.

*Do que aconteceu a Diogo da Silveira na
viagem do Estreito : e de como chegou a
Goa D. Pedro de Castello-branco
com as caravelas.*

PArtido Diogo da Silveira de Chaul com toda sua Armada junta, sem lhe acontecer defastre algum, foi haver vista da costa de Arabia, e a monte de Felix se deixou andar com os navios postos por paragens. Alli lhe foram dar nas mãos algumas náos de Cambaya, e do Achem, que logo foram rendidas, e algumas de pouco porte, e depois de lhe tirarem o substancial, lhes deram fogo por se não pejarem com ellas, e outras deixáram com as fazendas, que leváram consigo até Mascate, onde ficáram os galeões: e o Capitão mór em os navios de remo se foi invernar a Ormuz, levando as náos de preza, que se vendêram com as fazendas, o que tudo importou perto de oitenta mil pardaos, que fizeram as despesas da Armada. Aqui os deixaremos, porque he razão que continuemos com D. Pedro de Castello-branco, que deixámos partido do Reino. Seguindo esta Armada sua viagem ora com bonanças, ora com contrastes, foram em Fevereiro tomar Moçambique, aonde

de todas as caravelas se ajuntáram, reformando-se, e aparelhando-se de muitas cousas de que tinham muita necessidade, com os tempos que passáram, tomando agua, e refresco; e de quinze de Março por diante se fizeram á véla pera Goa, achando no caminho muitas calmarias, que lhes deram trabalho, e os deteve até entrada de Maio, que chegaram á barra de Goa, aonde surgiram. O Governador tanto que teve novas acudio á barra com muitos officiaes da ribeira, e muitas barcas, em que mandou descarregar o galeão, porque era grande, e mettello pera dentro com as caravelas, porque as não tomasse fóra o inverno, porque cada dia esferavam. E recebeu D. Pedro de Castello-branco com muitas honras, e o levou consigo pera a Cidade, onde o mandou aposentar mui bem, e aos Reynoes da Armada (que assim chamam a todos os que vam do Reyno o primeiro anno) mandou o Governador pagar seus quarteis. Com estas Armadas, de D. João Pereira, D. Gonçalo Coutinho, e esta de D. Pedro, que todã veio ordenada pera ficar na India, ficou ella prospera de navios, e Officiaes. Esta he a razão por que naquelles tempos havia tamanhas Armadas, e porque a ribeira d'ElRey estava tão provida de Mestres, Pilotos, bombardeiros, marinheiros, calafates, e todos os

mais Officiaes de que sempre havia perto de mil homens destes, e mantimentos. Que por regimento que havia, não podiam ser passados em algum tempo a titulo de soldados, nem servirem em outra cousa, senão nas Armadas, em que estes Governadores tinham tal ordem, que todas as náos, e galeões d'ElRey (que eram de vantagem de vinte e cinco) tinham Capitães nomeados, que venciã ordenados todo o anno, quer fizessem viagem, quer não: e o mesmo officio Mestre, Piloto, Bombardeiros, e mais Officiaes ordenados a cada navio, que eram obrigados a terem seus aparelhos lestes, e preparados de feição, que se em dous dias quizessem guarnecer todos os galeões, o podiam fazer sem embaraço, porque cada Mestre com os marinheiros de sua obrigação acudiam ao seu galeão, sem ter cuidado de outra cousa, e assim era ElRey muito bem servido, e os seus galeões reformados, concertados, e vigiados, e duravam muitos annos: E com a India não render mais que a metade do que depois rendeo, havia dinheiro pera isto, e pera se pagarem quatro mil soldados a quatro quartéis cada anno, e pera se fazerem náos, galés, galeões quasi todos os annos novos; e mais não havia tanto Véador, e Superintendente da Fazenda, como ha hoje pelas fortalezas, que os Go-

vernadores , e Vifo-Reys ordenam pera aproveitar a Fazenda d'ElRey , que nunca foi tão desaproveitada como em seu poder. E naquelle tempo serviam os Officiaes seus cargos livremente , sem as vexações que hoje tem os Feitores , assim dos Capitães , como dos Veadores da Fazenda , que muitas vezes não são nem de tanto fangue , nem de tanto merecimento. E neste tempo em que as coufas corriam via ordinaria , havia tudo de fobejo ; mas depois veio isto a defcahir tanto , que com render a India duas vezes mais que naquelle tempo , chegou a ribeira d'ElRey a não ter mais que cinco , ou seis Officiaes Portuguezes , e a se irem os galeões ao fundo com agua furtos no porto , por não terem quem lhes desse á bomba , nem quem os vigiasse ; e escaçamente se poderem fazer duas Armadas de navios de remo pera o Malavar , e pera o Norte muito mal providas , com mil e duzentos homens que podem andar nellas , pagos a hum quartel cada anno ; e com isto acontecer , deixar-se de prover Maluco por falta de hum galeão , pelo não haver na ribeira. A razão destas coufas não foi de alguma mudança dos Ceos , nem da terra , porque os elementos sempre foram huns , a terra , e os campos assim mesmo acodem com seus frutos a sua sezão como dantes : por onde a mu-

mudança deve ser a dos homens, das leis, e dos costumes tão differentes em tudo daquelles com que a India se ganhou; porque diz Seneca, que os Estados he necessario sustentarem-se com as mesmas artes com que se ganharam: Logo parece que tanto que nelle houver mudanças, estarão a risco de se perderem. A India ganhou-se com peitos desinteressados, e com o intento no serviço de Deos, e d'ElRey, com desejos de honra, e fama, com se estimarem os homens, com os Capitães não terem outros arreios, nem tapeçarias mais que muitos soldados em suas casas com poucos Desembargadores, e Ouidores: o que depois veio a ser tão differente, que já hoje ha poucos que pretendam fama, senão renda. Trocaram-se os ardís da guerra em ardís de fazenda, e recolher os soldados tem-se já por doudice, e por isso andam muitos pelas portas dos Mosteiros. Costumava a dizer D. Antonio de Noronha, sendo Viso-Rey da India: *Que ella não durtaria mais, que em quanto nella houvesse doudos.* E perguntando-lhe que doudos haviam de ser, respondeo: *Que Fidalgos que sabiam ricos de suas fortalezas, e tudo o que dellas traziam, tornavam a despendere no serviço d'ElRey; e praza a Deos que não venha a ser verdadeira sua opinião, porque hoje assim se fecham os Capitães com seu di-*

nheiro, que não ha poder entrar com elles mais que a morte, que parece que de propósito os espreita; porque em os vendo ricos, e prosperos, vem huma dor de cabeça, e acabam-se todos os seus castellos de vento. E pelo decurso da historia apontaremos tempo, em que nenhum Capitão logrou o que adquirio pelos meios que elles sabem. Deixemos esta materia que he perigosa, e continuemos com nossa historia.

C A P I T U L O X I.

Do que aconteceu a D. Estevão da Gama até chegar a Malaca: e de como Lac Ximena Capitão d'ElRey de Viantana foi dar vista a Malaca, e D. Paulo da Gama lhe sabio, e da cruel batalha que tiveram, em que D. Paulo foi morto, e desbaratado.

PArtido de Goa D. Estevão da Gama, como atrás dissemos, tendo sempre boa viagem, foi a Malaca entrada de Junho, sendo muito bem recebido de seu irmão D. Paulo, que o tinha por morto, e logo lhe entregou a fortaleza, sem os inconvenientes, e embargos, que hoje tem os Capitães, e mais Officiaes, porque naquelle tempo todo o Capitão a todo tempo que chegava á India, sendo primeiro em tempo que o ou-

tro que já estava na fortaleza o podia ir tirar, o que depois ElRey revogou com hum Alvará, em que mandava, que tanto que hum Capitão estivesse de posse o não fosse tirar outro vindo do Reyno, posto que fosse primeiro em tempo, o que fez por evitar muitos inconvenientes. E havendo perto de quinze dias que D. Estevão era chegado, succedeo a desastrada morte de seu irmão D. Paulo da Gama, que foi por esta maneira. O Rey de Bintão, que Pero Mascarenhas desbaratou, e destruiu, (como atrás temos dito,) passou-se pera a terra firme de Malaca, e fundou naquella ponta da terra, a que chamam Viantana, huma formosa Cidade; e como estava escandalizado dos Portuguezes, buscava todos os modos, e ardís pera se satisfazer delles, lançando Armadas por aquelles Estreitos de Sincapura, e Sabão, por onde corriam todos os mantimentos, drogas, e fazendas de todas as sortes, desde as partes da China até Malaca pera aquella fortaleza, impedindo-lhes a passagem, e recolhendo em seu porto todos os navios que as levavam, com que o engrandecio muito; favorecendo aos mercadores assim em seus direitos, como em suas compras, e vendas: o que tudo foi em damno da fortaleza de Malaca, que começou a sentir aquella mudança em suas entradas, e a

padecer falta de todas as cousas : com o que aquelle Rey andava tão soberbo , que quasi se tinha feito Senhor do mar , trazendo de continuo suas Armadas nelle , com que fazia guerra a Malaca. E porque todas foram como cossairo , e muito miudas , as não quizemos particularizar em seus lugares , por não enchermos esta nossa historia com cousas pequenas , tendo tantas , e tão grandes pera elcrever. E como este inimigo se tinha já feito poderoso , e andava favorecido da fortuna , quiz festejar o novo Capitão de Malaca com ver se por ardil podia acolher alguns navios ás mãos : pera o que despedio Lac Ximena seu Capitão geral com huma Armada de setenta vélas , muito bem petrechadas , com que se foi lançar detrás da Ilha a que os nossos chamam das Náos , mas os naturaes Pongor , que está duas leguas de Malaca , e dalli despedio oito , ou dez lanchas , pera que corressem até á vista da fortaleza , pera verem se lhe sahiam algumas embarcações , como sempre faziam , e que lhe fossen fugindo até á Ilha onde elle ficava escondido , o que tudo succedeo como elle imaginou ; porque chegando os navios á vista de Malaca andáram fazendo algumas sobrançarias. D. Estevão da Gama acudiu ao cais , e com elle D. Paulo seu irmão , e mandáram com muita pressa negociar

ciar alguns bantins, e tres batéis das náos, mettendo-lhes falcões, e muitas munições, e D. Paulo da Gama se embarcou em hum batél, e nos outros hiam André Casco, e Simão Sodré; e nas mais embarcações, que feriam perto de quinze, hiam João Rodrigues de Sousa, Balthazar Leite, Juzarte Freire, e outros Cavalleiros honrados; e tomando o remo, foram demandar os navios dos inimigos, que foram manquejando, e fugindo pera a cilada. D. Paulo da Gama os foi seguindo até dar nella; e sendo pegado com a Ilha, lhe sahio Lac Ximena com grandes gritas, e alaridos. D. Paulo vendo a grande cópia dos navios, entendeo o ardid dos inimigos; e posto que vio que alguns de sua companhia sem curarem de pontos de cortezia se foram recolhendo, não fez couza alguma abalo em seu coração, porque era Fidalgo orgulhoso, e muito Cavalleiro. João Rodrigues de Sousa, André Casco, Simão Sodré, Juzarte Freire, Balthazar Leite, como eram homens de opinião, e que não haviam de largar o seu Capitão mór por todos os perigos da vida, chegaram-se a elle pera saberem o que determinava, sendo o primor de todos tal, que nenhum quiz ser o primeiro que perguntasse o que fariam, pondo-se todos em armas, negociando os seus navios, porque os dos inimigos já se

hiam chegando. D. Paulo da Gama, que era todo cheio de opinião, estava apostado a morrer antes que fugir, e vendo que os da sua companhia se faziam prestes, e preparavam pera a peleja, encadeou-se com todos, porque os inimigos os não rompessem, e dividissem. Alguns homens velhos de Malaca dizem, que vendo D. Paulo a grande Armada dos inimigos, bem entendendo que se havia de perder, e quando vio chegar a elle os outros Capitães, e lhe não diziam cousa alguma, começára a cantar assim em tom baixo aquella cantiga velha, que diz: *Olival, olival verde, azeitona preta: quem te colhesse*; o que dissera por ver se algum lhe dizia, que não era siso esperar os inimigos, e que se recolhessem. Mas como nenhum quiz ser primeiro, (ou pera melhor dizer, tinha Deos alli ordenado o fim de D. Paulo, e de outros,) dando-lhe a desconfiança, vendo que todos se calavão, disse: *Avante, avante*, e foi remando pera os inimigos. Como quer que fosse, elles se investiram, dando-se primeiro sua salva de artilheria, mettendo-lhes os nossos alguns navios no fundo das primeiras falcoadas, e assim se começou entre todos huma muito cruel, e arriscada briga, servindo-os os nossos com muitas panellas de polvora, e lanças de fogo, com que queimáram muitas das lanchas.

ras. Da parte dos inimigos choviam nuvens de fétas hervadas, que encraváram os mais dos nossos, e matáram muitos. D. Paulo, João Rodrigues de Souza, Simão Sodré fizeram este dia espantosas cavallerias, e o mesmo todos os mais, porque pelejavam em defensão da vida, obrando todos cousas não esperadas de homens, senão de leões bravos. E por não particularizarmos golpes, a crueza foi tamanha, que quando a noite os apartou, já dos nossos eram mortos sessenta, e todos os mais feridos mortalmente. D. Paulo da Gama fez este dia o officio de bom Capitão, e de muito valeroso soldado, recebendo muitas feridas, e em quanto as forças lhe deram lugar, sempre o acháram diante obrando cousas dignas de seu sangue. Mas faltando-lhe elle pelas muitas, e mortaes feridas que tinha, cahio entre os bancos do seu batel. João Rodrigues de Souza, e André Casco depois de fazerem grande estrago nos inimigos cahíram mortos de crueis fréchadas. Vindo a noite ficaram os inimigos em tal estado, que não pudéram levar os nossos batéis que andavam anhotos, e se recolhêram com a mór parte da gente morta, e Lac Ximena ferido mortalmente, ficando-lhe a mór parte de suas embarcações mettidas no fundo, e destroçadas. Alguns dos nossos, que ficaram vivos, ainda que mal

feridos, vendo-se livres dos inimigos, (que os deixáram em estado, que quaesquer dous bantis os pudéram levar a todos,) dando á véla chegáram a Malaca, aonde logo se soube a desaventura. D. Estevão acudio ao cais, e desembarcou seu irmão, que lia já na derradeira, e achou os batéis, e bantis alastrados de corpos mortos, cousa que muito o cortou. E com hum animo muito fe-guro mandou dar a todos sepultura; e a seu irmão mandou curar com muita diligencia, e os mais feridos: huns foram recolhidos no hospital, e outros pelas casas dos casados, aonde se curáram, e destes morrerám muitos. A João Rodrigues de Sousa negou-se-lhe a sepultura em sagrado, porque diziam que tivera humas paixões com hum Prégador, e que lhe dera huma bofetada. As pessoas principaes que aqui morrerám foram o mesmo João Rodrigues de Sousa, André Casco, Miguel Freire homem Fidalgo, Sanchinho Sanches filho do Commendador de Calatrava, que era casado em Elvas com humma mulher do appellido dos Gamas, Bernardo Queimado, Jorge Fernandes Borges, Luiz Alvares, e outros. D. Paulo como hia ferido mortalmente durou poucos dias, falecendo depois de ter feito todos os actos de Christão. Deixou em seu testamento a seu irmão D. Estevão da Gama por seu herdeiro,

ro , e testamenteiro , e nomeou nelle dous annos , que lhe ficáram por servir da sua fortaleza , que depois ElRey lhe confirmou no mesmo tempo , servindo sinco a cito. Sentio D. Estevão muito a morte de seu irmão , porque o amava muito , e fez-lhe o officio fúnebral com o mór apparatus que pode ser , promettendo-lhe em seu coração huma muito grande vingança de sua morte , como logo tomou. Foi esta batalha tão famosa , (e assim está hoje tão fresca na memoria dos Malayos , pelo grande damno que nella receberam ,) que se tem em cantigas , que elles muitas vezes cantam com grandes sentimentos. E porque começam logo em louvor de D. Paulo , nos pareceo bem pôr aqui os primeiros versos , porque o testemunho dos inimigos he de mais fé que todos , e estes o são do valor deste Fidalgo. Começa a cantiga em Malayo assim :

*Capitão D. Paulo ,
Baparam de Pungor ,
Anga dia malu ,
Sita pa tau dor.*

Que quer dizer : *Capitão D. Paulo pelejou em Pungor , e antes quiz morrer , que recuar hum palmo.* Os ossos de João Rodrigues de Sousa mandou depois seu irmão Martim Afonso de Sousa , sendo Governador da India , levar pera Goa , e os foram desenter-

rar do campo dos Jaos onde estavam, com grande acompanhamento, e vaidade do Mundo. E porque havia muitos annos que acontecêra o caso, e depois se enterraram naquelle lugar muitos Jaos, e a cova de João Rodrigues tinha já perdido o final, e caváram onde lhes pareceo, e os ossos que acháram foram levados com grande pompa: indo Ruy Vaz Pereira, que então era Capitão, acompanhando-os, e vendo aquella pompa, e que os Clerigos hiam cantando aquelles Responsos costumados, disse alto: *Cantai vós embora quanto quizerdes, Padres meus, que ahí levais vós os ossos de hum valente Jao.* Basta, quaesquer que foram, se embarcáram pera Goa, onde foram recebidos com a mór pompa, e apparatus funeral que pode ser, e depositados na Capella mór da Sé Matriz na parede da parte do Evangelho, aonde estátam com huma formosissima pedra de mármore mui bem lavrada, e com suas armas, e letreiro, e em cima outra pedra mais pequena, que tem hum letreiro, em que diz, que o Summo Pontifice concede grandes perdões a toda a pessoa que rezar hum Pater noster, e huma Ave Maria pela alma de João Rodrigues de Sousa. E foi a vaidade do Governador tamanha, que rez os ossos do irinão assima da sepultura do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, Fidalgo tão velho,

e tão honrado, que está lançado no chão da mesma Capella, e quasi aos pés de João Rodrigues de Sousa.

CAPITULO XII.

De como D. Estevão da Gama foi contra o Rey de Viantana, e lhe destruiu a Cidade de todo: e dos proveitos que ElRey tem das Ilhas de Banda, e da qualidade de seus frutos.

POsto que estas cousas acontecêram em Outubro que vem, por nos não sahirmos de Malaca, quizemos aqui concluir com ellas, por não pejarmos o verão em que entramos, porque temos muitas cousas que crescer. E assim continuaremos com D. Estevão da Gama, que não querendo deixar passar a paixão da morte do irmão, nem que lhe arrefecessem os desejos de sua satisfação, ordenou logo em fresco tomar della muito bastante vingança, pera o que se fez prestes pera ir em pessoa contra aquelle Rey, e deitallo fóra daquelle porto. E fazendo alardo da gente que havia pera levar, achou perto de quinhentos Portuguezes, e duzentos homens da terra. E entrando Outubro se embarcou levando cinco náos, de que eram Capitães, a fóra elle, Vasco da Cunha, Antonio de Brito, D. Christovão da Gama, e

284 ASIA DE DIOGO DE COUTO

D. Francisco de Lima. Levou mais doze fustas, de que eram Capitães Balthazar Leite, Juzarte Freire, Thomé Raposo, Fernão Gomes Cabreira, Diogo da Cunha, Alvaro Carvalho, Lourenço de Abreu, Gaspar Soares Pimentel, Antonio Ferraz, Manoel Pinto, Manoel Mendes, Francisco Mendes, e Diogo Vaz Feitor da Armada. Hiam também alguns bantis, em que hia a gente da terra. E passando com toda esta frota o Estreito da Sincapura, (que alguns tem pela Zaba de Ptholomeo,) que he huma passagem que se faz entre as Ilhas de Bintão, e a terra firme de Malaca, que por outro nome se chama o Canal de Varela; e passando o Estreito, foram surgir na boca do rio de Jor, onde aquelle Rey tinha feito seu posto. Fica este rio antes de chegarem áquella ponta derradeira da terra de Malaca, que está em altura de dous grãos do Norte, a quem os nossos, que por alli primeiro navegaram, chamáram a ponta de Romania, porque acháram sempre por aquella paragem humas frutas que pareciam romans pequenas.

D. Estevão da Gama entrou no rio com toda a Armada, e a outro dia se embarcou em alguns navios ligeiros, e foi reconhecer a Cidade, que estava pelo rio dentro hum bom espaço; e chegando á vista a notou, que estava toda estendida do longo do rio

sobre hum tezo , hum pouco affastada da
agua , e a face que daquella parte appare-
cia , era cercada de huma formosa tranquei-
ra de mastos muito grossos de duas faces com
seus entulhos , e tres baluartes de pedra , e
terra , e mui grandes , e fortes , guarnecidos
de muita , e muito formosa artilheria , de que
por aquella face só havia de vantagem de
quatrocentas peças , e na praia em baixo ha-
via algumas tranqueiras de madeira com ar-
tilheria , e gente de guarnição. ElRey estava
na Cidade com perto de oito mil homens ,
e andava-se fortificando a mór pressa , por-
que em a Armada partindo de Malaca teve
logo aviso della. D. Estevão tanto que re-
conheceo bem o sitio , e a parte em que se
podia desembarcar , que não havia outra se-
não aquella praia , nem se podia passar pe-
ra a Cidade senão por cima dos fortes ,
não lhe parecendo aquillo duvidoso a seu
animo , mandou entrar toda a Armada , e
surgio defronte da Cidade o mais perto que
pode ser : e logo a mandou bater pelos ga-
leões com grande terror , e espanto por dous
dias continuos : em que ordenou com os Ca-
pitães o modo da desembarcação , que se
assentou fosse por esta maneira. De toda a
gente Portugueza fez duas batalhas de du-
zentos e sincoenta homens cada huma : A
primeira que havia de ser a dianteira , deo

a D. Francisco de Lima, e com elle Dom Christovão da Gama, Simão Sodré, e os Capitães das fustas que já nomeámos: A outra batalha tomou pera si, ficando com elle Antonio de Brito, e Vasco da Cunha. E porque as particularidades desta desembarcação, e commettimento da Cidade não pudémos nunca achar a certeza dellas, nem alcançámos pessoas que nella se achassem, a contaremos assim em summa. Desembarcaram os nossos, e acháram Lac Ximena no campo com tres mil homens pera lhes defender a desembarcação, e com elle tiveram os da dianteira huma aspera batalha, em que houve grande damno de ambas as partes; mas a seu pezar, e com morte de muitos largou a praia, levando-o os nossos de vencida até os fortes debaixo, aonde alguns se recolhêram, e os outros foram passando pera a Cidade. Chegados os nossos aos fortes e depois de muita referta os entráram. Dom Estevão chegou aqui com o resto do poder, e formando seus esquadrões, foi marchando pera a Cidade, não cessando em todo este tempo a bateria assim do mar, como da terra, que foi a mais espantosa cousa que se podia ver, porque tudo o que se via, e ouvia eram trovões, relampagos, fogo, e fumo, em que a Cidade, e toda a Armada

da estavam escondidas. D. Estevão commetteo a Cidade por huma ilharga, pelejando de fóra, e de dentro com grande valor, e esforço, cortando-se com machados alguns mastos, abrindo caminho por onde os nossos entráram com grande damno, e custo, porque se perdéram muitos. Dentro tiveram huma muito cruel batalha; mas no fim della foram os inimigos desbaratados de todo, fugindo ElRey pera o sertão. Os nossos ficaram senhores da Cidade, que foi mettida a sacco, achando-se nella muitas, e ricas fazendas, que foram roubadas por todos francamente. D. Estevão, entretanto que os seus soldados se cevavam, mandou embarcar a artilheria pelos marinheiros. Depois da Cidade toda roubada, e escalada, lhe deram fogo, em que toda se consumio até os aliceces, que foi cousa temerosa de ver, por ser toda de madeira, cujas labaredas parecia que chegavam aos Ceos; e a todas as embarcações que estavam varadas, e outras no mar tambem se lhes deo fogo de maneira, que tudo ficou feito cinza. D. Estevão se recolheo de noite á Armada, por não haver já que fazer, deixando bem vingada a morte de seu irmão D. Paulo. O numero dos nossos que mórreám não soubemos em certo, nem de pessoa assinalada que se alli perdesse. Foi esta huma das famosas vitorias que

os Portuguezes alcançáram na India, que foi muito festejada em Malaca, e D. Estevão recebido com triunfo, ficando aquelle Rey destruido de todo. D. Estevão da Gama depois de ser em Malaca, entendeu na carga da náó Santa Cruz, que havia de ir pera o Reyno, de que era Capitão Vasco da Cunha, que logo partio o Dezembro seguinte, e teve muito boa viagem, e Vasco da Cunha foi bem recebido, e ElRey o despachou com a Capitanía de Chaul, e o tomou por Fidalgo, que até então o não era. Tambem despedio D. Estevão Antonio de Brito pera ir fazer as viagens de Banda. E porque até agora destas Ilhas, e de seu commercio não temos dado relação, o faremos agora aqui o mais abbreviadamente que pudermos.

Estas Ilhas quando foram descobertas por outro Antonio de Brito nos annos de mil e quinhentos e onze, fez elle hum contrato com os Regedores dellas, (porque eram então izentas, e governavam-se como Republica,) por este modo, que dariam aos Capitães do navio do trato que ElRey de Portugal mandasse áquellas Ilhas o bar da noz a tres cruzados de Malaca, porque em todas aquellas partes não corria outra moeda senão cruzados, e caixas, (que he moeda de cobre miuda como os nossos reaes, de

de que trezentos e sessenta fazem hum cruzado,) e com condição, que em cada sete bares da noz seriam obrigados a lhe dar hum de massa, e por elle lhe pagariam o que valessem sete de noz, que eram vinte e hum, cujo preço ainda atégora durava; e depois se veio a alterar pelas desordens dos Capitães que lá foram. Este commercio montava a ElRey cada anno sessenta mil cruzados, sem metter mais cabedal, que o galção, que sempre era o de maior porte que havia na India, e de ordinario carregava mil e duzentos bares de noz, e massa, porque he droga que avoluma muito. Os proveitos que ElRey tinha eram estes. Toda a pessoa que na não d'ElRey carregasse os bares que quizesse de massa, ou de noz, tiraria em Malaca outros tantos pelo pezo daquella Cidade; que eram tres quintaes, duas arrobas, dez arrateis, e tudo o que sobejasse, e crescesse do pezo de Banda, que era sete arrobas em cada bar, fosse pera ElRey, porque o bar de Banda he de cinco quintaes, huma arroba, e dez arrateis: estes proveitos eram muito grossos, mas ao diante pelas desordens dos Governadores, e Viso-Reys, das grandes, e largas mercês que vieram a fazer a parentes, e criados desta noz, e massa que vinha a ElRey, ou de liberdades pera não pagarem cousa alguma, veio

muitas vezes ElRey a pôr, como lá dizem, as linhas de sua casa, pelo que se largaram, como em seu lugar diremos. São estas Ilhas, outras cinco, como as de Maluco, Lontor, Neira, Puloay, Pulum, e Gunuape, e jazem em quatro grãos e meio do Sul, e correm todas Norte, e Sul; e no numero, grandeza, perpétua verdura, e em tudo o mais se parecem com as de Maluco, só nos frutos differem. Estas Ilhas foram primeiro descobertas, e tratadas dos Jaos, Malayos, e Chins, que as de Maluco, porque em principio quando foram ter a estas Ilhas os das de Maluco, lhe levavam lá a vender o seu cravo, e ficavam aquellas Ilhas de Banda sendo de mór commercio, e trato que todas, por concorrerem nellas todas aquellas nações estrangeiras, que assim nomeámos. Pelo que mais antigo foi o conhecimento da noz, e massa dos Persas, e Arabios, que do cravo, posto que Plinio dá muita razão do cravo, e nenhuma da noz, e massa. Nem se acha, segundo soubemos de muitos, e bons Medicos que á India passaram, que os Gregos tivessem conhecimento da noz, e massa, porque o Macer de Galieno, que alguns cuidaram ser a massa, dizem os nossos modernos, que differem muito na qualidade, e só pela apparencia cuidaram ser ella, porque os Gregos pintaram

esse fruto vermelho. Nomea-se a massa entre todas as nações do Oriente por diferentes nomes. Na sua propria terra lhe chamam á noz, pala, e á massa, buna pala. Os Dacanis chamam á noz, Japatri, e á massa, Jayfol: os Arabios lhe chamam, Geauzibanda, que quer dizer noz de Banda, e á massa, Bisbaese. E posto que elles tambem chamam ao coco da India, geauz, todavia logo lhe acrescentam geauzi Indij, que quer dizer noz da India. É quem ler em alguns Medicos modernos, principalmente no Doutor Horta (no seu Tratado que fez de todos os simples da India) geauzi alindi, entenda que he grande corrupção, o que havia de nascer de traducção do Arabio. Estas arvores da noz são do tamanho dos nossos pereiros, alargam mais do que se alevantam, a folha he redonda, e quasi quer parecer com as das nogueiras. São todas estas arvores tão mimosas, que se lhes dão hum pequeno furo no pé, ou lhes mettem hum prégo; logo se seccam: dão tres, ou quatro novidades cada anno, e collic-se muito grande quantidade, de que vam muitos Juncos da Jaoa carregados, com não vir á luz a mór parte do fruto, por cahir facilmente antes de madurecer com as trovoadas. Não dão estas arvores flor alguma, porque logo sahe fruto branco, e como amadurece fica amarello, e depois de maduro

incha, e rompe a primeira casca, que he da grossura de tres tostões, e como se abre toda, fica apparecendo a noz por dentro, que he hum bugalho cuberto todo de huma delgada casca preta, rodeada da formosa massa, e assim como vai o fruto crescendo, e abrindo, o vai tambem fazendo esta massa a partes, de feição, que parece huma muito formosa brosladura de ouro sobre preto. Da casca de fóra que he grossa, como dissemos, fazem conserva, ou de açucar, ou de vinagre, e o bugalho de dentro lançam-no ao Sol, com cuja quentura se despede a massa, mudado já a côr, e fica a outra casca do bugalho, que não aproveita pera cousa alguma; e o miolo de dentro, que he a noz, fello a Natureza tão mimoso, que como lhe toca agua logo apodrece, como tambem o faz á massa. Fazem em Banda hum oleo della, que depois de frio endurece, e quasi que quer imitar os sabonetes de Flandres, e he muito bom pera mal de frio, porque he quente, e esfregado entre as mãos untando, e correndo as partes aggravadas, mitiga a dor. E nós já usámos della pera huma gotta artetica de frio, de que ha annos fomos enfermos; e posto que não tirou a dor de todo, abrandou-a, he quente, e secca no terceiro gráo.

CAPITULO XIII.

Das cousas que este anno succedêram em Maluco, e dos Senhores daquelle Archypélaggo, que se fizeram Christãos: e de como Tristão de Taíde prendeo ElRey Tabarija, e o mandou á India, e alevantou por Rey seu irmão Aeiro: e da crueldade que usáram com sua mãe por lho não querer dar.

JÁ que estamos desta parte, bem he que continuemos com as cousas de Maluco. Deixámos atrás Tristão de Taíde partido pera aquella fortaleza, onde chegou; e tomou posse della, achando-a no estado em que o anno passado a deixámos. Vicente da Fonseca logo se embarcou pera a India, onde o Governador o prendeo por muitas culpas que lhe mandáram de Maluco, e o castigou por ellas. Tristão de Taíde achou aquella Ilha toda escandalizada, e em nenhuma outra cousa se occupou, senão em temperar a Rainha, e ElRey, quietando-os alguma cousa, e começando a correr alguns mantimentos, e a se concertarem as cousas; porque este Fidalgo entrou governando branda, e suavemente, o que logo se lhe inudou; porque os máos homens, que vivem por todas estas fortalezas, são a principal causa dos trabalhos dellas com os seus Capitães pe-

los mexericos, invenções, e ardís com que lhes vam, cuidando que os agradam, e todos em prol de suas fazendas, que he o que elles pertendem contra a obrigação da alma, e do serviço do Rey. Succedeo em principio do seu governo irem duas corocoras de Mouros a dar em humna Cidade do Moro, chamada Momoya, cujos naturaes eram idólatras, e a saqueáram, e destruíram, escapando o Senhor della, que era hum Sangage Gento, homem moralmente virtuoso, e honrado. Estava naquelle tempo hum Portuguez chamado Gonçalo Veloso em hum lugar alli perto fazendo suas mercancias. Este depois disto passado foi ter á Cidade de Momoya, e vio-se com aquelle Sangage, que lhe fez grandes queixas daquelles Mouros seus vizinhos, pedindo-lhe conselho de como se vingaria, e satisfaria delles, porque estava muito escandalizado. Gonçalo Veloso movendo-lhe Deos a lingua, lhe disse, que o remedio estava certo, se o elle quizesse tomar, que era mandar pedir ao Capitão de Maluco pazes, e correr em amizades com os Portuguezes, porque como os tivesse por amigos, nenhum Rey, nem Senhor lhe faria affronta, que lha elles logó não satisfizessem até aventurarem as vidas, e o Estado, porque assim o mandava o seu Rey. Mas que pera aquillo se fazer

melhor , e com mais gosto , era necessario fazer-se Christão , porque com isso segura-va sua alma , (que era o que mais importa-va ,) e possuiria seu senhorio em paz , e quietação. Com isto lhe fallou das cou-
 sas de nossa Fé tão altamente , que ficou o Sangage pasmado : e tocando-o Deos , cahio naquella verdade , e disse a Gonçalo Vello-
 so , que lhe fallava como amigo , que lhe pedia quizesse ir a Maluco com alguns ho-
 mens seus a pedir ao Capitão dêsse ordem como fosse baptizado. Gonçalo Velloso par-
 tio com este alvitre em companhia de alguns
 homens honrados , que o Sangage elegeo
 pera esta jornada , que foram em Ternate
 mui bem recebidos ; e tão satisfeitos ficáram
 das honras que lhes fizeram , e do modo dos
 Portuguezes , que pedíram a Tristão de Taí-
 de os mandasse fazer Christãos , o que elle
 logo ordenou , celebrando-se aquelle auto com
 muitas festas , e alegrias , sendo Tristão de
 Taíde seu Padrinho , que os vestio á Portu-
 gueza mui bem. Depois os despedio , man-
 dando louvar ao Sangage a vontade que ti-
 nha de receber a Lei da verdade , e de en-
 geitar por ella as ceremonias feias , e abo-
 minaveis das idolatrias , em que até então
 vivêra : E que a ordem de como havia de
 receber o santo Baptismo , e como , e on-
 de , elle o havia de eleger , porque se faria

como elle quizesse, e ordenasse. Chegáram estes homens a Momoya, e disseram ao seu Sangage tudo o que era passado, e da resposta que lhe o Capitão mandava, e com isto lhe disseram tantas cousas dos bons costumes dos Portuguezes, e dos gazalhados, e honras que lhes fizeram, que o movêram a se embarcar logo pera Ternate em algumas corocoras, em que levou algumas pessoas principaes da Cidade. Tristão de Taíde lhe fez hum grande recebimento, e o mandou agazalhar mui bem, e entregando-o a hum Padre virtuoso pera o catechizar a elle, e a todos os seus, em que gastáram alguns dias; e como estiveram aptos, e suficientes pera receberem o santo Sacramento do Baptismo, lho deram a elle, e a todos, pondo nome ao Sangage, D. João. Isto se fez com as móres festas que Ternate podia dar de si. Depois de se desenfadar aquelle senhor Christão alli alguns dias, em que o Capitão o banqueteceu, despedio-se d'elle muito contente; e se tornou pera o seu senhorio, levando consigo hum Sacerdote, que se chamava Simão Vaz, (que foi o que o catechizou,) pera o instruir bem nas cousas da Religião Christá. Este bom Sacerdote viveo naquella Cidade alguns tempos com grande exemplo, exercitando o officio da caridade, e com grande zelo, e amor de

Deos fez a mór parte dos moradores de Moimoya Christãos. E porque era só, e não podia com tanto, (por ser a gente que corria ao Baptifino muita,) mandou pedir a Tristão de Taíde lhe mandasse outro Sacerdote pera o ajudar, que logo lhe mandou o Padre Francisco Alvares, e ambos em poucos dias fizeram Christãos todos os moradores daquella Cidade, e de outros lugares, derribando todos os Pagodes, e purificando os principaes; e das casas que eram de abominação fizeram Templos, em que o Altissimo Deos começou a ser acatado, venerado, e louvado. Tristão de Taíde favoreceo tanto este Sangage novo Christão, que lhe mandou alguns soldados Portuguezes pera o acompanharem, e pera guarda de sua Cidade. Estando as cousas neste estado, e o Rey Tabarija odioso de alguns que lhe desejavam de urdir a morte, como logo fizeram, tratando em segredo com o Capitão, e afirmando-lhe, que ElRey solicitava sua morte, como já fizera ao Capitão Gonçalo Pereira, e tomar aquella fortaleza, e lançar todos os Portuguezes fóra daquellas Ilhas; e como isto era cousa que tocava na vida, e no perigo da fortaleza, foi-lhe muito facil de crer, e mais tendo exemplo tão fresco, como na morte do outro Capitão; e dissimulando o negocio o melhor que pode,

ordenou com alguns Portuguezes, que trouxessem ElRey á fortaleza, como que o tomavam pera com elle por valedor, (como muitas vezes costumavam a fazer.) E sendo chamado de alguns, como elle estava innocente, e não se receava de cousa alguma, vindo á fortaleza foi logo prezo, e mettido em ferros, tirando devaça do caso em que testemunharam os mesmos inimigos que o accusaram: pelo que foi por sentença julgada, que fosse á India livrar-se; e assim embarcou na monção seguinte. Mas permitio Deos per sua innocencia, que onde Tristão de Taíde cuidava que lhe fazia mal, lhe fizesse hum tão grande bem, como fazer-se Christão, (como em seu lugar diremos,) porque muitas vezes permite males pera delles nascerem muito grandes bens. Tristão de Taíde tanto que o embarcou, mandou buscar outro irmão chamado Soltão Aeiro bastardo, filho de outra mulher de casta Jaoa, que sería de idade de doze annos. Os que o foram buscar a casa da mãe (que eram Portuguezes criados do Rey: Capitão) dizendo-lhe, que era para ser Rey: vendo a mãe o infelice estado que os passados tiveram, depois que os Portuguezes entraram naquella Ilha, querendo antes seu filho seguro em estado privado, que tão arriscado no de Rey, abraçando-se com o filho

lho o não quiz largar, dizendo grandes lastimas, e dando tantos gritos, como se lho leváram pera o matarem. Os homens que foram a este negocio, em vez de se compadecerem das lagrimas da triste mãe, e consolarem-na, segurando-lhe a vida do filho, irando-se contra ella, lho arrancáram por força dos braços, e a ella lançáram por huma janela fóra, fazendo-se em baixo em pedaços, e o filho foi levado á fortaleza, e alevantado por Rey com muitas lagrimas suas. Esta deshumanidade, e caso brutal foi tão avorrecido em todas aquellas Ilhas, que de novo tratáram conjuração contra os nossos, cartecendo-se todos aquelles Reys huns com outros. E vindo ás vistas, os mais delles concluíram, que era intoleravel soffrer que homens que elles agazalháram, e deram fortalezas em suas terras graciosamente, viessem a tanta soberba, poder, e arrogancia, que dispuzessem, e alevantassem os Reys que quizessem, sem os naturaes nisso terem voto, nem parecer. ElRey ficou reteúdo na fortaleza, e com o medo de o matarem, estava tão humilde como se fora cativo do Capitão. A mãe foi enterrada pelos naturaes muito honradamente; e certo que se podiam fazer da morte desta mulher grandes exclamações, mas falta-nos pera isso o talento, e o estylo, sómente diremos, que merece

fer mais engrandecida, (porque antes quiz morrer, que ver seu filho Rey,) que não a mãi daquelle cruel Nero, por dizer que reinasse seu filho, ainda que elle a mataste. As cousas de Maluco tornáram ao peor estado que podiam ter, porque por mar, e por terra lhe começaram a faltar os mantimentos. E assim o deixaremos.

C A P I T U L O XIV.

Da jornada que o Turco Soleimão fez contra o Xathamaz Rey de Persia: e de como lhe entrou por seus Estados até á Cidade de Tabris: e de como ao recolher deram os Persas sobre elle, e o desbarataram, e de outras cousas.

PORQUE as guerras de antre o Turco, e o Rey de Persia foram em detrimento, e damno da Alfandega, e rendimento da fortaleza de Ormuz, e cousas que entram neste nosso Oriente, e sua Conquista, nos pareceo bem fazermos dellas menção, como faremos com o favor Divino pelo decurso de nossas Decadas adiante. Pelo que se ha de saber, que por falecimento do Grão Sofi Ismael, que foi nos annos de vinte e cinco, lhe ficáram quatro filhos, o mais velho que lhe succedeo chamado Xathamaz: O segundo Becramo, a quem ficou o governo de toda

da a Media, Hiberia, e Albania: O terceiro Hefcaz, a quem o pai deo Babylonia, Assyria, e Mesopotamia: O quarto filho foi Osem Mirza, que ficou com senhorio dos Corações. Todos estes irmãos foram amigos, e muito grandes inimigos do nome Othomano, e affeioados todos aos Principes Christãos. E como o Grão Sofi tinha em sua vida feito huma muito honrada paz com o Grão Turco, desejou seu filho Xathamaz de a conservar, porque lhe era necessario assim pera o fazer a seus Reynos; e assim gastou nove, ou dez annos em os segurar, e em algumas guerras com os Hyrcados, e Thacataes tudo sobre pontos de sua lei. Mas como os Turcos são homens insolentes, e indomaveis, fizeram tal vizinhança ao Xathamaz, que escandalizados os Persas romperam a paz, e fizeram algumas entradas pelas terras do Turco, em que elle recebeu bem de damno. O Turco Soleimão sendo destas cousas avisado, desejou de se satisfazer, e de fazer huma jornada de proposito contra Xathamaz, pera de huma vez lançar fóra aquelle vizinho em que o Imperiõ Othomano sempre teve tamanho, e tão importuno inimigo. E declarando esta sua tenção, achou grande contradicção em sua mãe, e em sua mulher Roxolana, a quem elle por sua formosura estava tão sujeito, que se não



ousava a apartar della. E assim por isto, como pelo natural odio que estas mulheres tinham ao nome Christão, lhe aconselháram, que fizesse antes guerra a Ungria, ou a outro algum Rey Christão, e que não gastasse o tempo, nem seus thesouros contra homens de sua propria lei; pois tinham por experiencia quão infelices foram sempre as jornadas, que seus passados fizeram contra a Persia. Só Abralião Baxá seu grande privado foi de contrario parecer, porque fundava por muitas razões não lhe vir bem fazer guerra contra Christãos, onde havia hum Imperador tão bem affortunado, e tres nações (entre outras) tão valentes, e exercitadas, como eram Hespanhoes, Italianos, e Turdescos: e que era muito necessario pôr de huma vez toda sua potencia contra aquelle Imperio de Persia, que lhe pertencia por direito, e tirar dalli hum vizinho, que se hia fazendo poderoso; e que depois quando o quizesse fazer, pela ventura que não poderia. Todas estas razões, e outras muitas que Abralião Baxá lhe deo, além de lhe parecer convir-lhe assim, o principal intento seu era desviar o Turco de fazer guerra a Christãos, a quem era muito affeiçãoado, como quem procedia delles, e desejava desviar todo o damno á Christandade, e por isso em todas as cousas dos Christãos elle as favorecia tanto,

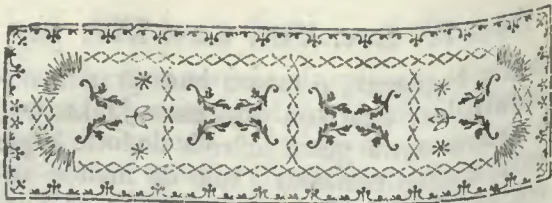
to, e assim lhes era afeiçoado, que escaçamente o podia dissimular; tanto, que a mãe, e mulher do Turco lhe chamavam Turco fingido, e Christão dissimulado. Em fim, pela authoridade que elle tinha com o Grão Turco, que havia que lhe fallava sempre verdade, e o aconselhava como prudente, deixou a guerra de Ungria, e determinou de passar á Asia contra o Xathamaz. E logo começou a fazer suas preparações, e em pouco tempo se poz em campo com trezentos mil homens, com que entrou pela Provincia de Licaonia, levando comsigo por guia a Hulamanes hum grande Capitão Persa, que se tinha passado pera elle: passou pacificamente, e sem damno por toda Mesopotamia, e em sincoenta e quatro dias chegou á Cidade de Coy, em Armenia maior, até onde não achou quem lho defendesse, do que se embaraçou, porque sempre imaginou que o Xathamaz o esperasse, e lhe apresentasse batalha; mas elle tomando melhor parecer, quiz que o mesmo Turco se desbaratasse por si, e sem risco seu, e mettello pela Persia dentro, pera da volta dar sobre elle, e o desbaratar. E assim se recoheo pera as montanhas, mandando despoisar as Cidades, e talhar os campos, porque não tivessem os inimigos de que se prover, nem em que se cevar. O Turco foi por suas

suas jornadas contadas até á Cidade de Tarrhis, aonde foi recebido dos moradores sem contradição, por lho assim mandar o Xathamaz. E não se detendo alli, passou a Sulthama, por ser muito fertil, e abundante de tudo. Alli se deteve alguns mezes, havendo que o Xathamaz desceria dos montes ao buscar. No tempo que aqui esteve, lhe succedeo huma brava fortuna de neve, e frio, que cahio huma noite sobre o exercito, que matou muitos, e esteve todo o exercito perdido, e ainda o Grão Turco se vio em muito grande perigo. E sempre os Turcos tiveram pera si, que lhes viera aquelle mal por encantamento do Xathamaz, porque o tinham por hum grande feiticeiro. Ao outro dia que foi muito claro, alevantou o Turco o exercito por conselho de Hulamanes, e foi marchando pera Babylonia, por ser fallecido Berchamo irmão de Xathamaz, e ficára em seu lugar Mahometes grande amigo do Soleimão, que esperava que lhe entregasse aquella Cidade, o que não foi; porque chegando a ella não quiz Mahometes recolhella, antes se poz em ordem de se defender. Mas os naturaes receando a potencia daquelle barbaro, alevantáram-se contra Mahometes, e o lançáram fóra da Cidade, e recolhêram nella Soleimão com grande magestade, por se dizer ser aquella Cidade a

maior do Mundo; e tambem porque nella
 residia o seu Calipha, de cujas mãos tomou
 a coroa, e as insignias de Soldão de Baby-
 lonia, conforme ao antigo costume dos Sol-
 dões passados. Alli foram Embaixadores de
 todas as Provincias comarcans a lhe darem
 obediencia, e reconhecerem vassallagem qua-
 si todas as Cidades de Assyria, Mesopota-
 mia, até Bacorá na boca do rio Eufrates.
 Abrahão, e Hulamanes apertáram com So-
 leimão, que seguisse a vitoria, e que fosse
 buscar o Xathamaz; porque nisso estava fa-
 zer-se senhor de toda Persia; com o que el-
 le sahio de Babylonia na Primavera do anno
 de 1536; e foi-se na volta de Tabris, por
 ser avisado que o Xathamaz descêra já dos
 montes, e que estava naquella Cidade, co-
 mo de feito assim era. E sendo avisado de
 como o Turco tornava a caminhar pera lá,
 tornou-se a recolher ás montanhas, e deixou
 em alguns passos difficultosos gente de guar-
 nição, pera que inquietassem os inimigos co-
 mo os vissem descuidados. Chegou o Tur-
 co a Tabris, e sabendo como alli estivera
 o Xathamaz, e que se recolhêra; ficou tão
 enojado, que mandou pôr a sacco a Cida-
 de, e derribar pelo chão todós os sepulchros,
 e ornamentos do grande Osembel, Oseuca-
 san, e de seus descendentes que alli estavam,
 que eram soberbissimos, e lustrosissimos; e

tomando hum numero de cativos, tornou-se pera a Provincia de Mesopotamia. Desta retirada foi avisado o Xathamaz, e ajuntando sessenta mil cavallos escolhidos, o foi seguindo com muita pressa, porque se determinou de lhe dar na retaguarda. O Turco teve logo rebate de sua ida; e porque levava suas gentes enfermas, gastadas, e debilitadas do caminho, deo-lhe aquillo grande cuidado, e apressado foi-se recolher na Cidade de Ceranuda. Xathamaz sabendo a pressa que o inimigo levava, e que hia tanto adiante, que não era possivel podello alcançar, pela grande recovagem com que caminhava, recolhio-se na Cidade de Coy, aonde se fortificou muito bem. Dalli despedio hum Capitão, chamado Delamethes, com vinte mil cavallos, pera que fosse em seu seguimento, e lhe dêsse nas costas. Este Capitão foi caminhando apressado com proposito de ir esperar os Turcos nas raizes do monte Taurro, aonde lhe sería muito facil dar-lhes hum grande toque; e assim como o traçou, assim lhe succedeo, porque chegando a Bethlis, hum lugar daquella Provincia, achou em hum valle certos esquadrões de Turcos bem descuidados, e sabendo que não era sentido esperou pela noite, e na força della deo de sobrefalto nelles com tamanha furia, que antes que se pudessem revolver, lhes tomou

toda a bagagem, e matou hum grande número delles, e cativou oitocentos Janizaros, e alguma outra gente lustrosa de forte, que foi o damno tamanho, que de muitos annos até então se affirma, que nunca os Turcos o tal recebêram. Com esta vitoria se tornou o Delamethes pera o Xathamaz, que o recebeo honradissimamente, e mandou que pera sempre se festejasse aquelle dia entre os Persas, que foi a dez do mez de Outubro. O Turco Soleimão sentio tanto em estremo aquelle desastre, que sem se mais deter deo volta pera Constantinopola com grande ira, e paixão contra Abrahão Baxá por ser o principal author daquella jornada. E assim por isto, como por todos os Grandes, que andavam pejados com sua muita valia, (que lhe urdiram a morte,) veio a tanto avorrecimento do Turco, que o matou. O modo como não se sabe, porque o mandou chamar á sua camara, e aquelle dia desappareceo, que nem vivo, nem morto lhe acháram mais seu corpo. Era Abrahão Baxá Albanez, de hum lugar chamado Ponga, de pais Christãos, e em moço foi cativo, e vendido a Escander Baxá, grande privado do Turco Bajazeto, e depois por degraos lhe veio a Fortuna a dar tudo o que podia na casa do Turco, porque chegou a ser Vizir, que he como Grão Condestabre, e o principal do Reyno.



DECADA QUARTA.

LIVRO IX.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

De como Martim Affonso de Sousa partio do Reyno por Capitão mór das náos, e do mar da India; e de como o Governador Nuno da Cunha se fez prestes pera ir ao Norte: e dos recados que se passaram entre os Reys dos Magores, e o de Cambaya.

DEpois que ElRey despedio a Armada de D. Pedro de Castello-branco, como atrás dissemos, determinou de prover nas cousas da India mais de proposito, parecendo-lhe bem prover o cargo de Capitão mór do mar, pera ajudar nos trabalhos ao Governador, e pera elle elegco Martim Affonso de Sousa Fidalgo em que havia muitas partes de prudencia, cavalle-
ria,

ria, e outras, e mandou negociar cinco náos, de que elle havia de ir por Capitão mór, pera o que mandou pagar dous mil homens. Esta Armada se fez á véla meado Março deste anno de 1534 em que andamos. Os mais Capitães eram Diogo Lopes de Sousa, Antonio de Brito, Simão Guedes, (que hia provído da Capitania de Chaul,) e Tristão Gomes da Mina. Esta Armada chegou toda a Goa sem lhe acontecer desastre; e posto que o Governador se pejou com Martim Affonso de Sousa por vir provído daquelle cargo, não deixou de o receber bem. Com a chegada das náos mandou o Governador dar grande pressa á Armada toda, porque determinou de se embarcar logo por hum aviso que teve de Cambaya, de como Soltão Badur se fazia prestes pera ir a Chitor, e a Mandou, o que já o verão passado deixára de fazer pelos respeitos que dissemos. E como aquelles grandes apercebimentos, que pera aquella jornada tinha feito, foram logo soando por esse Induстан assim, chegando ás orelhas da Rainha de Chitor, que havia poucos dias viuvára, ficando-lhe hum filho menino herdeiro do Reyno: e como era mulher fraca, e coitada, receando a ira de Soltão Badur, despedio recados a Hamau Pazá Rey dos Mogores, pedindo-lhe com grandes piedades lhe quizesse valer naquel-

le negocio , e livralla das mãos de Soltão Badur , pois só elle era poderoso pera isso. O Hamau Paxá tanto que teve este recado , despedio hum Embaixador apressado , por quem mandou dizer a Soltão Badur , que não quizesse mostrar sua potencia contra huma mulher viuva , e fraca , porque soubesse em certo , que a havia de ajudar , e favorecer pela obrigação que os Reys tinham de soccorrer as viuvas desamparadas. Soltão Badur como era o mais poderoso Rey que havia em todo o Oriente , teve em pouco a amoestação , e recado de Hamau Paxá , despedindo o seu Embaixador descontente , pondo-se elle logo em campo pera caminhar. E porque todavia não perdia os dias de Dio , (por onde já o verão deixára de pôr em effeito aquella jornada , por não acabar de concluir com o Governador nas vistas pera confirmar as pazes ,) determinou de mandar Embaixadores ao Governador , e conceder-lhe Baçaim com todas as condições que quizesse. Destes recados , e apercebimentos teve o Governador logo aviso , pelo que determinou de se pôr no Norte com todo o poder , pera que em virando Soltão Badur as costas , visse se podia levar Dio nas unhas. E despedio diante Martim Affonso de Sousa com quarenta navios pera se ir pôr na enxada de Cambaya a ver o que succedia

dia até elle chegar. E em sua companhia despedio alguns mercadores Mouros pera a Cidade de Amadabá a espiar o que fazia Solão Badur, e outros a Dio a notarem como seava aquella fortaleza, dando-lhe por regimento, que fossem ter com elle a Baçaim, onde os esperaria. Martim Affonso de Sousa deo á véla entrada de Outubro; os Capitães que com elle foram, dos que podemos saber os nomes são os seguintes: Manoel de Sousa de Sepulveda, D. Diogo de Almeida Freire, Fernão de Sousa de Tavora, Francisco de Sá dos oculos, Martim Correa da Silva; todos estes que vieram com elle de Portugal; Pero Botelho, Jorge de Sousa, Antonio da Cunha, e outros. E correndo a costa toda, foi-se pôr na enxada de Cambaya á vista de Surrate, aonde se deixou estar. Alli foi ter com elle Diogo da Silveira, que vinha de invernar em Ormuz, aonde o deixámos. E sabendo que viera por Capitão mór do mar da India, entregou-lhe toda a Armada, e se passou a Goa em hum catur ligeiro, e despedindo-se do Governador se foi pera Cochim, e dahi pera o Reyno por Capitão mór desta Armada, em que Martim Affonso de Sousa veio, pelo mandar assim ElRey, em que tambem se embarcou Jorge Cabral, e outros Fidalgos. Todas estas náos chegaram a salvamento. O Go-

vênador depois de despachar as náos para
 irem a Cochim tomar a carga, o fez tam-
 bem a D. Pedro de Castello-branco para ir
 entrar na Capitania de Ormuz, por acabar
 seu tempo Antonio da Silveira que lá esta-
 va. E dando expediente aos mais negocios,
 se embarcou entrada de Dezembro em hu-
 ma Armada de galeões, galés, e fustas, que
 eram mais de cem vélas; e em poucos dias
 foi surgir na barra de Baçaim, onde se de-
 teve esperando pelas espias que tinha man-
 dado a Dio, e a Cambaya, que não tardá-
 ram muito, e lhe deram relação da jorna-
 da que Soltão Badur fazia, em que tinha
 em campo mais de quinhentos mil homens,
 e que Melique Tocão ficava em Dio com
 dez, ou doze mil de guarnição, e a Cida-
 de muito fortificada, e provida de todas as
 cousas necessarias; e que ficava despedindo
 hum Embaixador para elle com negocios
 que elles não puderam alcançar, e que não
 pôderia tardar dous dias. O Governador tan-
 to que soube aquillo, mandou preparar a Ar-
 mada para o receber com grande magestade.
 Dahi a dous, ou tres dias chegou o Embai-
 xador á Armada em tres navios ligeiros. Era
 este Embaixador pessoa principal na casa d'El-
 Rey, e chamava-se Xacoez, homem de grão
 prudencia, e conselho. O Governador sen-
 do ayisado de sua vinda, o mandou buscar

por muitos navios de remo, e foi levado ao galeão S. Diniz, que estava rica, e formosamente embandeirado, e paramentado por dentro. O Governador o esperou na tolda, que estava cuberta de pannos de ouro, assentado em huma rica cadeira, e todos os Capitães, e Fidalgos velhõs em pé, de huma, e outra parte, muito bem ataviados. E ao entrar do galeão salvou elle com algumas peças de artilheria, e logo toda a Armada com aquella tormenta de bombardas, que poz grande espanto nos Mouros. O Embaixador chegando a elle se lhe lançou aos pés, o Governador o levantou com honras, e gazalhados, mandando-lhe perguntar (por Marcos Fernandes lingua do Estado) pela saude d'ElRey, e a elle como vinha da jornada. O Embaixador respondeo com palavras geraes, humilhando-se por aquella honra. O Governador lhe disse, que se fosse descansar, que depois o ouviria devagar. Dalli foi levado ás suas embarcações com outra salva de novo, assim de artilheria, como de tambores, trombetas, charamelas, e de todos os mais instrumentos de guerra, e de paz.

CAPITULO II.

De como Soltão Badur mandou offerecer ao Governador Nuno da Cunha a Cidade de Baçaim: e dos Capitulos, e Condições com que se assentáram as pazes.

DEixou o Governador descansar o Embaixador dous dias, e por não mostrar tambem alvoroço o não quiz ouvir logo. Passados elles o mandou levar ao galeão, e o ouvio na sua camara, sendo presentes alguns Capitães velhos, e o Secretario Simão Ferreira, e as linguas Marcos Fernandes, e Coge Peredi homem Parsio, e avisado por parte do Embaixador: que apresentou ao Governador huma carta de crença com o final, e sello d'ElRey Soltão Badur, e huma Procuração, em que lhe dava, e concedia todos os seus poderes pera tudo o que determinasse, e assentasse com o Governador em o negocio de pazes, e amizades que lhe mandava commetter. Depois de vistos estes papeis, e havidos por solennes, o Governador mandou dizer ao Embaixador, que podia fallar tudo o que quizesse, com o que o Embaixador deo sua embaixada, cuja substancia era: » Que ElRey Soltão Badur seu » Senhor desejava muito de ter paz, amiza- » de, prestança, e commercio com ElRey » Dom

» D. João de Portugal, e com elle Gover-
 » nador, que estava em seu lugar, e que em
 » começo deste amor, e amizade dava, e
 » doava de hoje pera todo sempre a Cidade
 » de Baçaim com toâs suas Tanadarias, e
 » jurdição a ElRey de Portugal, por ser cou-
 » sa grande, e que importava muito, e que
 » por isso não queria mais que algumas con-
 » dições que fossem justas, e honestas. » O
 Governador lhe mandou responder com pa-
 lavras mui graves, tendo em mercê aquel-
 la visitação, que ElRey seu Senhor lhe
 mandava fazer, e que estimava muito a-
 quelles desejos de ter paz, e amizade com
 ElRey de Portugal seu Senhor, e que ac-
 ceitava por sua parte os offercimentos da
 Cidade de Baçaim, não tanto por sua im-
 portancia, quanto pelo gosto com que lha
 offerencia, que não podia deixar de nascer
 de muito amor, como elle tambem lhe
 mostraria em todas suas cousas; e elle Go-
 vernador como seu vassallo o serviria em
 tudo o que lhe mandasse. E que quanto ás
 Capitulações, e Condições, que pedia, que
 tudo remetia ao Ouvidor Geral, Secreta-
 rio, e mais Officiaes d'ElRey de Portugal,
 pera com elle Embaixador as concluir, e
 e assentarem. Com isto se despedio o Em-
 baixador muito satisfeito, mandando-lhe dar
 algumas peças muito ricas. E ajuntando-se

per vezes com os Officiaes a quem o Governador o remetteo naquelle negocio, apresentando-se Capitulos de parte a parte, vieram a concluir as pazes com as condições seguintes:

» Que ElRey Soltão Badur dava, e
 » doava a ElRey de Portugal daquelle dia
 » pera todo sempre a Cidade de Baçaim com
 » todas as suas terras, assim firmes, como
 » Ilhas, e mares, com toda sua jurdição,
 » mero, e misto Imperio, com todas suas
 » rendas, e direitos Reaes, assim, e da ma-
 » neira que elle Soltão Badur Rey do Gu-
 » zarate até então as possuira, e possuíram
 » seus Capitães, e Tanadares. E que dalli por
 » diante desistia de todo o direito, que nas
 » ditas terras, Ilhas, e mares tinha: e que
 » todo traspassava, e applicava a ElRey de
 » Portugal; e que havia por bem, que lo-
 » go por seus Officiaes mandasse tomar pos-
 » se de todo o sobredito.

» Com condição, que todas as náos que
 » partirem dos Reynos, e senhorios d'elle
 » Soltão Badur pera entrarem das portas do
 » Estreito pera dentro, iriam a Baçaim tomar
 » salvo conducto (a que elles chamam Car-
 » tazes) dos Capitães d'ElRey de Portugal,
 » que alli estiverem, e que da torna viagem
 » tornariam á dita Cidade a pagar seus di-
 » reitos sob pena de serem perdidas pera El-

» Rey de Portugal; e que as poderiam seus
 » Capitães tomar, como de boa guerra, sem
 » ElRey do Guzarate o contrariar, nem ha-
 » ver. por mal.

» Que todas as náos do seu Reyno, que
 » navegarem pera todas as outras partes, não
 » sendo pera Meca, levariam os mesmos Car-
 » tazes, e que os Capitães lhes não levariam
 » por cada hum mais de huma tanga, e que
 » com isso navegariam livremente pera on-
 » de quizessem sem terem outra obrigação;
 » e que isto se não entenderia nas cotias,
 » galvetas, e vazilhas pequenas, que costu-
 » mavam a navegar de longo da costa.

» Que em nenhum porto, assim do Rey-
 » no Guzarate, como dos mais senhorios que
 » possuia, dalli em diante se faria navio al-
 » gum de guerra, e os que houvesse feitos
 » não navegariam mais, mas que poderiam
 » fazer todas as náos que quizessem a seu mo-
 » do pera seus tratos, e commercios.

» Que ElRey Soltão Badur não recolhe-
 » ria em porto algum de seus Reynos, e se-
 » nhorios Rumes alguns, nem lhes daria man-
 » timentos, favor, gente, ajuda, nem cou-
 » sa alguma, que em suas terras houvesse.

» Que todo o dinheiro das terras de Ba-
 » çaim, que estava até então por arrecadar
 » do que Melique Az havia de haver, des-
 » que entrou o anno dos Mouros até aquel-

» la hora , poderia o Governador mandar ar-
 » recadar pera ElRey de Portugal.

» Que entregaria logo Diogo de Mesqui-
 » ta , Lopo Fernandes Pinto , Manoel Men-
 » des , João de Lima , e todos os mais Por-
 » tuguezes , que em seu poder estavam cati-
 » vos. » Estes sete Capitulos de Condições ,
 que os Officiaes d'ElRey de Portugal apre-
 sentáram , acceitou o Embaixador d'ElRey
 Soltão Badur , e se obrigou aos cumprir ,
 ter , manter , e guardar em todo , e por to-
 do , como se nelles , e em cada hum delles
 continha , sem engano , nem cautéla , com
 toda a verdade , e segurança d'ElRey ; e lo-
 go o Embaixador apresentou outros Capi-
 tulos por parte d'ElRey Soltão Badur , que
 são os seguintes :

» Que todos os cavallos que viessem do
 » Estreito de Meca , e das partes de Arabia
 » os primeiros tres annos , depois da fortale-
 » za de Baçaim ser acabada , viriam a ella ,
 » pera elle Soltão Badur , e seus vassallos os
 » mandarem alli comprar , pagando os direi-
 » tos delles a ElRey de Portugal , assim , e
 » da maneira que se pagavam na Cidade de
 » Goa , e que não iriam aos portos do De-
 » can , Canará , nem Malavar : e que não se
 » comprando os taes cavallos em Baçaim ,
 » seus donos os poderiam levar pera onde
 » quizessem.

» Que vindo alguma náó do Reyno de Cambaya com cavallos pera elle Soltão Batur, de qualquer parte que fossem, não pagariam direitos até quantia de sessenta.

» Que vindo alguma náó de mar em fóra desgarrada, de qualquer parte que fosse, tirando do Estreito de Meca, e com tempo fortuito fosse tomar Baçaim, vindo pera o Reyno do Guzarate, depois que fosse dentro naquelle porto, ninguem entenderia com ella, e se poderia tornar cada vez que quizesse.

» Que cinco mil tangas larins, que estavam applicadas nas rendas de Baçaim pera as Mesquitas, se lhe pagariam sempre nas mesmas rendas: e que com as Mesquitas das terras de Baçaim, e prégações que nellas se fizessem, não entenderia pessoa alguma, nem se faria nisso innovação alguma.

» Que duzentos pardaos, que se pagavam nas rendas de Baçaim aos Lascarins das duas fortalezas, Aceira, e Coeja, que estão entre as terras de Baçaim, e as dos Resbutos, se pagariam sempre nas mesmas rendas, como até então se pagavam.»

Estes cinco Capitulos concedeo o Governador em nome d'ElRey de Portugal, e se obrigou aos cumprir, e guardar sem cautela, nem engano algum, e logo com muito

grande solemnidade se juráram as pazes, assim pelo Governador, como pelo Embaixador, cada hum em seu modo, de que se fizeram autos em Parseo, e Portuguez, assinados por elles, e pelos Officiaes d'ElRey. Declarou, e acrescentou mais o Governador, que elle Embaixador iria com elle pera Goa, aonde invernaria, e ficaria em represento do Embaixador, que havia de mandar a confirmar as pazes com ElRey de Cambaya, e pera tomar entrega dos cativos. O Embaixador despedio logo correios pela posta com recado de tudo o que era passado pera ElRey Soltão Badur, que já hia marchando pera Chitor. O Governador deo peças ricas ao Embaixador, e lhe fez muitas honras. Ao outro dia desembarcou em terra com o Embaixador, e elle lhe fez entrega da Cidade de Baçaim, acudindo á obediencia os principaes della, e o Embaixador mandou por todas as Tanadarias apregoar as pazes, e notificar aos Tanadares, e Pateis, que fossem dar a obediencia a ElRey de Portugal, e ao seu Governador. No mesmo dia que elle tomou posse da Cidade, foi logo com todos os Fidalgos, e Capitães notar o sitio pera fazer huma fortaleza pera segurança da terra, que traçou hum pouco affastado da agua, porque a praia era toda de hum areal solto, e pera se começar a obra mandou

dou desembarcar toda a gente , e assentou seu arraial , e o fortificou muito bem ; e por ordem do Embaixador mandou trazer de todas as aldeias vizinhas muitos servidores , pedreiros , e cavouqueiros , e mandou cortar a pedra pera a fortaleza da outra banda do rio , aonde havia huma muito formosa pedreira , e huma aguada muito boa , de que toda a Cidade se provia pera beber , por ser a agua em si excellente.

E aos vinte de Janeiro deste anno de 1535 , em que com o favor Divino entramos , dia do Martyr S. Sebastião , deitou o Governador a primeira pedra no fundamento , vestido elle , e todos os Fidalgos muito louçamente , dando nome á fortaleza do Santo Martyr , em cujo dia aquelle auto se celebrou com as móres festas , e alegrias que podiam ser. E logo se começou a correr com a obra da fortaleza com muita pressa , sendo o Governador , e os Capitães , e Fidalgos os primeiros que apegavam nas padio-las , e que acudiam ao trabalho. Os Tanadares começaram a correr a darem a obediencia , levando consigo todos os Pateis , e rendeiros com os foraes , que se apresentaram ao Governador , de que mandou fazer novos Tombos. A todas estas pessoas deo peffas , e cabaias ricas , com que ficaram mui contentes , e satisfeitos , mandando

Couto. Tom. I. P. II.

X N I M P E N S A
N A C I O N A L

do que corresse os arrendamentos como estavam, sem innovar nelles cousa alguma. E porque a fortaleza hia crescendo, e o verão se hia acabando, despedio o Governador Simão Ferreira Secretario pera ir a Cambaya a ver jurar as pazes por Soltão Badur, que havia de vir, e invernar da jornada em que era. E delle adiante daremos razão, porque nos pareceo aqui bem continuarmos com Soltão Badur.

CAPITULO III.

De como Soltão Badur foi contra o Reyno de Chitor, e tomou aquella Cidade: e do que passou Simão Ferreira até se ver com o Badur: e das cousas, em que o Governador Nuno da Cunha proveo até partir pera Goa.

Tanto que Soltão Badur despedio Xacoez, logo se poz no caminho do Mandou, e Chitor pera averiguar aquelle negocio primeiro que o inverno entrasse. Levava este barbaro o mais potente exercito, que podia haver no Mundo, porque passavam de quinhentos mil homens os que podiam pelejar, a fóra huma grande multidão de gente inutil, de camellos, bois, e mais serviço de recovagem, artilheria, munições, e mais petrechos de guerra. Deste grande ex-

ercito era General Mostafá Baxá, que tinha
 o titulo de Rumecan, (comò já dissemos.)
 Levava ElRey pera guarda de sua pessoa Dio-
 go de Mesquita, Lopo Fernandes Pinto, Du-
 arte da Gama, e todos os mais Portuguezes
 que lá tinha cativos, que seriam perto de
 sessenta, a quem deo armas, cavallos, ser-
 vidores, e todas as cousas necessarias em mui-
 ta abundança, porque tinha nelles tanta con-
 fiança, que os não apartava de si, e por suas
 jornadas foi ter á Cidade de Chitor, don-
 de todo aquelle Reyno toma o nome. Está
 esta Cidade de Chitor em altura de perto de
 dezenove grãos do Norte, conforme a situa-
 ção que seus naturaes lhe dam, e assentada
 em cima de huma altissima serra, que a na-
 tureza fez tão inexpugnavel, que se não pó-
 de subir a ella senão por hum só caminho
 muito ingrime, que está fortificado de mui-
 tos, e fortes passos. A Cidade he grande,
 e cercada de formoso muro, e de grandes,
 e fortes baluartes, e ella tamanha em si, que
 tinha de vantagem de sessenta mil pessoas,
 e toda a serra tão fresca, e viçosa, que lhe
 deram os naturaes o nome de Chitor, que
 alguns dizem que he o de hum passaro, que
 ha naquelle Reyno muito formoso, e de mui-
 tas côres; inda que outros Guzarates dizem,
 que Chitor quer dizer debuxo. Soltão Ba-
 dur chegando á serra, assentou ao pé em ro-

da o seu exercito , e soube estar a Rainha dentro com muita gente , e muitos mantimentos ; e porque pera commettella pelo passo era difficultoso , mandou por mais de vinte mil gastadores minar a serra por algumas partes , em que mandou metter muitas pipas de polvora , a que se deo fogo , e arrebetando a mór parte da serra por esses ares , deixou por ella assima muitas ruinas , por onde foram fazendo caminho até sima á força de braços. E com grandes engenhos , e forças leváram algumas peças de artilheria assima , e o Badur poz todo o seu exercito sobre a Cidade , e a começou a bater por algumas partes , por onde fizeram grandes entradas , por onde foi commettida , dando ElRey a dianteira a Diogo de Mesquita com todos os Portuguezes , que na entrada fizeram tantas cousas , que espantáram a todos. E ainda nós achámos em Dio , onde invernámos o anno de sessenta , Guzarates , que se acháram nesta jornada , e contavam disto cousas monstruosas , que deixamos , porque não soubemos as particularidades. Em fim a Cidade foi entrada , e a Rainha , e o filho cativos. Soltão Badur reformou a Cidade , e deixou nella alguns Capitães com sincoenta mil homens de guarnição , e depois disso andou ganhando as mais Cidades , e Villas daquelle Reyno , no que gastou até todo o mez de

de Março , que se recolheo pera seu Reyno. Castanheda , e Pedro Maffeo ; que o fegue , contam isto de outra maneira , e dizem que a Rainha com o filho desesperada de se poder defender fugiram huma noite , e que a mais gente achando-se ao outro dia sem o Key , fizeram grandes fogueiras , em que se queimáram com todas suas fazendas , e que quando a Cidade fora entrada não acháram nella pessoa viva : cousa que não achámos na lembrança dos Gentios daquelle tempo , e achámos em hum livro de regimentos vellos , que andam na casa dos Contos de Goa , feita memoria desta jornada por Gaspar Pires de Matos , (que servia de Escrivão do Secretario Simão Ferreira , que de lá trouxe Diogo de Mesquita , e os mais Portuguezes , que lhe contáram o successo desta jornada ,) que fallando nas cousas de Dio , diz estas pontuaes palavras : » Neste tempo par-
 » tio pera Chitor Soltão Badur com grande
 » exercito , levando consigo Diogo de Mes-
 » quita , Lopo Fernandes Pinto , Manoel
 » Mendes , Duarte da Gama , e os outros
 » Portuguezes que lá estavam cativos , e poz
 » cerco áquelle Cidade , e a commetteo , e
 » entrou , sendo os primeiros que subíram os
 » muros os Portuguezes que lá estavam ca-
 » tivos , que mostráram bem nesta entrada o
 » valor de seu esforço , cativando-se a Rai-
 » nha,

» nha, e seu filho. » A isto se deve dar muito credito. Soltão Badur chegando á Cidade de Amadabá achou nella o Secretario Simão Ferreira, e pelas cartas do Embaixador Xacoez tinha já sabido tudo o que era succedido, pelo que o mandou buscar por pessoas principaes de sua casa, e o recebeu com muitas honras, e mostras de grande amizade. Simão Ferreira lhe deo as cartas do Governador, e o presente que lhe mandava, que eram peças mui ricas, e tratou com elle o negocio a que hia, pedindo-lhe que o despachasse pera tornar a invernar a Goa, o que ElRey fez, jurando logo as pazes com grande solemnidade, e confirmando os capitulos que por sua parte estavam concedidos, e mandando-os apregoar por todo o Reyno: e fazendo-lhe entrega de Diogo de Melquita, e de todos os Portuguezes, dando-lhe muito dinheiro, e peças, os despedio, e foram-se embarcar a Cambayete, onde tinham navios ligeiros.

E tornando ao Governador, que estava em Baçaim, continuando nas obras da fortaleza, sendo já o mez de Março, lhe deram cartas de D. João Pereira Capitão de Goa, em que lhe dizia, que o Idalcan tentava novidades, e que fazia prestes Capitães pera mandar sobre as terras de Salcete, que devia acudir áquellas cousas. O Governador

tendo já a fortaleza em altura pera se poder defender, a guarneceo de artilheria, e proveo os armazens (que já estavam acabados) de muitos mantimentos, e munições. E andando pera eleger Capitão, chegou de Ormuz Antonio da Silveira seu cunhado, que acabára de servir aquella fortaleza, e lhe deo a Capitania de Baçaim, assignando-lhe oitocentos homens pera ficarem com elle, e muitos Fidalgos, e Capitães. Este Março em que andamos faleceo em Ormuz o Bispo Fernando Vaqueiro, que foi o primeiro Bispo que á India veio, e foi sepultado na Capella mór da Igreja de Ormuz, e tem huma sepultura de pedra branca mui boa com suas armas lavradas, que são huma vaca, ou touro; e o letreiro diz assim: *Ferdinandus Episcopus Aurensis*. Faleceo aos quatorze de Março de 1535. O Governador Nuno da Cunha quiz prover nas cousas de Ormuz primeiro que se partisse de Baçaim, porque Antonio da Silveira lhe trouxe novas de como era falecido o Guazil Xeque Raxete, e com elle tinham vindo procuradores de Mouros principaes a requererem o cargo, pelo modo que sempre se costuma a fazer; mas o Governador o deo a Xeque Hamed filho do morto, assim pelos merecimentos do pai, como pelas partes que pera isso tinha. Feito isto, despedio-se de An-

tonio da Silveira , e deo á véla pera Goa , aonde chegou em poucos dias , e começou a entender nos provimentos de Malaca , e Maluco , que logo despedio ; e assim mandou invernar gente a Chale , e a Cananor. Depois disto chegou Simão Ferreira com os Portuguezes de Cambaya , que o Governador recebeu muito bem , fazendo mercês a todos. E logo despedio o Embaixador de Cambaya , que estava em Goa em refens , e lhe deo dous navios pera o levarem. Foi este Mouro tão satisfeito das honras que lhe o Governador fez , que depois o avisou de muitas cousas , como em seu lugar diremos.

C A P I T U L O IV.

Da conjuração que houve entre os Senhores das Ilhas de Maluco contra os nossos , e do grande aperto em que os puzeram.

POis este he o tempo em que nos cabem as cousas de Maluco , continuaremos com ellas , que deixámos o anno passado em aquelle grande escandalo , que todos os Reys daquelle Archipélago tiveram dos nossos , pela grande crueza que usáram com a mãe d'ElRey Aeiro , e prizão de Tabarija. E carteando-se , se ajuntáram todos , tratando de tomar satisfação de caso tão abominavel , ajuntando pera isso em segredo as cousas que

lhes parecêram necessarias. E pera mais fazerem odiosos, e avorrecidos naquellas Ilhas todos os Portuguezes, urdiu o demonio outro caso tão escandaloso, ou mais a seu modo que os passados. O caso que novamente succedeo, que nos acabou de fazer avorrecidos, foi este. Mandou Tristão de Taíde nesta mesma conjunção hum Poão Pinto a descobrir as Ilhas de Mindanáó, e as vizinhas a ella pera se prover de mantimentos, porque em todas as de Maluco lhes tinham tapados os portos por onde lhes corriam. Partido este homem em huma naveta, chegou á Ilha de Mindanáó, aonde desembarcou, e vio aquelle Rey, que lhe fez muitos gazalhados, e assentando com elle pazes, e amizades, vendeo o que levava, e comprou o que quiz muito liberalmente, e á sua vontade. Dalli se passou á Ilha de Seriago, onde o Rey lhe fez os mesmos gazalhados, e assentou tambem com elle pazes, que celebráram com huma cerimonia entre elles guardada tão inviolavelmente, que nunca já mais se quebrava, que era, beberem, os que faziam a amizade, o sangue hum do outro, como penhor do amor que se haviam de ter; porque dizem, que assim mette cada hum em si a alma do outro: e assim ficáram dalli por diante correndo com os nossos em tanto amor, e amizade, que hiam á sua náó

comprar, e vender sem receio de engano, porque elles o não tratavam com pessoa alguma depois daquelle cerimonia celebrada. O Capitão do navio vendo quantos concorriam á sua náó, entrando a cubiça de fazer preza nelles, e de levar huma boa cópia pera vender, depois que fez seu negocio, o dia que se havia de partir foram perto de quarenta, poucos, e poucos, a venderem á náó suas cousas, que assim como entravam os levava abaixo da cuberta, como que lhes hia mostrar alguma cousa, e lá os fechava. Mas permittio Deos, que hum dos prezos debaixo, quando levavam outros, tivesse modo de escapulir, e se lançou ao mar, e foi a terra a dar conta a ElRey do que passava. ElRey cheio de paixão de quebrarem os Portuguezes assim aquelle tão firme vinculo de amizade entre elles guardada como cousa religiosa, mandou com muita pressa metter muita gente em algumas embarcações que estavam no mar, e lançar a elle outras que estavam em estaleiro, e mandou commetter a náó, que foi rodeada, e combatida asperamente. O Capitão Pinto andava já levando ancora, porque tinha visto os navios, e a gente em terra, e acudindo ás armas com vinte e cinco homens que comigo levava, poz-se em defensão, porque já o entravam por algumas partes, e os Officiaes foram lar-

gando as vélas; mas os Seriagos ferrados na náó trabalháram pela entrar, e sem dúvida o fizeram senão sobreviera huma ferração, descarregando logo huma trovoadá tão soberba, e medonha em força, e carrancas, que parecia ira dos Ceos. Os Seriagos largáram a náó, e se acolhêram á terra: os da náó foram correndo com hum bolso de véla á vontade dos ventos, e máres que os comiam; e foi-lhes necessario alijarem ao mar todas as cousas que por sima levavam, e ainda toda a artilheria, porque se víram muitas vezes alagados, e soçobrados. Durou-lhes este castigo alguns dias, deixando-os tão destroçados, desbaratados, e medrosos, que como homens que tinham visto tantas vezes a morte, estavam como alienados, e assim foram ter a Ternate tão cortados do temor, que estando em terra, ainda lhes parecia que corriam as mesmas tormentas, que ainda alli a ira de Deos os ameaçava pelo peccado que commettêram em violarem a santa lei do hospicio: cousa tão feia, e avorrecida ainda entre tão barbaros como estes. Sabendo todos os Reys daquellas Ilhas huma maldade tão grande, acabáram de se resolver, que lhes eram prejudiciaes os Portuguezes, e quão necessario era lançarem-nos fóra daquellas Ilhas; pelo que logo tratáram, e puzeram em execução huma liga ge-

tal contra elles, mandando lançar por todas aquellas Ilhas hum edicto geral, pera que logo mataassem todos os Portuguezes, que por ellas andassem, e que totalmente se recolhessem os mantimentos todos, e se tivesse nelles tal guarda, que nem por mar, nem por terra entrassem na nossa fortaleza, já que não tinham artilheria pera a bater, pera que a viessem tomár á fome; e que quando illo não bastasse, e na fortaleza houvesse mantimentos pera se sustentarem até irem os galeões da India, então que os Ternatezes despejassem aquella Ilha, e se passassem pera as outras, cortando primeiro todas as arvores do cravo, e deixando-a deserta, porque não pudessem os nossos lograr-se de seus frutos, que era o porque elles tinham usado com elles tamanhas crueldades, e desordens naquella Ilha, e hiam de tão longe por tão grandes riscos, e perigos em busca delle: e que como elles se vissem sem poderem lograr do que tanto cubiçavam, forçados da necessidade despejariam a fortaleza, e se tornariam pera a India, e elles quietariam, e viveriam em suas terras sem aquellas oppressões, e tyrannia. Com isto começaram a pôr aquellas cousas em execução, fazendo cabeça da liga ElRey de Tidore, por andar com elle ElRey de Ternate, que lá estava homiziado pela morte de Gonçalo Pereira. Os

Ternatezes despejaram logo a Cidade, mandando suas fazendas pera as outras Ilhas. E porque entendessem os nossos que de todo se desnaturavam, mandáram pôr fogo a toda a Cidade, em que se consumíram todos os edificios, que foram de seus antepassados, tantas centenas de annos atrás. Tristão de Taíde vendo aquella desesperação, quiz acudir a isso, mandando muitos recados á Rainha, e aos Regedores com promessas, e satisfações, que não aproveitáram cousa alguma. Postos os Ternatezes nos matos sahiam muitas vezes em ciladas a esperar os Portuguezes que hiam fazer lenha, e agua, matando, e ferindo alguns. Em todas as outras Ilhas se começou a executar o edicto, matando todos os Portuguezes que por ellas andavam. Na Cidade de Momoya matáram sete, ou oito, que estavam com o Padre Francisco Alvares, que escapou milagrosamente, e se recolheu a huma embarcação com muitas feridas. Na Ilha de Chião principal de Morotay matáram Simão Vaz outro Sacerdote: e hum Mouro daquelles tomou hum retavolo de Nossa Senhora, que o Padre tinha, e o quebrou em pedaços; e não soffrendo Deos esta offensa feita a sua Sacratissima Mãe, logo alli supitamente se lhe alcijáram as mãos áquelle Mouro, e morreo em poucos dias. E ainda se notou

mais, que dentro em hum anno morreo toda a geração que este Mouro tinha de defastres, e o derradeiro foi metter-lhe hum peixe agulha o bico por hum olho estando pescando: e o lugar todo que era muito grande em mui poucos annos se consumio, e desfez por guerras, e por defastres de maneira, que d'elle não ha já memoria alguma, o que notáram os Portuguezes que lá estavam, e outros de Maluco, de quem soubermos isto. Tristão de Taíde foi logo avisado de tudo, e o sentio em estremo, e bem entendeu que se lhe offereciam grandes trabalhos, e mandou pôr muito resguardo, e regra nos mantimentos que havia, deitando muitas espias pera saber dos desenhos dos inimigos; e em ElRey Aeiro que estava na fortaleza poz grandes vigias, e guardas, não lhe deixando mais que as armas que o creavam, e deitou algumas pessoas que apalpáram a Rainha com pazes, e o mesmo a ElRey de Tidore, commettendo-se-lhe por sua parte muitos partidos, sem elles desfrirem a coufa alguma. Neste tempo Catabruno Governador de Geilolo, e tutor do Rey menino, o matou com peçonha, e se alevantou por Rey: quizeram dizer, que Tristão de Taíde fora em consentimento disso, e que lhe mandára huma cabaia de veludo azul, com que se alevantou por Rey. E como era

mão, e tyranno, e começou a usar de sua natureza, mettendo-se logo na liga contra os nossos, foi o mór inimigo, e de quem mór damno recebêram os nossos, que de todos os outros. Neste estado deixaremos as cousas deste anno, que era o peor que podia ser.

CAPITULO V.

De como Hamau Paxá Rey dos Magores foi buscar Soltão Badur, e lhe tomou os Reynos de Chitor, e Mandou, a que acudio Soltão Badur: e das grandes covardias que fez: e de como o Magor o destruiu, e desbaratou.

Vendo Hamau Paxá Rey dos Magores o pouco caso que Soltão Badur fizera de seus recados, e que sobre elles fora contra o Reyno de Chitor, e o destruíra, ficou muito affrontado; e como já estava escandalizado d'antes por recolher em seu Reyno Omir Mahamede Zaman, seu cunhado, irmão de sua mulher, (que foi o que urdio estes odios antre estes dous poderosos barba-ros,) porque como era ambicioso, e dese-ioso de reinar, quiz ver se podia por este modo chegar ao que tanto desejava; porque entendia que se elles viessem a rompimento de batalha, hum delles forçado havia de ficar quebrado, com o que lhe ficaria lugar

pera poder metter pé em algum daquelles Imperios, no que o não enganaram seus pensamentos, porque lhe veio a Fortuna a cumprir seus desejos, como logo diremos. Hamau Paxá (como hiamos dizendo) tanto que teve novas da tomada de Chitor, tomando aquella affronta muito á sua conta, partio logo da Cidade do Deli com trinta e cinco mil cavallos, e tomou o caminho de Chitor mui apressadamente, cuidando que ainda alli achasse Soltão Badur. Pelo caminho lhe foram acudindo vassallos, com que fez o número de sessenta mil cavallos; e chegando a Chitor soube que estava pelo Soltão Badur, e logo lhe poz cerco. Os de dentro sabendo ser elle chegado, como o nome do Magor entre todas aquellas nações era hum terror, e espanto grande em seus ouvidos, logo lhe mandáram commetter partidos, e se entregáram. O Hamau sem se deter nada, como hum raio mui apressado foi passando adiante, entrando por todas as Cidades, e Villas com tamanho estrondo, e temor de todos, que tudo se lhe largou sem achar impedimento, e assim foi correndo até o Reyno de Mandou, em que não teve que fazer; porque como todos hiam fugindo da ira dos Magores, e o medo lhes fazia parecer maior o número do que era, vinham apregoando hum tão grosso poder, que a

toda a parte a que chegavam achavam tudo deserto, e despovoado. Soltão Badur teve logo aviso do Magor, e com ter hum exercito o mais potente, que no Mundo podia ser, foi tamanho o seu medo pelo que via trazer aos seus que vinham fugindo, que de todo estêve pera se recolher, senão fora Rumeacan que o fez sobreestar, animando-o pera ir buscar o inimigo como fez. E levando seu exercito, foi caminhando até á Cidade de Arrayol, huma das principaes do Guzarate, onde foi avisado que o Magor se vinha chegando, encontrando por aquelles caminhos infinidade de gente que vinha fugindo, tão assombrados de suas crupezas, que com acharem o seu Rey com tão potente exercito não paravam alli, porque o temor lhes não daya lugar a se segurarem com couza alguma. Soltão Badur vendo vir descendo aquella multidão de gentes com aquella medo, e desatino, ficou embaraçado, e não quiz passar adiante, assentando seus exercitos ao pé de huma serra fortissima, onde se fortificou muito grandemente, mandando recolher a ella todos os mantimentos que pode. E como o Magor vinha descendo com tamanho impeto, e furia, (como costumam a trazer os arreatados, e poderosos rios na força do inverno, que vem alagando tudo por onde passam,) assim este barbaro, tra-

zendo diante de si todas aquellas enchentes dos que vinham fugindo d'elle, chegou á vista do exercito do Badur, e não muito longe d'elle assentou o feu, travando-se logo entre elles algumas escaramuças com damno de ambas as partes, sem o Badur ousar a fechohr, nem dar batalha, tendo duzentos mil de cavallo, e a fóra a Infanteria que era em dobro, quatrocentos Elefantes, e setecentas peças de artilheria de toda sorte, (poder que se não fora governado por hum homem tão fraco, e pusillanime, pudera dar batalha a todo o Mundo, o quanto mais a hum inimigo tão inferior em poder como temos dito, e em seu proprio Reyno, e terras.) O Magor entendeu logo a covardia do inimigo, quando vio, que com tão potente poder não sahia a buscar, pelo que o commetteo rijasente na serra, trabalhando pela entrar, o que não pode fazer pela difficuldade de seus passos, perdendo nestas commettidas alguma gente. O Badur como tinha já cobrado em seu coração tamanho medo, determinou de se defender na serra, e deixar-se estar, porque o inimigo não podia deixar de se recolher. Rumeçan Capitão geral de seu exercito vendo tamanha covardia em hum homem tão poderoso, como era astuto, e experimentado no conhecimento dos casos da guerra, não duvidou per-

der-se o Badur nesta jornada, e ficar o Magor senhor daquelle Imperio do Guzarate. E querendo segurar sua pessoa, e accrescentar seu Estado, teve modo com que se cartou com o Magor, fazendo seus partidos pera se passar pera elle. E depois de assentados á sua vontade, o mandou avisar, que tomasse hum passo da outra banda da serra, por onde se metiam mantimentos nella, o que elle logo fez, começando elles logo a faltar no exercito do Badur. Rumecan, em quem Soltão Badur tinha todo seu remedio, e conselho, como vio tempo occasionado passou-se pera o Magor com sete, ou oito mil de cavallo de sua cevadeira. Isto acabou de descoraçoar o Badur de feição, que se houve por perdido, e logo tratou de salvar sua pessoa, buscando modos, e ardís pera isso, sem o dar a entender a pessoa viva. E como o passo por onde a serra se provia estava tomado, e a gente que na serra estava era muita, começaram a faltar os mantimentos, e chegaram a estado, que comêram os elefantes, cavallos, hervas, raizes, e todas as mais cousas desta qualidade. Vendo-se o Badur de todo perdido, dando conta do que determinava a alguns Capitães seus mais fieis, como o Magor não podia ter tanta vigia, que se não descuidasse, huma noite se sahio o Badur com os do seu seio, e pela posta

foi caminhando pera Cambaya, levando consigo a mór parte dos seus thesouros de ouro, pedraria, e perolas, que era infinito. Isto não pode ser tanto em segredo, que não fosse logo sabido na serra, e todos os que puderam se foram por aquelle passo vassando-se por elle a mór parte da gente, que foram tomando differentes caminhos. Em amanhecendo teve o Magor rebate do negocio, e commettendo a serra houve pouco que fazer em a entrar, porque os que nella estavam se lhe entregaram. Elle se apoderou daquelle poderosissimo, e riquissimo exercito, de tendas, elefantes, artilheria, e de todas as mais riquezas, em que os Magores se cevaram bem. O Badur tomou o caminho, tão apressado como lho fazia levar o medo que tinha cobrado ao inimigo, e sem descansar, perdido o animo, e confello, foi parar na Cidade de Champanel, que está situada em huma serra tão alta, que tem quatro leguas e meia de subida, e no cume della está a Cidade muito forte, assim pelo sitio, como pela industria. Será esta Cidade huma jornada do Deberadora, ou Badrodar, a que communmente chamamos Verdora. Alli se deixou ficar o Badur, provido-se de mantimentos, e de outras cousas necessarias, cuidando que o inimigo o não seguiria; mas não foi assim, porque depois

de o Magor se apoderar de seu exercito, começou logo a seguillo: havendo que estava o remate, e a honra da victoria em lhe não dar tempo pera se fortificar em parte alguma, (no que se póde ter por mór Capitão que Annibal, porque se seguira a victoria, fora senhor de Roma.) O Hamau Paxá não se embaraçando com cousa alguma foi passando avante até chegar a Champanel, onde o Badur estava, que teve logo rebate de sua vinda, e acabou de lhe cahir o coração aos pés de todo, mostrando nesta jornada bem diferentes effeitos do que seu nome significava; porque Badur na lingua Guzarata quer dizer Cavalleiro. E não querendo aguardar alli o inimigo, largou a Cidade huma noite, mandando primeiro queimar muitas riquezas, que consigo não podia levar, e foi-se caminhando pera Dio, porque era onde podia segurar sua pessoa. E com tantas defordens fez este caminho, que deo occasião aos seus pera o roubarem, usando nisto o que costuma a gente vil, que he defampar com a Fortuna o seu Rey. E vendo elle como ella o perseguia, tomando suas joias, pedraria, e ouro, (que era huma somma mui grande) mandou tudo diante pera Dio: e a tudo o mais que lhe podia ser estorvo ao caminho mandou pôr o fogo, por não dar occasião aos que o seguiam a ou-

tra vez o roubarem. E assim acompanhado de alguns principaes, e de suas mulheres, que tinha mandado recolher, chegou a Dio. Alguns dizem, que mudára os trajos por não ser conhecido, mas os Mouros o negam; nem podia ser tal, porque se fóra só, pudera acontecer isso: mas elle sempre foi acompanhado de mais de dez mil cavallos, assim de sua guarda, como dos seus Capitães. Chegando ElRey a Dio passou-se logo á Ilha, e mandou com muita brevidade recolher nella todos os mantimentos das aldeias vizinhas, e com a mesma fortificou os passos por onde a Ilha se podia entrar, pon-do nelles artilheria, e gente de guarnição, deixando-se alli ficar com a tristeza, e mágoa, que era razão tivesse; por perder em tão breve tempo hum Imperio tamanho, e tão potente, como era o de Guzarate, tão nomeado no Mundo. O Magor foi logo avisado de sua fugida, e desejoso de o haver ás mãos o foi seguindo com grande pressa, e chegou até á terra de Uná tres leguas de Dio, onde teve por novas ser já passado á Ilha, pelo que tornou a voltar pera trás, correndo todas as Cidades de Cambaya, que saqueou, destruiu, e assolou, levando dellas grandissimo thesouro, usando todos aquellos Magores (que por natureza são torpes, e nefandos) as mais brutas deshumanidades,

des, que se podem imaginar, padecendo todo aquelle Reyno de Guzarate as mais piedosas misérias que se nunca víram, andando os Magores por todo elle (que era ferriſſimo de tudo) tão derramados, que de Badur não fora tão acovardado, com muito pouco cabedal se puderam prestar de suas perdas, sem lhe escapar hum só Magor vivo. Mas era tamanho o medo que lhe tinhão cobrado todo o Reyno, que cento que chegavam a humia Cidade muito grande, e poderosa, a saqueavam, e destruiam, como se foram dez mil, tomando-lhes as mulheres, e filhas sem ousarem a bolir comſigo. E assim ficou o Hamau Paxá ſenhor de todo o Imperio do Guzarate, tão antigo, e opulento, como aquelle, que ſempre foi o mais rico de todo o Oriente.

CAPITULO VI.

Dos limites que o antigo Reyno do Guzarate tem: e donde nasceo o erro dos Geografos lançarem o rio Indo na enceada de Cambaya.

JA que estamos neste Reyno do Guzarate, razão he que mostremos os ſeus antigos limites, e que confundamos o erro de Abrahão Ortelio, e de todos os mais Geografos, que lançaram o rio Indo dentro na enceada de Cambaya, estando elle tão dif-

rante como he dalli a Cinde. Este Reyno do Guzarate teve sempre seus antigos limites da banda do Norte; na ponta de Jaquete, que he a que Ptolomeu chama, Maleo Promontorio, que situa em dezoito grãos, e hoje anda verificado em vinte e dous e meio: por onde Barace, que elle mette em dezefete grãos, parece Dio, e assim o tem Nicoláo Veneto. Vai-se estendendo este Reyno pera a banda do Sul até o rio de Bandorá, que parece ser o rio Nanaguna de Ptolomeu, que elle situa em quatorze grãos, e onde mette a Cidade de Nitra em Porju, que sem dúvida temos pela mesma de Bandorá; porque nas antiguidades da India se achia ser esta a mais magnífica Cidade de toda ella, de que ainda hoje ha mui grandes vestigios. Aqui perto da Cidade havia hum campo de duas leguas, que ainda depois de nossa entrada na India era todo cheio de sepulturas com aquellas pedras redondas á cabeceira, como se costuma em muitas partes do nosso Portugal, ou em todo. E affirmam os antigos naturaes, que alli tivera o grande Alexandre com hum Rey muito poderoso da India huma grande batalha, e que o desbaratára, e lhe matára muita gente, que toda se sepultou naquelle campo. E se tal he, devia de ser com Poro; posto que Quinto Curcio, e outros affirmam, que esta batalha fo-

ra muito mais pera o Norte. Em fim seja como for , tem este Reyno por costa pouco mais de duzentas leguas : pelo sertão jaz estendido até á Cidade do Agará , que será por linha direita cento e sincoenta leguas. E vendo nós Abrahão Ortelio , e nos mappas communs , que vem da Europa , lançado o rio Indo na enceada de Cambaya , (sendo elle o verdadeiro que atravessa o Reyno do Cinde , e vem embocar no mar ,) e os Guzarates lançados do Indo pera fóra , estando elles tanto do Indo pera dentro ; e cuidando donde nasceria tamanho erro , nos parece que foi do Roteiro de Nearcho Capitão de Alexandre Magno da viagem que por seu mandado fez pela costa da India até o rio Eufrates , que Alexandre , segundo conta Ariano author Grego , depois de vencer Poro , desceo até o mar , onde mandou ordenar huma Armada pera ir descobrir aquella costa , em que mandou por Capitão este seu grande privado Nearcho , que diz Ariano , que sahio pelo rio Indo fóra na costa dos Arbios , e como sempre tinham andado por derredor do Indo , que se divide em muitos ramos pera diferentes partes , tomando diferentes nomes , todos os rios que achavam ; cuidavam ser o Indo , e por isso diz o Roteiro , que sahira por elle fóra. E como não tinham ainda conhecimento das al-

turas, e grãos da elevação do pólo Artico, como depois veio a ter Ptolomeu, fez o Roteiro daquella viagem por número de estadios, e por singraduras, e segundo sua conta claramente se mostra não sahir pelo rio Indo fóra. E pondo nós nosso juizo, e fazendo nossas conjecturas, conformando-nos com o mesmo Roteiro de Nearcho, e com a conta dos estadios que navegou, nos parece que sahir por hum dos rios da enxada de Cambaya mais chegado a Dio, que he o de Madrefaval. E ainda faz parecer mais certa nossa conjectura o que diz o mesmo Nearcho, que querendo sahir pela boca do rio Indo fóra, achára a barra pequena, e de muita penedia, e que fizera huma fossa pera huma parte da boca onde havia areia, por onde sahira ao mar largo. Do que se vê muito claro não sahir pelo rio Indo, que tirando o Gange, he o mais profundo, e de melhores barras, que todos os da India, e entram, e sahem por elle formosissimas náos; e Nearcho não navegou senão em navios pequenos de remo. Quanto mais, que o Roteiro nos está claramente mostrando isto; porque do rio por onde Nearcho sahir até entrar na Gedrosia, andou pela costa dos Arbios, e Oritios dous mil e seiscentos estadios, que são cem leguas nossas, a oito estadios por milha Italiana, e tres

tres milhas e meia por legua; e diz que chegou ao rio Arbio, onde começavam os Oritios, e se acabavam os Indianos. Do que se vê muito claro fahir com aquella Armada do rio Indo pera dentro todo aquelle caminho, e antes de se acabarem as terras do Guzarate, que está muito averiguado feneçeram na ponta de Jaquete, e todos os que dahi pera fóra fahem, já se não chamam Guzarates, como nós o averiguámos com os mesmos naturaes. E continuando com o Roteiro desta viagem, diz Nearcho, que passada a Provincia dos Oritios, e entrando pela Gedrosia, lhe ficára o Sol perpendicular, e as sombras se mudavam, como acontecia no tempo do Solsticio na Ilha Meroe. Do que se vê começar-se esta Provincia hum pouco antes do rio Indo no rio de Cache, por cima de quem atravessa o Tropico. E como era em Agosto quando fazia esta viagem, e o Sol andava sobre o Tropico de Cancro, ficava-lhe sobre a cabeça, e achava differença nas sombras. Esta Provincia Gedrosia, segundo Ptolomeu, será de cem leguas, porque começa na Cidade Rizana em vinte grãos, (que nós temos pela mesma de Cache,) e acaba no rio Arbio em vinte grãos, em que ha a mesma distancia das cem leguas. E fazer Nearcho esta Provincia de dez mil estadios, que são quasi trezentas e sincoenta le-

guas, devia de nascer ou do erro da traducção do Grego, em que Ariano escreveu esta jornada, ou do engano da estimativa; porque como fazia conta ás jornadas, dando tantos estadios a cada huma, e por aquellas paragens sempre ha impedimento de aguas, de cujo curso Nearcho não tinha noticia, achando as correntes contra si em algumas paragens, cuidavam que andavam avante, e tornavam atrás, dando singraduras ordinarias, porque não tinham conhecimento da terra, nem de suas balizas, como nós hoje temos, porque por toda a costa da India dentro, e fóra do Indo pelas balizas, e conhecenças sabemos o que navegamos. E daqui viria Nearcho fazer esta Provincia tanto maior que a Carmania, sendo tanto mais pequena, como logo adiante mostraremos; quando particularmente tratarmos de ambas.

E tornando ao Roteiro, depois desta Armada entrar pela Provincia Gedrosia, andou por ella, e pela de Carmania, Persia, Sussia, até chegar ao rio Eufrates, dezoito mil duzentos e sincoenta estadios, que são mais de seiscentas leguas nossas, não havendo da boca do rio Indo até o Eufrates mais que trezentas e trinta. E querendo os Geografos modernos, Abrahão Ortelio, João de Cadamasto, Josefo Moletio, Jeronymo Rufcelli, e outros fazer suas ravoas, e mappas,

Indo buscar este rio Indo por onde Nearcho sahio , pela conta dos estádios que andou , assim em toda a jornada , como dantes de chegar a Gedrosia , deram comfigo na enceada de Cambaya , lançando-o da ponta de Dio pera dentro , e deíxando os Guzarates da banda de fóra. Este erro lhes fez confundir o sino Cantincolpus de Ptolomeu com o sino Bragazeno , não lançando todos em suas ravoas mais de quatro enceadas da boca do Indo até o Gange , deitando Ptolomeu estes sinco.

Sinus Cantincolpus , em que o rio Indo descarrega com sete bocas , de que a mais Oriental he Linabare , que elle mette em vinte grãos do Norte , e a mais Occidental Saggapa em dezenove e meio , a que Plinio chama Sando , ou que seja corrupto de Cinde , ou que elle seja de Sando.

A segunda enceada he Sino Barigazeno , em que mette alguns rios , e os principaes são Gaoris , e Rende em dezeseis grãos , que parecem os de Baroche , e Surrate , a quem os naturaes chamam Narbenda , e Tapeti , que estam hum do outro na mesma distancia em que Ptolomeu os põe.

A terceira enceada he Sinus Colchicus , onde mette Colchi em Porju , que por sem dúvida se tem fer Cochim , que naquelle tempo devia de ser hum grande seio ; porquẽ

das escrituras da India se tem, que já o mar naquella parte chegou até o pé do Gate, e que depois recolhendo-se em seu centro, deixou aquella faixa de terra, que hoje chamam Malavar.

A quarta enxada he o Sino Agarico, que elle mette do Cabo Comori pera o Gange, que he aquella, que ainda hoje se vê de Beadala até Negapatão.

A quinta he o Sino Gangetico, em que vai descarregar aquelle famoso em nome, e soberbo em aguas Gange; e da confusão que depois os Geografos fizeram nos dous Sinos, Cantincolpus, e Barigazeno, fazendo de ambos hum, nasceo a Cidade de Consamba, que Ptolomeu mette no Sino Cantincolpus em vinte grãos, fazerem-na cabeça do Reyno de Cambaya, sendo esta a Barigaza, que o mesmo Ptolomeu mette no Sino Barigazeno em ... grãos; por onde fica confundido o erro dos mappas, e entendidos bem os termos, e fins do Reyno Guzarate, em que elles tanto variáram. E quando fallarmos em huma Armada, que foi de soccorro ao Cinda; sendo Governador Francisco Barreto, mostraremos claramente donde nasceo o erro dos modernos chamarem áquella Provincia Dyul Cinda, sendo Dyul huma cousa, e Cinda outra. Como tambem com o favor Divino pelo decurso da historia mostraremos

muitos nomes proprios de Cidades, Villas, rios, promontorios, e muitas outras cousas, que andam adulteradas nos Escritores Italia- nos, que á India vieram antes dos Portugue- zes, como foram Marco Polo Veneto, Mi- cer de Conti, e outros; porque de traduc- ção em traducção, vindo a mudar syllabas, e letras, perdêram de todo os nomes verda- deiros, e muito poucos dos que elles no- meam são hoje conhecidos neste Oriente. Deixamos Gregos, e Latinos, que isso he hum pégo infinito, do que tem nascido tão grande confusão nos nomes dos simples en- tre os Medicos, e não nos tem dado pou- co trabalho as informações que com os Mou- ros, e Genticos tomámos; porque escreven- do hum nome proprio de huma cousa com as mesmas letras que elles dizem, quando lha tornavamos a recitar, já pelo assento, e pronunciação o não conheciam, porque são linguas grosseiras, e os caracteres mui diferentes dos nossos.

CAPITULO VII.

*De como Soltão Badur tratou de se ir pe-
ra Meca, e foi contrariado dos seus: e de
como mandou pedir soccorro ao Governador
Nuno da Cunha contra os Magores,
promettendo-lhe fortaleza em Dio: e de
como foi ter com elle Martin Affonso de
Souza.*

E Tornando a continuar com as cousas
de Soltão Badur, que deixámos reco-
lhido na Ilha de Dio, depois de tornar em
si, e perder parte do medo que levou, que
lhe não deixou sentir o que perdeu, veio a
cahir na conta, e começou a entristecer-se por
ver, que por sua fraqueza, e máo conselho
perdéra em tão pouco tempo o mais poder-
roso, mais rico, e mais estendido Imperio,
que todos os do Mundo naquelle tempo,
que via em poder de hum inimigo cruel,
e tyranno, e de que cada dia tinha novas,
que sem piedade alguma punha tudo a fer-
ro, e a fogo, e usando com seus naturaes
as móres deshumanidades que se podiam ima-
ginar. Isto sentia na alma, e lhe fazia de no-
vo resuscitar o medo com que lhe fugio,
porque temia o fosse ainda commetter na-
quella Ilha, onde lhe não poderia escapar,
que quando a não pudesse entrar por armas,

o faria por fome; porque posto que nella tivesse muitos mantimentos, a gente era tanta, que receava faltarem-lhe. Com estas imaginações não se quietava, cuidando no que faria. E como era fraquissimo de animo, e de condição vil, e baixa, tratava de prover mais a sua vida, que a seu Estado, fazendo muitos discursos pera a poder salvar. E em fim de todos veio a determinar-se de se ir pera Meca, tomando por escusa de sua fraqueza, que de avorrecido do Mundo desejava de ir servir Mafamede o que da vida lhe restasse; mandando pera isso com muita brevidade preparar sete náos, em que entravam dous galeões, pera se embarcar com suas mulheres, e thesouros, começando a mandar embarcar cousas necessarias pera a jornada, e quasi quatro milhões de ouro em moeda, e pedraria, com outras riquezas de peças, e louçainhas sem conto: e com isto a sua principal mulher, com suas donas, e donzellas. E querendo ultimamente embarcar-se, foi impedido de alguns Grandes, que ainda o acompanhavam, persuadindo-o com muitos rogos, que não fizesse tal jornada, porque era cousa indigna de hum Rey tão nomeado no Mundo de rico, e poderoso, porque todos os que o soubessem, o haviam de attribuir mais a covardia, que a devoção: que elle tinha hum remedio mui-

tô á mão, e muito certo pera tornar a cobrar seu Reyno, que era o favor, e ajuda dos Portuguezes, que com lhes dar fortaleza naquella Ilha, que era o que o Governador da India tantos annos havia que pretendia, e que com oster nella, podia quietar-se, e não receiar o inimigo; e que tanto que seus vassallos ouvissem, que se preparava pera tornar a cobrar seu Reyno, e que os Portuguezes o favoreciam, estava muito certo acudirem-lhe todos; e que pelo contrário, vendo-o embarcar, entregariam liberalmente o Reyno aos inimigos, e ficaria o Imperio do Guzarate (que tantos annos foi Senhor supremo) debaixo de jugo alheio. Com estas, e com outras muitas coufas, que lhes disseram, cobrou algum alento, e começou a respirar. E vendo que o aconselhavam bem, como era máo, não deixou logo de conceber em seu animo, que posto que por então concedesse fortaleza em Dio, tanto que tornasse a cobrar seu Estado, todas as vezes que quizesse lha tornaria a tomar. E mudando parecer, como foi tempo despedio as náos que estavam de verga d'alto, e fez dellas Capitão hum Mouro muito seu aceito, chamado Cafarcan, a quem entregou seus thesouros, e sua mulher, dando-lhe por regimento, que se não partisse de Judá até não ver recado seu. A tenção do

Badur mandar estes thesouros, e a mulher, foi, não lhe sahir de todo o medo, e a desconfiança de poder tornar a cobrar seu Estado; porque quando de todo em todo a Fortuna nisso o quizeffe perseguir, ahi lhe ficava então lugar pera fazer a jornada que pretendia, e passar-se a Meca, ainda que fosse em trajos mudados, pera o que queria lá ter todas aquellas cousas. Despachadas estas náos, despedio logo por Embaixador Xacoez, que era já conhecido do Governador, com cartas pera elle, e procurações bastantes pera lhe poder offerecer huma fortaleza na Ilha de Dio, pedindo-lhe que logo se fosse pera elle com todo o poder que tivesse junto; dando-lhe por regimento, que passasse por Chaul, onde estava Martim Affonso de Sousa Capitão mór do mar da India invernando, e lhe dèsse cartas que lhe escreveo, em que lhe dizia, que logo sem fazer dilacção se fosse pera Dio, porque importava assim ao serviço d'ElRey de Portugal. Xacoez partio logo em hum navio muito ligeiro, e em tres dias chegou a Chaul, e se vio com Martim Affonso de Sousa, e lhe deo as cartas de Soltão Badur, e seu recado, com que se alvoroçou muito; e porque tinha toda a Armada varada por ser áinda entrada de Setembro, embarcou-se logo em quatro navios ligeiros com muitos Fi-

dalgos, e Cavalleiros, e deo á véla pera Dio, escrevendo ao Governador pelo mesmo Embaixador a jornada que fazia, deixando em Chaul ordem pera logo ir após elle toda a Armada, que o Capitão de Chaul com muita pressa fez lançar ao mar, e embarcando-se seus Capitães o foram seguindo. Martim Affonso de Souza atravessou o golfo, e foi ferrar a outra costa, e demandou a barra de Dio, e entrou por ella muito embandeirado salvando a Cidade, e foi surgir defronte dos Paços d'ElRey, que estavam hum pouco assima, donde hoje está a Alfandega; e logo desembarcou acompanhado de todos os que com elle foram, e entrou na Casa d'ElRey, que o mandou receber pelos seus Grandes, e chegando a elle se lhe humilhou, mandando-lhe dizer, que era alli vindo pera o servir; e que por acudir a seu chamado deixára toda a sua Armada, que logo chegaria, com que elle estava muito prestes pera o servir em tudo o que lhe mandasse; e que quanto aos Magores, que bem se podia segurar, porque em quanto alli estivessem os Portuguezes, elles não chegariam á vista daquella Ilha, e que o Governador não tardaria muito, e que então se faria tudo o que elle mandasse. Solto Badur o recebeu honradamente, e lhe agradeço seus offerecimentos, e lhe disse, que

que elle estava prestes pera dar ao Governador o lugar que quizesse na Ilha, e que pera isso o mandára chamar: que entre tanto visse elle onde se queria agazalhar, que o fizesse, e que se lhe daria tudo o necessario. Martim Affonso escolheo a ponta de sobre a barra, onde estava hum baliarte, e alli esteve até chegar a sua Armada, que era de quarenta navios. E desembarcando toda a gente, poz estancias em terra, e arvorou suas bandeiras, e começou a correr com o serviço de Soltão Badur, mandando rodear a Ilha pelos eatures pera defenderem os passos, se os Magorés os viessem commetter, do que elles não tratavam, porque andavam espalhados pelo Reyno a roubar; e alguns Regulos Resbutos por renirem suas vidas, e Estados se foram pera o Magor, e se fizeram seus vassallos; mas outros que viviam em serras, e passos estreitos, fortificaram-se nellas, e se defendêram, e todos os mais foram destruidos dos Magores, e os que podiam escapar de suas mãos vinham fugindo pera Dio, onde estava Soltão Badur, cuidando que se seguravam; porque na verdade, não ha cousa que mais anime os vassallos, que a presença do seu Rey, quando elle não he tão fraco, e acovardado como este barbaro; que nisto passou tanto os limites da natureza, que nem com quantas se-

guranças o Capitão mór lhe dava, e por muito que trabalhava pelo animar, nada bastava; porque como cada dia vinham os pobres, e miseraveis fugindo de todas as partes pera aquella Ilha; atroando o Mundo com as cruzas dos Magores, assim se lhe resfriava o sangue, e lhe corria pelas veias hum humor frio, e malenconico, que quasi perdia o sentimento; e não havia momento, que não tivesse sobrefaltos, e que lhe não parecesse que os Magores eram com elle. (Quanto póde hum animo fraco de hum Capitão, que elle só he bastante pera fazer perder tamanhos exercitos como estes que o Badur tinha, que sempre foram vencedores, e nunca vencidos!) Aqui se cumprio bem aquelle dito antigo: Que antes tomariam hum exercito de ovelhas com hum leão por governador, que não hum de leões com hum ovelha por capitão.

CAPITULO VIII.

Da Armada que este anno de 1535 partio do Reyno : e de como o Embaixador de Cambaya chegou a Goa, e o Governador Nuno da Cunha mandou com elle Simão Ferreira pera assentar com o Badur o contrato das pazes, e dos Capitulos com que se concluíram.

PArtido o Embaixador de Cambaya de Chaul, deo-se tanta pressa, que chegou a Goa em tres dias; e sendo o Governador avisado de sua vinda, o mandou receber mui honradamente por algumas galés, e sendo trazido diante d'elle, o recebeo mui bem, e vio as cartas d'ElRey, e do Capitão mór, de que soube tudo o que era passado. O Embaixador lhe disse de palavra, que ElRey seu Senhor ficava em Dio muito alvoroçado esperando por elle, porque desejava muito sua amizade, e de lhe dar fortaleza naquella Ilha pera mór liança della: que lhe rogava, e pedia, que sem fazer detença alguma fosse ter com elle, porque cumpria assim a serviço d'ElRey de Portugal. O Governador lhe agradeceo aquella vontade que ElRey tinha, e fez ao Embaixador muitos cumprimentos; mandando-o agazalhar mui bem. E vendo que aquillo não era negocio pe-

ra se dissimular, despedio logo o Embaixador, e com elle Simão Ferreira com poderes bastantes pera o Capitão mór Martin Affonso de Sousa com elle assentarem, e confirmarem de novo pazes, dando-lhe algumas instruções, e apontamentos, dizendo-lhe que em Baçaim esperava por resposta sua, por que logo partia apôs elles; escrevendo a Soltão Badur grandes agradecimentos daquella mercê, e que se ficava embarcando com muita pressa pera o ir servir; e que entre tanto lhe mandava o Secretario, pera com o Capitão mór assentarem com elle as cousas, que cumpriam á segurança da paz, e amizade, que já em seu animo ficava firme, e segura. E ao Embaixador fez o Governador muitas mercês, e deo muitas peffas, e de sua jornada adiante daremos razão. O Governador mandou logo com muita pressa negociar galeões, e galés, tauris, e cotias pera levarem pedreiros, cavouqueiros, servidores, ferramenta, e mais petrechos necessarios pera a obra da fortaleza, de que mandou ajuntar grande cópia pelas Tanadarias de Goa. Poucos dias depois do Embaixador partido, chegaram á barra de Goa as náos que este Março passado de 1535 tinham partido do Reyno, que eram sete, de que era Capitão mór Fernão Petes de Andrade, e os outros Martin de Freitas, Thomé de Sousa, Jorge

ge Mascaranhas, Luiz Alvares, Fernão Camello, e Fernão de Moraes. Estas náos mandou ElRey cheias de muita, e boa gente, e com muito dinheiro, e cabedal: sem embargo de outra muito grande que em Portugal ordenava pera mandar de soccorro ao Imperador seu cunhado, que se fazia preses pera ir restituir a seu Reyno ElRey Muça Azei, Tunes, por lho ter tomado Barbaroxa. E o Infante D. Luiz deseioso de o acompanhar nesta jornada partio fugido, e afforrado pela posta. ElRey seu irmão depois que o soube, mandou-lhe huma grande Armada, de que foi Capitão mór Antonio de Saldanha, e dava Deos naquelle tempo dinheiro pera todas estas despezas, não rendendo a India a metade do que depois veio a render; e chegou o Reyno com isto a estado, que escassamente podia armar quatro náos pera esta carreira. Com a chegada desta Armada se embarcou o Governador, deixando encarregadas as cousas ao Capitão da Cidade D. João Pereira, com ordem pera despedir as náos pera irem tomar a carga a Cochim, porque elle havia de despedir de Dio as vias. Levou o Governador cem navios grossos, e miudos, em que hia embarcada muita, e mui lustrosa gente, e todas as cousas que lhe parecêram necessarias pera a fabrica da fortaleza, deixando

ordem pera se lhe mandar ainda mais, que se lhe ficavam fazendo, e negociando. Da da á véla com esta frota, foi seguindo sua jornada, em que o deixaremos, porque he necessário continuar com Simão Ferreira, que tanto que partio de Goa em companhia do Embaixador de Soltão Badur, tanta pressa se deo, que antes de quinze de Setembro chegou a Dio. Simão Ferreira se desembarcou na estancia do Capitão mór, e lhe deo as cartas do Governador, instrucções, e Procurações que levava. O Embaixador foi dar conta a ElRey da jornada, e da vinda de Simão Ferreira, a que elle logo mandou buscar pelo mesmo Embaixador, e por todos os Grandes de sua Casa, que o leváram, indo elle acompanhado de muitos Portuguezes. O Badur o recebeu com muita honra, e elle lhe deo a carta de crença do Governador, além de outra que lhe escreveu de cumprimentos. ElRey mostrou folgar com aquella pressa, e remetteo todos os negocios a Xacoez, e a Medinarrão Capitão da Cidade, e a outros Officiaes de sua Casa; porque todos com o Capitão mór capitulassent as pazes, o que logo se fez, ajuntando-se na estancia do Capitão mór, aonde se apresentáram os apontamentos de parte a parte, que vistos, e praticados se vieram a concluir na fórma seguinte:

» Que ElRey Soltão Badur se obrigava
 » a dar logo hum lugar naquella Ilha na pon-
 » ta de sobre a barra, pera se nelle fazer hu-
 » ma fortaleza da grandura, e tamanho que
 » o Governador quizeffc.

» Que lhe concedia, e dava o Baluarte
 » do mar sem a sua artilheria.

» Que de novo lhe dava, e confirmava
 » a Cidade de Baçaim com suas terras, e jur-
 » dição, assim, e da maneira que já pelo ou-
 » tro contrato lhe tinha dadas. » Estes são os
 » Capitulos que o Badur concedeo. Os seus que
 » lhe concedêram, são os seguintes:

» Que todas as náos de Mecca, que pe-
 » lo primeiro contrato eram obrigadas irem
 » a Baçaim, dalli por diante iriam á Ilha de
 » Dio, assim como d'antes costumavam, ás
 » quaes se lhes não faria força alguma; e que
 » querendo qualquer dellas por lya vontade
 » ir a Baçaim, o poderia fazer; e assim o fa-
 » riam todas as náos de todas as mais partes,
 » que navegariam assim á ida, como á vinda,
 » pera onde quizessem livremente, mas que
 » todas seriam obrigadas a tomar salvo condu-
 » cto dos Capitães d'ElRey de Portugal.

» Que naquella Ilha de Dio não teria El-
 » Rey de Portugal nenhuma rendas, direi-
 » tos, nem entradas, nem jurdição alguma
 » sobre seus naturaes: e que sómente pos-
 » suiria a fortaleza das portas a dentro.

» Que os cavallos da Persia, e Arabia,
 » que pelos contratos passados eram obriga-
 » dos a ir a Baçaim, dalli por diante iriam
 » a Dio, aonde pagariam direitos a ElRey
 » de Portugal, segundo o côstume de Goa.
 » E que os cavallos que se alli não compraf-
 » sem, poderiam seus donos tornar a levar li-
 » vrementemente pera onde quizessem. E que isso
 » mesmo todos os cavallos que viessem dos
 » portos de Meça seriam livres, e não pa-
 » gariam direitos alguns.

» Que ElRey de Portugal, e seus Go-
 » vernadores não mandariam fazer guerra ao
 » Estreito do mar Roxo, nem nos lugares
 » da costa da Arabia; e que todas as náos
 » daquellas partes navegariam livremente sem
 » as nossas Armadas entenderem com ellas.
 » Mas que havendo Armada de Rumes, e
 » Turcos, então os poderiam ir buscar, e
 » fazer-lhes guerra.

» Que os Reys de Portugal, e os de Gu-
 » zarate seriam amigos de amigos, e inimi-
 » gos de inimigos. E que o Governador Nu-
 » no da Cunha seria obrigado a ajudar a el-
 » le Soltão Badur com todo o seu poder por
 » mar, e por terra contra seus inimigos.»

Estes contratos assignou Soltão Badur, e
 jurou de guardar, e cumprir perante o Ca-
 pitão-mór, Simão Ferreira, e Capitães da
 Armada, de que se passaram dous instrumen-
 tos,

los, hum pera ficar em poder dos Officiaes do Soltão Badur, e outro pera se levar ao Governador a Baçaim, aõnde havia de esperar por recado. Soltão Badur despedio logo o Embaixador Xacoez com o traslado dos Capitulos, e lhe escreveo elle, e o Capitão mór, pedindo-lhe que logo se fosse pera Dio. Chegado Xacoez a Baçaim, já achou o Governador, e dando-lhe as cartas, e Capitulos, os festejou muito. E porque a carta do Badur he substancial, nos pareceo bem ir aqui junta, que continha o seguinte:

» Nomeado do Grande Rey, leão do
 » mar das aguas azuis, Nuno da Cunha por
 » mercê d'El Rey seu Capitão mór. Sabe-
 » reis que o Secretario Simão Ferreira fiel
 » privado em ambas as partes, e Xacoez fi-
 » lho dourado vieram a mim, e me deram
 » a carta que me enviastes, onde vi, e en-
 » tendi mui bem vossa vontade, e desejo,
 » o que antes disso Xacoez me tinha declara-
 » do; mas agora por boca de Simão Ferrei-
 » ra me acabei de certificar da vossa amiza-
 » de. Pelo que o que tantos annos ha que se
 » não pôde cumprir, nem vos houvera de
 » vir ás mãos tão cedo, (que he lugar pera
 » estarem Portuguezes em Dio,) eu vos faço
 » mercê d'elle da banda que quizerdes, af-
 » sim como me mandais pedir com todas as
 » condições, que Simão Ferreira por virtu-
 » de

» de da vossa Procução outorgou , como
 » sabereis por sua carta , e por palavra de Xa-
 » coez , que lá vai. Agora he necessario , que
 » tanto que esta vos for dada , sem dilação
 » alguma vos venhais com Xacoez. Eu ti-
 » nha escrito ao Capitão mór que se viesse
 » pera mim , e tanto que vio meu manda-
 » do , logo se veio a minha casa , com o
 » que eu folguei muito , e o detive pera me
 » servir. Feita em Dio a vinte e oito de Se-
 » tembro. » O Governador tanto que vio os
 Capitulos , e contratos , largando tudo , em-
 barcou-se com muita pressa , e atrevesando
 aquelle golfo foi surgir aos dez dias de Ou-
 tubro na barra de Dio , aonde logo foi vi-
 sitado da parte do Soltão Badur , pedindo-
 lhe que desembarcasse em terra , que lhe da-
 riam lugar pera se aposentar com toda sua
 gente. O Governador lhe respondeo , que
 logo lhe iria beijar as mãos , e servillo em
 tudo , porque pera isso era alli vindo. Mar-
 tim Affonso de Sousa logo se vio com o Go-
 vernador , e lhe deo conta do estado em que
 as cousas estavam , e chamando todos os Ca-
 pitães , e Fidalgos velhos a conselho , tra-
 tou com elles sobre o modo que teria nas
 vistas com Soltão Badur. E por todos foi af-
 sentado , que agora que elle estava quebra-
 do , e em estado que se valia delle , que o
 fosse visitar a sua casa , sem outros pontos ,
 nem

em ceremonias, porque tambem elle estava em cama mal desposto, e que agora já se viam como amigos. Concluido isto, mandou o Governador recado por toda a Armada, pera que todos se preparassem o mais custosamente que pudessem pera o dia da desembarcação.

CAPITULO IX.

De como o Governador Nuno da Cunha se vio com Soltão Badur, e de novo confirmáram as pazes, e se começou a fortaleza: e de alguns soccorros que o Governador deo ao Soltão Badur contra os Magores.

AO terceiro dia da chegada do Governador, em que tinha ordenado ver-se com ElRey, passando toda a gente aos navios de remo com a euchente da maré, foi entrando pera dentro, porque até então esteve de fóra do baluarte no pouso das náos. Hiam os navios formosamente toldados, e embandeirados de sedas de cores, tangendo muitos instrumentos, até defronte das casas d'ElRey onde surgio, e salvou com toda a artilheria, e o mesmo fizeram os galões de fóra, dando hum mui soberba, e formosa mostra. O Governador mudou-se da galé em que hia a hum bargantim toldado de

de borcado, e formosamente embandeirado, e foi-se entretendo até todos os navios pôrem os proizes em terra de longo da praia defronte dos Paços d'ElRey; tendo o Governador dado ordem a todos, pera que effivessem prestes, e armados pera tudo o que succedesse. Depois de todos os navios terem chegado a terra, foi o Governador passando por entre elles, que o foram salvando por ordem, e pondo a prôa defronte dos Paços desembarcou acompanhado do Capitão mór, de Garcia de Sá, Pero de Faria, Fernão Rodrigues de Castel-branco Ouvidor geral, e de João da Costa Travaços, que aquelle anno chegára de Portugal provído do cargo de Secretario. Á borda da agua achou o Governador a Xacoez, e a Medinarrão Capitão da Cidade, e com elles Alucan, Coge Coçar, Zengircan, e outros Capitães que o esperavam por ordem d'ElRey, a quem o Governador fez muitos gazalhados, porque lhos deu Xacoez a conhecer; e assim acompanhado de hum grande tropel entrou em Casa d'ElRey. Hia o Governador vestido á Hespanhola, calças inteiras ricas, sapatos de veludo, saio preto até os joelhos aberto, com mangas cortadas, tomados os golpes com pontas, e botões de pedraria, e os braços tirados pelos golpes do saio, e por dentro huma coura de seda rica guarne-

cida de ouro, aos hombros hum rico collar esmaltado, na cabeça gorra com plumas, e medalha, espada, adaga, e talabartes de ouro, e na mão hum bastão, assim, e da propria maneira que hoje está retratado na casa dos Governadores. E como era hum dos grandes, e formosos homens de Portugal, em pondo os olhos nelle, quem o não conhecêra, logo o julgára por quem era, e certo que em tudo parecia digno do cargo que representava. Ao entrar da camara em que ElRey estava, o não fez com elle mais que Xacoez, e os linguas Marcos Fernandes, e Coje Percoli, e Fidalgos Martim Affonso de Sousa, Garcia de Sá, Pero de Faria Ouvidor Geral, e Secretario. A casa, em que ElRey estava, era cuberta de alcantifas ricas por baixo, e as paredes de panos de ouro, e seda. Jazia ElRey em huma camilha muito rica, vestido em huma cabaia muito fina, e com huma touca branca na cabeça, e nos dedos anneis muito ricos. O Governador foi entrando pela casa com grande continencia, repouso, e gravidade, e antes de chegar hum pouco á cama d'ElRey, tirou a gorra, e lhe fez mesura ao modo Portuguez. ElRey se suspendeo todo da cama, e o gazalhou com hum repouso alegre, e gracioso. Algumas pessoas dizem, que o mandou assentar; outros

nos affirmáram que lhe fallára de pé, e que logo o despedira; mas as palavras pontuaes que lhe ElRey disse foram estas: *Venbais embora, leão do mar, fólgo de vos ver, cousa que muito desejava. Como vindes do caminho?* O Governador fazendo-lhe sua cortezia, lhe mandou responder pela lingua, que vinha mui bem pera servir a Sua Alteza, como amigo que era d'ElRey de Portugal seu Senhor, pera o que estava prestes com todo o poder que na India tinha. ElRey mostrou folgar muito com aquelles complimentos, e lhe disse que fosse repouzar, que Xacoez, e Medinarrão correriam com elle em todas as cousas que fossem necessarias, porque pera tudo lhes tinha dado seus poderes. O Governador se despedio d'elle, e se tornou a embarcar, acompanhando-o até á praia todos os da Casa d'ElRey, e levando ancora foi surgir com toda a Armada defronte da ponta onde estava o Capitão mór. Ao dia seguinte desembarcou, e mandou armar suas tendas, e logo foram a elle Xacoez, e Medinarrão, e começaram a tratar os negocios, e de novo tornáram a renovar as Capitulações, e se juráram as pazes aos vinte e cinco dias do mez de Outubro, assim por ElRey a seu modo, como pelo Governador; o que se fez com a mór solemnidade, pompa, e magestade que podia ser, com mui-

to gosto (segundo então parecia) d'ElRey, que na verdade o não tinha, como depois mostrou. E logo o Governador correo com Medinarrão, Xacoez, e mais Officiaes d'ElRey, que foram ver, e marcar o lugar para a fortaleza, que o Governador escolheo á sua vontade, e lhe poz seus marcos, e balizas, de que foi logo mettido de posse pelos Officiaes d'ElRey, e assim do baluarte do mar, tirando-lhe primeiro a artilheria que dentro tinha conforme ao contrato. Esta posse se celebrou com grande apparatus, e instrumentos de alegria, e de tudo se fizeram autos, e papeis assinados por ElRey, e por seus Officiaes, que devem de estar na Torre do Tombo do Reyno, porque na India não ha mais que algumas lembranças em alguns livros velhos de Regimentos daquela fortaleza, donde nós tirámos a substancia. Feito isto, mandou o Governador desembarcar as cousas necessarias para a fortaleza, e toda a gente Canarim que de Goa trouxe, assim de armas, como de officiaes, que se aposentaram em huma parte da Ilha separada, que de seu nome se ficou chamando *Canarim Vará*, que em sua lingua quer dizer: *Povoação dos Canarins*. E os Officiaes d'ElRey mandaram trazer das aldeias vizinhas huma grande cópia de cavouqueiros, e pedreiros, com que logo mandou o Governador

pôr mãos á obra dos alicesses , dando elle as primeiras enxadadas ao tom de muitos instrumentos , festas , e alegrias. Foram-se abrindo os alicesses de mar a mar com tanta pressa , que quando foi aos vinte e humdo mez de Dezembro , (dia do Bemaventurado Apostolo S. Thomé Padroeiro da India ,) lançou o Governador com sua mão a primeira pedra do baluarte , a que se deo o nome do Santo , o que se fez com grande solemnidade de Prelados revestidos , que como he costume a benzêram. Começou-se com muita pressa a pôr as mãos á obra , sendo os primeiros que apegavam das padiolas , e dos cestos de cal os Fidalgos , e Capitães , achando-se sempre o Governador presente a tudo , e festejando-se tanto a obra da parte dos naturaes , como da nossa , andando sempre o Governador com a mão na bolsa , dando aos pobres , e miseraveis que trabalhavam , e fazendo mercês a muitos outros , com o que acudiam tantos que sobejavam. A hum Fidalgo honrado daquelle tempo ouvimos dizer , que vendo Nuno da Cunha o sitio da fortaleza , e a pressa com que se fazia , olhando pera certos Fidalgos que estavam junto delle , lhes dissera : *Vedes vós , Senhores , esta fortaleza , que com tanto alvoroço se faz , sabei que ainda ha de ser sepultura de muitos Portuguezes ; e praza a*

Deos que se tenha cumprido esta profecia nos que morrêram naquelles dous espantosos cercos, que adiante tratamos na quinta, e sexta Decada. Indo a obra crescendo, não deixavam de acudir a Dio os rebates dos Magores, que ainda andavam pelas terras do Reyno de Cambaya á sua vontade, e naquelles dias chegou hum catur de Baroche com carta daquelle Capitão, em que pedia a ElRey o soccorresse, porque tinha por novas, que os Magores determinavam de ir commetter aquella Cidade, pera o que elle se quiz valer do Governador, e lhe mandou pedir algum Capitão com soldados pera se irem metter nella, e favoreccrem os seus, porque com verem Portuguezes se animariam todos a se defenderem. O Governador encommendou aquelle negocio a Manoel de Macedo, a quem deo dous navios com setenta Portuguezes, mandando Soltão Badur em sua companhia hum Capitão seu com quinhentos homens em outros navios. E fazendo-se á véla, chegaram a Baroche, e Manoel de Macedo se foi metter na Cidade, e com o Capitão della andou vendo os muros, e baluartes, provendo-os de gente, e Capitães, e renovando algumas partes rotas, e damnificadas, deixando-se elle ficar de fóra com os seus soldados pera acudir onde fosse necessario, animando, e esforçan-

do os naturaes pelos ver acovardados, e atemorizados das cousas que cada dia ouviam dos Magores. Hamau Paxá, que andava já senhor de todo o Imperio Guzarate, estava na Cidade de Amadabá, e dalli despedio seu irmão Afsan Mirza com dez mil cavallos pera ir dar na Cidade de Berodora, e Baroche, que eram grandes, e ricas. Este pelo caminho foi destruindo todas as Villas, e lugares até chegar á Cidade de Berodora, que era riquissima, em que se fazem as mais finas roupas de côres, e capas pera as colchas de todo o Guzarate. Esta Cidade tanto que teve novas de sua vinda se lhe despejou por ser toda de Gentios mecanicos, e entrando-a os Magores, sem resistencia a saqueáram, e roubáram, destruindo, e assolando seus edificios, que eram muitos, mui grandes, e sumptuosos. Depois de fartos de roubos, e cruezas foram caminhando pera Baroche, levando diante de si muita gente que lhe hia fugindo, que deo novas em Baroche como os Magores vinham apôs elles. Isto metteo tamanho medo nos naturaes, que sem esperarem ver o rosto aos inimigos, largando tudo começáram a fugir, e a desamparar a Cidade, que era cercada á roda de muros, e baluartes, e por nenhum caso os Magores os podiam entrar, se houvesse qualquer defensão. Manoel de Macedo ven-

do aquelle medo, e defatino tanto nos grandes, como nos pequenos, acudio com muita pressa aos deter, esforçando-os, e animando-os, e persuadindo-os a lhe ajudarem a defender sua Cidade, que elle com os Portuguezes que tinha a defenderiam até morrerem todos; e que era pouquidade, e covardia de animo fugirem sem verem de que: que esperassem os inimigos, e que quando vissem que elle os não rebatia, e affastava dos muros daquella Cidade, que então fizessem de si o que lhes melhor viesse; dando-lhes muitas razões pera não haverem de recear os Magores, e que de hum dia pera o outro teriam muitos soccorros do Governador. Mas como o medo tinha já entrado em seus corações, nenhuma destas cousas os quietou, antes desordenadamente se foram da Cidade largando-a, e deixando-a deserta assim os moradores, como o Capitão, e gente que ElRey mandou em sua companhia. Vendo Manoel de Macedo aquelle defatino, deixou-se ficar na Cidade até apparecerem os inimigos. E não sendo possivel defendella, por ter mais de huma legua em roda, tambem se embarcou em seus navios, e se fez á véla pera Dio, e deo conta ao Governador de tudo o que passou, e elle lhe teve muito a bem o que fez.

CAPITULO X.

De como Hamau Paxá Rey dos Magores se recolheo pera seus Reynos, por lhe entrar por elles hum Rey dos Patanes: e de como Soltão Badur o foi seguindo, inda em sua companhia Martim Affonso de Sousa: e do que lhe na jornada aconteeço.

HIa o Governador Nuno da Cunha continuando na obra da fortaleza com tanta pressa, que aos nove dias de Fevereiro, dia de Santa Apollonia, estava já toda em roda, na altura do andar das ameias, e no mesmo tempo se acabou a cava; porque pela multidão dos trabalhadores se repartiram os baluartes de feição, que quando se acabou hum, acabáram todos. Soltão Badur trazia grandes espias sobre os inimigos, e cada dia era avisado do que faziam, e perto dos quinze dias de Fevereiro teve rebate que os Magores se recolhiam pera suas terras muito apressados por lhes virem novas que os Patanes vinham sobre ellas. Com estas novas resfolegou o Badur, e começou a fazer preparamentos, e ajuntar a gente de cavallo, que estava recolhida pelas aldeias da outra banda pera ir apôs os inimigos, mandando diante alguns Capitães pera que fossem ajuntando toda a gente que pudessem, como

fizeram. Elle se poz em campo com dez mil de cavallo, que eram os ordinarios, e que o seguiam sempre; e mandou pedir ao Governador, que lhe dêsse Martim Affonso de Sousa com mil Portuguezes pera o acompanhar nesta jornada. O Governador vendo que pelo contrato das pazes estava obrigado a lhe dar todo o favor, e ajuda que lhe pedisse, e por outra parte entendendo que se lhe concedesse o que pedia, punha toda aquella gente a muito grande risco, e perigo, porque não sabia se aquella retirada dos Magores sería invenção, e ardil de guerra, pera ver se podia haver ás mãos o Badur; porque sendo assim, e voltando os inimigos, estava muito certa sua perdição por sua grande covardia, e que os Portuguezes haviam de ficar todos na cilada, porque não haviam de fugir. E praticando todas estas cousas em conselho com os Capitães, e Fidalgos velhos, lhes pediu seu parecer. Mas primeiro que fallassem, como Martim Affonso precedia a todos por Capitão mór do mar, levantou-se em pé, e disse, que elle estava prestes pera naquelle negocio arriscar a vida, honra, e liberdade, porque menos era perder tudo isto, que huma tamanha occasião de mostrar a lealdade, e valor Portuguez, e ganhar naquella jornada huma tamanha honra; e que quanto maior fosse o perigo,

tan-

tanto maior era o desejo que tinha de se ver nelle. Quanto mais, que nada se arriscava em seguir homens, que já por si hiam desbaratados, e desmandados, acudindo a suas terras: que lhe fizesse mercê conceder-lhe aquella jornada, porque negando-lha, maior risco corria a fama do nome Portuguez, que sua vida, e mais estando tão obrigado pelo contrato das pazes, que tinha juradas de lhe dar todo favor, e ajuda necessaria pera tornar a cobrar seus Reynos, e que por sinia de tudo só pela confiança, que aquelle Rey attribulado tinha nos Portuguezes, se lhe havia de conceder o que pedia. O Governador lhe louvou aquelle zelo, e vontade com que se offerecia pera aquella jornada, assim por serviço do seu Rey, como por honra de sua nação, e assim lha concedeo, assinando-lhe quinhentos homens, o que lhe elle teve em mercê. E logo lhe acudiram a se lhe offererem os melhores, e mais lustrosos de toda a Armada. Soltão Badur estimou muito aquelle soccorro, porque lhe foi Martim Affonso dar mostra com a sua gente, que foi huma cousa formosissima de ver; e mandou dar cavallos a todas as pessoas que os quizeram, e todas as mais cousas necessarias. El Rey passou-se logo á outra banda, e começou a marchar, levando sempre apar de si Martim Affonso com todos os Portuguezes,

zes, que tomou pera guarda de sua pessoa. Os Fidalgos, e pessoas principaes que foram nesta jornada eram Manoel de Sousa primo com irmão de Martim Affonso de Sousa, Fernão de Sousa de Tavora, Francisco de Sá dos oculos, D. Diogo de Almeida Freire, Martim Correa da Silva, Manoel de Sousa de Sepulveda, Antonio Meniz Barreto, e hum Foão Freire, que era provido da Capitanía de Cananor, e outros. ElRey foi caminhando apressadamente, e antes de chegar á Cidade de Amadabá, teve rebate que os inimigos tornavam a voltar, e apòs o recado começou a vir o tropel das gentes das aldeias, que vinham fugindo. Soltão Badur ficou tão sobrefaltado, que perdido o animo perguntou a Martim Affonso de Sousa que faria, (que como estava fóra do medo que elle tinha, e naturalmente era resoluto, e de grande conselho) disse, que se recolhesse a hum monte grande que estava no cabo do campo em que elles estavam, (pera onde vio recolher toda aquella gente que vinha fugindo, que estava todo cuberto della,) e que alli no cume d'elle puzesse as insignias Reaes, porque vendo-as os inimigos, e cuidando que toda aquella gente era de guerra, estava certo não o ousarem a commetter. E posto que o quizessem fazer, o monte era grande, e accommodado

do pera se defenderem nelle , e que se se-
gurasse , porque elle , e todos os Portugue-
zes o defenderiam ao Mundo todo , e que
primeiro haviam de morrer diante delle por
defensão de sua pessoa , que seus proprios na-
turaes. O Badur pareceo-lhe bem aquelle con-
selho , quietando-se com ver o animo , e se-
gurança de Martim Affonso de Sousa , e foi-
te recolhendo pera o monte sempre no meio
dos nossos ; e ainda não era bem em cima ,
quando arrebentou pelo campo Ascari Mir-
za irmão do Rey dos Magores com oito mil
de cavallo escolhidos , que se vinha recolhendo
de Barochie , por ElRey seu irmão lhe
ter mandado recado que se recolhesse , e fi-
casse com aquella gente na sua retaguarda ,
como o hia fazendo. E estando na Cidade
de Amadabá teve aviso de como Soltão Ba-
dur hia apòs elle com pouco poder ; pelo
que tornou a voltar por ver se o podia co-
lher ; e tanto que chegou áquelle campo ,
que vio a multidão de gente sobre o mon-
te , conhecendo as insignias Reaes , cuidan-
do (como Martim Affonso de Sousa disse)
que toda era de guerra , foi dando vista pe-
lo pé do monte , e cingindo o campo desap-
pareceo delle. Martim Affonso de Sousa , con-
tra vontade d'ElRey , com esses poucos de
cavallo de sua companhia desceo abaixo pe-
ra tomar vista dos inimigos , e os vio en-
trar

trar por algumas aldeias a que deram fogo; e vendo que não podia remediar aquelles damnos por não ter gente, tornou-se a recolher muito pezaroso de lhe não poder dar hum toque. O Badur ficou alli toda aquella noite com grandes vigias, deitando espias apôs os Magores, e ao outro dia soube serem recolhidos. E receando-se de outras ciladas, tratou de se recolher a Dio, mandando alguns Capitães com cavalloos ligeiros pera seguirem os inimigos até de todo os lançarem fóra do Reyno. ElRey chegou a Dio muito contente dos nossos, e fez a todos muitas mercês, e entre tantos males hum só bem tinha, que era ser muito liberal, e grandioso, e tanto, que se affirma, que visitando-o Martim Affonso de Sousa dia de Reys, lhe dera elle peças de ouro, e pedraria, que valiam vinte mil cruzados, porque lhe disse João de Sant-Iago, que naquelle dia se costumavam a dar Reys. Assim deixaremos agora estas cousas, por darinos a conhecer os Magores, em que até agora fallámos, porque he assim necessario pera a historia.



DECADA QUARTA.
LIVRO X.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

Da origem, e principio dos Magores, e Tartaros, e Provincias que possuíram: e do tempo em que recebêram a Lei de Christo: e de como entre elles se constituiu a dignidade do Preste João, a que chamam das Indias: e de como se traspassou no Imperador da Ethiopia.

JÁ que agora tratamos dos Magores, (de que muitas vezes havemos de fallar,) razão será que os demos a conhecer ao Mundo, e mostremos donde tiveram principio, e origem; porque nos não lembra termos visto escriptura alguma, que nos desse verdadeiro conhecimento destes barbaros, posto que confusamente muitos Authores escrevessem delles, havendo-os por Tartaros, o que tudo logo apontaremos, e traremos a verdade á luz, porque **N**a tirámos de suas

proprias histórias, que em lingua Persica a-
 chamos em poder de huns Embaixadores
 dos mesmos Magores, que a esta Cidade de
 Goa vieram. E porque havemos de tomar
 a cousa de longe, e forçado nos havemos
 de estender, nos devem perdoar os leitores,
 posto que isto servirá só pera curiosos de an-
 tiquidades, que nos devem bem de agrade-
 cer o trabalho, que nisto tomamos, por ti-
 rar a confusão que até agora houve nestas
 cousas. Pelo que se ha de saber, que nas his-
 torias Tartaras, e Persicas se acha proce-
 derem estas gentes de hum dos netos de Noé
 (a que elles chamam Noa) filho de Japhet,
 chamado Turc, que na repartição do Mun-
 do dizem caber-lhe esta parte de Asia. Des-
 te Turc não achamos feito memoria em es-
 critura alguma outra; porque nem na Sagra-
 da, nem em Josefo de *Antiquitatibus*, nem
 em Beroso, nem em todos os mais Autho-
 res, que escrevêram da povoação do Mun-
 do depois do diluvio, não achamos nomea-
 do a Japhet, mais destes sete filhos, Gomer,
 Magog, Medir, Javan, Tubal, Moscho,
 e Tiras, que povoáram toda a região que
 jaz do monte Amano, e Tauro até o Ta-
 nais. Destes dizem, que o segundo chama-
 do Magog, e pela ventura, que este seja o
 Turc, formou de si os Magogas, a quem os
 Gregos chamam Scithas. Por onde pois dam

as escrituras Tartaras a este Turc seu principio, e affirmam ser filho de Japhet, deve ser este o mesmo Magog, e pela ventura que o Turc seja filho deste, que nisso vai pouco. Este Turc entre alguns filhos que teve, o mais velho se chamou Acharus, que tambem teve muitos filhos, e o maior foi Huncha, destes nascêram outros, o primeiro foi Debacu, este gerou a Cuive, com outros irmãos de Cuive nasceo Alangim, e outros filhos, porque elles não fazem menção mais que dos primogenitos, que ficavam antre elles como cabeças, e juizes dos mais. Este Alangim teve muitos filhos, e os dous primeiros se chamáram Tartar, e Mongal. Estes sendo homens, (por haver já grande multiplicação, e hum grande número de homens, e mulheres, divididos em tribus, governados, e regidos pelos irmãos mais velhos,) tratáram de se dividirem, e apartarem; assim porque a parte em que viviam os não podia sustentar já a todos, como porque entrava já com elles a cubiça de reinar. E assim o Tartar mais velho escolheo aquella parte debaixo do Norte, que jaz de sessenta e seis grãos pera cima fóra do Imao, a que Ptolomeu chama Scirhia. E porque até então nenhuma terra daquellas tinha nome proprio, nem havia Cidades, nem povoações, por viverem debaixo das Lapas, poz o Tartar

tar aquella parte que escolheo Tartaria. O segundo irmão Mongal foi descendo pera baixo com sua familia, e com muitas tribus que o quizeram seguir; e foi parar do lmao pera dentro de sessenta grãos pera baixo, e parecendo-lhe a terra bem, deixou-se ficar nella, pondo nome a toda aquella Provincia Mongalia, e por tempos todos os seus povoadores della se chamáram Mongales, que he o seu verdadeiro nome, e não Magores, como corruptamente lhe chamamos. E succedendo-lhes os filhos mais velhos no governo, vieram a formar povoações, e dividir toda aquella parte em Provincias, como a de Sanchion, Saccuir, Campion, Gerorza, Bargu, Carcorim, Tangut, e outras, que todas tomáram o nome de seus povoadores, ficando-se chamando Mongalia. Desta Provincia nos deram confusamente conhecimento os Padres Fr. Odorico de Frivli da Ordem dos Menores, que faleceo nos annos de 1331 Santo, e fazendo milagres; e o Padre Fr. Anselmo Dominico, que nos de 1247 o Papa Innocencio IV mandou por Embaixadores ao Grão Cão Senhor do Cathayo, que era Christão, (como refere Marco Polo Veneto no seu Itinerario,) que não fazendo differenças destas Provincias, Tartaria, e Mongalia, as fazem ambas huma, como se vê no primeiro capitulo do seu Iti-

Conto. Tom. I. P. II.

Bb

nc-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

nerario, que daquella jornada fizeram, que anda junto ao de Marco Polo, onde dizem achar-se nas partes do Oriente huma Provincia chamada Mongal, ou Tartaria; e que estava situada naquella parte que o Oriente se ajunta com o Aquilon, e que não tinha Cidades, nem Villas, ainda que sómente huma chamada Corcorim. Abifalda Ismael, que foi hum Senhor da Suria, grande Cosmografo, (que concorreo nos annos de Mafamede setecentos e quinze, que são de nossa Redempção 1308,) na descripção que faz da Provincia da China, diz, que da parte do Ponente tem a India do meio dia o mar Indico, do Levante o mar Oriental, e da Tramontana as Provincias de Magog. Mustero na sua Cosmografia diz no seu quinto livro, que Mongalia, e Tartaria são huma mesma Provincia. Marco Polo Veneto no segundo livro do seu Itinerario fol. 16, fallando da Provincia Tendur diz, que junto della ha duas regiões chamadas Og, e Magog, e os que nellas moram se chamam Ung, e Mongal: em cada huma dellas ha huma nação de gente, e que os de Ung são Cog, e os de Mongal são Tartaros. Desta confusão (que havia de nascer da traducção do seu livro) vieram os nossos modernos a fazerem os Magores, e Chaqueraes (de que logo fallaremos) Tartaros, sendo bem diffe-

rentes nas Provincias, posto que todos descendam de huns mesmos avoengos; como por exemplo vemós nos Hespanhoes, e Portuguezes, que procedendo todos de Tubal, que povoou as Hespanhas, huns se chamáram Hespanhoes de Hispan, filho de Hispalis, e os outros Lusitanos de Luso filho de Siccelio, que foi o primeiro que naquella parte reinou antes da vinda de Christo 1505, segundo Beroso. Assim todos os que ficáram povoando aquella parte, que já mostrámos, que coube ao irmão Tartar, se ficou chamando Tartaria, e seus naturaes Tartaros. E a que coube ao irmão Mongal se chamou Mongalia, e todos os habitadores della Mongales. Estes foram sempre mais famosos, e poderosos que os Tartaros, e conquistáram mais Provincias, e Reynos que elles, como adiante se verá. Esta gloria lhe tem roubado o tempo pela confusão que houve em os haverem por Tartaros todos os que até hoje escrevêram. E deixando os descendentes do Tartar, continuaremos com os de Mongal.

A este nasceu hum filho com as mãos fechadas, e abrindo-lhas lhe acháram dentro postas de sangue; pelo que lhe puzeram nome Ogus, que quer dizer abrir. Este teve seis filhos, e o mais velho se chamou Gun, que foi o primeiro que começou a governar

antre elles com mais superioridade, tomando titulo de Can, a que communmente chamamos Cão, que antre elles quer dizer Senhor, ficando-se chamando Gunchan. Este teve muitos filhos, e o que lhe succedeo na governança se chamou Hiel-Dux-Chan, que quer dizer em sua lingua *Estrella* por ser formoso: e affirmam, que nasceo com humma na testa. A elle succedeo seu filho Mungel Chan, e a elle seu filho Tanguis Chan, e apòs elle succedeo seu filho Hil Chan. No tempo deste reinava na Provincia Tartaria hum Senhor chamado Feridum. Todos estes Magores teve debaixo de seu dominio, e discorrendo pera o Ponente sujeitou toda aquella Provincia, que corre dos desertos de Lop até o rio Jasartes por quarenta e oito grãos até os sincoenta, onde deixou hum filho chamado Turc, que deo nome a toda aquella região de Turc, e Estan, que quer dizer Provincia de Turc; e sujeitou tambem pera o Ponente Afogdiana, Bactriana, Aracofia, e outras Provincias. E porque até então não havia Cidades, nem povoações por aquellas partes por serem todos os seus naturaes como brutos, edificou este barbaro de novo algumas. Na Mongalia fez huma formosa Cidade chamada Mavarena, de que hoje não ha noticia; mas por conjeituras julgamos que deye de ser a de Tendul, que

sempre foi cabeça, e assento dos Reys que alli reináram. Outra Cidade edificou na Sogdiana, a que chamou Comarcant, que até hoje conserva seu nome. Outra fez na Provincia Bac Triana, chamada Balc, aonde já residíram seus Reys, e hoje he mui conhecida, por ser huma das principaes Cidades do Imperio Coraçone, a quem depois os Husbeques a tomáram, como em seu lugar diremos. Desta feita ficáram os Tartaros senhores de ambas as Provincias Tartaria, e Mongalia perto de duzentos annos; até que hum Senhor de Mongalia chamado Hiel Dux, ajuntando os Magores, que andavam derramados pelos campos, fazendo-se cabeça de todos elles, tornou a senhorear toda aquella Provincia, e ainda parte de Tartaria, matando aquelle Rey em huma batalha. Tornáram assim os Tartaros a ficar sem cabeça, vivendo pelos campos sem ordem com seus gados, e familias, fazendo-se os Reys que foram succedendo na Mongalia muito poderosos, até que o Filho de Deos veio á terra a remir o genero humano, e seus Discipulos se espalháram pelo Mundo a prégar a Lei de Graça, que os Magores recebêram logo no principio. Mas como naquelle tempo não utávam ainda de letras, nem caracteres, nem tinham conta de annos, nem entendiam as revoluções da Lua, não sabem

dizerem em que tempo, nem por quem foram feitos Christãos. E revolvendo nós sobre isto muitos livros, por sem dúvida temos, que o Bemaventurado Apostolo S. Thomé foi o primeiro que lhes prégou a Lei Evangelica, e que deo ordem áquella Christianidade, que se infere muito claro daquellas palavras de Santo Isidoro no seu livro de *Ortu, & obitu Sanctorum*, onde diz assim: » O Santo Apostolo Thomé prégou o Evangelho aos Parthos, Medos, Persas, Babilonianos, e passando adiante ás partes Orientaes, e á terra dos Indios, prégou até sua morte, que foi ás lançadas. » E como os Tartaros, e Magores misturados andavam conquistando aquellas Províncias, de crer he que o Santo os converteria facilmente, porque até então viviam sem lei, e adoravam o Sol como author de todas as cousas creadas. Santo Antonino na primeira parte, fallando do Apostolo, diz estas palavras: » E depois disto foi o Santo Apostolo á India superior, onde fez muitos milagres, e converteo muita gente. » Donde se vê claramente, que passou ás partes assima da India bem pera baixo do Norte, a que os Geógrafos modernos chamam India superior, ou India maior em differença da nossa que he a menor. E o que certifica mais esta nossa opinião, foi o testemunho de hum Bispo Ar-

menio natural de Babylonia, que na Cidade de Meliapor foi perguntado por cousas do Santo em huma inquirição, que ElRey D. João mandou tirar da vida, morte, e milagres deste Santo, em cujo testemunho diz o Bispo estas palavras: » Que havia quinze annos que estava naquella Cidade de Meliapor, e que ouvira dizer a muitos Christãos, e Gentios velhos de Bisnagá, e em Babylonia, donde era natural, que o Apostolo S. Thomé fora enviado por Deos Nosso Senhor a estas partes da India em companhia de Judas Thaddeo, e que foram ter a Babylonia, e que dalli se passáram através de Baçorá a huma terra chamada Calacadaca, onde S. Judas ficára, e S. Thomé se passára á Arabia, e fora á Ilha de Sacotorá, aonde fez muitos Christãos, e huma casa de oração; e que dalli se passára ao Reyno de Narínga, e na Cidade de Meliapor fizera muitos Christãos; e depois de gastar alli alguns annos se fora pera as partes da China, e que estivera em huma Cidade chamada Cambalia, aonde hum Rey residia, e que alli fizera grande Christandade, e alevantára Templos, e que dalli se tornára a Meliapor, aonde fora morto. » De tudo isto se vê bem claro, que aquella Christandade que fez por aquellas partes, a que chamia pera banda da China, fo-

ram estes Tartaros, e Magores; porque a Cidade de Cambalia que nomea, sabidamente he a de Cambalec, ainda que communmente lhe chamam Cambalu, mas o seu proprio nome he Cambalec, aonde hoje vivem os Imperadores do Cathayo, que são Christãos destes que fez S. Thomé; o que parece que antes que se tornasse daquellas partes, vendo que deixava muita Christandade, ordenaria alguns Bispos, e constituiria aquella dignidade, (a que communmente chamamos Preste João,) pera que tivesse superioridade sobre todos no espiritual; e com que nome o intitidou não o achámos, mas as escrituras Tartaras lhe chamam Hunchan, outros lhe chamam Jovano, dizem que de Jonas Profeta. Depois por tempos foram alguns Reys daquelles Christãos a conquistar terras; e affirmam que hum delles chegou até Suria, donde levou consigo muitos daquelles Christãos Nestorianos, que o instruíram a elle, e a todos em seus erros. Este póde bem ser que lhe desse aquelle nome de Jovano. Este Pontifice, e cabeça desta Christandade levava diante de si, cada vez que cavalgava, huma Cruz alçada, conio o escreve Antonino Arcebispo de Florença, e ainda hoje o usam aquelles Reys Christãos; senão quanto affirmam muitos que levam tres Cruzes, huma de ouro, outra de prata, outra de ferro,

ro, ou metal. A fama deste Rey Christão da India, e que trazia diante Cruz alçada, se estendeo pela Europa com este nome de Pref-te João das Indias, o que parece leváram lá alguns Italianos, que muito antes de nós entrarmos na India passáram áquellas partes. E quando ElRey D. João o II de Portugal quiz descubrir a India, pela fama de suas riquezas, mandou a isso por terra Pero de Covilhã, e Affonso de Paiva, a quem deo por regimento, que buscassem hum Rey, que trazia huma Cruz alevantada diante. Estes homens apartáram-se, e o Covilhã foi ter á Cidade de Ormuz, que era mui prospera, e continuada de todas as nações; e perguntando por hum Rey Christão, que trazia Cruz diante, não lhe souberam dar a razão senão de hum que havia na Abassia. E passando em companhia de alguns mercadores á sua Corte, ficou nella, e ainda o achou lá D. Rodrigo de Lima, que Diogo Lopes de Siqueira mandou por Embaixador. Daqui se ficou este Rey da Ethiopia chamando Pref-te João das Indias, por outras razões mais que se verão em João de Barros Decada III Livro IV. E do pouco conhecimento que até agora houve destas gentes, nasceo entre os Escritores huma grande confusão, e maior em Pero de Mariz no seu *Dialogo da varia historia dos Reys de Portugal*, aonde fal-

fallando nos Tartaros, na vida d'ElRey Dom Affonso II, diz estas palavras: » Sahíram » de suas terras os Tartaros, e fizeram-se se- » nhores de todo o Oriente, e da grande E- » thiopia, extinguindo o nome do Imperador » della chamado Preste João. » Este erro nal- ceo a este Escriitor de não ter conhecimen- to dos Tartaros, como nós aqui o damos, nem de saber o sitio das terras que habitá- ram, porque não sabemos outra mais apar- tada, que a Scithia da Ethiopia.

C A P I T U L O II.

Que trata como estes Reys Christãos con- quistáram o Turcstan, e das gentes que lhês foram fugindo até Asia menor, de que se senhoreáram, dando-lhe o nome da Grão Turquia: e dos Reys dos Magores que houve desde Grão Tamorlão até este Hamau Paxá.

POrque capitulos muito compridos en- fastiam, quizemos cortar este pera mór labor, e clareza da historia que imos tra- tando, em que he necessário dividirmos os tempos, e as cousas. E continuando com este Rey Christão, que ficou tendo superiori- dade sobre todos, deixou assim o Estado, como a dignidade a seu filho, e assim o fo- ram herdando os descendentes, que por tem- pos

pos se foram fazendo tão poderosos , que fugigáram todos os vizinhos ; e ainda passáram a tanto , que pertendêram metter debaixo de seu dominio toda Asia. E hum delles entrando pela Provincia Turcstan a fugigou toda , usando com os naturaes grandes cruezas , que por fugirem do seu aqoute , ajuntando-se grandes multidões delles com mulheres , e filhos , foram pera o Ponente buscar habitação , e chegáram até pararem naquella parte chamada Asia menor , que por lles parecer bem , conquistáram , e senhoreáram perto dos annos de oitocentos da vinda de Christo , segundo Othom Arcebispo de Florença , dando-lhe o nome da terra em que nascêram , e que deixáram , que era Turcstan ; chamando-lhe dalli por diante Turquia ; e a elles chamáram depois della Turcos. Esta he a origem deste nome , e não por descenderem dos Troianos , a quem chamavam Teucros , como alguns disseram. Guilherme Arcebispo de Tiro no livro que compoz da Conquista da Terra Santa , fallando do principio dos Turcos , diz , que sahiram das partes Septentrionaes , e que paráram no Turcstan , aonde vivêram muitos annos governados por cabeças de Tribus , e que depois se passáram á Persia , onde habitáram outra temporada , e alli foram crescendo , e multiplicando muito. E que ven-

do aquelle Rey o poder que hiam tendo em seu Reyno, temendo-se delles os lançou fóra, e sahidos dalli foram pera o Ponente, e paráram na Suría, onde se deixáram ficar. Depois por tempo ajuntando-se grandes exercitos delles foram conquistar a Persia, de que foram senhores muitos annos, e estes se ficáram alli chamando Turchimanes. Os que ficáram nas partes da Suría tambem por tempos se fizeram senhores de toda aquella Provincia da Asia menor, a que deram o nome de Turquia: alli recebêram a falsa seita de Mafamede, porque a acháram conforme a suas barbarices. E favorecendo-os a Fortuna, em poucos annos se fizeram senhores do grande Imperio que hoje possuem, sendo sempre os móres perseguidores que a Igreja Romana teve. Estes são os que estavam figurados naquelle quinto corno, que vio o Profeta Daniel, que era o quinto Reyno que havia de opprimir a Terra-Santa, porque o primeiro foi dos Babylonios, o segundo dos Persas, o terceiro dos Gregos, e o quarto dos Romanos. E parece que delles tambem já estava profetizado em Ezechiel aos vinte e quatro capitulos, aonde diz que Gog, e Magog dariam grandes trabalhos aos Fieis, porque entendem os Theologos innumera-veis gentes da Scithia. Como tambem o tinha profetizado S. João no Apocalypse aos

vinte , dizendo : Será solto Satanás do seu carcere , e enganará as gentes que são sobre os quatro cantos da terra de Gog , e Magog , que são as Provincias que atrás temos mostrado , donde estas gentes em seu principio sahiram a conquistar o Turcstan , e depois a Asia menor , e a Terra Santa , e o grande Imperio de Constantinopola , até chegarem á Monarquia , em que hoje estam. E com o conhecimento que temos dado destas gentes , e destas Provincias , parece que ficam melhor entendidas as profecias ditas. Posto que alguns Theologos tambem entendam por ellas o Anti-Christo , e seus sequazes , que como ha de sair da banda do Norte , conforme ao que está profetizado , póde bem ser seja destas Provincias affima. E tornando aos Magores , ficáram estes Senhores Christãos poderosissimos opprimindo , e maltratando os Tartaros , que eram seus vassallos , tomando-lhes grossos direitos de seus gados , e criações , e obrigando-os a muitos serviços em que se gastavam , e consumiam. Vendo-se elles tão aperreados , tratáram entre si de sua liberdade , sahindo-se grandes multidões delles a povoar novas terras , e lançando-se pera o Ponente , tomáram aquella Provincia , ou parte , que se chamava Scithia Europea , em que se deixáram ficar , pondo-lhe o nome de Tartaria , como

aquella em que nascêram. Dalli se espalháram pera muitas partes da Europa, que se nhorcáram, de que ainda hoje vivem aquelles que se chamam Tartaros Preçopenfes sobre o mar maior, povoando, e dando nomes a muitas Provincias. E se havemos de crer a Berofo, Diodoro Siculo, Mestre Annio, e outros Authores gravissimos, tambem os Hespanhoes descendem destes Tartaros, e Magores; porque dizem elles, que quasi nos annos de cento e oitenta antes da vinda de Christo, quando Dionysio Rey do Egipto (por outro nome Osiris) foi a Hespanha, e matou o tyranno Gerion, que já vinha de rodear toda Africa, e Asia, e os desertos, e ultimos fins da India, e que da Sci.hia levára humas gentes chamadas Hispalos, e que indo ter á Provincia Bethica, fundára alli a famosa Cidade de Sevilha, que povoou daquellas gentes, e lhe chamou Hispali. Isto refere Santo Isidoro, D. Rodrigo Ximenes na Chronica geral de Hespanha, e ElRey. D. Affonso o Sabio. Os Tartaros, que se não puderam apartar da sua Provincia, nem seguir os outros, vendo-se tão aperreados dos vizinhos, elegêram entre si hum Capitão que os governasse, chamado Tamochim, (da casta dos antigos Reys que se extinguíram,) filho de Macuça, que teve vinte e nove filhos. Este ajuntando gran-

des exercitos sahio daquellas partes de Gerzá, e Bargú nos annos de 1162 de Christo, (segundo a conta de Marco Polo livro 1. fol. 14,) e entrando pelas Provincias Turstan, e Cathayo, a poucos golpes os sujeitou com seu muito saber, e esforço, e assentou sua cadeira na Cidade de Cambalec, que engrandeceo, e reformou. Alli se fez tamanho Senhor, que tomou o titulo de Can, que quer dizer Senhor sobre todos, como Imperador, mudando o nome proprio de Tamochim, em Chinguis, ficando-se chamando Chinguiscan. Blondo diz, que se levantou este barbaro nos annos de 1222, em que diz, que os Tartaros começaram a ser conhecidos no Mundo, sahindo da Scithia debaixo do seu Capitão Canguista, havendo de dizer Chinguiscan: e por não ter este conhecimento que nós temos dos Magores, os faz Tartaros. Este Chinguiscan por lhe Ohuncan Rey dos Christãos não querer dar huma filha (que ainda lhe era parenta) pera casar com ella, havendo-o por affronta, ajuntando suas gentes entrou pela Provincia Tenduc, onde Ohuncan lhe sahio, e lhe apresentou batalha, em que Ohuncan ficou morto, e desbaratado, e o Chinguiscan se apoderou do Estado, e casou com sua filha. Esta batalha foi perto dos annos do Senhor de 1187, segundo a conta de Marco Polo, porque de

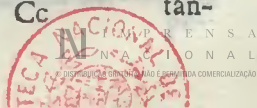
então pera cá começa elle a contar a Genealogia dos Imperadores do Cathayo. Alguns Escriptores dizem, que este Chinguiscan deo huma parte do Reyno ao filho de Ohuncan, e que recolhendo toda aquella Christandade, ficára elle, e seus herdeiros depois naquelle pequeno Estado, e que este Chinguiscan se affeioára tanto á mulher, que a seu rogo se fizera Christão. Isto não o havemos por muito certo, porque no Catalogo dos Imperadores do Cathayo não se faz menção de Rey algum Christão até Magucan, que foi o quarto do numero, que a rogo de Aiton Armenio, que foi á sua Corte, recebeu nosa Lei quasi nos annos de duzentos e cincoenta é tres. Este foi o que mandou seu irmão Halaon á conquista da Terra Santa, que tornou a arrancar das mãos dos Califas, mandando ao Mustacem Mubila, perto dos annos de 1258, em que se acabáram os seus Califas. E tornando ao Chinguiscan, vendo-se tão grande Senhor, e tão poderoso, fahio a conquistar toda a Asia, sujeitando Afogdiana, Baetria, Aracosia, Aria, Parthia, Persia, Armenia, e todos os mais Estados que jazem de huma, e da outra banda do mar Corazu., ou Caspio, repartindo tudo com seus filhos; dando a hum o Estado da Persia, (de que depois daremos razão;) e a outro chamado Chachatay deo Afogdiana, e

ordenou por cabeça a Cidade de Camorcant. A outro filho chamado Husbeque deo a parte do Turcstan, que ficou senhoreando. A Sogdiana ficou com tudo o que jaz entre o Oxo, e Jasartes (a que hoje chamam Cheser Ebiamu) chamando-se aquella Provincia dalli em diante Charchata, do nome do seu Rey, e os naturaes Chachatais, a quem todos os Geografos modernos corruptamente chamam Zagatais. E ainda ha mappas, que os mettem da outra banda do Jazartes pera a Tartaria, como tambem o tem para si Paulo Jovio, o que com reverencia he erro mui grande; porque muito averiguado he que a antiga Scithia, e a Tartaria se dividem da Sogdiana, da parte que corre da Volga pera o mar Caspio, e da banda do Turcstan pelo muito celebrado rio Jazartes; e tudo o que jaz fóra delle pera o Norte, e pera o Levante, tudo he Tartaria. A este Chinguiscan, que conquistou estas Provincias, nomea Ruy Gonçalves de Clavijo, (que El Rey Dom Henrique o IV mandou ao Grão Tamorlão com Embaixada) por Imperador da Cidade de Dorgancho, (como se vê no Itinerario que fez desta jornada,) e diz que este nome Dorgancho quer dizer thesouro do Mundo, de que não faz Marco Polo menção; mas havia de ser nome imposto pelos Cathaynos á Cidade de Cambalec, que elle

Cauto. Tom. I. P. II.

Cc

tan-



tanto engrandeceo; que se affirma, que era a maior, e mais formosa que se sabia no Mundo. Mas em tudo o mais como nos filhos, e em outras cousas, conformam ambos.

E tornando á nossa ordem, conquistada a Provincia Sogdiana, ficou nella reinando Chatay, que depois foi morto por hum Senhor que se levantou contra elle, que se fez Rey, sendo já seu pai no Cathayo falecido, e reinava seu filho Ocdacan, como lhe chamam as Chronicas Persicas, e Aiton Armenio Ocotacan, Marco Polo Sincan, e os Frades, que foram ao Cathayo, Cuican. Este sabendo da morte do irmão, foi com grandes exercitos contra o tyranno perto dos annos de 1243, e vindos á batalha o matou, e lhe tomou o Reyno, em que deixou seu filho Sodochi, por cuja morte herdou o Reyno seu filho Barach; porque quando Miser Nicopolo, pai de Marco Polo, foi ter a Bagorá os annos de 1252, reinava este Barach, a este succedeo Chapar; a este Soltão Hamed, e a elle Incan, todos Reys Chachatais. No tempo deste se levantou o Grão Tamorlão, cujo proprio nome he Tamur, nos annos de 1390, segundo a mais communi conta; reinando no Cathayo Chuinscan, oitavo do numero daquelles Imperadores, cujos vassallos sempre foram os Reys de Camorcant; porque Ruy Gonçalves de Clavijo estando

na Corte de Tamur nos annos de 1403, fallou com huns Embaixadores do Cathayo, que vieram pedir ao Tamur as pareas, o que elle tomou tão mal, que esteve pera os mandar enforcar. Era este barbaro Tamur natural de huma Villa chamada Quex, junto de Camorcant, da casta Chacatay, nobre, de pouca posse, mas de grandes pensamentos. E vendo-se já homem, e pobre, ajuntando alguns que o quizeram seguir, andou alguns annos pelos caminhos saltcando as Casilas, em que enriqueceo, e tão liberal se mostrou na repartição dos roubos, que se lhe ajuntáram tantos, que veio a formar hum mui arreoado exercito. Neste officio de saltcador foi ferido em huma perna de que ficou aleijado: e porque naquella lingua, langar, quer dizer manco, lhe chamáram Tamur Langar, e vindo-se a adulterar este nome, lhe chamáram Tamorlão. Este vendo-se rico, e poderoso, chamando-o sua fortuna pera maiores cousas, sabendo que ElRey desejava de o haver ás mãos, entrou hum dia na Cidade de Camorcant com os que o seguiam, e tomando ElRey descuidado, entrou em seus Paços, e o matou, e como tinha posse, e cabedal, mandou commetter a todos os principaes grandes partidos, dando muito dinheiro a muitos, que logo lhe acudíram; em fim elle se fez Rey

pacífico, e quieto. E por aqui se verá o erro que tiveram (Baptista Ignacio, e Baptista Fulgoso nas Collectaneas, e o Papa Pio na segunda parte do livro da sua Geografia, e Platina na vida de Bonifacio, Mattheu Palmeirinho nas Addições a Eusebio, Cambino Florentino na Historia Turquesca, Paulo Joáo de Barros na sua Asia) em o fazerem huns Partho, e outros Tartaro, sendo puramente Chacaray, como já dissemos. Este barba-ro depois de se ver Rey, e tão mimoso da Fortuna, havendo ainda aquelle Estado por estreito pera sua condição, formando grossos exercitos, sahio a conquistar as Provincias de Coraçone, Persia, Armenia, e todas as mais que jazem perto do mar de Abacu, (a que os Turcos chamam Danguis Xor, que quer dizer mar salgado, e os Armenios Xor-guilan, que he o mesmo que mar de gilan, por humia formosa Cidade deste nome, que tem sobre suas ribeiras.) Todos estes Estados repartio com os filhos que tinha, deixando na Persia o mais velho chamado Mirza Miruxa, e dos outros logo fallaremos. Recolli-do o Tamur pera Camoreant, sahio logo a conquistar o Induстан, onde teve humia grande, e muito cruel batalha com hum Rey do Dely, que o sahio a buscar, em que o Tamur foi vencido por causa dos muitos ele-fan-

fantes que aquelle Rey trazia. O Tamur re-
 fazendo seu exercito, voltou contra o ini-
 migo que o esperou, e postos em campo
 pera romperem batalha, ao commetter del-
 la lhe lançou o Tamur diante grande núme-
 ro de camellos carregados de palha, a que
 se deo fogo, que foi tão bravo, e medon-
 nho, que os camellos com aquelle impeto
 foram rompendo pelos inimigos, fazendo fu-
 gir os elefantes que traziam diante, que com
 o medo do fogo tão espantoso voltaram pe-
 ra trás, e rompêram os seus. O Tamur, ven-
 do o inimigo desbaratado, deo nelle, e o aca-
 bou de destruir, e vitorioso se recolheo a
 Camorcant, deixando hum neto seu chama-
 do Pirmahomed, (filho de Janguir seu filho
 mais velho, que já era morto,) naquella par-
 te, que ganhou, fóra do Oxo pera a banda da
 India, cujas principaes Cidades eram Bel, Ni-
 bab, e Cabul, e nesta assentou sua cadeira.
 Foi isto perto dos annos de 1394. Depois
 nos de 1396 tornou com grossos exercitos
 com tenção de passar á Europa, e sahindo-
 lhe ao encontro o Turco Bajazeto, vindos
 a batalha foi o Turco desbaratado, e pre-
 zo, e o Tamur lhe mandou fazer huma ga-
 iola de ferro em que o trazia. E contente
 com esta vitoria se recolheo a Camorcant,
 onde logo morreo, tendo reinado onze an-
 nos, e falecco nos de 1405. Ficáram-lhe tres

filhos, Omar Miruxa, que estava na Persia; Xarola, a que deo o Estado do Coraçone; o outro Haomarxac, que alguns nomeam por Balobo, que era moço, e ficou sem nada, porque os outros dous irmãos lançaram mão de tudo o que pudéram, ficando ainda em guerras travados sobre os Estados. Este Haomarxac, ou Balobo vendo-se desherdado determinou servir a Mafamede, e sabendo-se dos Estados, que foram de seu pai, em trajos de Calandar (que he peregrino) foi caninhando pera as partes da India, e atravessou todo o Induстан, e foi parar no Reyno de Dely; donde se deixou ficar. Alli lhe acudiram outros Calandares a ouvir sua doutrina, a fama de sua vida, e religião, que era espantosa. Reinava naquelle Reyno hum filho daquelle Rey, com quem o Tamur teve as batalhas que assim contámos. Cobrou este Calandar tamanho credito, e authoridade naquellas partes, que o adoravam todos como a Santo; e assim cresceu o número da gente que o seguia tanto, que bem se pudera della formar hum muito arrezoado exercito. E como este homem era astuto, e conhecedor dos tempos, entendendo que a Fortuna o lia favorecendo, tratou de se fazer Rey daquelle Reyno: e adquirindo secretamente armas, sendo hum dia o Rey á caça afforrado, o salteou, e matou, e em fres-

co se foi apoderar da Cidade, onde se fortificou até se quietar como fez, acudindo-lhe todos os do Reyno a lhe dar obediencia. Dalli sah o a conquistar muitos Reynos do Induстан, de que se fez senhor, ficando já poderoso. E indo estas noticias ter á Cidade de Camorcant, lhe acudiram muitos dos naturaes, fugindo das guerras que havia entre os filhos do Tamur, e alguns Capitães dos principaes, que se pera elle vieram, eram de casta dos Magores, e o mesmo a mór parte das gentes que os acompanhavam. Estes naquellas conquistas se assinalaram sobre todos, ficando os Magores mui nomeados em todo o Induстан, e assim os estimou o Balobo, que se intitulou Rey dos Magores. Este foi o principio deste Reyno, que veio a subir a tamanha Monarquia, como adiante se verá. E com isto fica confundido o erro de Baptista Fulgoso nas Collecções, e o de Platina na vida de Bonifacio, que affirmam, que por morte do Tamur não ficára memoria de seu senhorio, nem de homem que procedesse de sua geração; sendo hoje os mais poderosos dous barbaros, que ha em todo o Oriente (Magor, e Husbeque) seus quintos netos. Por morte deste primeiro Rey dos Magores ficou herdando aquelle Reyno seu filho Abusseir, que ainda accrescentou mais terras a seu Estado. A

este Abusseir succedeo seu filho Babur, que herdou os Estados de Camorcant por morte de hum primo seu a que não ficaram herdeiros, e por sua morte succedeo seu filho Hamau Paxá, (que he este de que tratamos,) que tomou o Reyno de Cambaya, que foi homem muito valoroso, e que engrandeceo seu Estado muito. E por aqui temos bem dado a conhecer estes Magores, com quem (com o favor Divino) havemos de continuar por todo o decurso de nossa historia. São todos homens soberbissimos, e crueis, grandes archeiros, muito déstros a cavallo, e todos os seus são aquartelados, mui grandes corredores, e aturadores do trabalho, e alguns tão andadores, que muito fará hum bom ginete á redea solta se os aturar. Seguem aos Arabios em suas maximas, e são Sonis, a que os Persas chamam homens desencaminhados, pelos haverem por taes em sua doutrina. São homens muito comedores, grandes de corpo, e espadaudos, de rostos mui largos, e barbudos.

CA-

CAPITULO III.

Da razão por que se recolheo Hamau Paxá , e largou o Reyno de Cambaya : e de como se levantou nas partes de Bengala hum Patene chamado Circan , e dos Estados que conquistou : e de como destruiu , e desbaratou Hamau , e lhe tomou seus Reynos.

ANdando Hamau Paxá Rey dos Magores vitorioso por todos os Reynos de Cambaya, como Senhor delles, acudindolhe muitos Regulos Resbutos a dar-lhe obediencia pera segurarem seus Estados, determinou de ficar allí invernando pela fertilidade, e abundancia da terra, tendo já juntos della muitos, e grossos thesouros. Mas a Fortuna, que se não descuida nesta parte, não tardou com seus escarneos, e revézes; porque estando este barbaro na mór felicidade, que podia ter, e desejar, bem descuidado de tão supito revéz, lhe vieram novas, que hum Rey dos Patanes lhe entrára pelo Reyno de Dely, e pelos mais, e se senhoreára delles, tomando-lhe suas mulheres, e thesouros, e que tinha sua Corte na Cidade do Dely. Estas novas foram de tamanho espanto, e dor pera Hamau Paxá, que parecia querer arrebentar, e largando tudo, ajun-

ajuntando suas gentes , começou a caminhar pera seus Reynos com huma mui grande pressa , largando os alheios. Aqui entra o effarneo da Fortuna , e pera melhor fallar a Justiça Divina , que permite , que por cubica do alheio se venha a perder o proprio. E de todos os Estados de Cambaya não reservou este barbaro pera si mais , que a Cidade de Agará , e a do Mandou , em que deixou seus presidios ; e foi continuando seu caminho , em que o deixaremos , por darmos razão deste Rey , que lhe tomou seus Reynos.

Andavam na Corte d'ElRey de Bengala estes annos atrás passados dous irmãos de casta Patanes , grandes cavalleiros , que de homens pobres , e particulares vieram a ser dos principaes , e mais poderosos daquelle Reyno. E por hum desgosto que ElRey veio a ter de hum delles por mexericos , (officio muito certo da inveja , a que os que privam andam sempre arriscados ,) lhe mandou cortar a cabeça ; porque as leis de todos os Reys Mouros são como as de Draco , que todos os casos pequenos , e grandes castigam com morte. O irmão do morto , que se chamava Xircan , ficou tão escandalizado , que logo em seu animo tratou de sua satisfação ; e foi dissimulando com o negocio o mais que pode , até buscar occasião , que a Fortuna nunca nega , porque pera estas cousas sempre es-

tá prompta, e aparelhada com seus favores. Este homem era muito rico, e tinha muita posse no Reyno, e muitos amigos, e como os homens todos o são de novidades, sentindo em alguns humor pera o que pertendia, lhes communicou sua tenção; e como todos eram estrangeiros, logo se lhe affeioáram. Porque estes Reys do Oriente são todos governados por elles, que como não entram com amor natural neste negocio, não com interesse proprio, andam sempre com o olho vigiando as occasiões da Fortuna, e todas as vezes que lhe ella dá geito, matão o Rey, e tyrannizam o Reyno. O que he tão ordinario, que em sete, ou oito Reynos de Mouros, com quem na India vizinhamos, todos estam em poder de estrangeiros; do que os naturaes escandalizados favorecem sempre a parte que mais póde, e a da Fortuna. Pelo que devem os Reys do Mundo trabalhar muito por trazerem no seu governo vassallos naturaes, porque estes sempre tratam as cousas com amor, e lealdade, estimando mais a vida de seu Rey, que a sua propria. E vai tanta differença neste negocio de huma cousa a outra, como he a de escravos a filhos; porque estes arriscam suas vidas pela do seu Rey, e os outros vem-lhe melhor Rey estrangeiro como elles, porque se lhes avorrece hum,

lo-

logo negoceam outro, porque não entram nesta materia senão com o olho em seu gof-
to, e interesse. Assim este Patane fiando-se da-
quelles estrangeiros como elle, achando-os
facilissimos pera sua tenção, ajuntando gen-
te da sua valia em segredo, andando El Rey
hum dia folgando, deram sobre elle, e o
matáram. E voltando pera a Cidade metteo-
se o Xircan nos Paços, e apoderou-se dos
thesouros, que começou a repartir tão libe-
ralmente pelos que o seguíram, que em pou-
cos dias se fez Rey daquelle Reyno por von-
tadé de todos. Este, como era homem de gran-
des pensamentos, e muito grande Cavallei-
ro, quiz agazalhar os mimos da Fortuna, e
ajuntando grande poder foi sobre o Reyno
dos Patanes donde era natural, e com gran-
de industria o sujeitou todo, e assim a mór
parte dos seus vizinhos, ficando hum dos
mais poderosos Reys do Mundo. E estando
na Cidade de Patané, donde o Reyno tomou
o nome, soube que o Hamau Paxá Rey dos
Magores era a conquistar os Reynos de Cam-
baya, e não se contentando com os Estados
que possuia, querendo subir a mór Imperio,
ajuntou muito grosso poder, e entrou pelo
Reyno de Dely, que tomou logo, senho-
reando-se daquella Cidade, em que estavam
os thesouros, e mulheres do Magor, que lo-
go teve aviso deste negocio: pelo que lar-
-ou

gou tudo, e acudio com presteza, e com a diligencia que dissemos. Xircan, que estava no Dely, foi logo avisado como o Magor hia em busca d'elle com grosso poder, e ajuntando o mais que pode, o foi esperar ao caminho; e ajuntando-se ambos, traváram hum das mais crueis batalhas, que no Mundo se víram, em que de ambas as partes houve casos notavelissimos, que deixamos, porque não convem á nossa historia. Depois de durar hum dia todo, em que houve grandes estragos de parte a parte, ficou o Magor desbaratado, e destruido de todo, perdendo a mór parte de sua gente, e elle com muito trabalho salvou sua pessoa: O Magor vendo-se naquelle miseravel estado, como homem desesperado se foi com poucos, que o seguíram, tomando o caminho do Cinde com grande desconsoção, e tristeza, por se ver em hum tão breve espaço de hum tão grande Monarca em tal estado, que não sabia aonde se recolhesse; e assim o levou a Fortuna até á Cidade de Thatha, aonde o Rey do Cinde tinha sua Corte. Era este Rey de casta Magor, e chamava-se Mirza Can Ocen, filho de Xabil Can, o primeiro Rey Magor, que conquistou aquelle Reyno, como em seu lugar diremos. Sabendo este Rey da vindá, e desventura de Hamau Paxá, o sahio a receber com muita honra, conso-

lan-

lando-o de sua desventura, offerecendo-lhe seu Reyno, e thesouros. O que lhe Hamau Paxá agradeceo muito, dizendo-lhe, que sua intenção era passar á Persia a pedir ajuda, e favor ao Xathamaz, que só queria d'elle modo pera fazer esta jornada. ElRey lhe mandou negociar muitos camellos, e encavalgadas, e lhe deo joias, dinheiro, e muito honrado serviço de sua casa, com o que se poz no caminho da Persia. Não deixaremos de louvar, e engrandecer a grandeza do animo deste Rey do Cinde, que com lhe o Hamau ter feito muitas vezes guerras sobre pertenções daquelle Reyno, (como em outro lugar melhor diremos,) quando soube que hia perdido, e em tão miseravel estado, compadecendo-se da miseria, e desventura de hum tamanho Rey, esquecido dos aggravos passados o foi buscar, e o negociou, e remediou, como dissemos; porque o animo Real de nenhuma cousa mais se compadece, que das infelicidades de outro Rey, posto que seja inimigo; porque bem sabe que não ha na vida quem esteja seguro dos revézes da Fortuna. Em fim este Hamau passou á Persia, (posto que alguns dizem que não, mas que mandou seus Embaixadores; mas todos os Magores, que até hoje tem vindo a Goa, e ainda Persas, confirmam com o que nós dizemos.) O Xircan

tanto que desbaratou o Magor, tomou-lhe todos os thesouros que levava de Cambaya, e a sua principal mulher, e com tudo se recolheu pera a Cidade do Dely. Era este barbaro tão grandioso de animo, que visitando aquella Rainha cativa, vendo-a tão desconsolada, e miseravel, e que não havia couza que lhe enxugasse suas lagrimas, entregou-lhe todas suas joias, douas, donzellas, e todo o mais serviço de sua casa, dando-lhe camellos, carretas, e cavalgadas, e a despedio com muita honra, dizendo-lhe que se fosse pera seu marido: avantajando-se nisto ao grande Alexandre, no que usou com a mulher de Dario. Esta Senhora foi tomando o caminho do Reyno de Cabul, aonde reinava hum irmão do marido chamado Aycan Mirza, que a recebeu muito honradamente. O Xircan vendo-se tão mimoso da Fortuna, em poucos tempos conquistou os Reynos do Magor todos, com o que ficou tamanho Senhor, que se affirma terem seus Estados mais de mil e quinhentas leguas em roda. E não tendo mais que desejar, tomou hum titulo soberbissimo, que foi o de Xá Holão, que quer dizer senhor do Mundo. O que tambem lhe durou tão pouco, como em seu lugar diremos.

CAPITULO IV.

Que trata de como os Mouros conquistáram o Decan , e de todos os Reys que houve até Ismael , que faleceo este anno em que andamos : e da antiguidade , e nomes da Ilha de Goa : e de como o Accedecan deo as terras firmes de Salfete , e Bardés ao Governador Nuno da Cunha.

PRimeiro que tratemos das guerras , que este anno fez o Idalxá ao Estado sobre as terras firmes de Salfete , e Bardés , que deram muito trabalho ao Estado da India , nos pareceo bem darmos razão de todos estes Reys Mouros de Visapor , e do tempo em que se conquistou este Decan , posto que João de Barros o tenha já feito. Mas ficaram-lhe muitas cousas , de que o não souberam informar , que nós alcançámos , e soubermos pela communicação de muitos annos , que tivemos nesta Cidade de Goa com os Embaixadores destes Reys , em cujo poder achámos as Chronicas daquelles Reynos. E tambem he necessario saber-se a razão por que se deram as terras firmes de Salfete , e Bardés ao Governador Nuno da Cunha , e em que tempo , porque de industria o deixámos para este lugar. Pelo que se ha de saber , que perto dos annos de nossa Redem-

ção de 1312 se levantou hum Rey do Dely, que foi o maior Senhor que até então houve em todo o Oriente: e sahindo de suas terras com grandes exercitos, entrou pelos Reynos do Decan, que eram de Gentios sujeitos aos Reys do Canará, e a poucos golpes os sujeitou a todos; e nelles deixou por Governador hum filho seu, (ainda que outros dizem que sobrinho,) chamado Thogalaça, que he aquelle, a quem João de Barros nomea por Abetxa, no que nos não embarçamos, porque pôde mui bem ser, que este fosse o nome depois de ser Rey, e outro o seu proprio que dantes teria, porque todos estes Reys tem muitos nomes; e todavia nas Chronicas dos Mouros nomeam a este Thogalaça pelo primeiro Rey do Decan, e foi o primeiro Mouro que nelle começou a reinar. Este semeou por todos aquelles Reynos a falsa lei de Mafamede, que já assim frutificou por nossos peccados, que já no tempo em que descobrimos a India era tudo untado della. Recolhido o Rey do Dely pera seus Reynos, dahi a alguns annos falleceo, succedendo-lhe seu filho, a que não soubermos o nome. Este foi o que teve aquella grande batalha com o Grão Tamorlão, que no Capitulo atrás tratámos. Morto o Rey do Dely ficou no Decan Thogalaça, que já tinha Corte na Cidade de Ultadab,

Conto. Tom. I. P. 11.

Dd

on-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

onde depois de reinar dezenove annos fale-
 ceo, succedendo-lhe no Reyno seu filho Sol-
 tãõ Singabupa. Este foi o que intitidou es-
 tes Estados, e Reyno do Decan, donde os
 seus naturaes se chamáram Decanis, que em
 sua lingua quer dizer mestiços, porque qua-
 si todos os que vieram com seu Avô, que
 alli ficáram, estavam misturados por casamen-
 tos com os naturaes Gentios. Este Singabu-
 pa reinou cinco annos, e dezoito dias. Suc-
 cedeo-lhe no Reyno seu filho Perú Soltãõ,
 que mudou sua Corte pera a Cidade de Ca-
 bum Bargui, aonde reinou dezoito annos,
 e quatro mezes; e assim foram succedendo
 os filhos huns aos outros por esta maneira.
 Singa reinou cinco annos, e sete mezes e meio.
 Mahamede Alaudym vinte e sete annos, e
 tres mezes. Mugerdar dez annos, e seis me-
 zes e meio. Soltãõ Daul sete annos, e dez
 mezes. Soltãõ Mahamede cinco annos, e
 dous mezes. Xadom Dilagar Soltãõ qua-
 tro annos, e quatro mezes. A este succedeo
 seu filho Soltãõ Piros, que fundou huma for-
 mosa Cidade, a quem do seu nome chamou
 Piros Zobat, que hoje he das principaes do
 Reyno do Idalxá. Este andando á caça em
 huns matos bem ao Norte desta Cidade, dei-
 tando hum cão a huma lebre, em o ella
 sentindo virou, e remetendo a elle o fez fu-
 gir. O que visto por ElRey disse, que aquel-

la terra era boa pera crear peitos esforçados, e mandou logo fazer naquelle mesmo lugar outra formosa Cidade, a que poz nome Xar Bedar, que quer dizer Cidade sem medo, por causa da lebre que o não teve do cão, e mudou pera ella sua Corte. Foi este Rey grande Filosofo, virtuoso moralmente, e amator dos pobres, e pequenos em tanta maneira, que ainda hoje quando se nomea entre todos aquelles Reys, e em todos aquelles Reynos, lhe chamam pai dos pobres. Este fez huns versos na sua lingua, que mandou pôr á porta dos seus Paços, pera que todos os vissem, que ainda hoje duram, e conservam sua memoria. Estes por serem muito notaveis, de muita sentença, e muito pera todos os Reys Christãos os sabem, nos pareceo bem pôr aqui:

*Com os grandes ser temeroso,
 Com os pequenos amoroso.
 Aos grandes dou eu o meu,
 Os pequenos me dam do seu.
 O grande sempre quer muito,
 O pequeno folga com pouco.
 Os peixes, que andam no mar,
 Os homens, que andam na terra,
 Aos pequenos fazem guerra.
 Aos pequenos se ha de ter amor,
 Que aos grandes não falta favor.*

Envergonhem-se os Reys , e Grandes do Mundo de verem tanta virtude em hum bar-
 baro , que a cousa que mais estimava em seus
 Reynos eram os pequenos , e pobres ; de
 que todos , ou os mais dos Grandes fazem
 tão pouca conta , sendo tão obrigados pela
 Lei que professam aos favorecer , e amparar ;
 cousa tão encommendada de Deos , como
 sua propria , dizendo por S. Mattheus no
 capitulo 25: *O que a hum destes fizerdes ,
 a mim o fazeis.* Vejam agora os poderosos ,
 e privados , que mandam tudo , o como se
 hão com estes pequenos , e o como tratam
 o negocio de hum pobre , porque assim se ha
 Deos de haver com elles. E deixando esta
 materia , em que havia bem que bradar , e
 tornando á nossa ordem : os Reys que suc-
 cedêram a Soltão Piros em Xarbedar , que
 reinou cinco annos , são os seguintes. Soltão
 Mahamede doze annos , e cinco mezes. Ho-
 mahu Soltão treze annos , e cinco mezes e
 meio. Soltão Hamed hum anno , dez me-
 zes , e seis dias. Homem Soltão quatro an-
 nos. Soltão Mahamed dezenove annos , se-
 te mezes , e vinte dias. Valebur Soltão cin-
 co annos , e dez mezes. A este succedeo seu
 filho Dandar Soltão homem apoucado , e de
 pouco governo. Este repartio a Provincia do
 Decan em governanças , assinalando limites
 a cada huma por esta maneira. Em tudo o

que jaz de Angediva até Cifardão, que são sessenta leguas por costa, poz por Governador a hum Capitão chamado Adel Can, que era Justiça maior de seus Reynos, a este chamamos corruptamente Idalcão. Na outra parte que jaz de Cifardão até Nagotana, que serão por costa perto de quinze leguas até vinte, poz outro Capitão, que era pagem de sua lança chamado Nizaman Moluc, que quer dizer, pagem de minha lança; a que também adulteradamente chamamos Iza Maluco. Estes dous sós ficáram tendo quinhão naquella parte, que se estende sobre o mar chamada Concan. E outro Capitão estrangeiro chamado Coth Moluc, que quer dizer, recebedor de rendas, porque era Thesoureiro mór d'ElRey de casta Coraçone, poz por Governador na Comarca dos Talingas, que são os Gentios mais apurados na linguagem, que todos os do Decan. Esta Comarca fica ao Levante de estoutras, e parte com o Reyno do Cannará pela banda do Norte, e com o de Orixá pelo Nascente, cuja principal Cidade se chama Palicondá; a este Capitão também chamamos erradamente Cota Maluco. Naquella parte chamada vulgarmente Bera-ra, sendo seu proprio nome Hada Verar, que quer dizer, terra de casamentos, (porque alli vam todos os Gentios do Decan fazer suas vodas por ser de muitas ribeiras, e

muito abastada de mantimentos,) que fica ao Noroeste do Reyno do Tamaluco, e confina com os Estados do Mirão, e Virgi, que já são do de Cambaya: aqui poz outro Capitão chamado Idmad Maluco, que quer dizer, Capitão fiel, porque era Condestabre mór dos Reynos, de casta Charques, Christiano arrenegado. A estes quatro Capitães deo ElRey jurdição civil, e crime em suas Governanças. Reinou ElRey Solião Daudar sete annos, e faleceo, ficando-lhe hum filho menino debaixo da tituria de hum Capitão chamado Virido, Ungaro de nação, Armeiro mór d'ElRey, em que elle tinha muita confiança, que ficou na Cidade de Xarbedar com o menino em seu poder. Mas como neste negocio de reinar não ha fé, vendo todos estes Governadores o Rey menino, fazendo a cubiça seu officio, carteando-se todos, de commum consentimento se levantáram com o que cada hum governava, ficando o moço entregue ao Virido, que o tinha em hums formosos Paços em grande custodia, dando-lhe todo o necessario. Os levantados tomáram titulos de Reys, e para encubrirem suas tyrannias mandavam todos os annos dar a sua obediencia por seus Embaixadores a este menino, nomeando-se todos por seus escravos. Este Principe como teve idade, o casou o Virido seu tutor, (que

se appellidava Rey de Xarbedar) com huma filha sua, de que houve hum filho, que depois veio a herdar o seu Reyno por morte de seu avô Virido, porque lhe não ficaram filhos machos, este foi depois casado com huma filha do Idalxá. E este he o verdadeiro herdeiro de todos estes Estados, e ficou com o menor quinhão delles. Foi este alevantamento perto dos annos de 1491. E deixando todos os mais alevantados pera seu tempo, continuaremos com o Soltão Adelman, que poz sua cadeira na Cidade de Vifapor. Andava na sua Corte hum Turco chamado Cuso, que em tempo de Daudar Soltão foi ter a Xarbedar em huma Cafila de mercadores, sendo ainda mancebo. Este Turco era de tantas forças, e tão grande lutador, que não havia em todo aquelle Reyno quem o derribasse, pelo que ElRey folgava muito com elle. Alguns dizem, que aquelles mercadores da Cafila lho deram de presente; outros que elle mesmo se vendeo a ElRey por se ver alli muito pobre, e desamparado. Isto não queria consentir seu filho Meale, (estando em Goa, como adiante diremos,) com quem praticámos estas coufas: sómente confessava, que fora em moço lutador, e que tinha outras habilidades, com que ganhava sua vida. Este Cuso nos alevantamentos se passou pera o Adelman, que se

lhe affeição tanto, que lhe encarregou cou-
 sas de muita importancia, de que deo sempre
 mui boa conta; e assim pouco a pouco o foi
 a Fortuna encaminhando pera o que lhe ti-
 nha guardado, (o que elle com sua muita
 prudencia soube conservar mui bem,) até o
 pôr no supremo lugar do Reyno, governan-
 do ElRey absolutamente. E como a Fortu-
 na nunca sóbe a huns sem abaixar outros,
 permittio Deos que este Adelcan fosse mor-
 to á traição por huns Capitães seus, pela de-
 que elle usou com o seu Rey; porque este
 he o fim, que todos os máos vem a ter, co-
 mo o tiveram todos estes alevantados, que
 vieram a morrer mal, e seus herdeiros não
 lograrem seus Reynos, porque todos torná-
 ram a poder de outros tyrannos, como pe-
 lo decurso da historia diremos. Morto o A-
 delcan achou-se o Cuso na Corte, e logo
 lançou mão de hum filho d'ElRey menino
 fazendo-se seu tutor, com cuja côr adquirio
 os Grandes de sua parte, tendo tanta astu-
 cia, e saber, que provêo as fortalezas prin-
 cipaes de Capitães de sua valia, e como teve
 tudo seguro, e por si, dizem que ajudou o
 menino, que faleceo dentro em hum anno
 depois do pai morto, e logo se fez alevan-
 tar por Rey, no que houve pouco que fa-
 zer. Este Cuso estendeo ainda os limites do
 seu Reyno tudo o que pode, até ir em pes-

foa conquistar a Ilha de Goa, que era cou-
 fa muito grossa em renda, que possuia hum
 Senhor Canará chamado Savay, vassallo do
 Rey Canará, que naquelle tempo tinha sua
 Cidade na parte que hoje chamam Goa a ve-
 lha, onde sempre foi o assento dos Senho-
 res todos antigos daquella Ilha até os annos
 de 1479, que entráram os Mouros nella,
 vindo fugidos de huma conjuração, que con-
 tra elles houve no Reyno de Onor, que fe-
 riam perto de quatrocentos homens; cuja ca-
 beça era hum Mouro chamado Melique
 Ocem, que se concertou com o Senhor que
 então era daquella Ilha, e lhe deo a parte
 em que hoje está a nossa Cidade de Goa, que
 então era tudo mato, aonde os Senhores da-
 quella Ilha hiam matar porcos, e veados:
 que os Mouros cortáram, e roffáram, fa-
 zendo suas povoações sobre o mar, fican-
 do alli mais accommodados que em Onor,
 por ser o porto, e rio mais capaz pera as
 suas náos. Nesta parte sendo ainda mato ti-
 nha o Savay Senhor de Goa humas casafs, em
 que se elle aposentava quando hia á caça;
 e assim mesmo Cuso Idalcão o fazia depois
 de conquistar aquella Ilha. Estas casafs con-
 servam ainda hoje a memoria do Gentio Sa-
 vay, chamando-se as casafs do Savayo, que
 depois foram muitos annos aposentos dos Go-
 vernadores da India. E porque não soube-

ram dar verdadeira informação ao nosso João de Barros destas cousas, confundio o nome do Gentio Savay com o de Cuso Adelcan, dizendo no quinto Livro da segunda Decada, que quando entrámos na India era Senhor de Goa hum Mouro chamado Soay, a que communmente chamamos Sabayo vassallo do Rey do Decan, Parseo, natural da Cidade Savá. Disto se riram seus filhos bem, quando lhe liamos isto, dizendo que seu pai não era senão Turco, nem se chamava senão Cuso. Esta Ilha de Goa he tão antiga, que se não acha nas escrituras Canarás (cujá sempre foi) o principio de sua povoação. Mas acha-se que foi sempre tão continuada dos estrangeiros, que andava entre elles por adajo, vamo-nos recrear ás frescas sombras de Goa, e a gostar da doçura do seu betre. E assim lhe chamavam por excellencia Goe moat, que na sua antiga linguagem quer dizer terra fresca, e fertil. E pela continuação do nome se veio a abbreviar, e a lhe chamarem Goe, e nós mudando-lhe a letra E, lhe chamamos Goa. Os naturaes Canarins della lhe chamam Tis Vari, que quer dizer trinta aldeias, por serem tantas as que esta Ilha tem, que todas, louvado Deos, são hoje povoadas de Christãos, e repartidas por doze, ou quinze Freguezias. Viveo este Cuso Adelcan até os annos de 1505. Ficáram-lhe dous

filhos, hum chamado Ismael, e outro Meale. E deste havemos muitas vezes de fallar pelo decurso da historia, que por isso o damos aqui a conhecer, que estando o pai no artigo da morte pediu ao filho Ismael, que lhe succedia no Reyno, que a seu irmão Meale, que ficava moço, o não matasse, e o fizesse Religioso, (porque antre estes Mouros he melhor ser porco de Herodes, como lá dizem, que irmão d'ElRey, porque a primeira cousa, que fazem em herdando o Reyno, he matarem todos, ou quando menos tirarem-lhe os olhos por se não temerem delles.) A este Ismael tomou o nosso valeroso Capitão Affonso de Albuquerque a Ilha de Goa. Reinou este Rey vinte e oito annos, e faleceo este passado, antes de o Governador Nuno da Cunha partir pera o Norte. Ficaram-lhe dous filhos, hum chamado Malucan, e o outro Abrahemo. O Malucan que era mais velho havia-se por filho suspeito por ser muito negro, e assim o tinham feito crer ao pai: pelo que alguns Capitães (de que era cabeça Icus Xandivan homem poderoso) trataram de alevantar por Rey ao Abrahemo; e o Accedecan, que era a maior pessoa do Reyno, com outros que o seguiam, trabalharam de assentar naquella cadeira a Meale Can irmão do Rey morto, sobre o que se atearam grandes bandos, ao que acuo-

dio Babugi mulher que foi do Cuso Adela-
 can avó dos moços , que era huma Senho-
 ra muito valerosa , e tal manha teve , que
 contra o poder de todos fez alevantar o ne-
 to Malucan por Rey ; e logo mandou met-
 ter ao irmão , e ao tio em masmorras , e per-
 seguiu o Accedecan , que favorecia o tio ,
 que por se livrar d'elle passou-se a Pondá , e
 dalli se carteu com o Governador Nuno da
 Cunha , pera que sendo caso que o Rey o
 perseguisse de todo , e o fosse buscar , o re-
 colhesse na Cidade de Goa , e lhe desse li-
 vre embarcação pera Meca , pera o que deo
 ao Governador as terras firmes de Salfete ,
 e Bardes , que eram suas , de que o Gover-
 nador logo mandou tomar posse por Chri-
 stovão de Figueiredo Tanadar mór de Goa ,
 a quem mandou que fizesse hum forte em
 que se recoihesse , elle o fez assim. E achando
 em hum lugar , que se chama Mardor ,
 hum grande , e forte pagode , o mandou cer-
 car em roda de tranqueiras fortes , deixan-
 do-o no meio , e alli se recolheo com du-
 zentos homens que levou , e muitos piães da
 terra , e dalli sahia a recoller as rendas , e
 fóros das aldeias. Este Rey Malucan , que
 se tinha por aduterino , foi tão má coula ,
 tão torpe , çujo , e vicioso , que havendo
 pouco mais de seis mezes que governava ,
 foi morto este Agosto passado pelo Capitão

Icuf Xandivan , porque lhe trazia hum filho seu por manceba. Et tanto que o matou logo entrou nas prizões , e tirou o Abrahamo , e o jurou por Rey. Este como era amigo do Accedecan , era bom homem , e pertendia de reinar pacificamente , não querendo vassallos descontentes , passou logo hum formão , e perdão geral ao Accedecan , confirmando-lhe as terras que ElRey seu pai lhe tinha dado , e o mandou chamar , e recebeu com muitos mimos. Vendo-se elle já reconciliado com ElRey , e que não havia mister o Governador pera cousa alguma , tratou de lançar mão das terras que lhe tinha dadas , em quanto o Governador andava no Norte , e despedio com muita pressa hum Capitão Turco chamado Soleimão Agá com nove mil homens de pé , e duzentos e cincoenta de cavallo , pera que se fosse metter nellas , como fez : e apossando-se das aldeias de Cocolí , Asolona , e Margão se deixou ficar alli recolhendo os rendimentos.

CAPITULO V.

Dos recontros, que os nossos tiveram com os Mouros: e de como D. João Pereira pelejou com elles, e os desbaratou: e das cousas em que o Governador Nuno da Cunha provéo em Dio, e em Goa.

CHristovão de Figueiredo, que estava por Capitão em Mandor, teve logo rebate de como os inimigos eram entrados nas terras, e fortificando-se mui bem, despedio Miguel Froes Feitor de Goa (que era seu genro, e viera alli arrecadar as rendas) com quinze de cavallo, e alguns piães, pera que fosse espiar os inimigos, e ver que gente seria. Miguel Froes chegou á aldeia de Verná meia legua da tranqueira, aonde deo de rosto com os inimigos, e tão perto que não pode virar sem risco de se perder de todo. E em os vendo arrancou com os de cavallo com grande furia, e os foi commetter derribando alguns dos primeiros encontros. E como era grande homem de cavallo, e de muito animo, e esforço, tanto que quebrou aquella primeira furia dos inimigos, que se acháram embaraçados com aquelle atrevimento, foi-se recolhendo com grande ordem, levando todos os de pé diante, tendo-lhes o encontro dos inimigos porque

os não rompessem, fazendo muitas voltas a elles, de que sempre escalavrava alguns. Todavia os Mouros apertáram tanto com todos, que lhes derribáram oito companheiros. Mas Miguel Froes com os poucos que lhe ficáram foi sempre sustendo o pezo da gente ás voltas até perto da tranqueira. Christovão de Figueiredo foi avisado do negocio por alguns piães que foram fugindo, e sahindo fóra com toda a gente que tinha pe-ra ir recolher o genro, achou-o já perto da tranqueira mui baralhado com os inimigos, e dando *Sant-Iago* nelles, com grande furia os fez parar, travando-se huma muito arriscada batalha, porque ficáram todos baralhados. Neste encontro fizeram os nossos o que se delles esperava, e derribáram muitos Mouros; mas como elles eram tantos mais, tornáram a carregar sobre os nossos, que se foram recolhendo, ficando detrás o fogro, e genro, tendo-lhe o encontro; e assim chegáram ao forte já tudo tão baralhado, e travado, que houveram de entrar de envoltas huns com os outros. Perdêram-se nesta jornada seis Portuguezes, e trinta piães da terra com dous Naiques valentes homens Gorga Naique, e Malu Naique, naturaes de Goa velha, que pelejáram como leões bravos. Recolhidos os nossos ao forte, foram cercados á roda dos Mouros, sem lhes darem

lugar pera poderem lançar hum pião pera levar recado ao Capitão de Goa, que não deixou de o ter por alguns piães que fugiram, que se não puderam recolher ao forte. Tanto que D. João Pereira Capitão de Goa teve aviso do trabalho, e perigo, em que os da tranqueira ficavam, negociou-se com muita pressa pera os soccorrer, mandando ajuntar todos os piães das Ilhas de Goa, e moços dos casados, que todos fariam hum corpo de mil e quinhentos homens, e provendo-os de lanças, espingardas, e outras armas, passou-se a Agaçaim com todos os casados, e alguns fronteiros que estavam em Goa, que seriam setecentos homens, em que entravam cento e oitenta de cavallo, e passou á outra banda, e foi marchando em muito boa ordem, levando diante alguns cavallos ligeiros pera descobrirem o campo. Gastou nisto oito dias, em que sempre de dia, e de noite o forte foi commettido por todas as partes, com que deram aos cercados infinito trabalho, porque não largaram em todos elles as armas das mãos, defendendo-se muito valorosamente, não deixando de haver mortos de parte a parte. Soleimão Agá teve logo aviso da vinda do Capitão de Goa, e tomando parecer sobre o que faria, assentaram que se fossem pera Verná, que era hum cam-

po mui largo , e grande , e que alli esperassem os Portuguezes , e pelejassem com elles , e assim o fizeram. D. João Pereira chegou a Mardor , sahindo-o a receber Christovão de Figueiredo , e Miguel Froes com os mais Portuguezes , e delles soube o que lhes era acontecido com os Mouros , e do poder que erã , e onde estavam , porque já os tinhã mandado espiar. E tomando alli parecer , assentáram , que aquelle dia descansassem , e que ao outro fossem buscar os inimigos , e pelejassem com elles , pera o que se todos preparáram. Ao outro dia pela manhã ordenou o Capitão sua gente toda , fazendo da de cavallo duas batalhas , humia deo a Jurdão de Freitas , e a outra tomou pera si , com quem ficáram os Cidadãos , e Cavalleiros principaes , que se acháram nesta jornada , que eram os seguintes : Galvão Viegas Alcaide mór de Goa , e seu irmão Galaz Viegas , Vicente Colaço , Jorge Garcez Vereadores daquelle anno , Pero Preto sogro de D. Diogo de Almeida Freire , Sebastião da Fonseca , Gregorio Martins , Francisco de Mendocha , Manoel de Vasconcellos , Affonso Pires do Vale , e outros. Da gente de pé fez tres batalhas , duas dos Portuguezes , de que deo a Capitania a Christovão de Figueiredo , e a Miguel Froes ; e a outra que era de toda a gente da terra deo ,

Couto. Tom. I. P. II.

Ee e
N IMPRENSA
 NACIONAL

e fez Capitão della Icuſ Tanadar Mouro valente homem. Neſta ordem começaram a marchar pera Verná; e chegando á viſta, aheou já os inimigos em campo com as coſtas em huma ſerra, com toda a gente de pé em dous eſquadrões de quatro mil e quinhentos cada hum; e em cada ponta cento de cavallo, e ſincocenta que eram acubertados na teſta do exercito, pera ſuſtentarem o primeiro encontro. D. João Pereira poſto que viſſe o grande poder dos inimigos, e a boa ordem em que eſtavam, não fez abalo algum em ſeu coração, não deixando de o fazer nos mais dos da ſua companhia, que ficaram embaraçados vendo tamanho exercito, o que D. João logo entendeu; e receando que mais o desbarataſſe o medo dos ſeus, que o poder dos inimigos, foi diſcorrendo por todos com hum roſto mui alegre, dizendo-lhes: » Que he iſto, Cavalleiros, e companheiros meus, aqui temos eſtes Mouros » inimigos de noſſa Lei, que ſão os meſmos » que vós desbarataſtes muitas vezes, não haja » novidades, ſegui-me, que Deos he connoſco, e a vitória eſtá certa. » E com iſto deſpedio Jurdão de Freitas, pera que pegaffe com os de cavallo de huma das pontas, e mandou aos de pé que travaſſem a batalha, e elle com os da ſua companhia remetteo com os cavallos acubertados, dando nelles Sant-

Iago com tamanho impeto, que daquelle primeiro encontro lhes derribou alguns, e os mais fez recolher aos esquadrões. Os de pé rompêram batalha com os Mouros, de que derribáram muitos das primeiras furriadas da arcabuzaria. Christovão de Figueiredo, e Miguel Froes andáram sempre diante de suas companhias, trazendo tanto o tento em os seus, como em os inimigos. O Tanadar Icut Mouro com os piães, e escravos commetteo os inimigos por huma das ilhargas de hum esquadrão com que travou nui determinadamente, derribando logo muitos, andando elle diante de todos em hum formoso cavallo, fazendo maravilhas, matando, e derribando nos Mouros á sua vontade, mettendo-se tanto entre elles, que lhe matáram o cavallo de huma espingardada, ficando a pé cercado de muitos, que trabalháram pelo matar, porque era nui conhecido de todos; mas os seus piães, e Naiques lhe acudíram com muita pressa, e lhe deram outro cavallo que levava a destre, em que cavalgou, e fez muitas maravilhas. Os escravos dos casados pelejárom aqui como leões, fazendo nos Mouros grande estrago, mas não sem damno seu. D. João Pereira sobre quem carregava aquelle negocio, depois de romper os cavallos acubertados, pegou com os outros, que estavam na outra ponta do esquadrão, ficando

Ee ii

do
 N I M P R E N S A
 N A C I O N A L

do assim todas as batalhas travadas com tamanha crueza, que não faziam senão cahir de ambas as partes; mas como os inimigos eram tanto de vantagem, cercáram os nossos de feição, que esteve a cousa tão arriscada, que alguns dos Portuguezes de cavallo se começaram a recolher, e não deixáram de ser vistos de D. João, que posto que pelejava como Cavalleiro, não deixava de ver, e prover a tudo como Capitão. E remettedo com os que se sahiam da batalha, os affrontou de palavras, e ainda deo com a lança, dizendo-lhes: » Voltai, Judeos, onde » vos ides? Porque quereis deshonnar a vossa » nação Portugueza? » Elles envergonhados disto voltáram pera os inimigos, pelejando de novo valorosamente. E por não particularizarmos tanto golpe, a batalha eiteve muitas vezes declinada contra os nossos; mas Deos, que não tirava os olhos delles, deo animo, e esforço a D. João, e aos mais Capitães, e Cavalleiros Cidadãos de Goa, (que foram os que sustentáram todo aquelle pezo,) que apertáram tanto com os inimigos, que os arrancáram do campo, sendo já quatro horas da tarde, (que tanto durou este conflicto.) D. João Pereira que sentio a vitoria por si, esforçando os seus, lhes disse: » Ali esforçados Cavalleiros, a vitoria he nossa, vós » a ganhastes por vosso valor, sabci-a seguir,

» e não perdoemos a estes Mouros nossos inimigos. » E arrancando apôs elles os foram seguindo todos com hum novo animo até de todo os desbaratarem, recolhendo-se Soleimão Agá ferido, ficando-lhe hum sobrinho morto com mais de oitocentos dos seus. E porque o dia se hia gastando, tocou D. João a recolher, o que os Portuguezes fizeram; mas os escravos, e piães com o Tanadar Ieuf seguiram os inimigos até o rio de Candor, no cabo das terras de Cocolym, (perto de tres leguas donde se a batalha deo,) e ao passar deste rio apertáram os nossos piães tanto com elles, que com a pressa fizeram affogar mais de quinientos, matando-lhes inda mais no alcance, e daqui se voltáram. D. João Pereira tomou o arraial dos inimigos com todo o seu recheio, muitos cavallos, bois, tendas, e toda a mais bagagem, de que os nossos se carregáram. Morreriam nesta jornada sincoenta Portuguezes, e cem piães, e escravos, a fóra muitos feridos. Matáram dous cavallo a Pero Preto, e a Ieuf outros dous, e oito, ou dez mais a Cidadãos, que o Governador depois lhes pagou mui bem. D. João Pereira proveo o forte de Mardor mui bem, e recolheo-se pera Goa, despedindo logo recado ao Governador do que era passado. Este chegou em poucos dias a Dio, e com elle deo o Governador mui-

ta pressa ás cousas daquella fortaleza pera acudir ás de Goa , e pera prover as fortalezas de Malaca , e de Maluco , porque se hia acabando o verão. E tendo já a fortaleza em altura que se podia defender , elego pera Capitão della a Manoel de Sousa , assim pelas partes , e qualidades de sua pessoa , como por ser primo com irmão de Dom Antonio de Tâide Conde da Castanheira , que começava a privar com ElRey D. João , e todos o haviam mister. Ordenou oitocentos homens pera alli ficarem de presidio , guarnecendo a fortaleza de artilheria , que tirou dos galeões , e a proveo de muitas munições , e mantimentos , deixando alguns navios ordenados pera a serventia da fortaleza. E despedio Isac do Cairo Judeo. pera ir por terra ao Reyno com cartas a ElRey de como tinha feito aquella fortaleza ; e despedindo-se d'ElRey deo á véla pera Goa , aonde chegou em poucos dias. E logo começou a entender nas cousas da guerra , sobre o que tomou parecer , e assentou-se que se mudasse a tranqueira de Mardor pera Rachol por ficar sobre o rio , e em parte que por mar podia ser soccorrida com pouco , ou nenhum risco. Assentado isto mandou D. Gonçalo Coutinho , a que deo posse da Capitania de Goa , (por ter D. João Pereira acabado seu tempo ,) que fosse áquelle negocio , mandando

do com elle o Tanadar mór com todos os piães, e gente de serviço desta Armada, das Tanadarias, e muitas embarcações pelo rio assima. D. Gonçalo chegou a Mardor, e mandou tirar tudo o que havia na tranqueira, a que se deo fogo por não ficar em pé, e passou tudo a Rachol, onde fabricou logo outra sobre hum tezo, que cahia sobre a agua, que se fez de madeira grossa de duas faces com seus entulhos, e algumas guaritas fortes. Isto tudo se fez com muita presteza por haver já novas que descia gente do Idalcan. O Governador poz nella por Capitão Alvaro de Caminha Cavalleiro muito honrado com duzentos Portuguezes, e alguns Nayques, e piães, e ordenou dez, ou doze navios de remo pera andarem naquelles rios, de que fez Capitão mór Ruy Dias Pereira. E porque era necessario acudir ás cousas de Maluco, despachou por Capitão daquella fortaleza Antonio Galvão; que posto que entendesse o pouco proveito que podia fazer, pelo modo de como aquella fortaleza ficava, não deixou de a acceitar pelo desejo que tinha de servir a Deos, e a ElRey. E porque faltava dinheiro pera os provimentos, emprestou dez mil cruzados da fazenda que achou na India, de seu pai, de que elle era herdeiro, com que se negociou o provimento. Pelo que se póde com muita razão

dizer, que Antonio Galvão resgatou a fortaleza de Maluco com seu dinheiro, e com seu sangue, o que lhe foi tão mal pago, como adiante se verá. E porque desejou de povoar, e engrandecer aquella Cidade de Ternate, solicitou alguns casados pobres pera que se fossem com suas mulheres, e filhos viver a ella; e o mesmo fez a algumas mulheres Portuguezas que viviam mal, pera lá as casar, emprestando dinheiro a todos pera se aviarem, o que fizeram como foi tempo. E com isto concluimos com as cousas deste verão, e entramos nas de Malaca, e Maluco, que sempre guardaremos pera o inverno pelas não contarmos a pedaços.

CAPITULO VI.

Das pazes que D. Estevão da Gama fez com ElRey de Viantana, e das cousas que acontecêram em Maluco todo este verão: e de hum raro caso que aconteceu a hum daquelles senhores Christãos.

TAõ destruido ficou ElRey de Viantana das mãos de D. Estevão da Gama, e em estado tão miseravel, que nunca mais pode levantar cabeça, nem ousou a fazer povoação alguma, nem sahir dos matos onde estava. E lançando suas contas assentou, que pera viver quieto, e seguro lhe era necessa-
rio

rio ter pazes com os Portuguezes , e conceder-lhes tudo o que elles quizessem. Com esta resolução despedio por Embaixadores Curutaule da Raya , Lacximena , Taucão da Raya , e Turcão Marcar filho do seu Bandara , por quem mandou visitar D. Estevão da Gama , e a pedir-lhe que lhe quizesse conceder pazes , porque elle estava bem arrependido das guerras passadas , e que estava prestes pera todas as satisfações que quizesse. Estes Embaixadores chegaram a Malaca em oito , ou dez embarcações embandeiradas com grandes sinaes de alegria. D. Estevão da Gama os recebeu com grande aparato , e ouviu tudo o que lhe disseram da parte do seu Rey com rosto alegre ; e mandando-os agazalhar tomou logo parecer com os Capitães , e casados antigos daquella fortaleza sobre aquelle negocio , e todos assentaram , que lhes deviam conceder as pazes com condições honestas , pera assim ficar aquella fortaleza desafombrada , e desapressada. Em fim communicando tudo com os Embaixadores , concluíram as pazes com as Condições seguintes :

» Que toda a artilheria que houvesse por
 » todo o Reyno de Viantana com as armas
 » d'ElRey de Portugal de muitas embarca-
 » ções que por suas costas se perdêram , se-
 » ría logo tornada , e trazida a Malaca.

» Que

» Que nunca mais ElRey de Viantana fa-
 » ria em porto algum dos seus lancharas ,
 » nem outras embarcações de guerra , e to-
 » das as que se fizessem sem o ElRey saber ,
 » tanto que fosse á sua noticia as mandaria a
 » Malaca com os donos dellas. E que todas
 » as que ao presente estivessem feitas , assim
 » suas , como de seus vassallos , mandaria lo-
 » go entregar á pessoa que com elles Embai-
 » xadores pera isso havia de ir.

» Que nunca já mais faria tranqueiras ,
 » nem fortes alguns em Bintão , nem em Vi-
 » antana , e que se passaria logo pera o rio
 » de Muar por ficar mais perto de Malaca ,
 » pera delle conversarem , e commerciarem
 » como amigos ; e que naquelle lugar tam-
 » bem não faria tranqueira , nem forte al-
 » gum.

» Que todas as dividas que Tuão Mafa-
 » mede devia aos mercadores de Malaca das
 » fazendas que tinha tomadas antes da guer-
 » ra as tornaria logo a seus donos ; e não
 » podendo ser tudo , fosse parte , e a dema-
 » zia pera o anno , de que elle Rey ficava
 » por fiador.

» Que todos os escravos de Portuguezes
 » que estavam fugidos de Malaca , e dalli
 » por diante fugissem , se tornariam logo : e
 » se algum já fosse Mouro , o pagariam a seu
 » dono , e o mesmo se faria em Malaca aos

» fugidos de Viantana. E se ainda houvesse
 » em seus Reynos alguns filhos, e filhas de
 » Portuguezes, que se perdêram havia annos
 » na sua costa em hum junco que hia de Bor-
 » neo pera Malaca, se tornariam logo com
 » todos os seus escravos, e escravas.

» Que deixaria navegar livremente todas
 » as embarcações de quaesquer partes que
 » fossem pera Malaca com fazendas, ou man-
 » timentos, sem as obrigar a tomarem seus
 » portos: e que entrando algumas nelles com
 » tempo fortuito, ElRey lhe daria toda a
 » ajuda, e aviamento pera irem pera Malaca.

» Que mandaria a seus vassallos que fos-
 » sem com suas fazendas a Malaca pera as
 » venderem, e comprarem outras como ami-
 » gos, a quem se faria favor, e amizade,
 » e o mesmo se faria em seus portos aos Por-
 » tuguezes.»

Estes Capitulos de pazes juráram os Em-
 baixadores em nome do seu Rey, e D. Es-
 tevão da Gama os mandou apregoar pela Ci-
 dade com grandes festas, e alegrias. E lo-
 go negociou pessoas pera as irem ver jurar
 a ElRey em companhia dos Embaixadores,
 que despedio contentes, e satisfeitos, dando-
 lhes peças, e brincos pera lhe levarem. El-
 Rey os festejou muito, e jurou as pazes, e
 as mandou apregoar por sua Cidade, man-
 dando logo fazer entrega das cousas que es-
 ta-

tavam capituladas. E elle se mudou pera Muar, áonde fundou nova Cidade, começando a correr em grande amizade com os Portuguezes. Aqui os deixaremos por continuarmos com as cousas de Maluco, que mettemos aqui por não fazermos Capitulos pequenos.

Deixámos as cousas daquellas Ilhas com o tyranno Catabruno se alevantar por Rey de Geilolo, e com suas Armadas andar fazendo guerra por todas aquellas Ilhas aos Christãos dellas, a quem com ameaças fazia tornar atrás. E ajuntando seu poder foi contra a Cidade de Momoya, em que residia hum Principe Christão chamado Dom João, de que já em outra parte fallámos. Este não ouvindo a lhe dar batalha se recolheu em hum forte com sua mulher, filhos, e familia; e alguns Portuguezes que Tristão de Taíde lhe tinha mandado, não ouvindo a ficar com elle, se recolhêram aos matos, aonde logo foram mortos pelo edicto que era lançado da parte dos da liga. O Catabruno entrou na Cidade de Momoya sem achar resistencia alguma, e fez nella muito grandes cruezas, porque os pobres, e miseraveis não se quizerão bolir, nem mudar della, fazendo retroceder todos os Christãos com tormentos, medos, e ameaças. E como teve feito nella o que quiz, foi cercar

D. João no forte em que estava, dando-lhe grandes affaltos por todas as partes, a que elle como valoroso acudio defendendo-se mui bem; mas entendendo nos seus grande temor, e receando que elles mesmos o entregassem ao inimigo, quiz prover nas cousas da alma de sua mulher, e filhos, porque sabia que Catabruno o de que mais tratava era do zelo da lei de Mafamede, e de fazer tornar atrás todos os Christãos, receando que sua mulher, e filhos, de fracos se lhe rendessem, indo ter a suas mãos. E movido daquelle zelo, mas enganado de tão perversa opinião, matou com suas proprias mãos sua mulher, e filhos. E querendo ultimamente fazello a si proprio, foi estorvado dos seus, que pera se sanarem com Catabruno lho entregáram com grande mágoa, e dor de seu coração por não poder effeetuar o seu desejo. Catabruno tendo-o em seu poder, sabendo o que fizera, lhe perguntou como tomára huma tão cruel, e barbara determinação, como a de matar sua mulher, e filhos, com tanta deshumanidade? Dom João com muita segurança lhe respondeo, que naquella materia tratára mais da salvação de suas almas, que do remedio de suas vidas, porque receou que de fracos com medo viessem a negar a Fé de JESUS Christo, em cuja confissão estava a verdadeira salva-

ção das almas. Mas que elle como homem firme, e constante, e que não receava medos, nem tormentos, estava muito prestes pera soffrer todos os que se lhe déssiem por sua Fé; porque elles magoavam o corpo, mas faziam a alma muito formosa diante de Deos, onde logo hia gozar de sua Divina Visão, e de huma gloria que nunca já mais se acabava. Catabruno cheio de colera, e irado daquella liberdade com que lhe fallou o mandava matar; mas os seus lhe foram á mão, pedindo-lhe que lhe désse a vida, o que elle fez a seus rogos deixando-o em seu senhorio. Caso foi este da constancia deste barbaro pera confundir, e envergonhar a tantos Christãos da Europa, criados, e sustentados com o leite da Santa Madre Igreja, de quem por bem pequenos, e particulares appetites se apartam, fazendo-se perseguidores della. E este sendo barbaro, nascido tantas mil leguas apartado da Igreja Romana, foi hum tão grande pregoeiro, e Confessor da Fé de Christo como se vê. Tristão de Taide atribulavam-no muito estas cousas, e ainda mais a grande falta que havia na fortaleza de tudo, pelo que receava huma grande desaventura; e certo lhe succedêra, se Deos não trouxera no mesmo tempo hum galeão, que D. Estevão da Gama lhe mandára de Malaca carregado de mantimentos, e

municações por ser avisado do perigo em que estava. Deste galeão hia por Capitão Simão Sodré, que foi recebido de todos como homem que os hia resgatar. Com isto levantaram os nossos alguma cousa a cabeça, e começaram a entrar pela Ilha a fazer saltos na gente da terra, que estava toda recolhida na serra. Queimáram-lhe desta vez as povoações de Trutupalete, Calamata, e Ifico, posto que acháram em todas grande defensão, custando-lhes bem de sangue; e duas vezes sahíram a pelejar com a Armada de Tidore, que chegou até á vista da fortaleza, mas de ambas as vezes se recolhêram os nossos desbaratados com mortos, e feridos, não ficando porém os inimigos louvando-se muito da vitoria. Os da liga lançáram grandes Armadas no mar, com que encurraláram os nossos na fortaleza, aonde estiveram muito trabalhados até chegar Antonio Galvão, como adiante diremos. Este anno foi ter Alvarado Castelhana ás Ilhas dos Papuas, indo por mandado de Fernão Cortez ás de Maluco: e dam-lhe a elle a honra deste descobrimento, sendo ella de D. Jorge de Menezes, que a ellas foi ter o anno de vinte e sete, como atrás temos dito. Este Alvarado descobriu nesta jornada outras Ilhas, a que chamam Gelles, em hum gráo da banda do Norte Leste Oeste com a Ilha de Ter-

nate , cento e vinte leguas do Moro. São os naturaes dellas da côr dos Malucos , e tem lingua sobre si.

C A P I T U L O VII.

Dos Capitães , que o Idalcan mandou sobre as terras de Salfete : e da Armada que este anno veio do Reyno : e de como Dom Gonçalo Coutinho Capitão de Goa pãssou em busca dos inimigos.

A Ssim ficou affrontado , e offendido o Idalcan com a perda , e desbarato de Soleimão Agá , que esbravejava contra os seus Capitães , despedindo logo Accedecan com grosso poder pera ir tomar satisfação daquella quebra. O Accedecan chegou a Pondá , e dalli despedio pera as terras de Salfete hum Capitão chamado Badurcan com quinze mil homens. Este foi logo cercar o forte de Rachol , e lhe deo muitos assaltos , achando em Alvaro de Caminha , que era Capitão , mui grande resistência , tendo nos navios que andavam no rio mui grande favor , e ajuda. Era isto em Junho ; e porque as terras estavam alagadas , tendo o Governador recado , mandou gente por mar pera mór segurança da fortaleza , e despedio muitos navios pera irem pelo rio affima dar nas aldeias do Idalcan , como fizeram , queiman-

do-lhe muitas, e destruindo-lhe os campos, e as sementeiras. Vendo Badurcan, que em quanto os nossos navios tivessem passagem franca pelo rio assima com os soccorros que cada dia lhes vinham, não podiam tomar aquella fortaleza, deixou nas terras outro Capitão chamado Carnabet com oitocentos cavallos, e quatro mil de pé, e elle se passou com toda a mais gente por hum passo do rio que se chama o Bory, por ser o mais estreito do rio por causa de huma ponta de arêa, que da outra banda lança o mar, (que se chama Lotilin;) e naquella parte aonde se poz havia hum grande penedo, que ficava sobre a agua, de longo de quem as embarcações que haviam de ir pera Rachol forçado haviam de passar. E sobre o penedo fez huma tranqueira, em que affestou algumas peças de artilheria, com que defendeo a passagem aos nossos, que todavia commettiam de noite, ainda que com risco. O que sabido por Badurcan mandou atravessar o rio desde o Bory até á ponta da arêa de Lotilin, (que era distancia de pouco mais de hum tiro de pedra,) com traves grossas mettidas na vasa; e de huma á outra mandou atravessar cadeias de ferro, com o que a passagem ficou de todo impedida; porque sua tenção foi defender os soccorros, e pro-
vimentos, porque lhe entregassem os nossos

Conto. Tom. I. P. II.

Ff **N** I M P R A N S A
N A C I O N A L

a fortaleza. O Governador sendo avisado do negocio o sentio muito pelo risco em que a fortaleza estava, e bem entendeu que lhe havia aquelle negocio de dar trabalho: e com muita pressa se foi pera o passo de Agaçaim pera acudir áquellas cousas, por que lhe ficavam mais de quatrocentos homens cercados, e arriscados na fortaleza, e muitas fustas, e manchuas das estacadas pera dentro como em redes. Dalli se embarcou o Governador em algumas manchuas com alguns Fidalgos, e Capitães velhos, e foi reconhecer o sitio, e ver com o olho o que se poderia fazer pera se franquear a passagem. E notando tudo muito de vagar, vendo a ponta da arêa de Lotilin, que era delgada, mandou ver se se poderia cortar pera lançarem o canal pera aquella banda, ao que foram alguns homens práticos na terra com alguns Pilotos, que foram lançados em terra mui escondidamente, e vendo, e notando tudo, affirmáram ao Governador que se podia cortar, e que ficaria alli canal ao menos pera almadias, e manchuas. E querendo pôr as mãos áquella obra, mandou levar duas grandes barçaças com mantas, e arrombadas, de que fez Capitães Diogo de Azambuja, filho de Diogo de Azambuja o velho, e Lionel de Lima, que foi hum dos Capitães das carayelas da companhia de Dom

Pedro de Castello-branco. Estes Fidalgos eram ambos mancebos de grande opinião. O Governador mandou que fossem surgir ás estacadas, e que batessem o Bory, e trabalhassem por arrancar, ou quebrar os páos, e cadeias, e escreveo a Alvaro de Caminha Capitão de Rachol, que em hum dia que lhe limitou, mandasse os Naiques, e piães a Lotilin, pera ajudarem a cortar aquella ponta; e mandou ao Capitão de Goa D. Gonçalo Coutinho com doze, ou quinze navios, e muitos servidores com enxadas, e codilins, paz, e cestos pera correrem com aquella obra, deixando-se o Governador ficar em Agaçaim em hum palmar de hum Fernão Nunes natural de Meijão Frio, Cidadão honrado, e que se tinha achado na tomada de Goa, e em outras cousas: pelo que lhe deo ElRey a Capitania daquelle passo de Agaçaim em sua vida, e pera casamento de humma filha, e ainda hoje vive hum seu filho chamado Jorge Fernandes neste mesmo palmar, que se achou nesta guerra do Bory, e dá della muito boa razão. As barcaças depois de furtas entre as estacadas começaram a bater o Bory com grande furia, e terror, e tambem recebêram delle sua resposta, matando-lhe alguns homens, e arrombando-lhe alguma parte dellas; mas os Capitães dellas, que eram valorosos, não desistiram da

obra , antes foram continuando a bateria , desfazendo muitas das estacadas , e matando no Bory muita gente. Em quanto se isto continuava , D. Gonçalo Coutinho desembarcou abaixo de Letilin , e foi caminhando por terra até á ponta da arêa , onde achou o Capitão do campo de Rachol com todos os piães , e pondo mãos á obra cortaram a ponta de mar a mar com grande risco , e perigo , porque todo aquelle dia chovêram pelouros do Bory sobre os nossos , que matáram alguns dos servidores. Cortada a ponta , como aquella parte era muito baixa , acudio a agua com enchente , e ficou daquella feita hum canal , que de maré cheia podiam passar embarcações pequenas , pór onde começáram a ir os soccorros a Rachol , mas sempre com risco por causa da artilheria do Bory , que de dia , e de noite não cessava de varejar aquella parte. Este trabalho durou todo o inverno , em que os da fortaleza tiveram alguns assaltos , que por não serem de substancia deixamos de crescer. Entrando o verão surgiram na barra de Goa cinco náos , de que era Capitão mór Jorge Cabral , que tinha partido do Reyno o Março passado de 1536. de que a fóra elle eram Capitães Vicente Gil , Gaspar de Azevedo , Ambrosio do Rego , e Duarte Barreto. Este anno foi muito famoso

fo no Reyno por duas coufas. Huma, porque foi muito nomeado, que se chamou o de S. Braz, que foi de tanta secco, que todo o anno até o dia de S. Braz Bispo, que a Igreja celebra a tres de Fevereiro, não tinha chovido huma gotta de agua, e nelle por merecimento do Santo choveo tanta, que parecia hum diluvio, e as sementes que estavam lançadas á terra (que parece se tinham nella sustentado com alguns orvalhos) foram rebentando tão prosperamente, que em toda a parte do Reyno respondeo a semente por hum, e valeo o alqueire de trigo a vinte e cinco, e a trinta reis. A outra foi, que este anno entrou em Portugal a Santa, e Geral Inquisição, impetrada por ElRey D. João do Summo Pontifice, porque andava o Reyno mui iscado da peste Judaica. Pelo que movido da honra do Senhor Deos mandou por Embaixador a Roma D. Henrique de Menezes, filho do Conde Prior Dom João de Menezes, que em Roma solicitou este negocio com o Summo Pontifice, que movido do santo zelo d'ElRey lhe concedeo a elle, e a todos os seus Successores o titulo de *Zeladores da Fé*. Este anno tambem casou o Infante D. Duarte irmão d'ElRey D. João com a Infanta D. Isabel irmã do Duque de Bragança.

CA-

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

CAPITULO VIII.

*De como D. Gonçalo Coutinho foi morto,
e desbaratado no Bory pelos Capitães
do Idalcan.*

COm a vinda destas náos , que trouxe-ram muita gente , determinou o Governador de tomar conclusão nas cousas da guerra de Salfete , porque tinha muitas que fazer , e a fortaleza de Rachol estava muito arriscada , e seus soccorros davam grande oppressão ao Estado , porque custavam muitas mortes , damnos , e despezas , porque a mór parte do inverno esteve o Governador em Agaçaim , donde provia naquella guerra , que lhe consumia muito. E pondo em conselho de todos os Capitães aquelle negocio , assentou-se , que se lançasse o inimigo do Bory , e que se desentopisse o rio , e se fizesse huma fortaleza em Rachol forte , e que fosse moderada , e capaz de só cem homens , porque não estivessem os Portuguezes arriscados detrás de páos. Assentado isto , commetteo o Governador a jornada a D. Gonçalo Coutinho Capitão de Goa , a quem deo seiscentos homens , que partiram em muitos navios grandes , e pequenos , levando ordem pera desembarcar em duas partes : huma pouco antes de chegar ao Bory ,

e outra adiante delle. Porque como aquelle penedo entrava pela agua, deixava de ambas as ilhargas calhetas a que os navios podiam chegar, e lançar gente em terra. Destas duas partes se mettiam já os inimigos, e tinham provido nellas desta maneira. Na parte antes do Bory, (que era huma preza de agua, que sahia alli ao mar, e que tinha humas portas, e huma ponte de grossas traves,) enceveram-nas mui bem: e na outra parte, que era chã, abríam grandes covas, e mui fundas, que tapáram por cima de canas, palha, e terra, e em estas ambas tinham gente de guarnição, e vigia. Chegado D. Gonçalo Coutinho ás barcaças, (que sempre foram continuando na bateria,) tomando a gente dellas, ordenou que fosse ao outro dia pela manhã a desembarcação nesta fórma: Lionel de Lima, e Diogo de Azambuja com trezentos homens haviam de desembarcar nas portas, e o Capitão com todo mais resto no lugar mais allima. E preparando-se todos aquella noite, tanto que rompeo a manhã, começaram as barcaças sua bateria, e o mesmo fizeram as fustas, que foi huma coufa muito pera temer. E apartando-se os navios foram commetter os lugares determinados; os que haviam de commetter as portas da preza, puzeram nellas as prôas, e os primeiros que saltáram sobre

a

a ponte foram Lionel de Lima, e Diogo de Azambuja com alguns companheiros, e como hiam de salto dando no cevo, escorregando-lhes os pés cahiram no mar, onde logo foram affogados por causa das armas, e pela mesma maneira o fizeram mais de cento e sincoenta dos que alli desembarcáram. Destes huns foram affogados, e outros espedaçados dos inimigos, que assim ás espingardadas, como ás fréchadas não faziam senão enfiar nos nossos, que estavam embaraçados na ponte huns sobre os outros. Dom Gonçalo Coutinho passou avante, e foi pôr a proa na outra calheta, e arremecendo-se a terra, os primeiros que desembarcáram, que foram mais de duzentos, dando nas trapeiras foram-se com elles abaixo, ficando enterrados huns em cima dos outros. Alli acudiram os inimigos, e fizeram nelles matança bem á sua vontade. D. Gonçalo saltou tambem em terra, mas ficou fóra com alguns que o seguiram, sobre quem carregaram os Mouros. E posto que D. Gonçalo, e os mais pelejaram valorosamente, foram logo desbaratados, e D. Gonçalo foi recolhido com trabalho com hum golpe por cima de hum hombro, que o escaláram todo, e assim se acabáram de desbaratar todos, ficando alli mortos mais detrezentos, e todos, ou os mais dos que escapáram, fo-

ram com muitas feridas de espingardadas, e fréchadas. Os das fustas, que ainda estavam por desembarcar, vendo tamanha desaventura, recolhendo-se foram tomando pelo mar muitos dos nossos, assim mortos, como feridos. E tomando as barçaças á toa, foram-se pera Agaçaim com os navios alastados de corpos mortos, e chegáram ao meio dia estando o Governador Nuno da Cunha pera se pôr á meza com todos os Fidalgos; e dando-lhe a triste nova, deo de pé ás mezas; lançando tudo pelo chão, foi-se apartado só, dizendo mal á sua ventura, mandando que se desembarcassem os feridos, e que os curassem, como se logo fez, e foram todos desembarcados, assim elles, como os mortos pera lhes darem sepultura, que enchêram todo aquelle palmar, que era cousa muito lastimosa de ver. O Governador acudio á cura, rompendo elle mesmo as toalhas, e guardanapos da sua meza pera fios, e ataduras, recolhendo D. Gonçalo pera a casa em que se agazalhava, mandando-o curar com muito resguardo, e o mandou pera Goa; mas como as feridas eram mortaes, durou pouco. Os mais feridos depois de curados os mandou pera Goa nos mesmos navios, e destes morreram mais de ametade. De sorte que neste negocio se perdêram perto de quatrocentos homens, em

que

que entráram muitos Fidalgos, e Cavalleiros, a fóra mais de quarenta que ficáram cativos em poder dos inimigos. Estes foram levados ao Accedecan, que acudio alli com muita pressa, e o primeiro homem que lhe apresentáram foi hum Francisco Dias, que elles primeiro despíram todo deixando-o nú. Accedecan vendo-o assim pezou-lhe muito dos seus usarem aquella deshumanidade. E tirando hum camarabando, que tinha sobre a touca lavrado de ouro, lho deo pera que se encachasse, como fez, reprehendendo os que lho leváram assim, dizendo-lhes, que os Portuguezes não se haviam de tratar daquella maneira.

C A P I T U L O IX.

Dos recados que o Governador Nuro da Cunha teve de Dio: e das pazes que fez com o Accedecan, e lhe tornou a largar as terras de Salfete, e Bardés.

E Stando o Governador com este grande enfadamento, ao outro dia lhe chegaram cartas do Capitão de Dio, em que lhe pedia, que em todo o caso acudisse ao Norte, porque Soltão Badur fazia grandes ajuntamentos de gente, e que sem dúvida era pera pôr cerco áquella fortaleza. Isto embaraçou o Governador, e o cortou muito;

porque o tomou com hum tão fresco nojo como o passado, não se sabendo por então determinar no que faria; porque se largava aquella guerra, perdia as terras de Salfete; senão acudia a Dio, que era mais importante, arriscava aquella fortaleza: nestas talas andava sem se poder acabar de determinar, nem bolir. Não comia, nem repousava, porque via muitos mares alevantados por prôa. Mas acudio Deos logo a tudo, como elle sempre faz, porque estando na maior indeterminação, que se nunca vio, nem imaginou, chegou hum recado do Accedecan a lhe pedir licença pera lhe mandar hum Embaixador, porque tinha negocios que importavam tratar com elle. O Governador lho concedeo. E vindo muito bem acompanhado o ouvio presentes os Fidalgos do Conselho. Elle lhe propoz sua embaixada da parte de Accedecan, cuja substancia era: » Que » a elle lhe pezava muito do caso passado, » porque era muito seu servidor, e afeiçoado aos Portuguezes: que lhe pedia por » mercê quizesse escusar tantas mortes, e » perdas sobre cousa que elle não podia lograr: que as terras de Salfete eram do Idalcan, e que elle as havia de possuir, e arrecadar sem ter contenda com os Portuguezes: que quando elles lho quizessem impedir, era forçado defender-lho, e que » pe-

» pera ficar só tendo fortaleza em Rachol ,
 » não servia de mais , que de lhe fazer mui-
 » tas despezas : que elle não queria conten-
 » der com ella , que alli estaria , e os Por-
 » tuguezes encurralados dentro. Que lhe pe-
 » dia muito lançasse bem suas contas , e a-
 » chando que lhe fallava como amigo , e ser-
 » vidor , a mandasse tirar dalli , e desistisse
 » das terras , e que elle estava prestes pera
 » servir ElRey de Portugal , e conceder to-
 » dos os partidos justos , e honestos que pu-
 » desse. » O Governador depois de ouvir o
 Embaixador , o mandou agazalhar em hu-
 ma quinta perto até lhe responder. E pon-
 do aquellas cousas em Conselho , debatendo-
 se bem , e dando-se muitas razões de parte
 a parte , vieram a concluir , que pois as ter-
 ras sobre que se contendia se não podiam
 possuir , nem arrecadar sem mais despezas
 do que montava o rendimento dellas , e que
 o inimigo a despeito do Estado as havia de
 comer , que o bom sería largar-se a tranquei-
 ra de Rachol , pois na substancia não era mais
 que tranqueira de páos , e não fortaleza , e
 que aquillo não servia de mais , que de fa-
 zer gastos , e despezas , e de embarçar a el-
 le Governador pera não poder sahir de Goa
 acudir ás cousas de que houvesse necessida-
 des. E que a todo tempo que o Estado pu-
 desse , e o Governador da India estivesse des-

occupado de guerras , alli estavam as terras , que se poderiam tomar todas as vezes que quizessem. Com esta resolução respondeo o Governador ao Embaixador , que elle largaria a tranqueira de Rachol com condição , que havia de ser desfeita , e que em quanto se recolhessem os Portuguezes que nella estavam havia de mandar affastar seus Capitães , e desimpedir a passagem do rio pera se recolherem á sua vontade , e que lhe havia de entregar todos os Portuguezes , que em seu poder estivessem cativos. Tudo isto acceitou o Embaixador , e passou disso seus papeis , e assinados. E logo mandou o Governador hum Capitão com muitos navios pera recolher a gente , e artilheria de Rachol , o que elle fez achando já o rio desentupido. E depois de ter tudo embarcado , mandou dar fogo á tranqueira , em que toda se consumio. Feito isto , recolhêram-se pera Goa , e o Accedecan mandou logo todos os Portuguezes que lá tinha. Com isto se começou o Governador a preparar pera ir a Dio , dando expediente ás náos do Reyno pera irem a Cochim tomar a carga. E por aqui concluimos com as cousas desta quarta Decada , porque nos pareceo melhor entrarmos na quinta com as cousas que começaram a succeder em principio deste verão , que são muitas , e muito notaveis.

FIM DO LIV. X. DA DECADA IV.

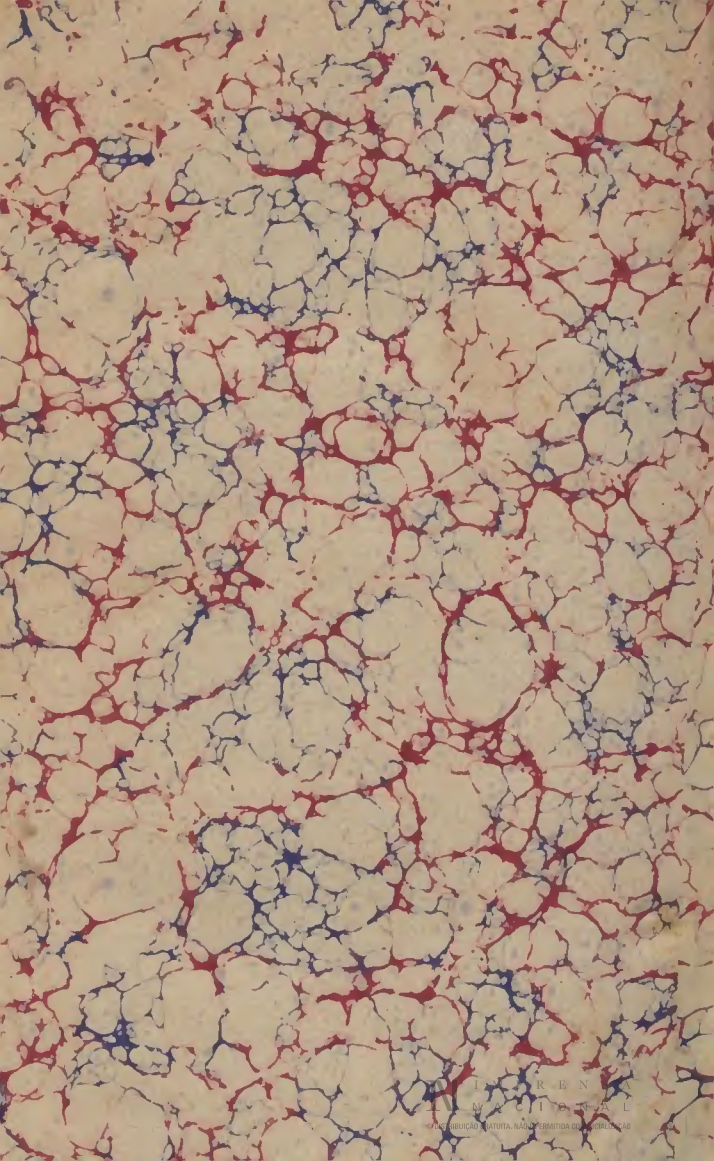
Geometria do Espaço

... do plano, a distância de um ponto a uma reta é a medida da perpendicular que se baixa do ponto à reta. ...

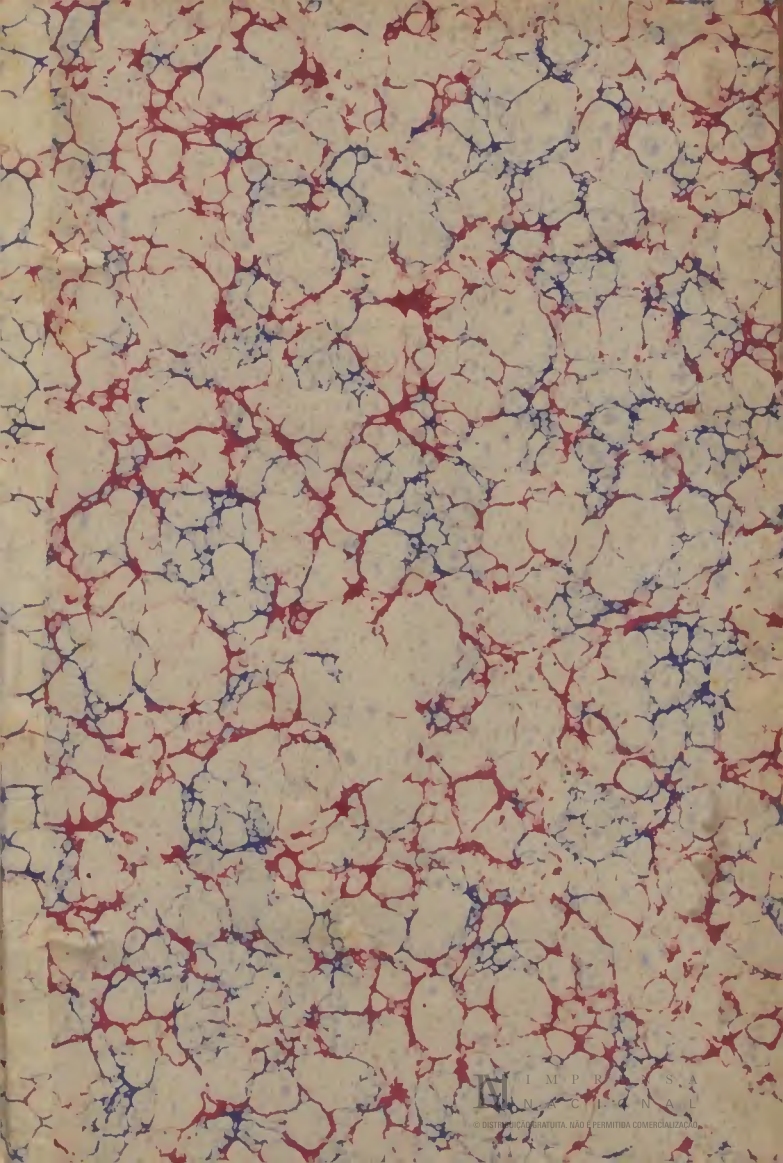
2
7453

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



REVISTA
NACIONAL
DISTRIBUCION GRATUITA. NÃO PERMITIDA A REPRODUÇÃO



IMPRESA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA, NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO.

NB



•EFC000000101• NATURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO